



Chagas - *Tropaeolum majus*



Roca-de-Vénus - *Hedychium gardnerianum*

Rui Manuel
da
Silva Vieira

FLORA DA MADEIRA

PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Rui Manuel da Silva Vieira

FLORA DA MADEIRA
PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA



Beladona - *Amaryllis belladonna*



Dezembro 2002
FUNCHAL - MADEIRA
Editado pela Câmara Municipal do Funchal

Museu
Municipal
do Funchal
(História Natural)
Suplemento
N.º 8

Museu Municipal do Funchal
(História Natural)
2002

**BOLETIM
DO
MUSEU MUNICIPAL DO FUNCHAL
(HISTÓRIA NATURAL)**
Suplemento N.º 8



**Dezembro 2002
FUNCHAL - MADEIRA**

Edição: Departamento de Ciência
da Câmara Municipal do Funchal

ISSN 0870 - 3876

BOLETIM
DO
MUSEU MUNICIPAL DO FUNCHAL
(HISTÓRIA NATURAL)
Suplemento N.º 8

FLORA DA MADEIRA
PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS
NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

RUI VIEIRA



Dezembro 2002
FUNCHAL - MADEIRA

Editado pela Câmara Municipal do Funchal

Composição: M. M. F. (H. N.) & Editorial "Eco do Funchal"
Impresso na EDITORIAL "ECO DO FUNCHAL"

ÍNDICE GERAL

	Página
Abstract / Resumo	5
Palavras prévias	9
Agradecimentos	13
Aspectos globais da flora vascular exótica naturalizada no arquipélago da Madeira	14
Quadro-Resumo	20
As plantas vasculares naturalizadas no arquipélago da Madeira	29
<i>Pteridophyta</i>	30
<i>Spermatophyta, Gymnospermae</i>	37
<i>Spermatophyta, Angiospermae, Dicotyledones</i>	42
<i>Spermatophyta, Angiospermae, Monocotyledones</i>	183
Estampas	239
Referências bibliográficas	259
Índice dos nomes populares.....	265
Índice dos nomes botânicos.....	274

FLORA DA MADEIRA

PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Por RUI MANUEL DA SILVA VIEIRA ¹

Com 72 figuras e 1 tabela

ABSTRACT. This study refers to 447 naturalized plants and a further 186 now considered as garden-escapes on the Archipelago of Madeira and the Salvage Islands. For the naturalized plants 187 are considered abundant or common, 137 are rare and 123 very rare, the latter only occurring at one or a few locations and a very restricted number of specimens at each. Almost 60 per cent of the naturalized plants thrive at the lower altitudes or the littoral. The others are found at 600 to 700 m and up the mountain slopes to 1400 m where some of the invasive species pose a serious threat to the unique laurisilva forest. It is considered that about 76 percent of those species now naturalized were consciously introduced for agricultural, forestry and industrial purposes or aesthetic reason whilst the remainders were probably accidentally introduced.

Most of the naturalized plants are already well known and documented for the islands but the following fifteen (in alphabetical order) are considered new to the Archipelago:

Acacia elata A. Cunn.ex Benth.

Atriplex rosea L.

Cotoneaster pannosa Franch.

Erica cinerea L.

Gladiolus cardinalis Curtis

Gomphocarpus physocarpus E. Mey

Impatiens sodenii Engl. & Warb. ex Engl.

Kalanchoe daigremontiana Hamet & Perrier

Ligustrum ovalifolium Hassk.

¹ Engenheiro-agrónomo. Rua do Coronel Cunha, 20-B, 9050-109 Funchal, Madeira, Portugal.

Oxalis boweii Lindl.
Oxalis corniculata L. var. *atropurpurea* Planch.
Petasites fragrans (Vill) C. Presl
Ruellia graecizans Backer
Tradescantia pallida (Rose) D. Hunt.
Watsonia bulbifera Matthews & C. Bolus

Naturalization between islands is also of interest. *Cirsium vulgare* (Savi) Ter., already known on Porto Santo Island has now spread to Madeira and the following 10, well known species on Madeira, are now also naturalized on Porto Santo:

Abutilon grandifolium (Willd.) Sweet
Amaranthus caudatus L.
Centranthus ruber (L.) DC.
Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit
Nothoscordum gracile (Aiton) Stearn.
Paspalum paspalodes (Michx.) Schribner
Phyllanthus tenellus Roxb.
Plumbago auriculata Lam.
Sorghum halepense (L.) Pers.
Sporobolus africanus (Poir.) Robyns & Tournay

Of the 186 casual or garden-escapes nearly all have been cited in other studies and papers. However, the following 11 species are new records, most occurring on Madeira Island:

Acacia cyclops G. Don fil.
Acacia neriifolia A. Cunn.
Acacia pycnantha Benth.
Euphorbia cotinifolia L.
Graptopetalum paraguayense (N. E. Br.) Walth.
Hypoestes phyllostachya Baker
Lychnis coronaria Desr.
Narcissus tazetta L.
Oxalis triangularis A. St. Hil.
Passiflora morifolia Mast.
Synadenium grantii Hook. fil.

The author also mentions a further 82 introduced species which, in the literature, are currently regarded as cultivated plants. Of these, however, 20 species – including

Acacia verticillata (L' Her.) Willd., *Chorisia speciosa* A. St. Hil., *Ligustrum lucidum* W. T. Aiton and *Tibouchina urvilleana* (DC.) Cogn. – are now considered as naturalized. The remaining 62 species are now deemed garden-escapes and these include *Montanoa bipinnatifida* K. Koch, *Myoporum tenuifolium* G. Frost., *Pinus sylvestris* L. and *Pyracantha angustifolia* C. K. Schneider.

RESUMO. Neste estudo são referidas 447 plantas naturalizadas no arquipélago madeirense, incluindo as Selvagens, sendo igualmente assinaladas 186 plantas casuais ou escapadas da cultura. Das plantas naturalizadas, 187 são consideradas abundantes ou relativamente comuns, 137 são raras e 123 muito raras, estas últimas ocorrendo apenas num só local ou em muito poucos sítios e com restrito número de exemplares. Perto de 60% das espécies naturalizadas ocorrem, preferentemente, nas zonas de baixa altitude ou do litoral e as restantes vivem, sobretudo, em locais de média altitude, até 600-700 m ou em zonas montanhosas, até 1400 m, algumas afectando já a *Laurisilva* ou constituindo uma séria ameaça para essa floresta-relíquia. A grande maioria das plantas naturalizadas (76%) foi introduzida conscientemente no Arquipélago com o objectivo do seu cultivo em jardins e parques ou para agricultura, silvicultura, pecuária e indústria, enquanto só 24% devem ter sido introduzidas acidentalmente.

Das 447 plantas naturalizadas, muitas já conhecidas e referidas noutros trabalhos, fazem parte 15 táxones (14 espécies e 1 variedade) novos para o arquipélago da Madeira (dispostos por ordem alfabética):

Acacia elata A. Cunn.ex Benth.
Atriplex rosea L.
Cotoneaster pannosa Franch.
Erica cinerea L.
Gladiolus cardinalis Curtis
Gomphocarpus physocarpus E. Mey
Impatiens sodenii Engl. & Warb. ex Engl.
Kalanchoe daigremontiana Hamet & Perrier
Ligustrum ovalifolium Hassk.
Oxalis boweii Lindl.
Oxalis corniculata L. var. *atropurpurea* Planch.
Petasites fragrans (Vill) C. Presl
Ruellia graecizans Backer
Tradescantia pallida (Rose) D. Hunt
Watsonia bulbifera Matthews & C. Bolus

Há também uma espécie nova para a ilha da Madeira, *Cirsium vulgare* (Savi) Ter., já assinalada há poucos anos, no Porto Santo, e 10 espécies bem conhecidas da ilha da Madeira e que agora estão também naturalizadas no Porto Santo:

Abutilon grandifolium (Willd.) Sweet
Amaranthus caudatus L.
Centranthus ruber (L.) DC.
Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit
Nothoscordum gracile (Aiton) Stearn.
Paspalum paspalodes (Michx.) Schribner
Phyllanthus tenellus Roxb.
Plumbago auriculata Lam.
Sorghum halepense (L.) Pers.
Sporobolus africanus (Poir.) Robyns & Tournay

Das 186 plantas casuais ou escapadas dos jardins, também, na maioria, já citadas em estudos anteriores, assinalamos agora como novas para o arquipélago madeirense as seguintes 11 espécies que ocorrem, sobretudo, na ilha da Madeira:

Acacia cyclops G. Don fil.
Acacia neriifolia A. Cunn.
Acacia pycnantha Benth.
Euphorbia cotinifolia L.
Graptopetalum paraguayense (N. E. Br.) Walth.
Hypoestes phyllostachya Baker
Lychnis coronaria Desr.
Narcissus tazetta L.
Oxalis triangularis A. St. Hil.
Passiflora morifolia Mast.
Synadenium grantii Hook. fil.

Registe-se, ainda, que algumas espécies (82) introduzidas no Arquipélago, há mais ou menos tempo, e sempre assinaladas, em vários trabalhos, apenas como cultivadas (florestais, ornamentais ou alimentícias), se têm vindo a tornar naturalizadas (20), como *Acacia verticillata* (L' Hér.) Willd., *Chorisia speciosa* A. St. Hil., *Ligustrum lucidum* W. T. Aiton e *Tibouchina urvilleana* (DC.) Cogn. ou têm vindo a ocorrer como fugidas ou escapadas dos locais de cultivo (62), como *Montanoa bipinnatifida* K. Koch, *Myoporum tenuifolium* G. Frost., *Pinus sylvestris* L. e *Pyracantha angustifolia* C. K. Schneider.

PALAVRAS PRÉVIAS

Na flora dum território insular ou continental, de maior ou menor dimensão, ocupa lugar de grande realce o conjunto das respectivas plantas autóctones ou indígenas, isto é, que aí vegetam espontaneamente e assim são reconhecidas por especialistas botânicos. É sobre essas plantas (muitas das quais, como as chamadas endémicas, não se encontram, no estado silvestre, em qualquer outro território) que, obviamente, devem recair os estudos mais profundos, as pesquisas e as observações mais cuidadas, os olhares mais atentos e a protecção mais objectiva e alargada.

Neste trabalho, sobre a flora do arquipélago madeirense, não falaremos dessas plantas: nem das endémicas nem das outras que, também, são indígenas ou espontâneas. Mas teremos sempre presente a sua defesa e preservação, ao longo deste estudo sobre outras plantas que, até, em certos casos, podem perturbar a sua existência e prejudicar as suas funções e propagação. O nosso objectivo é, agora, dar a conhecer o grupo das espécies vegetais, dentro das plantas vasculares (quer das que dão flor e se reproduzem por sementes, isto é, das espermatófitas, quer das que não dão flor e se reproduzem por esporos, isto é, das pteridófitas), que, consciente ou inconscientemente, têm sido introduzidas no Arquipélago, quase exclusivamente pelo homem, desde há cerca de 580 anos (do início do povoamento da Madeira e do Porto Santo até hoje) e que se têm vindo a comportar, nestas Ilhas, como se fossem indígenas, vivendo e propagando-se na natureza sem quaisquer cuidados ou amanhos culturais ou sem a mais pequena atenção humana, adquirindo, assim, o estatuto de plantas naturalizadas.

Estas plantas naturalizadas, também chamadas subespontâneas, precisam de ser conhecidas e estudadas, não propriamente para serem protegidas ou conservadas, como se deve fazer com os endemismos e outros seres vivos indígenas mas, sobretudo, para serem controladas (até aos limites do seu interesse para o homem, se o tiverem) e para se impedir, tanto quanto possível, que alterem a vegetação e a fauna autóctones e perturbem não só os ecossistemas existentes senão também o perfeito desenvolvimento e a expansão de cada planta ou animal que faz parte dos importantes recursos naturais, renováveis, destas Ilhas.

Aliás, todos sabemos, pelos conhecimentos adquiridos e por força de estudos e observações já feitos por muitos investigadores, que as ilhas constituem, pelas suas características próprias, territórios muito peculiares e normalmente ricos embora frágeis do ponto de vista da biodiversidade; e é unanimemente reconhecido que os seres vivos exóticos, sejam plantas ou animais, são uma das maiores ameaças aos ecossistemas naturais e a todas as espécies que os constituem.

No caso do arquipélago madeirense, o extraordinário interesse da sua flora própria, expresso, sobretudo, num elevado número de plantas endémicas ou endemismos da região macaronésica ou somente da Madeira e das ilhas e ilhéus que a rodeiam e na existência da *Laurisilva* – cuja importância científica é, de há muito, reconhecida

internacionalmente, ultrapassando o mérito do recente e honroso galardão de património natural mundial que lhe foi atribuído pela UNESCO – obriga-nos, a todos, a cuidar redobradamente da sua defesa e manutenção e, seguramente, uma das formas de o fazer é procurar conhecer bem e estudar as plantas subespontâneas ou naturalizadas que a podem perturbar, justamente o que agora pretendemos com este estudo em que as reunimos em trabalho específico.

Saliente-se, também, que as plantas exóticas, que depois se naturalizam, podem ter outros efeitos, para além da sua influência directa e indirecta nos ecossistemas naturais, particularmente na flora e na fauna autóctones. É indesmentível o avultado prejuízo que muitas dessas plantas causam na agricultura e na agropecuária, sobretudo quando se tornam invasoras ou infestantes. E, em muitos outros campos da actividade humana, seja em recintos desportivos, seja nas acessibilidades, seja no urbanismo, a presença de espécies naturalizadas pode causar sérios transtornos ou exigir encargos demasiados para as dominar que, provavelmente, não são compensados pelos benefícios imediatos ou mediatos, a que porventura tenham dado ou possam dar origem (produções facilmente comercializadas ou aproveitadas, enriquecimento paisagístico, cobertura de solos, defesa contra a erosão, etc.).

No que respeita às perturbações que as plantas naturalizadas vêm causando aos ecossistemas naturais, lembremo-nos dos desequilíbrios na *Laurisilva* originados, por exemplo, pela roca-de-vénus, pelo incenseiro, pela margacinha, pela selaginela e por duas espécies de fetos-arbóreos australianos; e quanto a idênticas alterações nos ecossistemas da beira-mar não podemos esquecer as motivadas pela abundância, pelas avoadairas, pela piteira, pela tabaibeira, pela tabaqueira, pelo rícino, pela cana-vieira, pelo aroma-branco ou pela corriola-dos-balões. E, relativamente, à ocorrência sistemática de plantas subespontâneas na área agrícola, com grande prejuízo para o sector, podemos citar, a título de exemplo, ervas muito vulgares e conhecidas, como as azedas ou trevos-azedos, o alho-bravo, as galinsogas, o amor-de-burro, a erva-rija e a rapa-saia.

Quanto aos benefícios auferidos pela população devido a algumas espécies naturalizadas (que, aliás, foram, na maioria, introduzidas no Arquipélago para serem cultivadas, atendendo à sua manifesta utilidade e potencialidades), podemos referir, entre as mais vulgares, muitas ervas forrageiras (como o capim, a erva-da-guiné e o pé-de-galo), a giesta, a cana-vieira, a mimosa, a tamargueira, a tabaibeira, o jarro, a bela-dona e as plantas industriais muito utilizadas no passado como as barrilhas, o pastel e o sumagre que, hoje, embora presentes, já não são aproveitadas (tal como, aliás, acontece com algumas das anteriormente referidas).

Em muitos estudos e obras botânicas da Madeira tem-se falado de plantas introduzidas no Arquipélago e que, depois, se naturalizaram. Citaremos, apenas, as velhas e, ainda, altamente prestimosas, floras do Rev. R. T. LOWE (1857-1872) e de CARLOS A. MENEZES (1914) onde são assinaladas muitas espécies subespontâneas, assim como

os livros de MICHAEL GRABHAM (1926, 1934, 1942), o inventário e as muitas contribuições de A. HANSEN (de 1968 a 1987) e as várias edições do catálogo de plantas vasculares da Macaronésia, de A. HANSEN & P. SUNDING (1979, 1985, 1993). Na mais recente flora da Madeira, editada em 1994, por J. R. PRESS & M. J. SHORT, com a colaboração de vários especialistas, faz-se a mais completa e actualizada enumeração e descrição de plantas naturalizadas no Arquipélago ou provavelmente naturalizadas como, cautelosamente, se refere para algumas espécies. Mas, em todos estes casos, as plantas naturalizadas ou subespontâneas são assinaladas em conjunto com as espontâneas ou indígenas, não constituindo um grupo à parte, muito embora o seu estatuto, em tantos casos, seja expressamente mencionado.

As plantas que estudámos e consideramos conjuntamente neste trabalho como introduzidas e naturalizadas são, na sua esmagadora maioria, também assim tratadas por todos ou quase todos os estudiosos da flora madeirense. Sobre algumas mas poucas espécies, persistem, porém, dúvidas quanto ao seu verdadeiro estatuto e não admira que, futuramente, com pesquisas mais aturadas e profundas ou com auxílio doutros processos de investigação e melhores meios, venham a ser consideradas espontâneas. Por outro lado, também poderá acontecer que certas plantas, tidas como indígenas ou provavelmente indígenas no Arquipélago, sejam, no futuro, consideradas como introduzidas e naturalizadas. Estas ou outras possíveis alterações são perfeitamente admissíveis, atendendo à rápida e permanente evolução da Ciência, ao número crescente de especialistas no mundo da Botânica e, também, porque os primeiros estudos regulares sobre a flora da Madeira apenas foram feitos no último quartel do século XVIII, mais de três séculos e meio depois do início do povoamento. E, nesse espaço de tempo, muitas plantas foram introduzidas e algumas tornaram-se naturalizadas, com comportamento muito semelhante ao das plantas autóctones, que já existiam no Arquipélago à data do povoamento (século XV), criando muitas dificuldades aos estudiosos para definirem, com rigor, o respectivo estatuto.

No presente estudo, procurámos reunir apontamentos diversos e observações e notas de carácter essencialmente botânico mas também agronómico ou doutra ordem que fomos tomando ao longo de muitos anos, desde 1950. A par doutras ocupações, de carácter político e administrativo, para além das essencialmente técnicas, tivemos oportunidades várias de contactar muitos cientistas e outros amigos da natureza, com os quais muito enriquecemos os conhecimentos sobre a flora do Arquipélago, nomeadamente na área das espécies exóticas que aqui se aclimataram e asselvajaram. Pudemos, também, recorrer a vasta (mas muitas vezes insuficiente) bibliografia sobre a matéria em apreço, desde os tempos de R. LOWE até a moderna e já mencionada “Flora of Madeira”.

A publicação desta última obra estimulou bastante a conclusão e edição deste nosso trabalho, que certamente é modesto e incompleto mas que é mais uma

contribuição para o melhor conhecimento das espécies vegetais exóticas naturalizadas no arquipélago madeirense, incluindo as Selvagens. Observações, pesquisas e estudos mais intensos e alargados poderiam, talvez, fazer aumentar o número dessas plantas que não pára de crescer até porque, hoje, há facilidades a mais (salvo as imposições legais motivadas por razões fitossanitárias) na entrada de espécies vegetais de interesse económico ou ornamental, na Madeira e no Porto Santo, e com elas têm vindo (e, certamente, continuarão a vir...) muitas espécies indesejáveis. Estamos, porém, convencidos que fizemos uma primeira abordagem e um retrato global deste panorama, que tem aspectos muito negativos, sobretudo, para a vegetação e flora autóctones; outros trabalhos futuros vão dar-lhe os retoques necessários para que a imagem final venha a ficar mais completa, nítida e precisa.

Há, todavia, duas notas, também de feição negativa, relacionadas com esta importante questão das plantas naturalizadas, que queremos aqui deixar e sobre as quais há que reflectir. Uma é a possibilidade de algumas plantas exóticas se virem a expandir muito mais no Arquipélago, também, por força do previsível e já muito falado aumento da temperatura média anual do planeta e, assim, essas espécies, hoje confinadas às zonas baixas e litorais da Madeira, aparecerem e se desenvolverem, no futuro, em locais de maior altitude, inclusivamente na *Laurisilva*, causando aí inúmeros e maiores desequilíbrios e prejuízos. Outra é, também, a forte probabilidade de espécies exóticas, introduzidas e tornadas subespontâneas e naturalizadas no Arquipélago, para além de eventuais distúrbios directos que podem causar na vegetação autóctone ou cultivada servirem, cada vez mais, como veículo de pragas e doenças desconhecidas no meio, quer para as plantas de interesse económico ou decorativo, quer para as espécies indígenas.

Por todas estas razões (e certamente outras haverá, como o já volumoso conjunto de plantas naturalizadas na Madeira) há que pensar seriamente em medidas legislativas e educativas que levem à proibição ou restrição na entrada de plantas exóticas no Arquipélago, sem interesse para a economia regional e de fácil aclimação e expansão, pois, estas plantas podem representar uma ameaça séria à preservação dos ecossistemas naturais, em especial da *Laurisilva*, património mundial. É, também, importante reforçar não só as medidas de controlo e vigilância sobre o material vegetal que é necessário entrar na Região como usar de todos os meios para impedir, como já se disse, que plantas já naturalizadas ou em vias de naturalização no arquipélago da Madeira se expandam principalmente para as áreas mais sensíveis ou menos degradadas de vegetação indígena ou de manifesto interesse natural.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, tivemos a colaboração, relativamente a algumas plantas menos conhecidas, de várias pessoas também interessadas em sistemática botânica ou na flora madeirense. A todos muito obrigado. Não podemos, porém, deixar de salientar o apoio científico do Professor João do Amaral Franco (do Instituto Superior de Agronomia), da Dr.^a Maria Adélia Diniz (do Centro de Botânica do Instituto de Investigação Científica Tropical), dos Drs. Henrik A. Pedersen e Olof Ryding (do Botanical Museum of Copenhagen) e dos Drs. Thomas A. Cope e David J. Goyder (do Royal Botanic Gardens, Kew). Também, destacamos o pessoal técnico do Jardim Botânico da Madeira, especialmente a Dr.^a Susana Fontinha e o Dr. Roberto Jardim.

A James G. Quinn, do Museu Municipal do Funchal, testemunhamos o nosso apreço pelo seu espírito solidário e imprescindível auxílio, sempre que recorremos aos seus conhecimentos.

O nosso reconhecimento é, também, muito grande aos Drs. Manuel J. Biscoito e António Domingos Abreu, do Museu Municipal do Funchal, pela sua ajuda e permanente disponibilidade para a publicação deste trabalho no Boletim desta instituição. Estamos, igualmente, muito gratos à Direcção Regional dos Assuntos Culturais, nas pessoas do Dr. Nelson Veríssimo e Rui Camacho, sempre disponíveis e receptivos a toda a colaboração que lhes foi solicitada.

E, finalmente, não podemos deixar de agradecer à técnica profissional Ivelice Gonçalves, da Estação de Biologia Marinha do Funchal, da Câmara Municipal do Funchal, o grande empenho e interesse que sempre manifestou no processamento do texto.

ASPECTOS GLOBAIS DA FLORA VASCULAR EXÓTICA NATURALIZADA NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Para além das plantas indígenas ou espontâneas no arquipélago da Madeira que não são aqui incluídas, como já dissemos, este trabalho não abrange, de igual modo, as muitas plantas cultivadas que foram propositadamente introduzidas pelo homem, para seu sustento ou por terem qualquer outro interesse e que só sobrevivem graças aos cuidados que lhes são prestados, não se propagando e disseminando sem o auxílio dalguém. Ficam assim excluídas, de entre as espécies não-autóctones ou exóticas, por exemplo, inúmeras plantas alimentícias (como bananeira, batata-doce, ervilheira, feijoeiro, laranjeira, morangueiro, papaieira), industriais (como cafezeiro, cana-de-açúcar, cevada, cidreira, milho, vimeiro), florestais (como abetos, faia-europeia, freixo, pseudotsuga, sequoia e tílias), produtoras de flores comerciais (como antúrios, estrelícias, helicónia, orquídeas e próteas), ou meramente decorativas (como buganvílias, chama-da-floresta, cardiais, cevadilha, cicas, magnólias e pinheiro-alegra-campo).

Também, não consideramos aqui as plantas de jardim, herbáceas, ornamentais, que, às vezes, persistem durante algum tempo, apenas, nas suas áreas de cultivo, graças às sementes que produzem e aí se dispersam e germinam e enquanto lhes são dedicadas as práticas culturais habituais nesses terrenos. Assim, não foram considerados: os agriões-de-jardim ou assembleias (das espécies *Iberis amara* L. e *I. umbellata* L.), pequenas plantas anuais, crucíferas, muito ramificadas, de também pequenas mas numerosas flores, reunidas em inflorescências (umbelas) muito densas, onde predominam as cores branca, rosa, lilaz e púrpura; as alonsoas (de diferentes espécies mas, sobretudo, *Alonsoa warscewiczii* Regel), da família das escrofulariáceas, tratadas como plantas anuais e que são de pequeno porte mas de bonita floração escarlata a vermelho-carregado; as centáureas ou bluetes (*Centaurea cyanus* L.), conhecidas em Portugal Continental por loios-dos-jardins e fidalguinhos, da família das compostas, elegantes plantas anuais, erectas, até mais de 0,5 m, ramosas e peludas, de folhas basilares recortadas e folhas do caule lineares e inteiras e flores geralmente azuis (mas também brancas, róseas, purpúreas e violáceas), em capítulos medianos a grandes, que encimam longos pedúnculos; a clárquia (*Clarkia unguiculata* Lindl.), planta anual, da família das onagráceas, de flores medianas, singelas ou dobradas, muito graciosas, de cor predominantemente rosa mas também lilaz e salmão; as cristas-de-galo ou penachos (*Celosia cristata* L.), da família das amarantáceas, de flores muito pequenas mas dispostas geralmente em inflorescências densas, longas e plumosas, de vários tons de amarelo, laranja e vermelho, muito atraentes; a eufórbia-de-jardim (*Euphorbia marginata* Pursh), uma euforbiácea anual, leitosa, sem floração interessante mas de muitas folhas e brácteas curiosamente verdes e brancas; os goivos [derivados sobretudo da espécie *Matthiola incana* (L.) R. Br.], muito vulgarizados na Madeira, da família das crucíferas, plantas bienais ou raramente anuais, de flores deliciosamente perfumadas,

singelas ou dobradas e de cores predominantemente brancas, amarelas, rosadas ou purpúreas; os também muito conhecidos não-me-deixes, sécias ou rainhas-margaridas [*Callistephus chinensis* (L.) Nees], uma bonita planta anual, muito decorativa nos jardins, aproveitada, desde há muitos anos, como flor de corte, da família das compostas e de flores brancas, róseas, vermelhas e purpúreas, em grandes capítulos singelos ou dobrados; a nemésia (*Nemesia strumosa* Diels), muito interessante planta anual, da família das escrofulariáceas, de flores outonais, medianas, de contorno arredondado e de tons variegados, esbranquiçados, amarelos, alaranjados, róseos e vermelhos; as vulgares petúnias (híbridos descendentes das espécies *Petunia axilaris* (Lam.) BSP., *P. x hybrida* Vilm. e *P. violacea* Lindl.), da família das solanáceas, plantas tratadas como anuais, mais ou menos prostradas, de folhagem pubescente e pegajosa e de flores muito atraentes, grandes, singelas ou dobradas, de uma só cor (branca, rosa, carmim, lilacénea, purpúrea) ou com duas ou mais cores em mistura; as frequentes rudebéquias (*Rudbeckia hirta* L., sobretudo), da família das compostas, plantas bienais, de folhas grandes, lanceoladas a ovado-lanceoladas e flores amarelas a acastanhadas, em enormes capítulos com o centro ou disco negro, muito saliente, em forma de cone; e as muito comuns zínias (*Zinnia elegans* Jacq. e híbridos seus derivados), também das compostas, plantas anuais, de que há muitas cultivares, grandes ou anãs, de folhas peludas e de flores em grandes capítulos, muito atraentes, singelos ou dobrados, brancos, amarelos e, sobretudo, rosados a avermelhados que muito se usam como flor de corte.

Num estudo publicado há dez anos (VIEIRA, 1992), adiantávamos que o número de plantas consideradas subespontâneas, verdadeiramente naturalizadas, no Arquipélago, se situava em perto de 400. MENEZES (1914), havia referido apenas 160.

No trabalho de pesquisa e de inventário a que procedemos e de que resultou a enumeração e descrição que agora se apresenta, são referidas 447 plantas vasculares diferentes, efectivamente naturalizadas no arquipélago madeirense; para além destas, mencionamos mais 186 plantas também vasculares que, não nos parecendo estar perfeitamente naturalizadas, têm ocorrido, no entanto, ocasionalmente, fora dos locais de cultivo (ditas fugidas ou escapadas de cultura) ou já surgiram, por mero acidente e sem persistência, numa dada área deste território insular. Algumas destas 186 plantas podem, obviamente, vir a naturalizar-se no futuro enquanto outras poderão extinguir-se (ou até estar já extintas).

Das plantas que consideramos perfeitamente naturalizadas e sobre que, mais demoradamente, adiante, nos debruçamos, isto é, das 447 plantas ou táxones assinalados, sobressaem 424 espécies, enquanto se contam 19 subespécies e apenas 4 variedades. Das 186 chamadas fugidas ou escapadas de cultura e das acidentais, 177 têm a categoria de espécies, 3 são subespécies e 6 são variedades.

Todas estas plantas exóticas que foram introduzidas (propositadamente ou por acidente) no Arquipélago e que depois se naturalizaram têm um comportamento

semelhante ao das plantas indígenas, podendo ocorrer com maior ou menor abundância e frequência, em menores ou maiores altitudes e preferirem habitats com características muito diversas, como locais secos ou húmidos, incultos ou terras trabalhadas, muros de suporte ou caminhos, fendas de rochas ou areais. Podemos adiantar que, por exemplo, das plantas naturalizadas estudadas, 75 (17%) são reconhecidamente muito comuns no Arquipélago ou na ilha da Madeira, 112 (25%) são relativamente comuns, 137 (31%) são raras e 123 (28%) são muito raras, estas surgindo num só local ou em muito poucos sítios e, sempre, com pequeno número de exemplares. Quanto à altitude onde ocorrem, 255, ou seja 57% das plantas naturalizadas, aparecem preferentemente nas zonas baixas ou do litoral, 123 (28%) nas zonas médias, pré-montanhosas (até cerca de 700-800 m de altitude, na costa sul), 63 (14%) nas zonas montanhosas (até 1400 m), 5 (1%) da beira-mar até acima de 1200 m e apenas 1 espécie aparece nos altos picos.

As plantas naturalizadas que ocorrem nas zonas baixas prejudicam, muitas vezes, a respectiva vegetação natural, alterando os ecossistemas aí predominantes. A oeste do Funchal é frequente até verificar-se, nas zonas rochosas e falésias do litoral, as plantas exóticas subespontâneas a dominarem em absoluto todo esse território, por terem feito diminuir ou desaparecer a flora autóctone local. Muitas dessas plantas naturalizadas e as que ocorrem nas zonas médias aparecem em jardins e parques, invadem a área agrícola e as terras abandonadas, surgem em veredas, caminhos e suas margens ou vivem nos arrelvados e nos logradouros das habitações.

Por outro lado, algumas das plantas naturalizadas que vivem nas zonas montanhosas ou pré-montanhosas da Madeira já afectam a *Laurisilva* e muitas das restantes são uma ameaça imediata ou mediata para a nossa floresta-reliquia, podendo vir a causar-lhe distúrbios e desequilíbrios irreparáveis.

Registe-se, também, que, das plantas introduzidas no Arquipélago e que aqui efectivamente se naturalizaram, muitas eram, na altura da sua entrada, plantas ornamentais ou alimentícias e algumas ainda hoje o são; outras eram plantas forrageiras ou com interesse florestal; poucas tinham interesse industrial e ou eram plantas aromáticas ou medicinais; e finalmente outras, sem préstimo reconhecido, foram plantas introduzidas, com certeza, acidentalmente.

Podemos afirmar, depois da realização deste trabalho, que, no arquipélago madeirense, a grande maioria das plantas naturalizadas (76%) foi introduzida propositadamente e que o objectivo dessa introdução foi o do seu cultivo. Concretamente, das 447 espécies de plantas perfeitamente naturalizadas: 241 (54%) têm valia ornamental (10 fetos, 139 herbáceas e 92 plantas arbustivas, arbóreas e trepadeiras); 22 (5%) têm interesse alimentício; 29 (6%) têm interesse forrageiro; 47 (11%) têm interesse florestal, medicinal ou industrial; 108 (24%) não têm qualquer interesse conhecido.

A introdução acidental, no Arquipélago, das plantas ditas sem valia, pode ter acontecido por várias formas já conhecidas, algumas das quais muito controversas:

sementes, bolbos, cormos, rizomas ou outros órgãos de reprodução, transportados no sistema radicular ou na terra ou outro substrato de plantas úteis importadas; sementes ou esporos misturados com outras sementes (cereais, leguminosas e outros grãos) ou tubérculos, destinados à agricultura, à silvicultura, à indústria, à alimentação humana, à pecuária e à avicultura; sementes, esporos ou outros órgãos de reprodução ocultos nos fenos e palhas para uso como forragem ou cama de animais; sementes ou outros órgãos de reprodução entre as lãs de importação ou agarrados ou presos a madeiras e peles; por meio de pessoas (no vestuário e bagagens), animais vivos (no pêlo, nas patas, nas penas, nos intestinos), aves de arribação e veículos introduzidos; esporos e pequeníssimas sementes arrastadas por ventos fortes; e, até, através de embarcações naufragadas. Parece-nos que as razões apresentadas nos cinco primeiros lugares são as mais salientes e racionais.

Uma vez introduzida uma espécie, num determinado local, e se aí vegeta, torna-se naturalizada quando se desenvolve completamente e forma os respectivos órgãos de reprodução e estes se disseminam ou são transportados para outros pontos, a maior ou menor distância desse local. No caso do arquipélago madeirense, na grande maioria (98%) das plantas naturalizadas, tem prevalecido a reprodução por meio de sementes ou esporos; a reprodução por via vegetativa (bolbos, rizomas, rebentos de raiz, estacas) é exclusiva, apenas, de 9 espécies (2%). Mas, nalgumas espécies, 95 (21%), a reprodução tem-se feito pelas duas vias, sendo este caso muito frequente entre as monocotiledóneas.

As espécies naturalizadas na Madeira e no Porto Santo, no caso de uma introdução voluntária, podem ter sido importadas ou trazidas de vários países ou regiões, essencialmente por residentes nacionais ou estrangeiros e por emigrantes; raramente se conhece a sua proveniência exacta. O mesmo sucede, obviamente, com as espécies introduzidas acidentalmente ou com as que aparecem casualmente. Mas os centros de origem natural dessas plantas (umas e outras), os locais onde ocorrem espontaneamente, esses são, na sua grande maioria, conhecidos e vão referidos para cada espécie enumerada neste trabalho.

Das plantas naturalizadas no arquipélago madeirense, 141, ou seja, 32%, são nativas da Europa e ou da Região Mediterrânica; 127 (28%) são do continente americano, sendo 50 da América do Sul; 72 (16%) são do continente africano (incluindo ilhas), sendo 50 da África do Sul; 31 (7%) são da Ásia; 19 (4%) são da Oceânia; 24 (5%) são das regiões tropicais e subtropicais; 6 (1%) das zonas temperadas e 27 (6%) são espécies híbridas ou de origem desconhecida, cosmopolitas ou outras. Praticamente, de todos os pontos do Mundo, com excepção das regiões polares e dos picos mais elevados, há, no arquipélago madeirense, representantes naturalizadas. Isto revela, para além da plasticidade evidenciada por muitas espécies, a bondade dum clima (com muitos microclimas) que seduz as populações e permite a adopção de tantas e tantas plantas exóticas.

Das plantas que ocorrem, nalguns escassos locais, ocasionalmente, fugidas ao habitual cultivado, praticado em jardins ou terras agrícolas e das espécies que, apenas, uma ou outra vez, surgem sem persistência, tendo sido porventura introduzidas acidentalmente (algumas talvez só voltem a ocorrer se forem reintroduzidas), cujo número total já referimos ser de 186, reafirma-se que algumas dessas plantas poderão, no futuro, naturalizar-se. Sem procurarmos enumerar agora todas as espécies nessas condições, julgamos provável que cerca de 25% dessas espécies possam vir, num futuro próximo, a adquirir esse estatuto e como exemplos podemos indicar os fetos *Phlebodium aureum* e *Pityrogramma chrysophylla*, o pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*), a bétula ou vidoeiro (*Betula celtiberica*), os arbustos *Myoporum tenuifolium* e *Sesbania punicea*, as trepadeiras *Lablab purpureus* e *Passiflora morifolia*, as plantas de jardim *Epimedium pinnatum*, *Lychnis coronaria*, *Silene armeria*, *Leucanthemum lacustre*, *Sedum forsterianum* e *Narcissus x odorus* e a erva silvestre *Centaurea diluta*. Também, de entre essas 186 espécies, algumas poderão estar já extintas (como a *Acalypha virginica*, o *Cistus ladanifer* e o *C. salvifolius*) e outras, ainda presentes ou cultivadas nos jardins, só muito excepcionalmente voltarão a ocorrer fora desses locais, como nos parece ser os casos de *Gomphrena celosioides*, *Iresine herbstii*, *Gypsophila elegans*, *Ipomoea coccinea* e *Myriophyllum aquaticum*.

As plantas (naturalizadas e casuais ou escapadas da cultura) que estudámos e adiante registamos vão ordenadas por ordem alfabética das suas denominações científicas e das respectivas famílias, dentro das divisões principais das plantas vasculares: *Pteridophyta* (pteridófitas) e *Spermatophyta* (espermatófitas), esta dividida em *Gymnospermae* (gimnospérmicas) e *Angiospermae* (angiospérmicas) a qual, por sua vez, se subdivide nas duas classes *Dicotyledones* (dicotiledóneas) e *Monocotyledones* (monocotiledóneas). Este mesmo critério foi, aliás, o escolhido por HANSEN & SUNDING nas suas “checklists” das plantas vasculares da Macaronésia, de que podemos referir as edições mais recentes de 1985 e 1993.

Em relação à última destas edições, a 4ª, de 1993, este nosso trabalho acrescenta mais 3 novas famílias de plantas introduzidas e naturalizadas para o arquipélago madeirense e para a Macaronésia: BOMBACACEAE, MELASTOMACEAE e OCHNACEAE e incluem-se, em vez das aceites por HANSEN & SUNDING, as famílias de fetos DENNSTAEDTIACEAE e WOODSIACEAE, adoptadas na “Flora of Madeira”, de 1994. Ainda, relativamente à enumeração das famílias, em vez das APIACEAE, ASTERACEAE, BRASSICACEAE, HYPERICACEAE, LAMIACEAE, ARECACEAE e POACEAE, que figuram nessa mesma 4ª edição e são também usadas frequentemente, preferimos, agora, os respectivos sinónimos UMBELLIFERAE, COMPOSITAE, CRUCIFERAE, GUTTIFERAE, LABIATAE, PALMAE e GRAMINEAE, escolhidos, também, em primeiro lugar, na “Flora of Madeira”.

Outras alterações, aliás pouco significativas, e também de ordem nomenclatural, dizem respeito: às famílias CAESALPINACEAE, FABACEAE e MIMOSACEAE,

independentes nas listas de HANSEN & SUNDING, que juntámos na família LEGUMINOSAE, tal como outros o fazem (considerando aquelas três como subfamílias); à família FUMARIACEAE, que foi por nós incluída em PAPAVERACEAE; à família LOBELIACEAE, que incluímos em CAMPANULACEAE; e à família TETRAGONIACEAE, que considerámos dentro de AIZOACEAE, tudo em obediência ao mesmo critério seguido na “Flora of Madeira”.

Em relação às famílias estudadas nessa flora de 1994, que é, apenas, referente, como se sabe, ao arquipélago madeirense, mencionam-se, agora, como novas, além das 3 já antes citadas (BOMBACACEAE, MELASTOMACEAE e OCHNACEAE), contendo espécies naturalizadas, mais 12 (CYATHEACEAE, TAXODIACEAE, ANNONACEAE, BETULACEAE, CASUARINACEAE, ELAEAGNACEAE, FAGACEAE, HALORAGACEAE, MELIACEAE, PUNICACEAE, SIMAROUBACEAE e PALMAE), das quais 7 contêm espécies naturalizadas e 5, somente plantas escapadas dos locais de cultivo.

O quadro-resumo que a seguir se insere indica os números de táxones (espécies, subespécies e variedades) referentes às 447 plantas naturalizadas e às 186 plantas casuais ou escapadas da cultura no Arquipélago (11 e 5, respectivamente, incluídos nas pteridófitas; 6 e 5, nas gimnospérmicas; 312 e 149, nas dicotiledóneas; e 118 e 27, nas monocotiledóneas) e a sua repartição por 111 famílias, em que 12 famílias são de pteridófitas, 3 de gimnospérmicas, 84 de dicotiledóneas e 12 de monocotiledóneas. Note-se que destas 111 famílias, há 17 (4 das pteridófitas e 13 das dicotiledóneas) que não incluem qualquer espécie perfeitamente naturalizada, abrangendo apenas espécies casuais ou escapadas ou fugidas das zonas de cultivo.

QUADRO-RESUMO

GRUPO e FAMÍLIA	NÚMERO DE TÁXONES		OBSERVAÇÕES SOBRE OS TÁXONES NATURALIZADOS
	Naturalizados	Casuais ou Escapados	
<i>PTERIDOPHYTA</i>			
Adiantaceae	2	2	Ocorrem, sobretudo, em locais rochosos mas frescos e húmidos, por vezes na <i>Laurisilva</i> ou sua vizinhança.
Blechnaceae	1	-	Pode vir a viver na <i>Laurisilva</i> , nos seus limites inferiores.
Cyatheaceae	1	-	Já invade a <i>Laurisilva</i> , nalguns locais de média altitude, podendo vir a afectá-la muito mais.
Davalliaceae	1	-	Frequente nas zonas baixas da Madeira, em locais frescos, próximos de jardins.
Dennstaedtiaceae	-	1	
Dicksoniaceae	1	-	Presente em poucos locais da <i>Laurisilva</i> mas pode vir a afectá-la bastante.
Dryopteridaceae	1	-	Ocorre nas zonas baixas da Madeira, em muros de suporte e rochas próximos de jardins.
Osmundaceae	-	(1) ?	
Polypodiaceae	-	1	
Pteridaceae	3	-	Dois espécies ocorrem nas zonas baixas da Madeira e só uma aparece, pouco, na <i>Laurisilva</i> .
Selaginellaceae	1	-	Já ocorre, frequentemente, em plena <i>Laurisilva</i> , perturbando-a nalguns pontos.
Woodsiaceae	-	1	
SUBTOTAL	11	5	
<i>SPERMATOPHYTA</i> <i>GYMNOSPERMAE</i>			
Cupressaceae	2	2	Ocorrem, ocasionalmente, na <i>Laurisilva</i> .
Pinaceae	3	3	Dois espécies ocorrem, raramente, na <i>Laurisilva</i> e uma, em locais áridos das zonas baixas.
Taxodiaceae	1	-	Já ocorre na área da <i>Laurisilva</i> .
SUBTOTAL	6	5	
<i>SPERMATOPHYTA</i> <i>ANGIOSPERMAE</i> <i>DICOTYLEDONES</i>			
Acanthaceae	2	3	Uma espécie comum, até em matas próximas da <i>Laurisilva</i> , e outra, rara, nas zonas baixas.
Aceraceae	1	1	Ocorre em matas e na <i>Laurisilva</i> , alterando-a muito.
Aizoaceae	6	2	Ocorrem, sobretudo, nas zonas do litoral, afectando os seus ecossistemas.
Amaranthaceae	7	4	São infestantes das terras agrícolas, sobretudo nas zonas baixas.
Anacardiaceae	1	-	Vive em incultos, sobretudo do litoral sul da Madeira.
Annonaceae	1	-	Tem pouca expressão territorial e apenas nas zonas baixas da Madeira.
Apocynaceae	1	1	Ocorre nas zonas médias e na <i>Laurisilva</i> .
Asclepiadaceae	4	-	Uma espécie ocorre, pouco, na <i>Laurisilva</i> ; as outras, perto de jardins e em incultos das zonas baixas do litoral.
Balsaminaceae	2	-	Uma espécie das zonas baixas e húmidas, outra das zonas médias, perto da <i>Laurisilva</i> .
Basellaceae	1	-	Ocorre, sobretudo, em paredes de suporte das zonas baixas.
Berberidaceae	-	1	

Betulaceae	-	1	
Bignoniaceae	3	3	Vivem nas zonas baixas e de média altitude, perto das habitações.
Bombacaceae	1	-	Ocorre nas zonas baixas, sobretudo perto de jardins.
Boraginaceae	3	1	Ocorrem nas zonas baixas e de média altitude, com raridade.
Cactaceae	2	1	Presentes em incultos soalheiros das zonas baixas, perturbando os respectivos ecossistemas.
Campanulaceae	6	1	Ocorrem em vários habitats das zonas baixas e médias e algumas podem invadir a <i>Laurisilva</i> .
Caprifoliaceae	4	-	Ocorrem em locais da média altitude nas margens da <i>Laurisilva</i> .
Caryophyllaceae	3	4	Aparecem nas proximidades de jardins em áreas limitadas.
Casuarinaceae	-	1	
Chenopodiaceae	3	4	Plantas das zonas baixas, uma de grande expansão (Porto Santo).
Cistaceae	1	2	Ocorre nas zonas médias, soalheiras, da Madeira.
Compositae (Asteraceae)	45	20	Algumas infestam terras de cultura, outras, incultos e outras, áreas florestadas, ameaçando a <i>Laurisilva</i> .
Convolvulaceae	6	3	Espécies das zonas baixas e médias podendo, uma, vir a ocorrer na <i>Laurisilva</i> .
Crassulaceae	9	2	Ocorrem em locais rochosos, quentes e soalheiros, por vezes, húmidos, sobretudo das zonas baixas.
Cruciferae (Brassicaceae)	13	5	Aparecem, sobretudo, em incultos e na zona agrícola das baixas altitudes.
Cucurbitaceae	-	2	
Dipsacaceae	1	-	Parece encontrar-se em regressão.
Elaeagnaceae	-	1	
Ericaceae	4	3	Ocorrem em locais húmidos e ensombrados da média altitude e podem vir a afectar a <i>Laurisilva</i> .
Euphorbiaceae	4	5	Ocorrem, sobretudo, nas baixas altitudes, em terrenos agrícolas, incultos e calçadas.
Fagaceae	2	1	Vivem, preferentemente, em incultos e jardins das baixas e médias altitudes.
Geraniaceae	5	7	Ocorrem em incultos, sobretudo soalheiros das zonas litorais.
Guttiferae (Hypericaceae)	1	-	Prefere locais húmidos e sombrios da média altitude, incluindo a <i>Laurisilva</i> .
Haloragaceae	-	1	
Hydrangeaceae	1	-	Ocorre, pouco frequentemente, em locais húmidos e sombrios da média altitude, como a <i>Laurisilva</i> .
Hydrophyllaceae	1	-	Vive em locais incultos e um pouco secos das zonas baixas, com raridade.
Labiatae (Lamiaceae)	10	3	Algumas espécies ocorrem em locais húmidos da baixa altitude e só duas nas zonas médias, sombrias e húmidas, afins das da <i>Laurisilva</i> .
Lauraceae	-	1	
Leguminosae (Fabaceae)	33	18	Metade das espécies vive na baixa altitude, em locais secos, por vezes com raridade; as outras são das altitudes médias, formando matas ou sendo invasoras, mas não da <i>Laurisilva</i> .
Linaceae	2	-	Ocorrem em muros das zonas baixas ou na área agrícola, raramente.
Malvaceae	9	1	Quase todas vivem em locais quentes e secos do litoral, alterando os seus ecossistemas; uma espécie, rara, ocorre na média altitude.

Melastomaceae	1	-	Ocorre na <i>Laurisilva</i> mas não frequentemente.
Meliaceae	-	1	
Moraceae	2	1	Ocorrem em locais de baixa altitude mas hoje com pouca frequência.
Myoporaceae	-	1	
Myrtaceae	5	5	Três espécies ocorrem nas zonas baixas da Madeira; as outras nas zonas de média altitude, sendo uma potencialmente perigosa para a <i>Laurisilva</i> .
Nyctaginaceae	1	-	Vive nas zonas baixas e húmidas.
Ochnaceae	1	-	Ocorre em locais quentes, perto de jardins.
Oleaceae	2	-	Uma espécie surge em locais quentes e a outra, em locais húmidos da média altitude.
Onagraceae	7	-	Ocorrem nas zonas de média altitude e algumas podem vir a perturbar a <i>Laurisilva</i> .
Oxalidaceae	8	1	São infestantes de jardins e terras agrícolas, sobretudo do litoral.
Papaveraceae	6	-	Ocorrem em zonas baixas, por vezes infestantes de terras agrícolas.
Passifloraceae	4	2	Dois espécies raras e das zonas baixas; as outras, das médias altitudes, ocorrem em matas húmidas e na <i>Laurisilva</i> .
Phytolaccaceae	3	-	Ocorrem em locais de baixa altitude e uma, sobretudo, em jardins.
Pittosporaceae	1	-	Ocorre já na <i>Laurisilva</i> , constituindo uma ameaça ao seu equilíbrio.
Plantaginaceae	2	-	Plantas raras que vivem em locais secos da baixa altitude.
Plumbaginaceae	2	-	Ocorrem, com raridade, em locais secos do litoral.
Polygalaceae	1	-	Ocorre nas proximidades de jardins de locais secos e soalheiros, com certa raridade.
Polygonaceae	6	-	Ocorrem em incultos, por vezes rochosos, e terras agrícolas das zonas baixas, tendo uma espécie grande potencial invasor até para a <i>Laurisilva</i> .
Portulacaceae	-	1	
Proteaceae	1	-	Ocorre, raramente, em locais de média altitude, parecendo em regressão.
Punicaceae	1	-	Tem ocorrido, com raridade, nas zonas baixas, parecendo em regressão.
Ranunculaceae	6	-	Ocorrem com muita raridade em zonas baixas e secas ou em locais de média altitude e húmidas; apenas uma aparece na <i>Laurisilva</i> , sem muita frequência.
Resedaceae	2	-	Vivem em locais húmidos da média altitude, com pouca frequência.
Rosaceae	9	9	Ocorrem na área agrícola e em jardins da Madeira e duas espécies vivem já na <i>Laurisilva</i> , uma das quais com abundância.
Rutaceae	-	1	
Salicaceae	1	2	Ocorre em várias altitudes, com alguma raridade.
Sapindaceae	1	-	Vive em incultos das zonas baixas e pode prejudicar os seus ecossistemas.
Saxifragaceae	1	-	Ocorre em locais húmidos da média altitude, com raridade.
Scrophulariaceae	9	6	Vivem em zonas de baixa ou média altitude mas uma das espécies oferece perigo para a <i>Laurisilva</i> .
Simaroubaceae	1	-	Ocorre em áreas limítrofes da <i>Laurisilva</i> , podendo vir a afectá-la.

Solanaceae	13	6	Vivem em incultos e outros locais da baixa ou média altitude, podendo uma espécie vir a alterar a <i>Laurisilva</i> .
Tamaricaceae	1	-	Vive, sobretudo, no Porto Santo, onde invade todos os terrenos e altera a vegetação.
Theaceae	-	1	
Thymelaeaceae	1	-	Vive nas zonas baixas e de média altitude da Madeira, com pouca frequência.
Tropaeolaceae	1	-	Ocorre, sobretudo, nas zonas baixas, em incultos e terras agrícolas.
Ulmaceae	1	-	Aparece em zonas baixas e de média altitude, sobretudo na vizinhança de jardins.
Umbelliferae (Apiaceae)	5	3	Surgem na área agrícola ou fora dela com pouco potencial de expansão para a <i>Laurisilva</i> .
Urticaceae	1	1	Vive, sobretudo, nas médias altitudes, em locais sombrios e húmidos, como na <i>Laurisilva</i> .
Valerianaceae	1	-	Ocorre, sobretudo, nas zonas baixas e soalheiras, em muros e incultos rochosos.
Verbenaceae	4	-	Ocorrem nas zonas baixas e médias da Madeira, podendo uma vir a ocorrer na <i>Laurisilva</i> .
Violaceae	2	-	Vivem em locais húmidos das médias altitudes, com certa raridade.
Vitaceae	-	5	
SUBTOTAL	312	149	
<i>SPERMATOPHYTA</i>			
<i>ANGIOSPERMAE</i>			
<i>MONOCOTYLEDONES</i>			
Agavaceae	4	-	Ocorrem em locais áridos do litoral, podendo afectar a vegetação natural.
Amaryllidaceae	7	2	Aparecem perto de jardins e duas espécies ameaçam a <i>Laurisilva</i> .
Araceae	3	-	Ocorrem em locais húmidos, podendo vir a afectar a <i>Laurisilva</i> .
Cannaceae	1	-	Ocorre nas proximidades de jardins e de terras agrícolas.
Commelinaceae	7	-	Vivem em locais sombrios e húmidos das zonas baixas, podendo afectar a vegetação própria e duas espécies podem invadir a <i>Laurisilva</i> .
Cyperaceae	4	-	Desenvolvem-se em locais bem providos de água.
Gramineae (Poaceae)	55	9	Muitas espécies têm vindo a alterar a vegetação natural, sobretudo das zonas baixas e poucas (três) podem invadir a <i>Laurisilva</i> .
Iridaceae	17	4	Plantas bolbosas e rizomatosas que vivem perto de jardins, podendo algumas (três) ocorrer nos limites inferiores da <i>Laurisilva</i> .
Juncaceae	3	-	Ocorrem raramente em locais secos ou húmidos das zonas baixas.
Liliaceae	15	6	Vivem na zona agrícola e nas zonas baixas, sendo algumas infestantes.
Palmae (Arecaceae)	1	6	Ocorre, sobretudo, nas zonas baixas, soalheiras, perto ou não de habitações.
Zingiberaceae	1	-	Ocorre, sobretudo, na média altitude, sendo já temível infestante da <i>Laurisilva</i> .
SUBTOTAL	118	27	
TOTAL	447	186	

As famílias botânicas melhor representadas no Arquipélago, no conjunto das plantas naturalizadas, casuais e escapadas da cultura, são as 12 que, seguidamente, se discriminam:

GRAMINEAE, com 55 plantas (táxones) naturalizadas e 9 casuais ou escapadas;
COMPOSITAE, com 45 plantas naturalizadas e 20 casuais ou escapadas;
LEGUMINOSAE, com 33 plantas naturalizadas e 18 casuais ou escapadas;
IRIDACEAE, com 17 plantas naturalizadas e 4 casuais ou escapadas;
LILIACEAE, com 15 plantas naturalizadas e 6 casuais ou escapadas;
SOLANACEAE, com 13 plantas naturalizadas e 6 casuais ou escapadas;
CRUCIFERAE, com 13 plantas naturalizadas e 5 casuais ou escapadas;
LABIATAE, com 10 plantas naturalizadas e 3 casuais ou escapadas;
ROSACEAE, com 9 plantas naturalizadas e 9 casuais ou escapadas;
SCROPHULARIACEAE, com 9 plantas naturalizadas e 6 casuais ou escapadas;
CRASSULACEAE, com 9 plantas naturalizadas e 2 casuais ou escapadas; e
MALVACEAE, com 9 plantas naturalizadas e 1 casual ou escapada.

Só estas 12 famílias incluem 53% das plantas (táxones) naturalizadas no Arquipélago e 48% das casuais ou escapadas dos locais de cultivo. Por outro lado, é de salientar que 32 famílias possuem, cada, apenas 1 espécie naturalizada e que outras 6 englobam 1 espécie naturalizada e mais 1 ou mais (até 6) casuais ou escapadas.

Acrescente-se, ainda, que as 3 primeiras famílias (Gramíneas, Compostas e Leguminosas), justamente as melhor representadas na flora vascular autóctone do Arquipélago, são as que incluem maior número de plantas introduzidas, naturalizadas e casuais ou fugidas de cultura, representando 30% do total de táxones naturalizados e 25% do total dos casuais e dos escapados dos locais de cultivo.

Das plantas naturalizadas (447) que fazem parte deste trabalho, a grande maioria é já conhecida há mais ou menos tempo no arquipélago madeirense, quer em todas, quer apenas numa ou várias das suas ilhas e consta já de publicações anteriores. Há, porém, que salientar que deixamos agora, aqui, assinalados, pela primeira vez, alguns táxones que vimos observando no Arquipélago, desde há alguns anos, os quais passaram despercebidos a outros estudiosos ou só foram introduzidos e se naturalizaram mais recentemente.

Desses táxones, 15 (14 espécies e 1 variedade) são novos para o arquipélago da Madeira, 1 (1 espécie) é novo para a ilha da Madeira mas já conhecido no Porto Santo e 10 (10 espécies) são novos para o Porto Santo, sendo já conhecidos na ilha da Madeira. Dos primeiros, os táxones naturalizados novos para o Arquipélago, são os seguintes (conforme a ordem em que são mais adiante descritos e para os quais se indica a família a que pertencem):

Ruellia graecizans Backer (ACANTHACEAE)
Gomphocarpus physocarpus E. Mey (ASCLEPIADACEAE)
Impatiens sodenii Engl. & Warb. ex Engl. (BALSAMINACEAE)
Atriplex rosea L. (CHENOPODIACEAE)
Petasites fragrans (Vill) C. Presl (COMPOSITAE)
Kalanchoe daigremontiana Hamet & Perrier (CRASSULACEAE)
Erica cinerea L. (ERICACEAE)
Acacia elata A. Cunn. ex Benth. (LEGUMINOSAE)
Ligustrum ovalifolium Hassk. (OLEACEAE)
Oxalis boweii Lindl. (OXALIDACEAE)
Oxalis corniculata L. var. *atropurpurea* Planch. (OXALIDACEAE)
Cotoneaster pannosa Franch. (ROSACEAE)
Tradescantia pallida (Rose) D. Hunt (COMMELINACEAE)
Gladiolus cardinalis Curtis (IRIDACEAE)
Watsonia bulbifera Mathews & C. Bolus (IRIDACEAE)

Destes 15 táxones, foram observados, exclusivamente, na ilha da Madeira, 12 espécies, enquanto *Atriplex rosea* foi, unicamente, vista em Porto Santo e *Kalanchoe daigremontiana* e *Oxalis corniculata* var. *atropurpurea* temo-las colhido nas duas ilhas.

Apenas para a ilha da Madeira, pois já foi assinalada para o Porto Santo, é nova a espécie, também naturalizada:

Cirsium vulgare (Savi) Ter. (COMPOSITAE)

Para a ilha do Porto Santo, assinalamos, agora, como novas, as seguintes 10 espécies naturalizadas que são já conhecidas na ilha da Madeira:

Amaranthus caudatus L. (AMARANTHACEAE)
Phyllanthus tenellus Roxb. (EUPHORBIACEAE)
Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit (LEGUMINOSAE)
Abutilon grandifolium (Willd.) Sweet (MALVACEAE)
Plumbago auriculata Lam. (PLUMBAGINACEAE)
Paspalum paspalodes (Michx.) Schribner (GRAMINEAE)
Sorghum halepense (L.) Pers. (GRAMINEAE)
Sporobolus africanus (Poir.) Robyns & Tournay (GRAMINEAE)
Nothoscordum gracile (Aiton) Stearn. (LILIACEAE)
Centranthus ruber (L.) DC. (VALERIANACEAE)

Também, das plantas casuais ou escapadas dos jardins (186) que são aqui tratadas, 11 são assinaladas, pela primeira vez, para o arquipélago da Madeira:

Hypoestes phyllostachya Baker (ACANTHACEAE)
Lychnis coronaria Desr. (CARYOPHYLLACEAE)
Graptopetalum paraguayense (N. E. Br.) Walth. (CRASSULACEAE)
Euphorbia cotinifolia L. (EUPHORBIACEAE)
Synadenium grantii Hook. fil. (EUPHORBIACEAE)
Acacia cyclops G. Don fil. (LEGUMINOSAE)
Acacia neriifolia A. Cunn. ex Benth. (LEGUMINOSAE)
Acacia pycnantha Benth. (LEGUMINOSAE)
Oxalis triangularis A. St. Hil. (OXALIDACEAE)
Passiflora morifolia Mast. (PASSIFLORACEAE)
Narcissus tazetta L. (AMARYLLIDACEAE)

Todas estas 11 espécies, com excepção de *Synadenium grantii*, de *Acacia cyclops* e de *A. pycnantha* que também observámos no Porto Santo, vimo-las somente na ilha da Madeira.

Além destas novidades, temos ainda a assinalar que algumas plantas florestais, ornamentais ou alimentícias, já conhecidas há algum tempo e referidas em trabalhos anteriormente publicados, como introduzidas e, sempre, como cultivadas na Madeira e ou no Porto Santo, têm vindo a adquirir, nos últimos anos, o estatuto de naturalizadas (N) ou têm-se escapado (E) dos locais de cultivo, sem que tal facto tenha sido ainda registado. Por isso, deixamos aqui e agora discriminadas as espécies que se tornaram naturalizadas (20) e as que têm ocorrido como fugidas ou escapadas (62), de entre as espécies e variedades que eram tidas até hoje como, apenas, cultivadas:

Cupressus lusitanica Mill. (CUPRESSACEAE) – N
Cupressus macrocarpa Hartw. (CUPRESSACEAE) – N
Chamaecyparis lawsoniana (A. Murray) Parl. (CUPRESSACEAE) – E
Cupressus sempervirens L. (CUPRESSACEAE) – E
Pinus canariensis C. Smith (PINACEAE) – E
Pinus pinea L. (PINACEAE) – E
Pinus sylvestris L. (PINACEAE) – E
Cryptomeria japonica (L. fil.) D. Don (TAXODIACEAE) – N
Betula celtiberica Rothm. & Vasc. (BETULACEAE) – E
Podranea ricasoliana (Tanfani) Sprague (BIGNONIACEAE) – N
Tecoma capensis (Thunb.) Lindl. (BIGNONIACEAE) – N
Jacaranda mimosifolia D. Don (BIGNONIACEAE) – E
Markhamia platycalyx (Bak.) Sprague (BIGNONIACEAE) – E
Tecoma stans (L.) Juss. ex Humb., Bonpl. & Kunth (BIGNONIACEAE) – E
Chorisia speciosa A. St. Hil. (BOMBACACEAE) – N
Hylocereus triangularis (L.) Britton & Rose (CACTACEAE) – E

- Canarina canariensis* (L.) Vatke (CAMPANULACEAE) – E
Casuarina equisetifolia L. (CASUARINACEAE) – E
Kochia scoparia (L.) Schrad. (CHENOPODIACEAE) – E
Bracteantha bracteata (Vent.) Anderberg & Haegi (COMPOSITAE) – E
Cosmos bipinnatus Cav. (COMPOSITAE) – E
Farfugium japonicum (L.) Kitam (COMPOSITAE) – E
Gazania rigens (L.) Gaertner (COMPOSITAE) – E
Gerbera jamesoni Bolus (COMPOSITAE) – E
Helianthus tuberosus L. (COMPOSITAE) – E
Montanoa bipinnatifida K. Koch (COMPOSITAE) – E
Pericallis x hybrida Nordenstam (COMPOSITAE) – E
Tagetes erecta L. (COMPOSITAE) – E
Tagetes patula L. (COMPOSITAE) – E
Ipomoea alba L. (CONVOLVULACEAE) – E
Crassula ovata (Mill.) Druce (CRASSULACEAE) – N
Arbutus unedo L. (ERICACEAE) – N
Rhododendron arboreum Sm. (ERICACEAE) – E
Euphorbia ingens E. Mey (EUPHORBIACEAE) – E
Quercus ilex L. (FAGACEAE) – N
Castanea sativa Mill. (FAGACEAE) – E
Pelargonium quercifolium (L. fil.) L' Hér. (GERANIACEAE) – E
Salvia splendens Sellow ex Roem. (LABIATAE) – E
Cinnamomum zeylanicum Nees (LAURACEAE) – E
Acacia longifolia (Andrews) Willd. (LEGUMINOSAE) – N
Acacia verticillata (L' Hér.) Willd. (LEGUMINOSAE) – N
Acacia retinodes Schlecht. (LEGUMINOSAE) – E
Acacia saligna (Labill.) H. Wendl. (LEGUMINOSAE) – E
Sophora japonica L. (LEGUMINOSAE) – E
Tipuana tipu (Benth.) Kuntze (LEGUMINOSAE) – E
Tibouchina urvilleana (DC.) Cogn. (MELASTOMACEAE) – N
Melia azedarach L. (MELIACEAE) – E
Ficus benjamina L. var. *nuda* (Miq.) Barrett (MORACEAE) – E
Myoporum tenuifolium G. Forst. (MYOPORACEAE) – E
Eugenia uniflora L. (MYRTACEAE) – N
Eucalyptus amygdalina Labill. (MYRTACEAE) – E
Eucalyptus robusta Sm. (MYRTACEAE) – E
Eucalyptus rostrata Schlecht. (MYRTACEAE) – E
Psidium cattleianum Sabine (MYRTACEAE) – E
Psidium guineense Sw. (MYRTACEAE) – E
Ochna serrulata (Hochst.) Walp. (OCHNACEAE) – N

- Ligustrum lucidum* W. T. Aiton (OLEACEAE) – N
Passiflora edulis Sims (PASSIFLORACEAE) – E
Prunus laurocerasus L. (ROSACEAE) – E
Pyracantha angustifolia C. K. Schneider (ROSACEAE) – E
Rhaphiolepis indica (L.) Lindl. (ROSACEAE) – E
Rhaphiolepis umbellata (Thunb.) Mak. (ROSACEAE) – E
Populus nigra L. subsp. *caudina* (Ten.) Bug. var. *elegans* Bailey (SALICACEAE) – E
Populus x canadensis Moench (SALICACEAE) – E
Capsicum annuum L. (SOLANACEAE) – E
Solanum tuberosum L. (SOLANACEAE) – E
Solanum hispidum Pers. (SOLANACEAE) – E
Camellia japonica L. (THEACEAE) – E
Viola x wittrockiana Gams (VIOLACEAE) – N
Agave atrovirens Salm-Dyck (AGAVACEAE) – N
Furcraea foetida (L.) Haw. (AGAVACEAE) – N
Iris germanica L. (IRIDACEAE) – E
Asparagus densiflorus (Kunth) Jessop (LILIACEAE) – N
Lilium lancifolium Thunb. (LILIACEAE) – E
Lilium longiflorum Thunb. (LILIACEAE) – E
Ornithogalum thyrsoides Jacq. (LILIACEAE) – E
Phoenix canariensis Chabaud (PALMAE) – N
Archontophoenix cunninghamiana (H. Wendl.) Wendl. & Dr. (PALMAE) – E
Livistona australis (R. Br.) Mart. (PALMAE) – E
Syagrus romanzoffiana (Chamisso) Glassman (PALMAE) – E
Washingtonia filifera (Lindl.) H. Wendl. (PALMAE) – E
Washingtonia robusta H. Wendl. (PALMAE) – E

AS PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

Já atrás referimos que o critério usado na enumeração das plantas vasculares naturalizadas e casuais ou escapadas da cultura no arquipélago da Madeira que, a seguir, apresentamos, é o mesmo utilizado por HANSEN & SUNDING (1979, 1985, 1993) nos seus catálogos dos táxones vasculares da Macaronésia, isto é, uma ordenação alfabética das famílias, dentro dos grandes grupos sistemáticos da Botânica, e, nestas, também, das várias espécies, subespécies e variedades assinaladas.

Para além das plantas naturalizadas, vão referidas, depois destas, em cada família (e nas famílias que alfabeticamente, se posicionem imediatamente a seguir e que não contenham táxones naturalizados mas apenas ocasionais) as espécies que temos como fugidas ou escapadas de cultura ou meramente casuais e que são tratadas, no texto, com um tipo de letra menor e destacadas num conjunto, a que é dada uma margem de maior largura.

Ao nome ou denominação científica do táxone acrescentam-se alguns elementos que julgamos importantes para o conhecimento da planta e da sua história no Arquipélago, depois da sua introdução e subsequente naturalização. Assim, referem-se os nomes vulgares da planta, quando os há, no Arquipélago e, também, em Portugal Continental e nos Açores, a época e a causa prováveis da sua introdução, algumas características morfológicas mais evidentes, o seu habitat na Madeira e ou no Porto Santo, o seu modo de propagação, a sua origem e distribuição geográfica, a sua utilidade e aproveitamento, alguns sinónimos dos mais vulgarizados, a sua ocorrência nos restantes territórios (Continente e Açores) do país, e outros elementos do nosso conhecimento e ou doutros estudiosos e que mereçam divulgação.

PTERIDOPHYTA

ADIANTACEAE

Adiantum hispidulum Sw. – É uma avenca muito cultivada na Madeira, sobretudo como planta de vaso, muito decorativa, sensivelmente diferente da avenca vulgar ou avenca-das-fontes (*Adiantum capillus-veneris* L.), que é espontânea no arquipélago madeirense, principalmente porque possui frondes mais erectas, folhagem menos recortada e mais firme e segmentos subcoriáceos, mais ou menos trapezoidais ou em forma de cutelo, com a margem finamente serrada e de dimensões até pouco mais de 1,5 cm por 7 mm; na página inferior formam-se os soros, até mais de 12, reniformes, que se dispõem na margem de cada segmento. Deve ter sido introduzida na Ilha há relativamente pouco tempo (provavelmente já no segundo quartel do século XX), como planta ornamental, mas tornou-se subespontânea e perfeitamente naturalizada apenas em certos e poucos locais húmidos e sombrios, em taludes, paredes e rochas nos arredores do Funchal, como no Parque Municipal do Monte e na Quinta do Palheiro Ferreiro (onde forma núcleos importantes no local chamado “Inferno”) e, também, em zonas médias e baixas da costa sudeste, como em Santa Cruz e Machico. Esta espécie foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, no estado de subespontânea, por HANSEN (1971), após colheita de material no ano anterior. Planta originária das Regiões Tropicais e Subtropicais do Velho Mundo é, no nosso país, também subespontânea nos Açores.

Adiantum raddianum C. Presl – Na opinião de GIBBY & PAUL (1994), esta espécie, da América Tropical, está “naturalized since 1911 and now common throughout Madeira, in damp, shady places such as wet rocks or walls beside levadas, damp roadside banks and terrace walls”. Esta avenca-de-folha-miúda continua a ser muito cultivada como planta de vaso, dada a sua valia decorativa e tem-se expandido, extraordinariamente, até em diversos sítios da *Laurisilva*. GRABHAM (1934, 1942) já afirmava que esta espécie (mas sob o binome *A. cuneatum* Langsd. & Fisch.) estava largamente distribuída na Ilha; também a ela se refere VASCONCELLOS (1968). Em 1952, vimos esta espécie em muitos muretes de jardim na Quinta Reid, na altura das negociações para a sua aquisição pela ex-Junta-Geral do Funchal, para nela ser instalado o Jardim Botânico. Apesar de ter sido introduzida há algum tempo, e nem sempre ter sido ou ser facilmente detectada, isso deve-se ao facto de ser muito semelhante à avenca vulgar ou avenca-das-fontes e de que apenas diverge pela folhagem mais recortada, segmentos quase sempre mais pequenos (até 1 cm de largura) e órgãos de reprodução (soros) reniformes a arredondado-reniformes, em menor número por segmento. Aliás, HANSEN (1974), referindo-se a esta espécie, dizia: “It is probably very often confused with *A. capillus-veneris*”. Como a espécie *A. hispidulum*, esta outra, *A. raddianum*, é também subespontânea nos Açores.

Além destas avencas ou adiantáceas, introduzidas e naturalizadas na Madeira, têm sido, ainda, assinaladas, conforme GIBBY & PAUL (1994), como fugidas de cultura, as duas seguintes espécies de fetos da mesma família: *Pellaea viridis* (Forssk.) Prantl, muito ornamental, de folhas verdes, coriáceas, às vezes muito grandes e divididas e com segmentos medianos a grandes, originária das Regiões Tropicais do Velho Mundo, que é frequentemente cultivada como planta de vaso, mas que se vê, muito raramente, escapada, em muros de suporte de terras ajardinadas, húmidas e sombrias, nos arredores do Funchal e que figura nos Catálogos de HANSEN & SUNDING (1979, 1985, 1993) sobre as plantas vasculares da Macaronésia, como ocorrendo na Madeira e nos Açores; e *Pityrogramma chrysophylla* (Sw.) Link, provavelmente assinalada por GRABHAM (1934, 1942), a que chamou “gold fern”, um pequeno feto da América Tropical, habitualmente cultivado em vaso, de folhas providas, na página inferior, de um curioso polvilho amarelo-dourado e que, tal como referiu HANSEN (1987), sob o binome *P. calomelanos* (L.) Link [var. *aureoflava* (Hook.) Weatherby], se trata de “a supposed garden-escape”, que temos visto ocorrer em taludes rochosos ou locais pedregosos e terrenos arenosos ajardinados, em Câmara de Lobos (Torre) e, também, no Funchal (Ajuda), aparecendo, igualmente, como escapada dos jardins, nos Açores.

BLECHNACEAE

Doodia caudata (Cav.) R. Br. – Este pequeno feto, com certas afinidades com o vulgar e espontâneo feto-pente [*Blechnum spicant* (L.) Roth], que é de maiores dimensões, deve ter sido introduzido na Madeira há pouco tempo, provavelmente por acidente, e foi colhido pela primeira vez, como subespontâneo, em 1962, por SVENTENIUS. Já, em companhia de DANSEREAU, em 1960, havíamos visto esta espécie nos arredores do Funchal (Santo António), em muros, mas não foram feitas colheitas de material. HANSEN (1970) refere-se a uma sua colheita deste feto no Monte, em 1969, e ao facto de ter sido colhido por outrem, em 1968, nas Cruzinhas e no Faial. É hoje pouco ou nada cultivado, se é que alguma vez o foi. As folhas, de pecíolo anegrado, têm numerosos segmentos ásperos com as margens dentadas e os rizomas são ascendentes. Espécie nativa da Austrália e da Nova Zelândia, está perfeitamente naturalizada na Madeira, difundida por toda a Ilha, sobretudo dentro dos limites da área agrícola, em paredes de suporte de terras e fendas de rochas húmidas, mas com pouca frequência. Ocorre, também, como subespontânea, nos Açores.

CYATHEACEAE

Cyathea cooperi (F. Muell.) Domin – Este feto-arbóreo, de grande valor decorativo, pelo porte, elegância e beleza da folhagem, por vezes, ultrapassando 7 m de

altura, é dotado, também, de grande rusticidade, pelo que é muito cultivado em parques e jardins públicos e privados na Madeira (e também como planta de vaso), praticamente desde a beira-mar até mais de 900 m de altitude. Introduzido há algum tempo na Ilha, foi já assinalado por GRABHAM (1934) (com a denominação sinónima de *Alsophila australis*), que dele disse poder ser encontrado em muitos jardins. Hoje é, de longe, o feto-arbóreo mais difundido e continua a ser preferido. De há muito vem manifestando características de subespontaneidade, propagando-se facilmente por via seminal, em sítios húmidos da média altitude (acima dos 600 m), como no Santo da Serra, mas só de há pouco tempo a esta parte se encontra perfeitamente naturalizado em plena *Laurisilva* (Ribeira da Janela, Funduras, Lombo do Meio, etc.), conforme referem COSTA NEVES *et al.* (1996) no seu pormenorizado trabalho sobre a “Laurissilva da Madeira – Caracterização quantitativa e qualitativa”. Note-se que, apesar da sua beleza e porte, a sua presença na floresta indígena e a sua fácil dispersão originam uma indesejável desfiguração, pelo que há que controlar esta espécie e limitar tanto quanto possível a sua presença a parques e jardins. Espécie nativa da Austrália e da Tasmânia, este feto-arbóreo é também cultivado e subespontâneo nos Açores.

DAVALLIACEAE

Nephrolepis cordifolia (L.) C. Presl – Já assinalada por MENEZES (1894, 1914), como espécie subespontânea em muros no Funchal, mas rara, embora muito cultivada em vasos e jardins, tornou-se perfeitamente naturalizada em muitos locais de baixa altitude na costa sul da Madeira, sobretudo nas proximidades das habitações, em incultos e muros (revestidos com trepadeiras ou não) com alguma humidade. Também GRABHAM (1934, 1942) e ROMARIZ (1953) referem esta espécie como cultivada na Madeira, apontando a sua raridade, afirmando, o segundo, que aparece “certamente fugida de cultura”. Continua, hoje, com muita frequência, esta espécie – a que, sobretudo, os jardineiros chamam feto-faca ou feto-espada – a ser cultivada, importando-se até, do estrangeiro, novas variedades ou cultivares com folhagens mais recortadas ou com outras diferenças morfológicas, mas é a espécie típica a mais vulgarizada e a que revela características de subespontaneidade e de grande disseminação. As folhas muito divididas, penatissectas, deste feto pantropical, bastante compridas, estreitas e decorativas, são utilizadas em arranjos florais e até exportadas, embora sem frequência e constância. Uma particularidade deste feto é emitir, para além de muitos e longos filamentos rastejantes (uma espécie de estolhos), uns pequenos tubérculos arredondados, subterrâneos, como minúsculas batatas, até 2 cm de eixo maior.

Da família DENNSTAEDTIACEAE [a que pertence a bem conhecida e espontânea feiteira, *Pteridium aquilinum* (L.) Kuhn], um interessante feto asiático, *Microlepia platyphylla* (D. Don) Sm., de folhas por vezes muito grandes e divididas,

dado como existindo na Madeira (GRABHAM, 1942) e cultivado como planta de vaso e em jardins, mas relativamente raro, tem ocorrido como fugido de cultura e tem vindo a figurar como planta madeirense nos Catálogos da flora macaronésica de HANSEN & SUNDING (1979, 1985, 1993), embora GIBBY & PAUL (1994) refiram que esta espécie “has been recorded for Madeira, but no further information is available”. Nem como fugido de cultura, temos visto este feto, nos últimos anos, que nunca mostrou qualquer tendência para se naturalizar na Ilha.

DICKSONIACEAE

Dicksonia antarctica Labill. – Outro feto-arbóreo, exótico e já naturalizado na *Laurisilva*, de menor altura, na Madeira, do que o antes referido *Cyathea cooperi*, é este, que tem também valia decorativa, pelo que tem sido cultivado em jardins e parques, públicos e privados, das altitudes médias (300 a 900 m). Conhecido em cultura, na Ilha, pelo menos a partir de 1942 (GRABHAM), este feto foi visto, no estado de naturalizado, pela primeira vez, por HANSEN (1978), que observou e identificou as plantas que lhe foram mostradas por ROCHA DA SILVA, dos Serviços Florestais da Região, numa área da floresta indígena, localizada perto da Encumeada (pico do Tapeiro), a cerca de 1000 m de altitude. O núcleo de espécimes aí presente era (e é) considerável, o que levou HANSEN a escrever: “The stand of *Dicksonia antarctica* at pico do Tapeiro must be very old and may have escaped notice of botanists because of its well hidden and remote location. It is an excellent example of a perfect naturalization in Madeira of a plant from abroad”. A atenção e os cuidados que se devem ter com este feto-arbóreo, nativo do sudeste australiano, são os mesmos já referidos para a espécie *Cyathea cooperi*, embora a sua difusão e frequência sejam de menor intensidade do que as deste último. São plantas muito bonitas e graciosas, mas não são nossas e não se ajustam à nossa floresta indígena, muito especial e bem caracterizada; a sua presença deve limitar-se a parques, jardins e logradouros, sobretudo junto das habitações.

DRYOPTERIDACEAE

Cyrtomium falcatum (L. fil.) C. Presl – Este feto tem vindo a ser cultivado, com muita frequência, como planta decorativa, de vaso, pois, embora geralmente de pequeno porte, tem uma folhagem muito vistosa e persistente. Dele dizia GRABHAM (1934, que era uma planta vista frequentemente na Ilha e que se estava tornando rapidamente silvestre. Aparece, na Madeira, nas zonas baixas, em logradouros, mas só em poucos locais está naturalizado, principalmente em quintas, nas proximidades de jardins, em paredes com certa humidade e, até, em encostas e barrancos. Espécie da Ásia Oriental, foi há pouco tempo assinalada na Selvagem Grande (PRESS *et al.*, 1986) e é subespontânea também nos Açores. As folhas, verde-brilhantes, coriáceas, de grandes

folíolos, ovados e acuminados, são aproveitadas em arranjos florais, devido à sua beleza e durabilidade.

Da família OSMUNDACEAE, GIBBY & PAUL (1994), referem a espécie *Osmunda regalis* L. (o feto-real dos açorianos), como possivelmente introduzida (?) na Madeira, onde é conhecida por pequeno número de exemplares herborizados há já muito tempo e sem dados sobre os locais de colheita. Não há, também, elementos sobre a naturalização da espécie no passado e tudo leva a crer que este feto, bastante decorativo e robusto, de vasta distribuição geográfica no Mundo, espontâneo em Portugal Continental e nos Açores, está hoje extinto no estado silvestre na Madeira; também não o temos visto como planta de vaso ou de jardim. Registe-se, ainda, que *Osmunda regalis* é tida como figurando na jazida fossilífera do Ribeiro do Meio, no vale da Ribeira de São Jorge, estudada em 1855 pelo botânico e paleontologista suíço O. HEER.

Também, da família POLYPODIACEAE, de que não há espécies verdadeiramente naturalizadas na Madeira, o feto *Phlebodium aureum* (L.) Sm., oriundo da América Central, é há muito cultivado na Ilha, afirmando GRABHAM (1934), ser já comum nessa época; planta essencialmente de vaso, muito decorativa, pelas suas grandes e vistosas frondes verde-glaucas e grossos rizomas rastejantes, revestidos por escamas amarelo-douradas a amarelo-alaranjadas ou acastanhadas, pode esporadicamente aparecer fugida de cultura, nas proximidades de habitações, principalmente em paredes de suporte de terrenos ajardinados ou cultivados do Funchal (Monte) e arredores e, até, em caules de palmeiras (*Phoenix canariensis* Chabaud).

PTERIDACEAE

Pteris multifida Poir. – Este feto deve ter sido introduzido na Madeira nos fins do século XIX e encontra-se verdadeiramente naturalizado em muros, nas zonas baixas do Funchal (MENEZES, 1894, 1906a, 1914), embora com extrema raridade. GRABHAM (1934) diz desta espécie (sob a designação específica sinónima de *P. serrulata* L. fil.), também, que está “naturalized on rocks and walls about Funchal and suburbs”. Hoje não é cultivada como ornamental e continua a poder encontrar-se nos mesmos locais de então, não se tendo difundido muito. As folhas, relativamente curtas, são finamente divididas em segmentos lineares. Nativa da China e do Japão, encontra-se também subespontânea nos Açores.

Pteris tremula R. Br. – Também sobre este feto, muito vulgar na Madeira, como planta de jardim e de vaso, diz GRABHAM (1934) tratar-se de espécie “naturalized all about Funchal and suburbs”. Mas já MENEZES (1894), dizia que este feto se podia considerar naturalizado e afirmava, em 1914, tratar-se de planta “subespontânea nas

proximidades dos jardins do Funchal”. É um feto ornamental, de pecíolos longos e grandes frondes, muito divididas, verde-claras a verde-amareladas, com inúmeros segmentos pequenos e estreitos, que surge hoje por toda a Madeira e de que se aproveitam as folhas em arranjos florais. É comum aparecer como subespontâneo, em vasos usados com outras plantas, em muros com escorrências ou certa humidade e até, raramente, na *Laurisilva*, junto a levadas. Nativa da Austrália, da Nova Zelândia e das Ilhas Fiji, esta espécie é também subespontânea nos Açores.

Pteris vittata L. – Espécie também introduzida há muito tempo na Madeira, como ornamental, foi referida por MENEZES (1894, 1906a, 1914), sob a denominação específica de *P. longifolia* L., como subespontânea e muito rara. GRABHAM (1934), dizia já que, nessa altura, este feto estava “naturalized on walls and rocks everywhere about Funchal and suburbs”. Hoje, já não é planta cultivada mas é muito abundante, sobretudo nos locais antes referidos, perfeitamente naturalizada em sítios húmidos, com realce para os muros de canalização de ribeiras e outras paredes onde haja alguma humidade. Na costa sul da Madeira e nas zonas baixas é onde prevalece esta espécie, a mais frequente de entre as *Pteris*, que possui folhas por vezes grandes (até mais de 1 m) mas não muito largas, com os segmentos oblongo-lineares, compridos, sendo o segmento terminal quase sempre bastante mais longo do que os laterais. Nativa da Região Mediterrânica, é também subespontânea nos Açores.

SELAGINELLACEAE

Selaginella kraussiana (Kunze) A. Braun – Das duas espécies de selaginelas existentes na Madeira, ambas impropriamente designadas vulgarmente por musgos, talvez por serem rastejantes, pequenas mas muito ramificadas e de folhagem miúda, verde e abundante, esta é a que se supõe ter sido introduzida como planta ornamental para cultivar em jardins e vasos. Tornou-se depois subespontânea e, hoje, para além de continuar a ser cultivada, embora em pequena escala, desde a beira-mar, em sítios sombrios e húmidos, até acima dos 800 m de altitude na costa sul, mas também na costa norte, está perfeitamente naturalizada e muito dispersa, aparecendo mesmo na *Laurisilva*, e encontrando-se, como diz GIBBY & PAUL (1994), “widespread and locally abundant throughout Madeira in damp woods, on banks beside levadas and damp roadsides”. Já MENEZES (1914) referia tratar-se de planta comum, na Ilha, assim como GRABHAM (1934) que a mencionava “along watercourses about Funchal and its suburbs”. Tida como nativa da África Tropical e Meridional, encontra-se também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Da família WOODSIACEAE, GIBBY & PAUL (1994) referem que a espécie *Deparia petersenii* (Kunze) M. Kato “native to tropical and subtropical Asia, it is

known in Madeira only from one specimen found growing in *Calluna* near Passo, S. Vicente”. Trata-se de um feto que, embora em pequena escala, se cultiva na Madeira como planta de vaso, em locais quentes, húmidos e abrigados; de folhas recortadas, medianas, em tufos, possui rizomas rastejantes, cobertos de escamas. Nunca o vimos fora dos seus lugares de cultivo e certamente que o seu actual estatuto não é ainda o de planta naturalizada mas, porventura, o de escapada de cultura. Conhecida, desde os princípios do século XX, nos Açores (em todo o Arquipélago, menos na Graciosa), é aí cultivada e está perfeitamente naturalizada.

SPERMATOPHYTA

GYMNOSPERMAE

CUPRESSACEAE

Cupressus lusitanica Mill. – Esta bonita e muito cultivada árvore resinosa, de folhagem persistente, verde ou quase sempre glauca, que MENEZES (1914) referiu sob o binome *C. glauca* Lam., deve ter sido introduzida na Madeira há muitos anos (HOLL, 1830, assinalou-a na sua lista), como espécie ornamental, sendo às vezes aproveitada pelos madeirenses para cobrir determinadas áreas nos logradouros das moradias e formar os característicos caramanchões, onde se podia estar em convívio ou descanso, apreciar a paisagem e observar os movimentos das pessoas e tudo o que se passava na rua. Para isso, a flecha da árvore ainda jovem era cortada, estimulando um maior desenvolvimento dos ramos laterais, que assim formavam um tecto espesso e quase impenetrável à luz. Daí, o nome de cedro-das-barracas por que é conhecida na Ilha esta espécie, a que chamam, também, cedro-de-goá. Utilizada, por outro lado, como árvore florestal, nalgumas serras da Madeira, sobretudo pelo seu interesse madeireiro, tem-se naturalizado em muitas áreas, principalmente nas proximidades de exemplares adultos e em locais húmidos e frescos das médias altitudes (500-1000 m) e em altitudes mais elevadas (até 1400 m), onde as sementes, que são produzidas em abundância, germinam com maior facilidade. Atinge, por vezes, altura considerável (acima de 30 m) e enorme grossura de tronco (mais de 1 m de diâmetro), quer em jardins e parques, quer em matas, na montanha. É frequente, mas não em abundância, ver-se esta espécie, no estado subespontâneo, por exemplo, no Monte, nos montados do Barreiro e do Pereiro, nas Queimadas, nas serras do Poiso, na Camacha e no Santo da Serra. Quando jovem, esta árvore tem copa piramidal que passa a rasa nos exemplares adultos; os ramos são patentes, os raminhos, mais ou menos pendentes e as folhas são como pequenas escamas, imbricadas umas nas outras, mas nos indivíduos muito novos são como pequenas agulhas picantes; os frutos (gálbulos) são pequenos e mais ou menos globosos, com 1 cm ou pouco mais de diâmetro, geralmente glaucos em novos e castanho-avermelhados quando maduros, com 6-8 escamas providas de mucrão proeminente. Originária do México e Guatemala, é espécie muito cultivada em Portugal Continental onde ocorre como casual e subespontânea e onde a conhecem, também, pelo nome de cedro-do-buçaco.

Cupressus macrocarpa Hartw. – As primeiras referências, na Madeira, a esta árvore resinosa, sempre-verde, a que também chamam cedro ou, às vezes, cedro-macrocarpa ou cedro-das-sebes, foram feitas por GRABHAM (1926) que afirmou crescer em abundância na Ilha. Trata-se de árvore muito interessante, decorativa, produtora de excelente madeira, que pode ultrapassar 20 m de altura e tem forma piramidal quando

jovem e arredondada ou rasa, quando adulta. As pequenas folhas, como escamas, verde-escuras, dispõem-se, imbricadas, em raminhos quase sempre direitos, nascidos em ramos erecto-patentes, nunca pendentes como na espécie anterior; e os frutos (gálbulos) têm 2 a 3 cm de diâmetro e são elipsóides ou globosos, com 8 a 14 escamas providas de um pequeno mucrão. É árvore ainda hoje muito cultivada, não só em jardins e parques, como árvore ornamental ou para formar cortinas de protecção ou vedação, mas também nas montanhas e nalguns picos, na Madeira e no Porto Santo, como essência florestal, constituindo pequenos povoamentos. Já GRABHAM (1934) afirmava “thrives exceedingly well in Madeira from sea level to the mountain summits: is being largely used in afforestation”. No Porto Santo, embora tenham vindo a morrer muitas árvores desta espécie, devido às secas prolongadas, ainda persistem numerosas, em diversos locais (picos do Castelo e Juliana, sobretudo), uma vez que foram plantadas algumas dezenas de milhar, desde os tempos (1909-1920) de SCHIAPPA de AZEVEDO ao período posterior, principalmente entre 1948 e 1952, em que a Direcção de Agricultura da extinta Junta-Geral do Funchal teve acção meritória e a que se seguiu a Circunscrição Florestal do Funchal. Hoje, pode dizer-se que, embora não frequentemente, esta espécie se encontra um pouco naturalizada na ilha da Madeira, em incultos e matas cultivadas, acima dos 600 m de altitude (como no Santo da Serra, Terreiro da Luta, Ribeira das Cales, montado do Barreiro, serras do Poiso e das Funduras), geralmente nas proximidades de exemplares adultos. Árvore sul-californiana, ocorre fugida de cultura em Portugal Continental e nos Açores.

Duas outras espécies de cupressáceas têm-se mostrado, por vezes, escapadas ou fugidas de cultura, na Madeira, sem nunca, todavia, poderem ser consideradas naturalizadas, apesar da sua boa adaptação à Ilha: *Chamaecyparis lawsoniana* (A. Murray) Parl., um “cedro” dos Estados Unidos da América (ocidente), que é uma árvore muito elegante e decorativa, de copa piramidal e de raminhos comprimidos, com algumas variedades particularmente ornamentais (verdes, azuladas, douradas, esbranquiçadas, variegadas), bastante cultivada, provavelmente desde os primeiros anos do século XX (GRABHAM (1926), dizia que este “Lawson cypress is cultivated in almost every variety... at Palheiro”), sobretudo, em parques, jardins, bermas de estradas e, ultimamente, em áreas montanhosas (até acima dos 1000 m de altitude) e que, casualmente, ocorre em incultos, nesses mesmos locais, como aliás, também, acontece em Portugal Continental e nos Açores; e *Cupressus sempervirens* L., sobretudo a forma *fastigiata*, que é o vulgaríssimo cipreste, ou cedro-dos-cemitérios, introduzido e cultivado, tanto na Madeira, como no Porto Santo, como árvore também ornamental e assinalado por MENEZES (1914), mas provavelmente importado na primeira metade do século XIX (talvez já com vista à arborização dos cemitérios, começados a construir a partir dos anos 30 desse século) e que vem a ocorrer, ocasionalmente, em matas e parques de locais húmidos e mais chuvosos (Monte,

Camacha, Santo da Serra, etc.), embora com raridade, na Ilha maior. Esta última espécie, nativa da Região Egeia, é facilmente reconhecível pelo seu porte esguio e compacto, fusiforme, com folhas muito pequenas, escamiformes e imbricadas e frutos grandes (até 4 cm), geralmente cinzento-amarelados; é muito cultivada em Portugal Continental e nos Açores.

PINACEAE

Pinus halepensis Mill. – Desconhece-se a data de introdução, no arquipélago madeirense, deste pinheiro, o conhecido pinheiro-de-alepo, mas tudo leva a crer que tenha sido nos fins do século XIX ou já nos começos do século XX. Como espécie ornamental e, sobretudo florestal, tem sido pouco cultivada na Madeira, ao contrário do Porto Santo, quer no tempo das primeiras e heróicas arborizações, iniciadas e realizadas por SCHIAPPA de AZEVEDO, quer sobretudo depois de 1954, com a actuação dos Serviços Florestais, que têm utilizado este pinheiro, quase exclusivamente, nos seus trabalhos intensivos de repovoamento da maioria dos picos desta pequena Ilha, onde já ocupa uma área superior a 500 hectares. Em artigo publicado no Boletim mensal da extinta Junta-Geral do Distrito Autónomo do Funchal, de Abril de 1957, intitulado “Elementos sobre a arborização do Parque do pico do Castelo e da Terra Chã”, referimos que, em 1912, SCHIAPPA de AZEVEDO “mandou vir de Coimbra duzentos e cinquenta alqueires de penisco de pinheiro d’Alepo a fim de o vulgarizar neste archipelago, especialmente na ilha do Porto Santo, cujo clima e natureza da maioria dos terrenos se adaptam perfeitamente à sua cultura”. O pinheiro-de-alepo aclimatou-se extraordinariamente bem em certas zonas mais secas da Madeira e no Porto Santo, atingindo grande porte e produzindo muita semente fértil, revelando-se já subespontâneo e perfeitamente naturalizado nalguns sítios próximos de matas formadas exclusivamente por esta espécie (como se observa em Porto Santo) ou em incultos, terras abandonadas ou fendas de rochas perto de exemplares adultos cultivados em parques e jardins (como se vê na Madeira, nomeadamente na Quinta Palmeira). Esta árvore, de casca cinzenta e lisa, depois escura e fendida, de raminhos cinzentos, folhas (agulhas) muito mais pequenas do que as do pinheiro-bravo, mas também em grupos de 2, e pinhas pequenas, é originária da Região Mediterrânica e, também, cultivada e subespontânea em Portugal Continental.

Pinus pinaster Aiton – Diz MENEZES (1906c), que esta árvore florestal deve ter sido introduzida, na Madeira, no último quartel do século XVIII, embora o seu cultivo só se devesse ter incrementado a partir de 1840. Há notícias de grandes sementeiras de penisco, de meados até aos fins do século XIX e que continuaram por muitos anos do século XX. MENEZES (1913) já referia que este pinheiro era “très cultivé et subspontané à Madère”. Hoje, o pinheiro-bravo que, nalguns locais húmidos e frescos

(Camacha e Monte), atinge proporções gigantescas, ocupa na Madeira mais de 12000 hectares, praticamente desde os 500 aos 1200 m de altitude, com maior abundância na costa sul mas, também, com presença marcante na costa norte. Existe, também, em Porto Santo, apenas cultivado e com muita raridade. Espécie bem conhecida no Arquipélago, de grande utilidade na agricultura e na construção civil e, também, pelo aproveitamento decorativo, quer como árvore de Natal quer com as pinhas, que se usam, de igual modo, como combustível, o pinheiro-bravo ocorre, por vezes, naturalizado por toda a Madeira, em incultos e encostas pedregosas, junto a pinhais já estabelecidos, sobretudo nos locais frescos e chuvosos; há também regeneração natural em muitas áreas florestadas com esta espécie. Surge por vezes, ocasionalmente, em terrenos cultivados. Nativo da Europa Meridional, o pinheiro-bravo é, provavelmente, espontâneo em Portugal Continental e cultivado e subespontâneo nos Açores.

Pinus radiata D. Don – Conhecida por pinheiro-insigne, esta árvore (que foi também, cientificamente, denominada *P. insignis* Dougl.) é, de há muito, cultivada na Madeira, sobretudo como ornamental, em parques e jardins das médias altitudes, onde alguns exemplares atingem porte magestoso e invulgar (altura superior a 30 m e tronco com diâmetro à volta de 2 m). Apesar de não ter sido referida, em nenhum dos seus trabalhos, por MENEZES, GRABHAM (1926), afirma ter introduzido, na Ilha, esta espécie nos anos 70 do século XIX: “fifty years ago I supplemented the *pinaster* by the elegant *P. insignis*”. A partir de 1955, os Serviços Florestais utilizaram intensamente esta espécie no revestimento dalgumas áreas montanhosas, não pela sua valia madeireira mas pelo seu crescimento muito rápido e para servir de protecção doutras espécies florestais mais importantes, nos primeiros tempos de vida. Tornou-se, sobretudo, depois dessa data, numa espécie naturalizada, nalgumas áreas das médias altitudes e pontos mais altos, como nas Funduras e nas serras do Poiso. De casca espessa e escura, fendida e raminhos castanho-avermelhados, este pinheiro possui agulhas características, flexíveis, de um verde-vivo-brilhante, geralmente em grupos de três e pinhas medianas a grandes (até 14 cm de comprimento), grossas, largamente ovóides, assimétricas na base. É espécie do sul da Califórnia, que ocorre como casual em Portugal Continental e nos Açores.

Desta família das pináceas, alguns outros pinheiros, embora sem revelar tendência para se naturalizarem no arquipélago madeirense, têm surgido como fugidos da cultura: *Pinus canariensis* C. Smith, o pinheiro-das-canárias, espécie quase só de interesse ornamental na Madeira, e como tal é cultivada (com o seu porte elegante e folhagem longa e pendente), embora se não deva desprezar a sua grande valia florestal, pela alta qualidade da sua madeira, tem fraca expressão territorial, aparecendo raramente em incultos nos arredores do Funchal, como no Ribeiro Seco, a norte da Quinta Magnólia, nas proximidades de exemplares adultos (segundo SILVA & MENEZES

(1966), deve ter sido introduzido de Tenerife, em 1837); *Pinus pinea* L., a pinheira ou pinheiro-manso, espontânea em Portugal Continental, introduzida, segundo MENEZES (1906c), provavelmente, no século XVI, é espécie sul-europeia, hoje menos cultivada, mas ainda, ocasionalmente, ocorrendo em terrenos cultivados ou incultos, perto de exemplares adultos, tal como nos Açores; e *Pinus sylvestris* L., o pinheiro-silvestre, da Europa e da Ásia, árvore difundida na Madeira pelos Serviços Florestais, na arborização das serras do Poiso e das Funduras, nos fins dos anos 50, facilmente reconhecida pelas suas agulhas muito curtas, tem ocorrido, ocasionalmente, nessas áreas mais húmidas e frescas, junto aos exemplares adultos.

TAXODIACEAE

Cryptomeria japonica (L. fil.) D. Don – Esta importante árvore florestal, vulgarizada com o nome de criptoméria, foi introduzida na Madeira, como espécie ornamental, já há muitos anos (talvez nos fins do século XIX), tendo sido assinalada por GRABHAM (1934), que dela disse “thrives up to 2500 ft. and over”. Só depois da utilização da criptoméria pelos Serviços Florestais, em 1955 e anos seguintes, na arborização dalgumas serras madeirenses, em escala muito significativa, onde tem evidenciado bons crescimentos, é que esta árvore se tem vindo a naturalizar, mas só nalguns locais (Lamaceiros, no perímetro florestal das serras do Poiso), com características microclimáticas especiais, sobretudo temperatura amena, muita humidade relativa e nebulosidade e pluviosidade elevadas. Nesses pontos, a cerca de 700 m de altitude, a regeneração natural das matas de criptoméria, então estabelecidas, está perfeitamente assegurada, sendo que até milhares de plântulas desta espécie são transplantadas para outros terrenos, indo constituir novas áreas florestais. Originária do centro e sul do Japão, esta espécie está muito difundida nos Açores (sobretudo para produção de madeira, aliás de excelente qualidade, como se sabe), onde ocorre subespontaneamente, sendo aí conhecida por critoméria, clipa, clica, crica, cricomé e titomé. Trata-se de uma bonita árvore sempre-verde, até mais de 20 m de altura, de copa piramidal, mais ou menos estreita e muito densa, com folhas curtas (até 1,2 cm de comprimento), lineares e curvadas, de cor verde-viva e com frutos (estróbilos) persistentes, arredondados (2-3 cm de diâmetro), com muitas escamas espinhosas e castanho-avermelhados, quando maduros; a ramagem é utilizada em decorações e arranjos florais. Esta árvore não vegeta bem nas zonas baixas da Madeira.

SPERMATOPHYTA***ANGIOSPERMAE******DICOTYLEDONES******ACANTHACEAE***

Acanthus mollis L. – É a conhecida erva-gigante ou acanto, introduzida há muito tempo na Madeira e cultivada como ornamental, sobretudo pela sua bela folhagem e pelas grandes e densas espigas de curiosas flores, brancas ou branco-purpúreas, reconhecida já por MENEZES (1914) como muito frequente nos jardins da Ilha. Perfeitamente naturalizada, sobretudo acima dos 200 m de altitude e até mais de 700 m na costa sul da Madeira, mas também na costa norte, em parques, jardins, matas e lugares sombrios e frescos onde adquire maior pujança e, mais raramente, em sítios quentes e soalheiros, bem expostos, como no Pináculo, é, todavia, hoje, menos cultivada do que antigamente. As hastes florais são utilizadas em decorações diversas. Oriunda da Região Mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental e, também, subespontânea no vizinho arquipélago dos Açores, onde recebe os mesmos nomes vulgares.

Ruellia graecizans Backer – Esta planta herbácea a semi-lenhosa, que encontramos pela primeira vez, na Quinta das Cruzes, na Quinta do Deão e na Quinta Saudade, por volta de 1955, e temos continuado a observá-la na primeira e na terceira destas quintas, deve ter sido introduzida como planta decorativa (talvez através dalgum emigrante do Brasil), estando perfeitamente naturalizada mas não sendo comum. Aparece nos jardins dalgumas quintas do Funchal, sem ser já cultivada, mas porque frutifica e produz sementes férteis que germinam com alguma facilidade. Não tinha sido até hoje assinalada para a Madeira. Podemos vê-la em canteiros, incultos e muretes. Esta espécie perene pode atingir e ultrapassar 1 m de altura, é mais ou menos ramificada, tem folhas opostas e grandes, até 13 cm de comprimento e 3,5 cm de largura, lanceoladas, e produz numerosas flores rosa-avermelhadas a escarlates, principalmente no Verão até fins do Outono, sendo a corola como um tubo mais ou menos recurvado e intumescido, até 3 cm de comprimento e 1 cm de largura. As flores dispõem-se em inflorescências (panículas) um pouco grandes e abertas e os frutos (cápsulas) parecem pequenos cilindros, oblongo-lineares, que se abrem na maturação para deixar sair as sementes, muito comprimidas e mais ou menos circulares. É planta sul-americana.

Algumas espécies de acantáceas, cultivadas desde há poucos anos, na Madeira, e sobretudo no Funchal, como ornamentais, ocorrem raramente como fugidas

de cultura, nas proximidades de jardins ou em terras cultivadas, incultos húmidos, margens de levadas e até em muros de suporte de terras, das zonas baixas da Ilha. São a *Asystasia gangetica* (L.) T. Anderson, uma planta herbácea, robusta, ramosa, de flores afuniladas, brancas, amareladas ou purpúreas, já referida por GRABHAM (1942) como espécie de jardim, nativa das Regiões Tropicais do Velho Mundo; *Hypoestes phyllostachya* Baker, uma planta herbácea de jardim ou de interiores, perene, de folhagem mediana, muito decorativa, verde-escura, com bandas purpúreas mais ou menos carregadas e pontos rosados a esbranquiçados ou lilazes, e flores também purpúreas a lilacéneas, nunca antes assinalada para a Madeira, mas muitíssimo rara e oriunda de Madagáscar; e *Thunbergia gregorii* S. Moore, uma trepadeira ou planta prostrada, pouco robusta, mas de abundante folhagem e vistosa floração alaranjada, assinalada por GRABHAM (1942) e originária da África Tropical. Nenhuma destas espécies tem mostrado tendência para se tornar naturalizada na Madeira.

ACERACEAE

Acer pseudoplatanus L. – Desconhece-se a época de introdução desta árvore ornamental e florestal na Madeira, mas pensa-se que tenha ocorrido nos princípios do século XIX, pois BOWDICH (1825), cita esta espécie como cultivada. Mas foi no primeiro quartel do século XX que foi mais plantada, nas margens de estradas e levadas e, também, em parques e jardins, das médias altitudes, em zonas montanhosas, sendo conhecida por carvalho-do-norte, bordo e ácer. Tem-se naturalizado nalgumas áreas húmidas, como no concelho da Calheta e, sobretudo, no Terreiro da Luta, Camacha, Santo da Serra, Queimadas e Ribeiro Frio, oferecendo já alguma preocupação como invasora da *Laurisilva*, principalmente pelos muitos rebentos de toíça e de raiz que emite e pela sua fácil propagação por semente. Em 1942, quando GRABHAM refere a sua existência na Madeira, não fala da sua subespontaneidade. Esta robusta árvore, de folhagem bonita, grande, um pouco semelhante à do plátano, caduca, e flores verde-amareladas, em panículas estreitas e pendentes, é originária da Europa e da Ásia Ocidental e é hoje menos utilizada na Ilha do que foi entre 1940 e 1960, sobretudo pelos Serviços Florestais, na rearborização dalgumas serras da Ilha, depois de 1956. É espontânea em Portugal Continental, onde lhe dão o nome de plátano-bastardo.

Outras aceráceas, tanto arbóreas como arbustivas, têm vindo a ser utilizadas na Ilha como espécies decorativas mas nenhuma tem revelado até hoje características de subespontaneidade. Salienta-se, como mais frequente, o *Acer campestre* L., pequena árvore, também euro-asiática, de copa arredondada e folhas um pouco menores do que as do *A. pseudoplatanus*, que raramente surge escapada de cultura.

AIZOACEAE

Aizoon hispanicum L. – Esta planta herbácea, pouco atraente, mais ou menos suculenta, anual, foi assinalada para o arquipélago madeirense por LOWE (1864), apenas para o Porto Santo (Campo de Baixo), em margem de caminho e limite de seara, no sopé oriental do pico Ana Ferreira, como espécie indígena e extremamente rara “in one spot only but plentifully”. MENEZES (1914) cita-a, também, como espontânea e muito rara na mesma Ilha (Lapeiras). De igual modo, HANSEN (1969b) atribuiu-lhe o mesmo estatuto. Só mais recentemente, TEBBS (1994) é que afirma que esta espécie é introduzida, aparecendo, no Porto Santo, raramente “on walls, along roadsides and field borders”. Não ocorre na ilha da Madeira e a ter sido introduzida no Porto Santo, isso terá acontecido já há muito tempo e certamente de modo involuntário. Embora hoje seja planta muito rara (provavelmente menos abundante do que nos tempos de LOWE) deve ser considerada naturalizada. Trata-se de pequena planta, mais ou menos prostrada, ramosa, coberta de pápulas, com as folhas superiores opostas, predominantemente linear-lanceoladas (até 5 cm de comprimento) e flores esverdeadas, externamente, e amareladas ou esbranquiçadas, internamente. É espécie da Região Mediterrânica, até ao Irão e à Transcaucásia, e do arquipélago das Canárias.

Aptenia cordifolia (L. fil.) Schwantes – Esta espécie herbácea, perene, predominantemente prostrada, suculenta, foi referida para a Madeira por LOWE (1864), sob o binome *Mesembryanthemum cordifolium* L. fil., como introduzida e naturalizada em terrenos incultos e em muros de suporte, nos arredores do Funchal e noutras localidades da costa sul da Ilha (Ponta do Sol, Madalena do Mar, Calheta) e, também, da costa norte (São Jorge). Cultivada como planta de jardim, está hoje bastante mais difundida, encontrando-se subespontaneamente noutros locais das zonas baixas da Madeira e no Porto Santo. Ultimamente, tem-se vindo a utilizar algumas novas cultivares desta planta, de maior pujança e valia decorativa, mas é a espécie típica a que ocorre naturalizada. Originária da África do Sul, é planta bastante resistente à seca, que cobre facilmente o solo e as paredes, produzindo abundante folhagem carnuda e verde-viva e muitas e pequenas flores rosa-avermelhadas; é, também, subespontânea nos Açores e em Portugal Continental.

Carpobrotus edulis (L.) N. E. Br. – Esta muito robusta planta prostrada, perene, de caules ramificados e folhas carnudas, longas e estreitas, angulosas e grandes flores (até mais de 10 cm de diâmetro), vistosas, amareladas ou rosadas, é muito cultivada no Arquipélago, sendo vulgarmente conhecida por bálsamo ou chorão. LOWE (1864), utilizando o binome *Mesembryanthemum edule* L., afirma que esta espécie foi introduzida na Madeira, por volta de 1825, por J. D. W. GORDON e, em 1834, ou pouco depois, no Porto Santo, por J. A. PEDROSO. É espécie perfeitamente naturalizada nestas

duas ilhas, ocorrendo, sobretudo, nas zonas baixas e quentes, cobrindo por vezes áreas de grande dimensão, particularmente taludes, aterros e dunas de areia, dominando ou matando toda a outra vegetação rasteira; nativa da África do Sul, subespontânea nos Açores e em Portugal Continental, tem sido utilizada na segurança e protecção de terrenos muito declivosos, para evitar a erosão.

Mesembryanthemum crystallinum L. – Tal como a espécie seguinte, também planta suculenta, prostrada e anual, conhecida vulgarmente por barrilha, deve ter sido introduzida há muitos anos e cultivada para a produção de soda, conforme referem vários autores. O P.^o EDUARDO PEREIRA, nas suas “Ilhas de Zargo”, diz curiosamente a este propósito que “foi outrora muito utilizada a *barrilha* na indústria de sabão, por fazer-se dela, na Madeira e Porto Santo, a extracção de soda em bruto depois de seca ao sol e queimada, endurecendo em *pedras* alcalinas, chamadas *de sabão*, que se empregavam na fabricação deste produto ou em comércio de exportação para o estrangeiro”. E acrescenta que “a queima da barrilha era feita primitivamente em covas abertas no solo, tendo-se procedido nos últimos tempos a essa operação em fornos próprios de que ainda há memória em diferentes sítios do Porto Santo, entre outros, nos Ilhéus de Ferro e de Baixo ou da Cal”. Mais afirma, ainda, que “da propriedade desta planta serviu-se, em 1795, como de sabão, um rancho de mulheres mouras, desembarcadas dum navio marroquino que aportou àquela ilha, para lavarem roupa de bordo e do serviço dum casal de príncipes árabes, em viagem de núpcias ou de recreio”. Segundo LOWE (1864), a espécie *M. crystallinum* “is preferred for making soda to *M. nodiflorum*”, no Porto Santo, “and it is there called *par excellence* “Barrilha”. Ambas as espécies são sul-africanas, estão perfeitamente naturalizadas na Madeira, no Porto Santo, nas Desertas e nas Selvagens, mas não são hoje cultivadas nem aproveitadas industrial ou artesanalmente; são também subespontâneas nos Açores e em Portugal Continental, onde são conhecidas vulgarmente por ervas-do-orvalho. Esta espécie, como a seguinte, desenvolve-se preferencialmente em areias e terrenos arenosos e, também, em locais rochosos da beira-mar; produz uma floração branco-rosada abundante e uma folhagem carnuda, larga, toda revestida de pápulas cristalinas e brilhantes. Alguns autores consideram, esta planta e a seguinte, indígenas na Madeira e na Região Mediterrânica.

Mesembryanthemum nodiflorum L. – Presente, quase sempre, em conjunto com a espécie *M. crystallinum*, esta barrilha é hoje, todavia, menos abundante e menos vistosa, formando maciços ou grupos menos extensos e densos. Distingue-se, também, da outra barrilha pelas folhas lineares, mais ou menos roliças ou cilíndricas, floração menos abundante e frutos (cápsulas) mais pequenos. Esta e a outra barrilha, onde aparecem, pelo seu número e desenvolvimento, alteram, profundamente, o aspecto original dos locais que colonizam, patenteando a sua dominância.

Tetragonia tetragonoides (Pall.) Kuntze – Introduzida como planta alimentar na Madeira é, ainda hoje, muito cultivada nesta Ilha e, também, em Porto Santo. Conhecem-na por espinafre ou espinafre-da-nova-zelândia e a sua abundante, larga e succulenta folhagem é muito aproveitada na culinária insular. Segundo LOWE (1864), que a refere como *T. expansa* Murr., foi o antigo cônsul inglês H. VEITCH que a introduziu na Madeira, por volta de 1825. Encontra-se perfeitamente naturalizada em terrenos de cultura ou incultos, das médias e baixas altitudes, geralmente até 500 m, mas pode ocorrer, embora raramente, acima de 800 m, como no Jardim da Serra. Propaga-se por semente e, também, por estaca. É planta comum, prostrada, anual ou perene, de poucas e pequenas flores amareladas ou esverdeadas, originária da Austrália e Nova Zelândia, também subespontânea nos Açores e em Portugal Continental.

Desta família das aizoáceas, duas espécies, habitualmente cultivadas como ornamentais, têm ocorrido esporadicamente como fugidas de cultura, quase sempre em zonas baixas da Madeira e do Porto Santo. Têm sido referidas as espécies sul-africanas: *Dorotheanthus gramineus* (Haw.) Schwantes, uma herbácea succulenta e anual, de folhas lineares e flores grandes, rosadas a brancas, que HANSEN (1978) assinalou como “garden-escape” e que foi encontrada em dois locais da Ilha maior; e *Drosanthemum floribundum* (Haw.) Schwantes, uma planta perene, decumbente, de folhas pequenas, cilíndricas, succulentas e flores pequenas, numerosas, rosadas, ainda utilizada com muita frequência e desde a primeira metade do século XX, em jardins e na cobertura de muros e locais rochosos, conhecida pela denominação vulgar de arrozinho e chorão-baguinho-de-arroz, que ocorre ocasionalmente na vizinhança de habitações e que assinalámos em 1974, tendo TEBBS (1994), afirmado que “it is undoubtedly a garden escape” e que agora acrescentamos ocorrer, também, em Porto Santo (é subespontânea nos Açores).

AMARANTHACEAE

Alternanthera caracasana Kunth – Pequena planta herbácea, normalmente rastejante, perene, tida como introduzida e naturalizada nas ilhas da Madeira e do Porto Santo, mais comum na primeira, onde é frequente, sobretudo, nos pavimentos empedrados de ruas e caminhos e nas suas margens, e em incultos, principalmente nas zonas baixas do Funchal e da costa sul madeirense, possui folhas quase sempre elípticas, até 3 cm de comprimento por 1,5 cm de largo, verde-escuras na página superior e mais ou menos pubescentes. Referida por MENEZES (1894, 1914) como *A. achyrantha* R. Br., já nessas alturas era dada como muito comum. Originária da América Tropical, das Índias Ocidentais, encontra-se também naturalizada nos Açores, onde é conhecida por erva-prata.

Amaranthus caudatus L. – Planta herbácea, anual, robusta, até mais de 1,5 m de altura, ornamental, em tempos muito cultivada (referida por MENEZES, 1894), mas hoje muito menos, encontra-se naturalizada nalguns locais da Madeira, nas proximidades das habitações e em entulhos e terrenos incultos ou abandonados, desde a beira-mar até mais de 400 m de altitude. Hoje, também presente em Porto Santo, é cultivada em jardins e subespontânea. Pelas suas grandes e vistosas inflorescências pendentes, vermelho-escuras, esta planta, originária da América do Sul, é conhecida na Madeira por crista-de-galo; é também cultivada em Portugal Continental e nos Açores, onde lhe dão os nomes de moncos-de-perú e chorões-dos-jardins e onde ocorre, por vezes, como casual.

Amaranthus deflexus L. – Esta espécie e a seguinte (*A. hybridus* L.), algo semelhantes aos bredos (*A. blitum* L.), muito conhecidos dos agricultores e do povo em geral, são muito vulgares como plantas infestantes dos terrenos de cultura (bananais, vinhas, hortas, etc.), aparecendo também em incultos e nas margens de estradas e caminhos, tanto na costa norte como na costa sul da Madeira. Foram introduzidas, involuntariamente ou talvez como plantas de jardins, há muitos anos e estão perfeitamente naturalizadas, tendo sido referidas por MENEZES (1894). Esta espécie, *A. deflexus*, perene, decumbente, de caule e ramos pubescentes, e de folhas pequenas, romboidais a ovadas, obtusas, até 3x1,5 cm, nativa da América do Sul, está também presente em Porto Santo e é tida, como subespontânea, em Portugal Continental e nos Açores.

Amaranthus hybridus L. – De maiores dimensões que a espécie anterior e anual, é originária da América Tropical e Subtropical, ocorrendo, frequentemente, nas zonas baixas da costa sul da Madeira e, também, em Porto Santo e sendo dada como naturalizada em Portugal Continental e nos Açores; possui caules pubescentes, erectos, até 1 m, folhas medianas a grandes, rombóide-ovais e inflorescências mais ou menos densas, cilíndricas e estreitas, verdes ou raramente purpúreas. Foi assinalada há anos sob os binomes *A. paniculatus* Moq. e *A. patulus* Bertol. (MENEZES, 1894, 1914). Tal como sucede na “Flora of Madeira”, em que TURLAND (1994) menciona esta espécie, também aqui a tratamos em sentido lato.

Amaranthus muricatus Gillies ex Moq. – Erva perene, introduzida recentemente na Madeira, sem valia decorativa, foi assinalada para a Ilha, pela primeira vez, por DUVIGNEAUD & LAMBINON (1976) que a observaram no ano anterior. Originária da América do Sul temperada, esta espécie, um pouco prostrada, de folhas estreitas, lineares a lanceoladas e longas inflorescências (panículas), foi também vista e referida por HANSEN (1987), em incultos, em Câmara de Lobos, na mesma localidade onde a encontraram os primeiros autores. HANSEN, nessa altura, fez a seguinte citação: “Once in Madeira this plant will probably spread further”. É, ainda, planta rara na Madeira mas

naturalizada em áreas limitadas. Encontra-se, também, casual ou subespontaneamente, em Portugal Continental.

Amaranthus retroflexus L. – Tida como indígena na Madeira por MENEZES (1914), é no entanto considerada espécie introduzida há muitos anos e perfeitamente naturalizada em incultos, beiras de caminhos e, também, terras de cultura, na costa norte e na costa sul da Ilha, sendo todavia planta pouco frequente. É erva anual, erecta, robusta, verde-acinzentada, de caule pubescente-tomentoso, folhas com pecíolos longos e de limbo mediano a grande, mais ou menos ovado-romboidal e inflorescências esverdeadas, por vezes longas, bastante densas. As folhas apresentam, geralmente, manchas esbranquiçadas sobre as nervuras. Planta da América do Norte, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Amaranthus spinosus L. – Esta erva anual, de caule um pouco lenhoso na base, quase sempre avermelhada, semelhante à já referida *A. hybridus* mas com a particularidade de possuir, na axila das folhas, dois espinhos rígidos, direitos, geralmente com pouco mais de 1 cm de comprimento, foi referida, para a Madeira, pela primeira vez, por HANSEN (1973), que a encontrou, em 1971, a ocidente do Funchal, na Ponta da Cruz (Praia Formosa), à margem da estrada. Deve ser, pois, de introdução recente e de expansão muito limitada na Ilha. Aliás, apenas tem sido observada nessa área, durante os últimos anos, mas podemos já atribuir-lhe o estatuto de naturalizada. É espécie provavelmente originária da América Tropical, que se encontra como casual nalguns países europeus mas não em Portugal Continental, nem nos Açores.

Além destas plantas naturalizadas, da família das amarantáceas, têm vindo a ser mencionadas, para a Madeira, também como introduzidas, mas que apenas ocorrem como casuais ou fugidas de cultura (ou talvez já extintas), as seguintes espécies: *Amaranthus palmeri* S. Watson, erva anual, do sudoeste dos Estados Unidos da América, que HANSEN (1987) encontrou, em 1978, num inculto no porto do Funchal; *Amaranthus viridis* L., também erva anual, sul-americana, que TURLAND (1994) lembra que foi “recorded from Madeira without further data” e que havia sido assinalada, por lapso, em 1894, por MENEZES, o qual, em 1914, corrigiu este binome para *A. blitum* L. (mas, em 1985, a espécie *A. viridis* voltou a figurar na 3ª edição do Catálogo das plantas vasculares da Macaronésia, de HANSEN & SUNDING, para a Madeira e os Açores, tendo-se repetido a citação na 4ª edição, de 1993); *Gomphrena celosioides* Mart., a que chamam perpétua-roxa, planta decorativa, anual, da América do Sul e Central, hoje pouco cultivada na Ilha e que HANSEN (1987) colheu numa rua no Funchal, em 1983 e perto do Aeroporto, em 1988; e *Iresine herbstii* Hook., do Brasil, uma planta perene, de jardim, muito cultivada, observada também por HANSEN, em 1973, num inculto no Funchal, perto do Estádio dos Barreiros.

ANACARDIACEAE

Rhus coriaria L. – Vulgarizada com o nome de sumagre, esta planta deve ter sido introduzida ainda nos tempos do povoamento da Madeira, talvez na primeira metade do século XV, com o fim de ser cultivada e utilizada na curtimenta das peles dos animais, também vindos de Portugal Continental e destinados à alimentação humana. Nas “Saudades da Terra”, o cronista GASPAR FRUTUOSO (1590) faz-lhe referência (Livro Segundo, Cap. XIX): “Há nesta ilha da Madeira muito sumagre, que serve para curtir couro...”, acrescentando que “É novidade de muito proveito, porque multiplica tanto, que se enchem os campos dele...”; donde se conclui que foi fácil o cultivo, a aclimação e a naturalização da planta, aliás ainda mais reforçada pelo facto de o mesmo autor informar que o pó resultante do sumagre moído era carregado “para diversas partes em sacas e pipas”. Também, em 1717, o P.^o ANTÓNIO CORDEIRO, na sua História Insulana, refere, entre as produções mais valiosas da ilha da Madeira, o sumagre “que moído se embarca para fora”. Em 1862, LOWE confirmou a introdução e a completa naturalização do sumagre, salientando ser espécie muito comum, vegetando (como aliás sucede, ainda hoje, embora com menor abundância) em terrenos rochosos ou pedregosos, soalheiros, nas proximidades de caminhos e estradas, e também em incultos, por toda a parte, sobretudo na costa sul, até cerca de 700 m de altitude. Este arbusto ramoso, até 3 m de altura, de folhagem caduca, com os novos rebentos densamente pubescentes e as folhas muito divididas e com as pequeninas flores branco-esverdeadas, em inflorescências densas, já não é cultivado na Ilha, nem aproveitado industrialmente, vivendo, todavia, sem quaisquer cuidados entre o feno e a vegetação rasteira, sobretudo nos arredores do Funchal e até Machico. Segundo FRANCO (1971), o sumagre, que é originário do sul da Europa, é de espontaneidade incerta em Portugal Continental e nos Açores.

ANNONACEAE

Annona cherimola Mill. – Esta árvore de fruta é cultivada há muitos anos e é, praticamente, a única espécie de anonáceas presente na flora madeirense. Já LOWE (1867) se lhe referia, afirmando a sua vulgaridade: “In Madeira common in gardens in and about Funchal...”. Também MENEZES (1894) escreveu que no “Funchal e arredores temo-la observado no estado subespontâneo nas proximidades de muitos jardins”. É de registar que, no velho solar dos Canaviais, no Funchal, à Rua da Carreira, há uma velhíssima anoneira, com mais de 10 m de altura e de 80 cm de diâmetro de tronco, que os seus antigos proprietários afirmavam (1998) ter mais de 200 anos; e acrescentavam que esta árvore tinha provindo de um fruto recebido do Brasil, cujas sementes foram aproveitadas pelo inspector-geral da Agricultura de então, JOSÉ MARIA da FONSECA, que depois distribuiu as plântulas obtidas e de que resultou esta aqui referida, cuja grande longevidade e desenvolvimento se devem, sobretudo, ao bem abrigado local onde até hoje tem vegetado.

São, também, vulgares as referências, nos finais do século XIX e nos princípios do século XX, a esta espécie, muito querida dos madeirenses, cuja cultura se tem expandido e melhorado significativamente. Os seus grandes e aromáticos frutos, de polpa branca, deliciosa, são bastante apreciados e procurados não só pelos naturais da Ilha, como pelos que nos visitam, havendo também, desde há muitos anos, uma certa exportação, com possibilidade de um rápido e progressivo aumento.

A grande quantidade de sementes produzidas por esta árvore e a sua fácil germinação, mesmo em locais menos apropriados (incultos, beiras de socalcos, aterros, terrenos pedregosos, taludes, encostas, muros de suporte, fendas de rochas, etc.), fazem que a sua expansão, como espécie subespontânea e, também, cultivada, tenha vindo a ser cada vez mais alargada, nos domínios da área agrícola da Madeira mas principalmente abaixo dos 400 m de altitude. Como planta naturalizada, é no Funchal que a anoneira (ou noneira como também é chamada pelos populares) ocorre mais frequentemente, embora a sua cultura seja também intensiva na costa sudeste e na nordeste da Madeira. A anoneira é originária da Região Andina do Perú, do Equador e da Colômbia e é também cultivada, embora em pequena escala, nos Açores e em Portugal Continental (no Algarve, sobretudo).

APOCYNACEAE

Vinca major L. – Espécie subarborescente, introduzida e cultivada há muito tempo, era já muito comum, na Madeira, nos finais do século XIX, onde se mostrava perfeitamente naturalizada (LOWE, 1872), sobretudo em matas (de castanheiros) e sítios sombrios. É hoje menos cultivada, embora se continue a aproveitá-la como planta ornamental, sobretudo na cobertura do solo, em jardins e parques, dado ser perene, prostrada e rastejante, de folhagem sempre-verde e interessante floração azul. Além dos locais indicados, aparece preferentemente noutras áreas húmidas, acima dos 300 m de altitude, mas em maior abundância entre 500 e 1000 m de altitude, tanto na costa norte como na sul e na própria *Laurisilva*. Nativa da Região Mediterrânica, é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental, onde vulgarmente é denominada pervinca ou congossa.

Desta família das apocináceas, a vistosa espécie *Catharanthus roseus* (L.) G. Don, nativa das Regiões Tropicais, é ainda muito cultivada na Madeira como planta de jardim, tendo sido referida por GRABHAM (1942), sob a denominação de *Vinca rosea* L., como “naturalized in waste places on the south coast”. Na realidade, esta planta, perene, de flores medianas, brancas ou rosadas, de que há algumas variedades, muito decorativas, aparece apenas, poucas vezes, como fugida de cultura, em entulhos ou terrenos abandonados ou cultivados, nas proximidades das habitações, sobretudo nas zonas baixas do Funchal e doutras áreas urbanas.

ASCLEPIADACEAE

Araujia sericofera Brot. – Esta espécie, vulgarmente conhecida por sumaúma ou corriola-de-seda, foi introduzida na Madeira por ser uma trepadeira de certa valia decorativa (com o caule fino mas muito longo, até 10 m, folhas medianas a grandes, branco-tomentosas na página inferior, flores róseo-esbranquiçadas e frutos grandes, até 10 cm de comprimento, elipsoidais, moles e pruinosos) e, de acordo com LOWE (1872), já em 1826 se podia considerá-la como completamente naturalizada nalguns locais. Hoje, pouco cultivada, ao contrário do que acontecia nos começos do século XX, em que era frequente (MENEZES, 1914), aparece subespontânea e naturalizada, mas com certa raridade, em incultos e locais húmidos e frescos (por vezes junto a levadas), mesmo na *Laurisilva* e zonas inferiores de transição ou mais baixas. É espécie sul-americana, também subespontânea em Portugal Continental (onde é conhecida por sumaúma-bastarda) e nos Açores.

Asclepias curassavica L. – Planta herbácea (de caule às vezes um pouco lenhoso na base), ornamental, de há muito cultivada na Madeira e no Porto Santo, pela sua bonita floração laranja-avermelhada, é muito frequente em quintas e jardins. Ocorre vulgarmente fora dos locais de cultivo, sobretudo nas proximidades das habitações, principalmente nas zonas mais baixas e, como diz GRABHAM (1942), “naturalized in waste places around Funchal” e, actualmente, mesmo noutros locais, incluindo Porto Santo. Esta planta sul-americana, que não tem mostrado tendência, ultimamente, para uma maior expansão territorial, é cultivada em Portugal Continental.

Gomphocarpus fruticosus (L.) R. Br. – Esta espécie arbustiva, de pequenas flores brancas, da África Austral, foi introduzida há muito tempo na Madeira e cultivada como ornamental mas hoje encontra-se perfeitamente naturalizada em incultos e terrenos abandonados, sobretudo nos sítios soalheiros das zonas baixas da costa sudeste, do Funchal ao Caniçal, muitas vezes em associação com o feno e outra vegetação rasteira; é menos comum em Porto Santo. MENEZES (1922a) refere que já em 1787, FORSTER assinalou esta espécie numa lista de plantas que havia encontrado, em 1772, na Madeira e noutras ilhas, e que publicou sob o título *Plantae Atlanticae ex insulis Madeira S^{ti} Jacobi Adscensionis S^{tae} Helenae et Fayal reportatae*. Por seu lado, LOWE (1872) opina que esta espécie, que encontrou frequentemente em “waste rocky sunny places and beds of ravines all about Funchal and at various other places along the south coast chiefly” pode ser considerada “to have been introduced into the island some time between 1778 and 1820”. Esta planta é vulgarmente conhecida na Madeira por árvore-de-seda (porque os seus frutos ovóides, relativamente grandes, providos de muitos pêlos, estão cheios de sementes envoltas em numerosos fios sedosos, como algodão) e, em Portugal Continental e nos Açores, onde é também subespontânea, conhecem-na

por algodoeiro-falso, sedas, sumaúma e sumaúma-bastarda; tem sido, também, referenciada pelo binome *Asclepias fruticosa* L.

Gomphocarpus physocarpus E. Mey – É planta arbustiva, erecta e ramosa, geralmente até 2 m de altura, muito semelhante à vulgar árvore-da-seda (*G. fruticosus*), a que antes nos referimos e de que diverge, sobretudo, por os seus frutos (bifolículos), também intumescidos, serem globosos em vez de ovóides e um pouco maiores mas cobertos com menos pêlos; há, também, pequenas diferenças nas interessantes flores, branco-cremes. Introduzida há relativamente pouco tempo e cultivada em jardins e parques, principalmente no Funchal (onde é conhecida por balões-de-são-joão), até mais de 500 m de altitude, só a temos visto, desde os anos 70 mas em muitos locais, como Barreiros, Bom Sucesso, Caminho dos Saltos, Consolação, Ilhéus, Monte e Rochinha. A época de floração é geralmente nos fins da Primavera e começos do Verão. Graças à quantidade de frutos que produz e às suas sementes férteis e ao facto de o clima das zonas baixas da Ilha lhe ser francamente favorável, esta espécie tornou-se rapidamente subespontânea, encontrando-se perfeitamente naturalizada em muitos terrenos mobilizados e em incultos húmidos nas proximidades de jardins. É a primeira vez que esta espécie é assinalada para a Madeira. Refira-se que o que hoje parece limitar a expansão desta espécie sul-africana, na Ilha, são as lagartas da bonita borboleta *Danaus plexipus* (L.), a célebre monarca, que vive das suas folhas e das de outras asclepiadáceas.

BALSAMINACEAE

Impatiens balsamina L. – Planta herbácea, um pouco suculenta, anual, de jardim, conhecida por maravilhas, é, de há muitos anos a esta parte, cultivada na Madeira e foi referida por MENEZES (1914), como se encontrando “em quase todos os jardins do Funchal e arredores”. Ocorre frequentemente como subespontânea e, em alguns locais frescos e húmidos (margens e muros de cursos de água) e terras cultivadas ou incultos da Ilha, na costa norte e na sul, mantém-se perfeitamente naturalizada. Espécie asiática (Índia ao sudeste da Ásia), que se propaga muito facilmente por semente e estaca, tem vindo a ser substituída, como planta de vaso ou de canteiros e maciços, até por híbridos entre outras espécies de *Impatiens*, os quais são de maior duração e de menor estatura mas de flores muito maiores, dobradas ou não, e de cores diversas, mais vivas, com tons sobretudo rosados a avermelhados e alaranjados. Estas plantas híbridas (conhecidas por “New Guinea hybrids” e, vulgarmente, também por alegrias-da-casa) raramente ocorrem como subespontâneas, podendo apenas aparecer casualmente nos jardins. E, a propósito destas novas plantas de maravilhas, que têm vindo a aparecer nos últimos anos na Madeira, registe-se a existência na Ilha de uma empresa viveirista, sediada na Ponta do Sol, que cultiva os respectivos pés-mães (anualmente renovados) e deles aproveita, sobretudo, estacas para exportar para o

estrangeiro ou enraizar e comercializar localmente. *I. balsamina* é cultivada em Portugal Continental, onde é conhecida por melindres ou papagaios, por vezes ocorrendo casualmente fora dos jardins.

Impatiens sodenii Engl. & Warb. ex Engl. – Planta herbácea, um pouco suculenta, perene, muito ramosa e desenvolvida, até mais de 2 m de altura, de valor decorativo, introduzida provavelmente nos fins da primeira metade do século XX, na Madeira, e muito cultivada nos jardins das médias altitudes da Ilha (até mais de 800 m de altitude, como no Jardim da Serra), encontrando-se já naturalizada nas proximidades das habitações, em incultos, barrancos e margens de caminhos, em locais húmidos (Monte, Santo da Serra, Camacha, Estreito de Câmara de Lobos, Canhas, Calheta, Ponta do Pargo), desde, pelo menos, 1960, quando a vimos, pela primeira vez, na Ilha. É facilmente reconhecida pelas suas grandes flores (até 5 e mais cm de diâmetro), lilacíneas ou rosadas, muito delicadas e atraentes, produzidas durante todo o ano mas, sobretudo, no Verão e no Outono, e pelas folhas que saem em número de quatro a oito de cada nó dos ramos. Tem-se vindo a propagar por semente e por porções de caule e dos ramos. Não tinha sido ainda citada para a Madeira. Também é referida sob *I. oliveri* C. W. Wright ex W. Wats. É espécie originária das zonas montanhosas da África Oriental Tropical.

BASELLACEAE

Anredera cordifolia (Ten.) Steenis – Esta planta trepadeira, herbácea e vivaz, deve ter sido introduzida na Ilha talvez em meados ou finais do século XIX, pelo interesse ornamental (hoje muito reduzido) que então se lhe reconhecia, pelas suas numerosas e pequeninas flores brancas e perfumadas, em grandes e delgados cachos, e pela folhagem carnuda e verde-luzidia. MENEZES (1894), sob a denominação científica (aliás incorrecta) de *Boussingaultia baselloides* Kunth (a designação específica sinónima correcta seria *B. cordifolia* Ten.) e ainda dentro da família das “Chenopodiaceas”, já a dá como naturalizada e comum nas “rochas e terrenos marítimos na Madeira”. Hoje não é mais cultivada mas encontra-se, como diz GRABHAM (1942) “everywhere in the lowlands” e preferindo terrenos incultos ou cultivados e, sobretudo, muros de suporte de terras e de canalização de ribeiras, tanto na Madeira como no Porto Santo. Também conhecida entre os ingleses, sem sabermos porquê, por “Madeira vine”, esta espécie, oriunda da América do Sul Tropical, está também naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Da família BERBERIDACEAE, uma espécie herbácea e vivaz – *Epimedium pinnatum* Fisch. – assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por HANSEN, em 1987, mas descoberta em 1980 e introduzida provavelmente como planta ornamental, ocorre como fugida de cultura em plena *Laurisilva* (proximidades do Ribeiro

Frio), onde também a encontramos. Desconhecemos, por enquanto, as potencialidades desta planta como invasora da floresta das lauráceas e quais as probabilidades de vir a tornar-se naturalizada, mas esta pequena planta, de flores amarelas, das montanhas do Irão e do Cáucaso, deve ser mantida sob vigilância ou simplesmente erradicada.

Da família BETULACEAE, uma espécie arbórea, também decorativa, de tronco branco, a *Betula celtiberica* Rothm. & Vasc., nativa da Península Ibérica, utilizada pelos Serviços Florestais na arborização das serras do Poiso, em 1956, e anos seguintes, vê-se, nalguns desses locais húmidos e de altitude elevada, como nas Lameirinhas (junto ao caminho florestal), mostrando alguma regeneração natural, o que sugere a possibilidade de esta bétula (ou vidoeiro, como é conhecida em Portugal Continental) vir a tornar-se naturalizada na Madeira.

BIGNONIACEAE

Macfadyena unguis-cati (L.) A. H. Gentry – É uma das muitas bignoniáceas trepadeiras introduzidas e cultivadas na Madeira, desde meados ou finais do século XIX, e que, pela sua floração garrida e abundante, têm grande valor decorativo. Esta espécie, a que chamam bignónia-unha-de-gato (aportuguesamento da sua primeira denominação científica *Bignonia unguis-cati* L., que alude às “garras” com que se prende às paredes ou outros suportes), de flores grandes e amarelas, tornou-se subspontânea e depois naturalizou-se rapidamente nos subúrbios do Funchal, conforme, em 1934 e 1942, já era referido por GRABHAM. Aparece em lugares incultos e muros de suporte de terras, nas proximidades de jardins e nas características quintas das zonas mais baixas da costa sul da Ilha, até cerca de 500 m de altitude (como na Quinta do Palheiro Ferreiro). Nativa da América do Sul Tropical, é hoje menos cultivada, preterida por outras trepadeiras ainda mais atraentes.

Podranea ricasoliana (Tanfani) Sprague – Esta muito robusta trepadeira, de folhagem persistente e abundante e grandes flores rosadas, raiadas ou tintas de vermelho-púrpura, em grandes inflorescências, deve ter sido introduzida recentemente na Madeira (talvez nos anos 40, dado que GRABHAM não se lhe refere em 1942), pelo seu interesse ornamental, foi já por nós assinalada (1974), tendo vindo a ser cultivada frequentemente na Ilha, sobretudo nas zonas mais quentes, até mais de 400 m de altitude, e no Porto Santo. Toma rapidamente grande desenvolvimento, mesmo em zonas secas, e tornou-se também naturalizada, por via da sua propagação vegetativa e por semente. Ocorre em encostas rochosas, paredes de suporte de terras, taludes, aterros e incultos, com maior predominância nos arredores do Funchal. É espécie sul-africana, muito aproveitada também para revestimento de muros e taludes e para cobertura de espaços de recreio e lazer; chamam-lhe bignónia-rosa.

Tecoma capensis (Thunb.) Lindl. – Este arbusto semi-trepador, de muitos caules pouco robustos, abundante folhagem e muitas flores alaranjadas a escarlates, tubulosas e recurvadas, é conhecido vulgarmente por camarões. Já referido por MENEZES (1914), foi então dado como muito cultivado em quintas e jardins. Hoje, aparece em toda a Ilha, em lugares soalheiros e bem expostos, ocorrendo, também, naturalizado, em bardos ou grupos muito densos e extensos, em incultos, encostas rochosas, paredes de suporte e terras de cultura, expandindo-se com relativa facilidade por se propagar por via seminal e vegetativa. Espécie oriunda da África do Sul, donde talvez tenha sido introduzida, tal como a espécie anterior, tem a particularidade de a sua floração se estender por todo o ano, na Madeira. É espécie referida, muitas vezes, sob *Tecomaria capensis* (Thunb.) Spach.

Entre as bignoniáceas, outras espécies ornamentais ocorrem, por vezes, fora dos locais de cultivo, ocasionalmente, sem que se tenham, ainda, naturalizado: *Jacaranda mimosifolia* D. Don, o conhecido jacarandá, árvore do Brasil, há muito cultivada, profusamente, por toda a costa sul da Ilha e, mais raramente, na costa norte e no Porto Santo (assinalada por MENEZES em 1914), em jardins, parques e arruamentos e que, além de produzir uma copiosa e atraente floração azul-arroxeadada, frutifica com abundância e produz sementes férteis que germinam em terras cultivadas e, muito raramente, em aterros, incultos e até paredes e fendas de rochas, nas proximidades de árvores adultas da mesma espécie (esta árvore é também cultivada em Portugal Continental e nos Açores); *Markhamia platycalyx* (Bak.) Sprague, de introdução recente na Madeira (talvez nos anos 40), não assinalada por GRABHAM, mas referida, por nós, em 1974, é árvore oriunda da Uganda, de porte mais ou menos esguio, folhas grandes, persistentes, de um bonito verde-brilhante e de flores grandes, amarelo-douradas, raiadas de vermelho, em inflorescências densas e frutos (cápsulas) compridos e lineares (até mais de 30 cm), muito cultivada nas zonas mais baixas da Madeira, até cerca de 300 m de altitude, e aparece, aqui e acolá, em terras mobilizadas, mas com raridade (não referida por MENEZES, em 1914, ao contrário da espécie anterior); e *Tecoma stans* (L.) Juss. ex Humb., Bonpl. & Kunth, arbusto a pequena árvore, de folha semi-persistente e atraente floração amarela, originário do sul da Flórida, Índias Ocidentais e América do Sul, introduzido na Madeira no século XX (GRABHAM, 1926, cita-o), muito cultivado em jardins, parques e quintas da Ilha, surge por vezes em incultos, encostas rochosas e terras cultivadas, nas proximidades das habitações, sobretudo na parte baixa do Funchal, como nas rochas do Parque de Santa Catarina.

BOMBACACEAE

Chorisia speciosa A. St. Hil. – Esta magnífica árvore, introduzida na Madeira, provavelmente, nos princípios do século XX, pelo seu interesse ornamental, tem sido muito cultivada por toda a Ilha (e muito pouco em Porto Santo), sobretudo no Funchal,

onde foi assinalada por GRABHAM (1934, 1942). Conhecida vulgarmente por sumaúma, tem-se vindo a naturalizar em terrenos ajardinados ou de cultura agrícola, em incultos, encostas rochosas húmidas, fendas de rochas e muros de suporte, por força da sua rusticidade e das sementes férteis que produz em abundância e que facilmente germinam. Árvore de grande porte, de tronco volumoso e espinhoso, tem folhagem caduca, abundante e vistosa floração rosada a rosa-escura e grandes frutos (cápsulas) que, maduros, se abrem para deixar sair as sementes, envoltas em pêlos sedosos, como algodão, que antes eram aproveitados pelos madeirenses. Nativa do Brasil e da Argentina, é cultivada (muito pouco) em Portugal Continental e nos Açores.

BORAGINACEAE

Borago officinalis L. – Esta espécie, herbácea e anual, de grandes folhas e floração azul, introduzida na Madeira, como planta melífera e medicinal, foi referida por MENEZES (1894), que a deu como comum, cultivada e já naturalizada, nas proximidades do Funchal. Hoje, já não se cultiva e é relativamente rara, embora continue como subespontânea em aterros ou terras cultivadas e beiras de muros de suporte de terras, sobretudo nas zonas baixas e médias da Ilha (até mais de 500 m de altitude). Espécie mediterrânica, indígena em Portugal Continental e nos Açores, é vulgarmente conhecida em toda a parte por borragem.

Echium simplex DC. – É uma planta arbustiva, endémica de Canárias, que se assemelha, dalgum modo, aos nossos massarocos mas que não se ramifica, tem folhas enormes, em roseta, e flores brancas, em longas e estreitas inflorescências, espectaculares, por vezes com mais de 1,5 m, e que geralmente vive apenas 2 ou 3 anos. MENEZES (1894) deu-a como comum e naturalizada em locais rochosos da beira-mar, no Funchal, atribuindo-lhe o nome vulgar de pão-de-açúcar mas, em 1914, já afirmou que havia desaparecido daí. Nos finais dos anos 50, encontrámos este *Echium* nas encostas da Ribeira de João Gomes (300 m de altitude), na actual propriedade do Jardim Botânico mas também aí não mais apareceu. A espécie foi reintroduzida na Madeira, à volta de 1980, na Quinta da Boa Vista, onde se encontra perfeitamente naturalizada nos jardins, relvados, muros de suporte, incultos e áreas rochosas.

Myosotis sylvatica Hoffm. – É espécie mencionada por HANSEN (1973), que a referiu como introduzida e encontrada pela primeira vez em 1971, no núcleo de espécies indígenas (endémicas, sobretudo) do Parque do Ribeiro Frio, dizendo tratar-se “probably as an escape from culture but quite established”. Pertence ao grupo de plantas conhecidas por não-me-esqueças ou, à moda inglesa, “forget-me-not”, que já foram muito cultivadas como plantas de jardim, sobretudo pelas suas numerosas, pequeninas e interessantes flores (quase sempre azuis) e de que há também algumas

espécies silvestres. Esta espécie, herbácea e perene ou bienal, é europeia e, embora rara na Madeira, encontra-se nalguns locais húmidos e sombrios da média altitude (500-900 m, normalmente).

Uma outra espécie desta família das boragináceas tem aparecido como casual na Madeira, sem que possa ser considerada, hoje, naturalizada: *Heliotropium amplexicaule* Vahl, uma muito rara espécie sul-americana, herbácea, pubescente e um pouco viscosa, de folhas onduladas nas margens e de flores muito pequenas, lilazes a purpúreas, introduzida há poucos anos na Madeira e descoberta em 1962, tendo sido assinalada, pela primeira vez, em 1968, por HANSEN, como *H. bacciferum* Forssk. e rectificada para aquela outra designação específica, pelo mesmo autor, em 1973, acrescentando tratar-se de “a weed in flower-beds in the new park near the Casino, above the Funchal harbour”.

[Um arbusto desta mesma família, semelhante ao massaroco (*Echium nervosum* Ait.) mas de flores rosa-avermelhadas, que encontrámos no pico do Castelo, no Porto Santo, em Março de 1977 e que havia sido identificado por HANSEN (informação pessoal de 4 de Abril do mesmo ano) como sendo um híbrido entre *Echium striatum* L. fil. e *E. virescens* DC., devendo ser considerado planta introduzida e naturalizada, foi estudado por CARVALHO, JARDIM & BATISTA-MARQUES (*in prep.*), do Centro de Ciências Biológicas e Geológicas, da Universidade da Madeira, que concluíram, após longas observações em material colhido no pico Branco (Porto Santo), onde esta planta também ocorre, que se trata de um endemismo daquela Ilha: *Echium portosanctensis*].

CACTACEAE

Opuntia ficus-barbarica A. Berger – É espécie da América Tropical, introduzida e cultivada na Madeira desde o século XIX, provavelmente por ser planta suculenta com certo interesse ornamental, pelo exotismo das suas formas e pelos frutos comestíveis (tabaibos), embora muitíssimo menos comum que a muito semelhante espécie seguinte. Aparece poucas vezes fugida de cultura e, de certo modo, naturalizada em encostas rochosas e incultos soalheiros das zonas baixas da Madeira e Porto Santo e, também, das Desertas. Mais robusta e alta do que a *O. tuna*, difere desta também por ser pouco ou nada espinhosa nos ramos (artículos) e estes não se destacarem com facilidade. É também cultivada, ocorrendo como fugida de cultura, em Portugal Continental, onde é conhecida por figueira-da-índia.

Opuntia tuna (L.) Mill. – É a tabaibeira comum, perfeitamente naturalizada nas zonas baixas da Madeira, nos terrenos secos e soalheiros, incultos, onde vegeta o

feno, com quem forma comunidades extensas, sobretudo no sudeste da Ilha; também ocorre em encostas, arribas e falésias. Do mesmo modo, aparece no Porto Santo e na Deserta Grande, ainda com o estatuto de naturalizada. Assinalada, em 1864, por LOWE, continua a ser muito cultivada para a produção dos frutos, os característicos e vulgares tabaibos, doces e sumarentos, embora com muitas sementes duras, de grande consumo entre os madeirenses. A introdução na Madeira desta espécie frutícola, perene, suculenta, tão rústica, nativa da Jamaica, parece ter-se processado nos princípios do século XVIII, e já era muito comum quando foi introduzida na Ilha a cochonilha ou cochonilha, *Dactylopius coccus* (Costa), nos começos do 2º quartel do século XIX, com o fim de ser criada sobre a tabaibeira, para a obtenção do carmim ou vermelho-cochonilha, indústria que, aliás, nunca chegou a florescer na Madeira, embora o insecto se tenha desenvolvido e continue a disseminar sobre aquele seu hospedeiro. A expansão e naturalização da *O. tuna*, no litoral sul, sobretudo da Madeira, tem também contribuído fortemente para a alteração da vegetação e da paisagem natural da zona mais baixa, até cerca de 300 m de altitude. Esta espécie é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental, aí recebendo o nome de figueira-da-índia, tal como a espécie anterior.

Desta grande família das cactáceas ou dos cactos, de que se cultivam, no arquipélago da Madeira, muitas espécies ornamentais, em jardins e parques e, também, em vasos, ocorre, algumas vezes, fugida de cultura, a espécie *Hylocereus triangularis* (L.) Britton & Rose, das Índias Ocidentais, um conhecido cacto-de-correr, que LOWE (1864) assinalou para a Madeira, sob o binome *Cereus triangularis* (L.), como espécie já aclimatada no Funchal e a que também chamam rainha-da-noite; é planta muito robusta, de caules triangulares, que se agarram aos suportes (sobretudo paredes ou rochas) por meio das abundantes raízes aéreas e que produz grandes e bonitas flores, branco-amareladas, nocturnas, planta que se pode ver nalguns sítios rochosos e escarpados do Funchal e arredores.

CAMPANULACEAE

Campanula lusitanica L. – TEBBS (1994) assinala esta espécie herbácea e a seguinte como introduzidas na Madeira e subespontâneas na Ilha. Esta *Campanula* foi encontrada, pela primeira vez, na Madeira, em 1972, por HANSEN, em “Fajã da Nogueira Valley, on roadsides near the new power-station”, conforme refere, em 1974, acrescentando “a surprising find of this annual plant only known from the Iberian Peninsula; it may be represent a very recent introduction into Madeira, and probably may be connected with the building of the power-station”. É espécie muito rara na Ilha que só tem ocorrido nessa localidade, sendo caracterizada pelo seu pequeno porte (até cerca de 40 cm de altura) e por ser quase sempre ramosa e flexuosa, por vezes, pubescente,

com as folhas arredondadas a elípticas ou ovadas e com as flores, mais ou menos, numerosas e afuniladas, azuis, até 2 cm de comprimento. É espontânea em Portugal Continental, donde deve ter provindo acidentalmente.

Jasione montana L. – Foi, também, HANSEN (1978) quem colheu esta espécie, pela primeira vez, na Madeira (Santo da Serra) e a assinalou “as a weed in plant-nursery belonging to the Forestry Department’s local station... most likely introduced with some foreign plants or seeds”. Naturalizada nesse local, é espécie muito rara na Ilha, ao contrário de Portugal Continental, onde é espontânea e frequente e donde, também, deve ter sido involuntariamente introduzida. É planta anual ou bienal, até perto de 50 cm de altura, geralmente pubescente e ramosa, de folhas lineares a lanceoladas ou oblongas, planas ou onduladas, de margens pouco espessas, por vezes com papilas, e flores azuis, pequenas (até mais de 5 mm), em inflorescências (capítulos) globosas, até 2 cm de diâmetro. Originária da Europa e da Região Mediterrânica, é dada como provavelmente espontânea nos Açores (Faial).

Legousia hybrida (L.) Delarbre – Esta pequena erva anual, pubescente, verde-acinzentada, de flores insignificantes, purpúreas a lilazes, foi introduzida há muitos anos na Madeira, sendo desde sempre bastante rara mas encontra-se perfeitamente naturalizada em áreas muito limitadas, conforme foi referido por LOWE (1868), que usou o binome *Specularia hybrida* (L.). Na altura, este botânico indicava, como locais de ocorrência, “borders of cornfields on the Cabo Girão” e “pico de S. Gonçalo”. Continua a aparecer, com escassa frequência, em incultos e terrenos agrícolas abandonados, nos arredores do Funchal, como no pico dos Barcelos. É espécie europeia, espontânea em Portugal Continental. Alguns botânicos consideram, também, esta planta, indígena na Madeira.

Lobelia erinus L. – É planta sul-africana, herbácea, pequena, muito ornamental e cultivada há muito tempo na Madeira, em vasos e em jardins. Conhecida vulgarmente por luizinhas e lobélia, tem vistosa floração predominantemente azul-escura e, menos vezes, branca, rosada ou púrpura. MENEZES (1926a) foi quem primeiro a referenciou para a Ilha, dizendo tratar-se de “planta subespontânea e também muito cultivada nos jardins”, encontrada pelo P.^e JOSÉ GONÇALVES da COSTA, no Porto Moniz. Ocorre, como naturalizada, com pouca frequência e, principalmente, na área do Funchal, nas proximidades de jardins e em muretes ou muros de suporte de terras e taludes pedregosos ou rochosos, húmidos. Nos Açores, aparece fugida de cultura.

Lobelia laxiflora Kunth – É planta arbustiva, até mais de 1,5 m de altura, que foi em tempos e é, ainda, cultivada, em jardins, pela sua valia ornamental, sobretudo pela folhagem abundante e persistente e floração vistosa, vermelho-escarlata e amarela.

As folhas, medianas a grandes, são quase sempre lanceoladas, inteiras, de margem serrada e as flores, mais ou menos tubulosas, com cerca de 3 cm de comprimento, são axilares e providas de pedúnculos muito longos. Foi GRABHAM (1942) quem, primeiramente, falou desta espécie introduzida na Madeira, dizendo já nessa altura “has run wild about Funchal”. Hoje é bastante rara, mas ocorre, naturalizada, em jardins públicos e privados e outros locais, mais ou menos húmidos (Monte, Camacha), e em incultos das médias altitudes, nas proximidades das habitações. É planta originária do México.

Trachelium caeruleum L. subsp. *caeruleum* – Esta planta mediterrânica, herbácea, perene, de certo interesse ornamental, pelas suas grandes e densas inflorescências, de numerosas mas pequenas flores, mais ou menos perfumadas, de tons azul-violáceos a lilacíneos, foi em tempos cultivada em jardins, sobretudo do Funchal, mas hoje é, apenas, subespontânea, perfeitamente naturalizada em locais rochosos, taludes de ribeiras ou sobranceiros a levadas e em paredes, bem expostos ao sol, em sítios mais ou menos húmidos, desde a beira-mar até mais de 1000 m de altitude; em certos pontos, de baixa altitude, onde predominam os tufos vulcânicos, em penhascos ou arribas, a traquélia aparece frequentemente, também em companhia da espécie endémica madeirense *Musschia aurea* (L. fil.) Dumort. A propósito da traquélia, LOWE, em 1868, afirmava ainda a sua extrema raridade “in several gardens an and about Funchal quite a weed, and perfectly naturalized on the river-wall of the Rib. de Santa Luzia under the house of the late Mr. Consul Veitch”; e acrescentava que devia ter sido introduzida na Madeira por volta de 1840. Também MENEZES, em 1914, referia que esta planta era, ainda nessa altura, muito rara, mas GRABHAM (1934 e 1942), além de manifestar a opinião de se tratar de “an attractive plant”, já dizia que era comum nas zonas baixas mas especialmente no Funchal. É subespécie espontânea em Portugal Continental (onde lhe chamam viúvas e flor-de-viúva) e subespontânea nos Açores.

Uma planta campanulácea, introduzida e cultivada no arquipélago madeirense, rara e que tem revelado certa subespontaneidade mas que não se considera naturalizada, devendo-lhe ser melhor atribuída a classificação de fugida de cultura é a *Canarina canariensis* (L.) Vatke, interessante planta herbácea, endémica de Canárias, mais ou menos trepadora, de forte raiz tuberosa, ramos um pouco carnudos, que se renovam todos os anos, folhas glaucas, medianas a grandes, quase sempre triangulares e flores atraentes, como sinos (com mais de 5 cm de diâmetro de “boca”), de cor alaranjada, com listras castanho-purpúreas, introduzida na Madeira pelo seu interesse decorativo há mais de 80 anos (GRABHAM (1926), dizia que esta planta tinha sido “recently brought here”) e que ocorre, com raridade, nalgumas quintas e parques madeirenses, sobretudo no Funchal.

CAPRIFOLIACEAE

Lonicera etrusca Santi var. *glabra* Lowe – É planta arbustiva, lenhosa, totalmente glabra, de longos e flexíveis ramos, como uma trepadeira, e de flores atraentes, perfumadas, características, conhecida vulgarmente por madressilva, nome por que são também chamadas outras espécies semelhantes que existem cultivadas na Madeira. Esta, a que nos estamos a referir, é tida como espontânea na Ilha, por alguns autores, mas LOWE (1868), MENEZES (1914), HANSEN (1969b) e muitos outros dão-na como introduzida e perfeitamente naturalizada; PRESS (1994) escreve “possibly naturalized on banks and in hedges throughout Madeira but always close to cultivated ground”. É planta frequente, geralmente entre os 400 e 900 m de altitude, vendo-se em encostas e taludes, pinhais e outras matas e nas beiras de caminhos; também cultivada em jardins, embora hoje raramente. Originária do sul da Europa, é espontânea em Portugal Continental e subespontânea nos Açores.

Lonicera japonica Thunb. – Também trepadeira, de caules muito compridos e flores perfumadas, branco-amareladas, por vezes com tons purpúreos, esta madressilva, da Ásia Oriental, aparece mais como cultivada em jardins e fugida de cultura, do que perfeitamente naturalizada, situação que apenas ocorre nalguns caminhos, muros e perto das habitações, localmente, aqui e acolá, por toda a Ilha, mas sobretudo nos arredores do Funchal e no Santo da Serra. Introduzida possivelmente já no século XX (talvez nos anos 30 ou 40), na Madeira, é também cultivada como ornamental, aparecendo como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores. FERNANDES (1956) assinalou-a, pela primeira vez, para a Madeira.

Sambucus ebulus L. – Espécie herbácea, rizomatosa, mais ou menos robusta, vivaz, de grandes folhas, recortadas e caducas, e pequenas flores brancas, em inflorescências, é planta introduzida, devendo ter sido em tempos cultivada, com fins de medicina caseira. Já reconhecida por LOWE (1868) como perfeitamente naturalizada na Ilha, embora rara, ocorre hoje, sobretudo, em lugares sombrios e húmidos, até cerca de 700 m de altitude, por vezes em aterros e nas beiras dos caminhos e das estradas da costa norte. Espécie europeia e asiática, é conhecida na Madeira, vulgarmente, por engos e, segundo LOWE, é “used by the country people in fomentations for bruises or contusions”; é espontânea em Portugal Continental e aí é conhecida por ébulo e sabugueirinho.

Sambucus nigra L. – Espécie arbustiva a arborescente, muito semelhante ao sabugueiro endémico na Ilha (*Sambucus lanceolata* R. Br.), e a que o povo dá o mesmo nome vulgar, “occurs in Madeira as an originally introduced garden plant, but sometimes escapes from gardens, and as such it was found in Monte above Funchal in 1976” (HANSEN, 1978). Mas PRESS (1994), acrescenta que esta planta, além de ser ocasio-

nalmente cultivada em jardins, ocorre também naturalizada em margens de estradas e caminhos, nos arredores do Funchal. Nativo da Europa e da Ásia Ocidental, este sabugueiro, de folhas pubescentes, flores branco-amareladas, muito aromáticas e bagas negras, deve ter sido introduzido recentemente por ser planta medicinal (as flores são diuréticas, sudoríficas e emolientes), de uso comum em Portugal Continental e nos Açores, onde é espontâneo e onde, também, lhe chamam sabugo e rosa-de-bem-fazer. Não é planta muito frequente, mesmo cultivada, e substitui muitas vezes o sabugueiro madeirense, também de méritos reconhecidos na medicina caseira.

CARYOPHYLLACEAE

Corrigiola litoralis L. – Pequena planta herbácea, glauca, anual ou bienal, de caules prostrados, com numerosas e pequenas flores esbranquiçadas, colhida por nós, pela primeira vez, na Madeira, na Quinta do Santo da Serra, em 1957, o que sugere ter sido introduzida recentemente na Ilha. HANSEN (1974) reafirmou a sua presença aí, em 1973, e concluiu então pela sua naturalização, embora sendo espécie rara, confinada a terras cultivadas daquela pequena área húmida (cerca de 600 m de altitude). Espécie europeia, é espontânea em Portugal Continental.

Saponaria officinalis L. – Esta espécie foi observada na Madeira por FORSTER, em 1772, e consta do trabalho que publicou em 1787, sobre que MENEZES (1922a), teceu judiciosas considerações e a que já nos referimos anteriormente. É planta de jardim, perene, de flores grandes, rosadas, em inflorescências compactas, introduzida provavelmente pela sua valia decorativa e que, depois, se naturalizou, em vários locais da Madeira, onde a têm colhido alguns naturalistas, conforme refere MENEZES (1926a); hoje, ainda a podemos encontrar, tanto em cultura como subespontânea, em meios rurais (Calheta, Ponta do Pargo, Santana), nas proximidades de jardins e em incultos e margens de caminhos e estradas. Espécie europeia, é espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por erva-saboeira.

Silene noctiflora L. – Espécie herbácea, anual, com certo interesse ornamental, pelas suas curiosas flores rosadas, possivelmente introduzida muito recentemente na Madeira, foi assinalada por HANSEN (1969b), sob o binome *Melandrium noctiflorum* (L.) Fr., que a havia colhido, pela primeira vez, no ano anterior, na Quinta do Palheiro Ferreiro, nos jardins. Embora rara, esta planta europeia deve já considerar-se naturalizada, com tendência a expandir-se, sobretudo em locais húmidos das altitudes médias da Ilha.

Além destas espécies de cariofiláceas, outras têm sido assinaladas como introduzidas e cultivadas e aparecendo, aqui e acolá, de quando em vez, na Madeira,

como fugidas de cultura ou, então, não cultivadas e meramente casuais. Assim tem sucedido com *Gypsophila elegans* M. Bieb., chamada vulgarmente gipsofila, uma planta anual, de jardim, muito comum, nativa do Cáucaso, cujas elegantes hastes, com numerosas e pequenas flores brancas, são muito utilizadas em “bouquets” e arranjos florais, e que HANSEN colheu em 1968, em incultos; com *Lychnis coronaria* Desr., uma planta europeia e asiática, de jardim, geralmente bienal, que assinalamos, agora, pela primeira vez, mas que é, há muito, cultivada na Madeira, até acima dos 700 m de altitude, de caules, ramos e folhagem revestidos de um tomento esbranquiçado e flores medianas, rosa-avermelhadas, atraentes, que ocorre raramente nas proximidades de jardins e em matas, às vezes, a mais de 1000 m de altitude, como no montado do Barreiro (e que pode surgir escapada dos jardins, em Portugal Continental, onde a conhecem como candelária-dos-jardins, beijos-de-freira e orelha-de-lebre); com *Silene armeria* L., uma planta anual ou bienal de jardim, do sul da Europa, hoje pouco cultivada, de folhas verde-glaucas e de flores vistosas, rosadas a rosa-avermelhadas, que raramente aparece nas proximidades de jardins (HANSEN assinalou-a, pela primeira vez, em 1978, tendo feito colheitas em 1972), tal como em Portugal Continental, onde lhe chamam alfinetes e nos Açores; e com *Vaccaria hispanica* (Mill.) Rauschert, uma planta anual, afim da erva-saboeira (*Saponaria officinalis*), também europeia, de flores rosadas, menos comum e conhecida que as anteriores e que HANSEN (1974), assinalou como *V. pyramidata* Medik., tendo-a colhido em incultos no Funchal (porto), como casual.

Da família CASUARINACEAE, uma espécie arbórea, introduzida e muito cultivada na Madeira, principalmente nas zonas baixas do Funchal, desde há vários anos (GRABHAM (1926), refere-a como bastante comum em muitos jardins), *Casuarina equisetifolia* L., conhecida por casuarina, nativa da Austrália, da Ásia Meridional e da África, ocorre, por vezes, como escapada dos locais de cultura, sobretudo nas suas proximidades, não se podendo, todavia, considerá-la naturalizada. Trata-se de árvore muito rústica que atinge, quase sempre, grandes dimensões e apresenta raminhos muito delgados, 6-8 pequeníssimas folhas (geralmente 7) que mal se distinguem e infrutescências numerosas, como pequenas pinhas, mais ou menos globosas a um pouco ovóides, com algo mais de 1 cm na maior dimensão e que, quando maduras, são acastanhadas e se abrem para deixar sair as muitas sementes férteis que contêm.

CHENOPODIACEAE

Atriplex halimus L. – Arbusto, até mais de 2 m, muito ramoso, de folhagem verde-prateada, persistente, formando, com facilidade e rapidez, bardos ou moitas, foi introduzido no Porto Santo nos começos da década de 50, pelo Sr. ARTUR BARROS e

SOUSA, que solicitou de seu irmão, vivendo em Portugal Continental, o Eng.º ABÍLIO BARROS e SOUSA (o mesmo que elaborou um plano de arborização para o montado do Barreiro, da Câmara Municipal do Funchal), plantas para cultivo e adaptação naquela Ilha. A partir dessas primeiras plantas, os particulares e os Serviços Florestais fizeram grande propagação e a espécie tornou-se subspontânea e naturalizou-se perfeitamente, sendo hoje muito comum e abundante em toda a Ilha, não só nas zonas mais baixas e do litoral mas também em locais de maior altitude. Conhecida por salgadeira, a espécie foi assinalada por um botânico, apenas em 1970 (HANSEN), o qual a havia colhido, pela primeira vez, no ano anterior. Nativa da Região Mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental.

Atriplex rosea L. – Esta planta robusta, erecta, ramosa, de porte mediano, farinosa, de caules e ramos roliços e esbranquiçados, deve ter sido introduzida, acidentalmente, em Porto Santo, onde foi, pela primeira vez, observada por nós, em Agosto de 1999. Desconhecida, ainda, na ilha da Madeira é, provavelmente, muito rara naquela outra Ilha, encontrando-se em incultos e terrenos agrícolas abandonados, à margem da Estrada Regional, entre os sítios do Campo de Baixo e Cabeço da Ponta. Os caules tornam-se, quase sempre, um pouco lenhosos e as folhas, acinzentadas, medem, no máximo, até 6 cm de comprimento e 3 cm de largura e são, geralmente, ovadas a ovado-romboidais ou rombóide-triangulares e caracteristicamente sinuado-dentadas; as flores, que surgem no Verão, são unisexuais e pouco vistosas, sendo as flores femininas envolvidas por duas pequenas brácteas, que endurecem na maturação. Esta planta, nativa das costas marítimas da Europa, Ásia e África, é indígena em Portugal Continental.

Beta vulgaris L. subsp. *cicla* (L.) W. D. J. Koch – É a vulgar acelga, celga ou celca, desde há muito cultivada na Madeira e, também, no Porto Santo, como planta alimentícia, surgindo frequentemente como naturalizada, tanto em terras cultivadas, como em incultos, aterros e entulhos na área agrícola da Região, sobretudo abaixo dos 600 m de altitude. É planta anual ou bienal, erecta e robusta, de raízes não carnudas e folhas grandes, verdes a verde-amareladas, que MENEZES (1914) já referiu como subspontânea no Arquipélago e que tem o mesmo comportamento em Portugal Continental e nos Açores, ocorrendo aí, nalguns locais, como casual. Parece ser planta europeia e mediterrânica.

Algumas outras espécies herbáceas desta família das quenopodiáceas têm sido dadas como introduzidas e naturalizadas ou casuais e, hoje, apenas as podemos considerar com este último estatuto e sempre com extrema raridade: *Chenopodium giganteum* D. Don, do norte da Índia, uma espécie com relativo valor ornamental, pelas inflorescências tintas de vermelho-púrpura e de que, segundo PRESS (1994),

não há dados recentes sobre a sua actual presença na Ilha; *Chenopodium vulvaria* L., uma erva anual, mediterrânica, acinzentada, colhida, pela primeira vez, em 1973, por HANSEN, nos viveiros florestais do Porto Santo; *Kochia scoparia* (L.) Schrad., uma planta de jardim e de vaso, anual, muito cultivada, sobretudo no Porto Santo, há mais de 50 anos, conhecida como pinheirinho e que surge, escapada dos locais de cultivo, em incultos, nas proximidades das habitações (em Portugal Continental, esta espécie europeia e asiática ocorre fugida de cultura e é aí conhecida por valverde); e, também, *Nucularia perrini* Batt., uma pequena planta subarbusciva, descoberta por MONOD (1990), em 1986, no Ilhéu de Fora (Selvagens) e referenciada com a indicação de se tratar “d’une plante saharienne” e de que “il ne peut s’agir que d’une introduction accidentelle” e sobre que, também PRESS (1994) manifesta a opinião de “it is probably not established on the island”.

CISTACEAE

Cistus psilosepalus Sweet – Planta, provavelmente, introduzida na Madeira e no Porto Santo há relativamente pouco tempo (talvez fins dos anos 40), foi primeiramente assinalada por FERNANDES (1956), sob o binome *Cistus hirsutus* Lam., quando identificou material herborizado na Madeira, em 1953, e depois por HANSEN (1974), que estudou muito material por nós colhido, entre 1962 e 1963, em vários locais da Ilha e, em 1958, no Porto Santo. Este curioso e pequeno arbusto, de graciosas flores brancas, nativo da Península Ibérica, pode ter sido introduzido por meio de sementes que se encontrassem misturadas com outras de espécies a cultivar no Arquipélago e provenientes de Portugal Continental (de pinheiro-bravo, giesta, acácias, etc.). Encontra-se, com relativa frequência, na Madeira, sobretudo dos 300 m até acima dos 1000 m de altitude, em terrenos incultos, matos e pinhais, margens de caminhos e estradas, veredas, etc.; no Porto Santo, vimo-lo apenas numa pequena área na encosta norte do pico do Castelo. É espécie indígena em Portugal Continental.

Duas outras espécies de cistáceas, assinaladas por SHORT (1994), têm sido referidas para a Madeira, como introduzidas, mas com o estatuto de casuais e provavelmente não se encontrando mais no Arquipélago ou sendo raríssimas. São *Cistus ladanifer* L., a esteva, originária do sudoeste europeu, de grandes flores brancas, por vezes maculadas, que foi semeada, em tempos (anos 50 e 60), por ser planta melífera e que, apesar de viscosa, tem certo interesse ornamental, até para a ocupação de terras pedregosas, no Porto Santo e na Madeira; e *C. salvifolius* L., espécie mediterrânica, que, segundo HANSEN (1974), é a espécie a que pertencem os exemplares herborizados pelo P.^o JOSÉ GONÇALVES da COSTA, em 1933 e 1934, respectivamente, no Fanal e na Ribeira da Janela, e sobre a qual opina o mesmo botânico dinamarquês: “it has most likely been introduced accidentally and perhaps has disappeared again”.

COMPOSITAE (ASTERACEAE)

Achillea millefolium L. – Espécie herbácea, perene, de reconhecido interesse medicinal e ornamental, deve ter sido introduzida há muitos anos, conforme diz LOWE (1868), que afirma ter ocorrido, a sua introdução, na Madeira, “from England 40 or 50 years ago”; apesar de não ser hoje tão comum como outrora, é ainda cultivada, encontrando-se perfeitamente naturalizada nalguns locais da Ilha (incultos, jardins, arrelvados, margens de caminhos), sobretudo das médias altitudes (400 a 1000 m), tanto da costa norte, como da sul. Vulgarizada com os nomes populares de feiteirinha e macelão, esta erva pubescente, de folhagem muito dividida e abundante floração branca, pode também ter sido introduzida de Portugal Continental, onde é espontânea (e também cultivada), sendo aí conhecida por milefólio. É originária da Europa e da Ásia.

Ageratina adenophora (Spreng.) R. King & H. Rob. – Conhecida vulgarmente por abundância e, também, no passado e em certas localidades da Madeira, por inça-muito, esta planta herbácea foi referida em 1926, por GRABHAM (embora sob outra denominação científica), que dela disse: “A noxious species of *Eupatorium* introduced less than 100 years ago, has over-run the island (*E. adenophorum*)”. Todavia, LOWE (1868) já havia dito que esta espécie tinha sido introduzida na Madeira pouco antes de 1840, acrescentando que foi “first noticed on the walls of the Rib. de Santa Luzia in Funchal, below the house of a former British Consul, Mr. Veitch, from whose garden, supplied with pl. and seeds occasionally by the Horticultural Society of London, it was probably thus at first a straggler”; e mais referia que : “this pl. had even in 1855 already spread in vast profusion ever all the neighbourhood of Funchal and elsewhere, even in the N. of the island up to an elevation of 2000 or 3000 ft. or more, forming in some places, hedges about cottage gardens, and in ravines (as up the Rib. de Santa Luzia almost to the foot of the great waterfall) thickly clothing the wet dripping perpendicular cliffs in many places as if perfectly indigenous”.

Hoje, a planta já não tem o interesse ornamental que esteve certamente na base da sua introdução e apenas serve para enterrar como adubo verde ou, em muito pequena escala, e sem qualquer fundamento científico, antes pelo contrário, como planta não tradicional da medicina caseira. Não é já mais cultivada mas tem continuado a expandir-se e está perfeitamente naturalizada, desde a beira-mar até mais de 1100 m de altitude na Madeira, sendo pouco frequente e recente no Porto Santo. Incultos, paredes de suporte de terras e de canalização de cursos de água, leitos de ribeiros ou córregos, terrenos cultivados, aterros, escarpas rochosas, matas de exóticas, *Laurisilva*, tudo tem sido invadido por esta verdadeira praga – uma espécie nativa do México, das Índias Ocidentais e das Ilhas do Pacífico, que está também presente em Portugal Continental e nos Açores, onde é subespontânea, sendo neste Arquipélago conhecida vulgarmente por milho-cozido.

Pelos prejuízos que causa, com a sua presença, nos terrenos agrícolas e pelos distúrbios que provoca tanto na vegetação autóctone da beira-mar, como na própria floresta indígena, tão peculiar, iniciámos, em 1962, um processo de luta biológica contra esta infestante. Aproveitando a estadia na Madeira do entomologista americano NOEL KRAUSS, nos começos dos anos 60, que veio a esta Ilha em busca de insectos inimigos da *Myrica faya* Aiton (a nossa conhecida faia, indígena da Madeira e não só, que é uma planta invasora e altamente prejudicial em Havai), o qual logo se prontificou a colaborar connosco, pedimos-lhe que nos fosse enviado para a Madeira um insecto útil, uma espécie de mosca (*Procecidochares utilis* Stone), conhecido díptero parasita específico e eficaz da abundância nos seus países de origem e também em Havai. Em 3 de Agosto de 1962, recebemos a esperada encomenda, proveniente de Entomology Branch, State Dept. of Agriculture, Pawaa Station, Honolulu, por via aérea (vários insectos em fase de pupa e algumas larvas em galhas), tendo-se feito, depois, entre 7 e 15 desse mês, as largadas dos insectos adultos, entretanto formados, nas encostas da Ribeira de João Gomes (propriedade afecta ao Jardim Botânico da Madeira). A expansão do benéfico insecto tem-se feito progressivamente, com maior visibilidade a partir de 1970, e hoje vêem-se muitíssimas plantas de abundância parasitadas, mostrando as galhas características nos seus caules ou ramificações, mesmo em altitudes acima dos 1000 m e em plena *Laurisilva* ou em áreas ocupadas com matas de exóticas (pinheiros, eucaliptos, acácias). A utilização deste tipo de luta biológica, com o fim de restringir o avanço duma verdadeira invasora, foi e é um processo muito económico; espera-se que, no futuro, este caso seja ainda mais eficaz, tendo como consequência uma muito maior diminuição na floração e formação de sementes da *Ageratina adenophora* e acabe por reduzir esta espécie a uma planta inofensiva.

Ageratina riparia (Regel) R. King & H. Rob. – Menos robusta e difundida que a espécie anterior, mas já muito comum, esta é de introdução muito mais recente, naturalmente também como planta ornamental, e só foi vista, como subspontânea, pela primeira vez, em Julho de 1962, por KRAUSS (1963), muito embora nos recordemos da sua presença, por volta de 1952, em levadas e beiras de tanques na Quinta Reid ou do Bom Sucesso, quando esta propriedade foi adquirida pela Junta-Geral. Está perfeitamente naturalizada nas zonas baixas e médias da Madeira, tanto no Funchal e seus arredores, como nos concelhos rurais, subindo porém, até mais de 1000 m de altitude, como no montado do Barreiro (Parque Ecológico). Surge principalmente em matas e em locais húmidos, nas margens, leitos e muros de linhas de água e levadas, mas aparece também em encostas e sítios bem mais secos. É nativa da América Central.

Pode afirmar-se que a *A. riparia*, espécie herbácea e perene, está em expansão, e que, embora afim da abundância, com farta e semelhante floração branca, não é atacada pelo insecto “controlador” da espécie anterior.

Ageratum conyzoides L. subsp. *conyzoides* – É planta herbácea, anual, pubescente, um tanto fétida, de pouco interesse ornamental, mas deve ter sido essa a razão da sua introdução na Madeira. De planta de jardim, tornou-se subespontânea, aparecendo nas zonas baixas da Ilha, sobretudo na costa sul e pouco naturalizada nalguns locais húmidos, junto de ribeiros e córregos, terrenos de cultura, margens de caminhos, etc. Vimola, até, em plena praia (“calhau”) do Lugar de Baixo (Ponta do Sol) e da Madalena do Mar. A sua floração branca assemelha-se à da abundância. Hoje é planta rara, certamente bastante mais do que no tempo em que foi assinalada por LOWE (1868) e MENEZES (1914) em que era dada como comum. Este agerato é planta nativa das Regiões Tropicais.

Ageratum houstonianum Mill. – Espécie herbácea, anual, introduzida, como a anterior, há mais de 100 anos na Madeira, para ser cultivada como planta de jardim, facto que ainda hoje ocorre, frequentemente, pela graciosidade das suas numerosas e pequenas flores azuis. LOWE refere-a já, em 1868, “about cottages in fences and on banks by roadsides etc., quite naturalized locally here and there”, sob a designação específica sinónima *A. mexicanum* Sims. Tanto este autor como MENEZES (1914) apontam a sua raridade como planta subespontânea mas GRABHAM (1942) reafirma que este agerato “run wild in Madeira” e que “is often seen by the wayside and in river beds”. Pode afirmar-se que actualmente, na Ilha, esta espécie só se encontra naturalizada em poucos locais húmidos das zonas baixas da costa sul, particularmente nas margens e leitos assoreados dalguns cursos de água. Nativa do México, esta espécie, também cultivada em Portugal Continental e nos Açores, surge aí, por vezes, como subespontânea.

Ambrosia artemisifolia L. – Espécie hoje muitíssimo rara na Madeira e, segundo PRESS (1994), “possibly reintroduced from Europe”, tem sido encontrada ultimamente no Porto Moniz, em terras cultivadas. Todavia, LOWE, em 1868, já havia citado esta erva anual e pubescente, de flores pequenas, esverdeadas, nada atraentes, também como raríssima e localizada na Ponta do Pargo “in a single small plot of cultivated ground... plentifully and quite naturalized”; e acentuava que a *A. elatior* L. (como então a denominou) havia sido primeiramente descoberta em 1861, por J. M. MONIZ. Nativa da América do Norte, esta espécie é também subespontânea em Portugal Continental.

Anthemis cotula L. – Esta espécie, herbácea e anual, tida como introduzida na Madeira há já muito tempo, foi referida por LOWE (1868), sendo bastante cultivada como ornamental e medicinal. Tornou-se, depois, subespontânea e perfeitamente naturalizada nalguns locais incultos, margens de caminhos, terras cultivadas, tanto da costa norte como da sul mas, sobretudo, nas zonas mais baixas e de média altitude, às

vezes até acima de 800 m; aparece também em Porto Santo. Apesar de manter um certo interesse decorativo, pelas suas folhas recortadas e numerosas flores brancas, como pequenos malmequeres, esta planta, que o povo conhece por margaça, não é mais cultivada na Região. Originária da Europa, do norte de África e da Ásia Ocidental, é indígena em Portugal Continental e nos Açores, sendo aí conhecida por macela-fétida e funcho-de-burro, respectivamente.

Arctotis venusta Norl. – Possivelmente introduzida ainda no primeiro quartel do século XX, é referida, em 1934 e 1942, por GRABHAM, como sendo cultivada na Madeira, tendo utilizado então a designação específica de *A. grandis* Thunb. Acrescenta o mesmo autor que, já, nessas datas, “this plant is running wild in the suburbs of Funchal”. Hoje, esta espécie de grande valia ornamental continua a ser muito cultivada em jardins, parques e recantos, taludes e canteiros nas margens de estradas, até acima dos 900 m de altitude. Aparece frequentemente fugida de cultura e, nalguns locais, pode considerar-se já naturalizada, sobretudo nas médias altitudes (500-900 m). Nativa da África do Sul, esta planta, de flores (capítulos) grandes, algo semelhantes a gerberas de médio tamanho, também ocorre, em Portugal Continental, como subespontânea.

Artemisia verlotiorum Lamotte – Erva vivaz, provavelmente introduzida por acidente, há poucos anos, na Madeira, foi por nós vista e colhida, pela primeira vez, em 1981, em terrenos incultos, muros e calçadas, no Jardim Botânico e suas proximidades (Bom Sucesso), e identificada e assinalada por HANSEN (1987). Este botânico afirmou, então, sobre esta rara artemísia, de caules pubescentes e folhas recortadas, verde-escuras na página superior e esbranquiçado-tomentosas na inferior e flores numerosas e pequenas, acastanhadas ou castanho-avermelhadas, em capítulos dispostos em panícula ampla, que se tratava de “an alien new to Madeira and a perennial plant from SW. China, Asia, and at present known as an established weed in some countries of W. and C. Europe; introduced also in NW. Africa and in S. America”. Temo-la encontrado naturalizada, noutros locais, também em terrenos cultivados (logradouro do Bairro do Hospital e arredores) sempre na área do Funchal. Ocorre, também, como subespontânea, em Portugal Continental.

Aster squamatus (Spreng.) Hieron. – Apesar de a sua existência no Arquipélago ter, provavelmente, pouco mais de 30 anos, esta espécie tem-se expandido extraordinariamente devido à abundante floração e à enorme produção e dispersão dos seus pequeninos frutos (cipselas). Pode vir a perturbar fortemente a vegetação madeirense, em particular a *Laurisilva*, embora esta planta, até hoje se tenha confinado às zonas baixas da costa sul, da Calheta ao Caniçal, em incultos, aterros, entulhos, margens de caminhos, pavimentos empedrados, leitões e margens de ribeiros, jardins e terras cultivadas ou aráveis.

Foi o botânico HANSEN (1969b) quem primeiro assinalou esta espécie na Madeira e no Porto Santo, muito naturalmente pouco depois da sua introdução involuntária nestas Ilhas (a planta não tem qualquer mérito conhecido que justificasse uma introdução consciente). E, em 1974, este mesmo autor, surpreendido com a naturalização, a expansão e a dispersão da espécie na Madeira, afirmava: “Most likely it will be able to conquer the whole of Madeira in the next few decennia!”. Neste ano 2002, subscrevemos inteiramente esta opinião! Espécie nativa da América Central e da Meridional, este áster, de insignificantes mas inúmeras flores (capítulos), tem ocorrido também subespontaneamente em Portugal Continental, a partir de meados dos anos 50, e nos Açores.

Bellis perennis L. – Em 1868, LOWE escrevia sobre esta pequena e rara planta de jardim, com todas as folhas, basilares, em roseta, vulgarmente conhecida por margaridas, que havia sido “introd. originally with grass-seeds from England about the beginning of the present century by an English merchant, the late Mr. Willm. Casey, and thence transplanted to Camacha, and again by an English lady in 1851 or 1852 to the Fanal on the road from the Paúl to Rib. da Janella, where in 1855 it was becoming naturalized in the turf”. MENEZES (1914), GRABHAM (1934) e HANSEN (1969b) confirmaram o estatuto de espécie subespontânea e naturalizada nalguns locais húmidos da média altitude (de 500 a mais de 1000 m), mas outros autores conferem-lhe o estatuto de espontânea, tal como em Portugal Continental e nos Açores. Esta espécie, herbácea e perene, que é também algo cultivada, sob diversas variedades, algumas de capítulos maiores e dobrados, de diversas cores, bastante atraentes, continua a aparecer subespontaneamente em incultos, pavimentos empedrados, margens de caminhos, arrelvados e, muito raramente, em terras cultivadas. É espécie europeia e da Ásia Ocidental.

Bidens pilosa L. – MENEZES (1922a) afirma que a espécie vista em 1772, por FORSTER na Madeira, e assinalada na sua lista (1787) já referenciada, como *Coreopsis leucantha*, é *Bidens pilosa*, pelo que se conclui da sua longínqua introdução na Ilha. Também LOWE (1868) se refere a esta planta herbácea e anual como *Kerneria pilosa* (L.), dando-a como introduzida e perfeitamente naturalizada, muito vulgar em toda a área agrícola e social da Madeira, “in cult. ground, gardens, vineyards, by roadsides, etc., everywhere, a troublesome and universal weed”. Hoje, esta planta infestante, uma verdadeira praga dos terrenos cultivados, está ainda mais espalhada (recentemente já a vimos em Porto Santo) mas é, sobretudo, nas zonas baixas e médias e na costa sul da Madeira que aparece com maior intensidade e frequência, invadindo também incultos e terras abandonadas. Conhecida vulgarmente por amores-de-burro e, também, por setas e malpica, esta espécie sul-americana foi também introduzida nas Selvagens (LOWE, 1869) e é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, aqui recebendo os nomes de pica-pica, fura-capa e erva-carneira.

Calendula officinalis L. – Planta ainda hoje muito cultivada nos jardins madeirenses como planta de estação, é conhecida por cuidados e marigoldes. Utilizam-se diversas cultivares e híbridos, com médios a grandes capítulos, singelos ou dobrados, de tons desde esbranquiçados a amarelo-escuros ou alaranjados. Introduzida na Ilha, porventura no século XIX ou antes, foi assinalada por LOWE (1868), que além de referir o seu cultivo por toda a parte, mencionava o seu estatuto de naturalizada aqui e acolá, especialmente no Seixal. E assim continua, surgindo subespontaneamente nalguns locais incultos, geralmente nas proximidades das habitações e de jardins, sobretudo na Madeira, mas também em Porto Santo. De origem desconhecida, esta espécie aparece como casual em Portugal Continental, onde recebe o nome de maravilhas e é subespontânea nos Açores, onde é conhecida por bonina.

Carthamus tinctorius L. – Esta espécie, herbácea e anual, de folhas espinhosas e flores alaranjadas, que nunca deve ter sido vulgar no Arquipélago, foi introduzida e cultivada para fins de culinária e tinturaria, tornando-se subespontânea e seminaturalizada (LOWE, 1868) nalguns locais incultos, vinhas e searas da Madeira e do Porto Santo. Hoje é bastante rara nas duas Ilhas, tendo há muito deixado de ser cultivada. Aparece, sobretudo, em zonas de sequeiro, na costa sudeste da Madeira e é vulgarmente conhecida pelos nomes de açafraão e açafroa. Nativa da Ásia Ocidental, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde também lhe chamam açafior.

Centaurea sonchifolia L. – Em 1868, LOWE referia já esta espécie, herbácea e perene, de pequeno porte, provida de espinhos e floração purpúrea, com tons por vezes esbranquiçados, introduzida involuntariamente na Madeira, como muitíssimo rara, mas “completely naturalized amongst cornfields in one spot only of small extent along the Caniço Road”. MENEZES (1914) assinalou também esta espécie no mesmo local. Não se expandiu, ao que julgamos, desde então, pelo que continua raríssima e confinada àquele sítio. LOWE acrescenta que esta espécie já deve ter sido assinalada por MASSON, em 1777, sob o binome *C. romana*. *C. sonchifolia* é nativa da Região Mediterrânica Central e Oriental.

Centaurea sphaerocephala L. – Introduzida recentemente na Madeira, foi referida pela primeira vez, por HANSEN (1969a). PRESS (1994), reafirma que esta espécie rara está “naturalized on roadsides at a single locality at Camacha”. Julgamos que esta espécie europeia, herbácea e anual, afim da anterior (também indígena em Portugal Continental), igualmente espinhosa mas de folhas tomentosas e viscosas e de flores também purpúreas, por vezes esbranquiçadas, sem qualquer interesse conhecido, tal como *C. sonchifolia*, não tem grandes probabilidades de expansão, devendo limitar a sua área territorial aos pinhais e incultos mais próximos do local onde tem sido vista.

Centratherum muticum (Humb., Bonpl. & Kunth) Less. – Foi HANSEN (1970) quem primeiramente assinalou esta espécie, para a Madeira, tendo-a encontrado nos arredores do Funchal, em 1969. Trata-se de uma planta herbácea, anual, de jardim, pouco cultivada na Ilha, mas utilizada nalgumas quintas e que nelas se tornou subespontânea, parecendo perfeitamente naturalizada, como na Quinta da Palmeira; ocorre em terrenos ajardinados, incultos, passeios e calçadas e até em muretes. É planta de pequeno porte, folhas lanceoladas, até 5 cm de comprimento, com a margem serrada e floração pouco abundante mas muito interessante, com capítulos medianos (até mais de 2 cm de diâmetro), azul-arroxeados. É originária da América Central e Meridional, desde o México ao norte da Argentina.

Chamaemelum mixtum All. – Esta espécie, herbácea e anual, pubescente e ramosa, deve ter sido introduzida na Madeira, como planta medicinal e tornou-se subespontânea e naturalizada, sobretudo nas zonas baixas e nas de média altitude, até mais de 1000 m, em terrenos incultos ou aráveis, margens de caminhos e de levadas. Possui capítulos medianos, com o disco amarelo e flores marginais providas de lígulas brancas. Embora com grande dispersão, não é planta muito comum. Conhecida por margaça, só há pouco tempo foi assinalada em Porto Santo (HANSEN, 1974). LOWE (1868) já a viu completamente naturalizada em muitos locais, desde a beira-mar (Paúl do Mar) até sítios de elevada altitude (Rabaçal e Paúl da Serra). Nós observámo-la até no pico Ruivo, junto à casa de abrigo. Esta espécie foi descrita por LOWE como *Ormenis mixtus* (L.) e por MENEZES (1914) como *Anthemis mixta* L. Nativa da Região Mediterrânica, é indígena em Portugal Continental e subespontânea nos Açores.

Chamaemelum nobile (L.) All. var. *discoideum* (Boiss. ex Willk.) A. Fern. – É a vulgar macela, marcela, ou macela-de-botão, planta herbácea, aromática, vivaz, de pequeno porte e folhagem muito recortada, que os madeirenses bem conhecem e comumente utilizam na medicina caseira (através dos seus capítulos, pequenas “cabeças” amarelas, sem lígulas), pelas suas propriedades antiespasmódicas, estomacais, digestivas, estimulantes e tónicas e, também, anti-inflamatórias dos olhos. Nativa da Região Mediterrânica, deve ter sido introduzida há muito tempo (LOWE assinalou-a em 1868), sendo bastante cultivada em locais de média altitude (500-900 m de altitude) onde está, também, naturalizada, em incultos, pastos e terras cultivadas, sobretudo do sudeste da Ilha. Planta indígena em Portugal Continental e nos Açores é, também, assim considerada na Madeira por alguns autores que estudaram a respectiva flora.

Chrysanthemum coronarium L. – Esta espécie anual, conhecida vulgarmente no Porto Santo por pajito e, menos vezes, por sejamos-amigos e, na Madeira, por malmequer e maios, já foi assinalada, em 1868, sob a denominação científica de *Pinardia coronaria* (L.), por LOWE que a dava por muito comum naquela Ilha e

naturalizada por todo o lado, em serras e margens de caminhos e por mais rara na Madeira, onde estava naturalizada “very recently”. De floração abundante e vistosa, predominantemente amarela com valia decorativa, é natural que se pense numa introdução consciente mas também é admissível que sementes desta planta tenham vindo juntamente com grãos de trigo ou de outros cereais importados pelo Arquipélago e destinados à agricultura, à agro-indústria ou à alimentação. Actualmente continua frequente e perfeitamente naturalizada em incultos, vinhas e outras terras de cultura ou abandonadas e margens de estradas e mais vias de acesso no Porto Santo e menos comum na Madeira, onde vive, sobretudo, nas zonas baixas ou de média altitude do Funchal e doutros locais da costa sudeste. Foi também assinalado para as Selvagens (PICKERING & HANSEN, 1969). Nativa da Europa Mediterrânica, a espécie *C. coronarium* é indígena em Portugal Continental, onde lhe chamam, além de malmequer, pampilho, e subespontânea nos Açores, onde também a conhecem por beijos-de-estudante. Com os capítulos, confeccionam-se, na Madeira, colares com que as pessoas, sobretudo jovens, se enfeitam no dia 1º de Maio.

Chrysanthemum segetum L. – Planta, também herbácea, hoje comum na Madeira e rara em Porto Santo, foi também assinalada por LOWE (1868), que lhe atribuiu o estatuto de perfeitamente naturalizada, em incultos e searas. O mesmo autor considerou ser desta espécie anual uma planta que havia visto no Funchal (Santo António), em Julho de 1839. Nas Selvagens, nunca mais foi encontrada depois de LOWE (1869), na opinião de MONOD (1990). Este malmequer, maios ou pampilho, como também lhe chamam, é tido como indígena na Madeira por alguns autores, enquanto outros (como PRESS, 1994) têm dúvidas sobre se foi realmente introduzida na Ilha. É, sobretudo, mais frequente nas zonas baixas da costa sul e norte, em terras abandonadas ou incultos e bermas de caminhos e de levadas. Espécie nativa do sudoeste da Ásia e da Região Mediterrânica Oriental, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde a conhecem também por pampilho, pampilho-das-searas ou malmequer-bravo. Também, com os capítulos desta espécie se confeccionam colares ornamentais para uso no 1º de Maio.

Cirsium vulgare (Savi) Ter. – Esta robusta e interessante planta herbácea, bienal, espinhosa, uma espécie de cardo, foi assinalada, pela primeira vez, para o arquipélago madeirense, por JARDIM, FONTINHA & FERNANDES (1998), depois de ter sido observada, em Julho de 1995, no pico Ana Ferreira (Porto Santo). Para a ilha da Madeira não houve, ainda, qualquer citação, pelo que esta é a primeira, tendo-nos JARDIM informado que, juntamente com FONTINHA, observou esta planta em 1998, no Ribeiro Frio (Levada do Furado) e nas proximidades do pico do Areeiro. Em qualquer dos casos, a espécie afigurava-se encontrar em vias de naturalização, pelo seu desenvolvimento, aspecto e número de exemplares, devendo tratar-se de introdução

recente e, provavelmente, involuntária, dado o pouco interesse decorativo desta planta e não haver qualquer outra razão para a sua introdução no Arquipélago. É de salientar que esta espécie tanto tem ocorrido em sítios secos, incultos e pedregosos, quer das zonas baixas, quer das altas montanhas, como em locais húmidos, mais ou menos sombrios das zonas médias da *Laurisilva*. Recentemente, em Julho de 2000, vimo-la no Poiso (Lameirinhas) e no Parque Ecológico e em incultos nas margens da estrada que sobe para o pico do Areeiro. Também denominada, no passado, *Carduus lanceolatus* L. e *Cirsium lanceolatum* (L.) Scop., esta espécie tem folhas mais ou menos coriáceas, recortadas, providas de espinhos, esbranquiçado-tomentosas na página inferior e flores purpúreas, em capítulos medianos, com grossos receptáculos ovóides, raramente esféricos, revestidos de brácteas também espinhosas. É planta europeia e da Rússia Asiática, espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Coleostephus myconis (L.) Rchb. fil. – Esta espécie foi introduzida na Madeira há muitos anos e encontrava-se naturalizada já em 1868, quando foi referida por LOWE, sob a denominação sinónima de *Myconia chrysanthemum* Schultz e com o nome vulgar de pampilho – que, aliás, é também atribuído, como os de malmequer, maios e estrelas, a outras compostas indígenas, subespontâneas ou cultivadas. Esta espécie herbácea, anual, de vistosa floração amarelo-dourada, aparece, sobretudo, em incultos e terras cultivadas nas zonas baixas e de média altitude (até acima dos 800 m) na costa sul e na norte da Madeira, mas hoje é bastante menos comum do que antigamente. Natural da Região Mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, sendo conhecida nesses territórios por olho-de-boi, além de pampilho.

Conyza bonariensis (L.) Cronquist – Esta espécie, a conhecida avoadeira, que se tem expandido extraordinariamente na Madeira e no Porto Santo, aparece nos trabalhos botânicos sobre o Arquipélago, também com as denominações sinónimas de *C. ambigua* DC. e *C. crispa* Pourr. Florescendo e frutificando com facilidade e exuberância e sendo muito rústica, esta erva anual, muito pubescente e, por vezes, muito alta, pode ainda se dispersar e avançar mais, quer em incultos e caminhos, quer em jardins, logradouros, vinhas, outras terras cultivadas ou abandonadas das zonas mais baixas, mas também nas de altitude média. Está perfeitamente naturalizada na Madeira, desde os tempos de LOWE (1868), até mais de 600 m de altitude e em Porto Santo, até cerca de 200 m. Nativa da América Central e do Sul, é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, sendo aí considerada igualmente como invasora e recebendo, nas ilhas açorianas, os nomes de avoadeira e raposa.

Conyza canadensis (L.) Cronquist – Também com a mesma denominação vulgar de avoadeira e com a designação científica sinónima de *Erigeron canadensis* L., esta espécie herbácea, anual, é mais comum do que a anterior, embora não ocorra em

Porto Santo. Introduzida e naturalizada, também, há mais de 130 anos, LOWE (1868), dizia desta espécie, já vulgar nessa época: “a universal weed in gardens, vineyards and cult. ground chiefly below 3000 ft.”. GRABHAM (1942) afirma que é “a pest”. Na realidade, trata-se de uma verdadeira praga, ainda mais perigosa do que a *C. bonariensis*, com a qual aparece em tantos locais dos já mencionados a respeito desta última planta. Esta espécie *canadensis* é muito menos peluda do que a *bonariensis* e tem as folhas verdes em vez de acinzentadas e os capítulos bem mais pequenos. Espécie da América Boreal, é subespontânea e invasora em Portugal Continental e nos Açores.

Conyza sumatrensis (Retz.) E. Walker – Algo semelhante às avoadeiras, antes referidas, esta espécie sul-americana é, ainda, pouco comum mas igualmente temível, dada a sua capacidade de disseminação e invasão, não só em incultos e aterros, como em terras de cultura e na própria *Laurisilva*. Introduzida, provavelmente, na Madeira, há pouco tempo, foi vista pela primeira vez por HANSEN que, num seu trabalho de 1973, afirma que é agora uma “established species” e que “it was recorded in 1970 from Fajã da Nogueira and in 1971 from roadsides near the airport of Santa Cruz”. HANSEN identificou-a usando a designação sinónima de *Conyza floribunda* Humb., Bonpl. & Kunth. Dados os locais onde tem sido encontrada como subespontânea e naturalizada, fácil é concluir sobre o seu poder de adaptação a vários microclimas da Ilha, desde os mais secos da beira-mar aos húmidos das zonas da média altitude, até mais de 700 m.

Cotula australis (Sieber ex Spreng.) Hook. fil. – Sobre esta espécie, anual, peluda e de muito pequeno porte, com caules prostrados, folhas recortadas e flores insignificantes, amarelo-esverdeadas, em pequeníssimos capítulos encimando longos pedúnculos, diz PRESS (1994): “Introduced within the last 100 years, spreading and becoming naturalized in many parts of Madeira, mainly on roadsides and in streets, on banks, among cobbles and rocks; it has also spread to Porto Santo and Deserta Grande but is not yet common on these islands”. Baseou-se, o botânico inglês, também, nas notas de HANSEN (1968) que dão esta planta, encontrada em vários locais na Madeira e no Porto Santo, como sendo a mesma já assinalada, por MENEZES (1927) (e que havia sido encontrada, em Julho de 1926, pelo P.º J. BARRETO entre as pedras das calçadas no Funchal) como sendo a *Cotula leptalea* DC. Sobretudo comum nas zonas baixas, mais secas, da Ilha maior, esta espécie, australiana e neozelandesa, é também subespontânea em Portugal Continental.

Crepis capillaris (L.) Wallr. – Esta raríssima erva, do grupo das leitugas, de pequeno porte, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por HANSEN (1974), tendo sido colhida “on roadside at the entrance of the Quinta da Junta, Santo da Serra, 1973, scarce. New to Madeira. Annual or biennial, widely distributed in SW. and Central Europe, introduced in many other parts of the world (N. and S. America, Australia,

New Zealand), also known from the Azores and the Canary Islands”. Trata-se de planta ramosa, de muitas folhas basilares (às vezes até 30 cm de comprimento), geralmente lanceoladas e dentadas, glabras ou pouco peludas e de flores amarelas, mais ou menos avermelhadas, reunidas em pequenos capítulos, numerosos, com pedúnculos delgados. Tem sido encontrada apenas naquela localidade mas parece perfeitamente naturalizada. Esta espécie, que nos Açores é conhecida por almeirão-branco, é espontânea em Portugal Continental.

Delairea odorata Lem. – Planta trepadeira, herbácea e perene, muito rústica, de certo interesse ornamental, razão pela qual foi introduzida na Madeira, há muitos anos, encontra-se hoje perfeitamente naturalizada em aterros, entulhos, incultos, terrenos abandonados, muros de suporte de terras, margens de cursos de água e de caminhos e estradas e em encostas das zonas baixas e de média altitude (até cerca de 800 m), sobretudo da costa sul mas também em zonas litorais da costa norte. Atinge grande desenvolvimento e é caracterizada pela sua abundante e densa folhagem verde-escura, brilhante e pelas pequenas mas numerosas flores amarelas, que surgem, sobretudo, no fim do Outono e no Inverno. Foi bastante cultivada em tempos idos, mas actualmente não o é. LOWE (1868) já referiu que, nessa altura, esta espécie (até há pouco tempo, conhecida por *Senecio mikanioides* Otto ex Walp.) era extremamente comum e se encontrava naturalizada, formando em vários sítios “thick matted beds 100 yards long and 20 broad or more”. E acrescentava que “the rapid diffusion in Mad. of the present pl. not introd. or at least observed in gardens at Funchal before 1845, is scarcely less remarkable than that of *Eupatorium adenophorum* Spr....; like which pl. also it is useless for all but ornamental purposes, such as covering unsightly banks or walls etc., for which its easy rapid densely matted growth and handsome ivy-like light gr. foliage qualify it admirably”. Originária da África do Sul, esta espécie, a que alguns chamam tasneirinha-de-correr, aparece também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde é vulgarmente conhecida por trepadeira-de-natal.

Eclipta prostrata (L.) L. – Esta pequena espécie, herbácea e anual, de capítulos brancos, introduzida há muitos anos na Ilha, é pouco frequente mas perfeitamente naturalizada em locais encharcados, levadas, leitos e margens de cursos de água, sobretudo das zonas baixas e médias (até cerca de 700 m de altitude) da costa sul da Madeira. Foi referida por LOWE (1868), sob a designação específica de *E. erecta* L. que MENEZES (1914) também adoptou. Nativa da América Tropical e Temperada Quente, esta espécie, sem interesse ou valia conhecida, e sem mostrar tendência para se expandir muito mais, é também subespontânea em Portugal Continental.

Erigeron karvinskianus DC. – Espécie dotada de grande valor ornamental, como planta herbácea de jardim, perene, de caules longos, ramificados, quase sempre

prostrados, apta à formação de maciços e à cobertura de solos, paredes e rochas húmidas e de abundante e graciosa floração, foi introduzida na Ilha há perto de 100 anos (não é referida por LOWE), sendo mencionada por MENEZES (1914), que a dá como cultivada e subespontânea, mas debaixo da denominação específica sinónima de *E. mucronatus* DC. Continua hoje a ter o mesmo aproveitamento em muitos jardins, parques e logradouros madeirenses mas a sua grande dispersão e expansão por toda a Ilha deve-se ao seu estatuto de planta subespontânea, perfeitamente naturalizada nos mais diferentes locais dotados de certa humidade, desde a beira-mar até altitudes superiores a 1000 m, incluindo matas e a própria *Laurisilva*. Nesta floresta, chega a alterar profundamente a vegetação de pequenos núcleos mais ou menos rochosos, sobranceiros a levadas ou em zonas de nascentes ou escorrências de água. Chamada, por vezes, margacinha, margaridas, floricos e, mais raramente, intrometidas, esta espécie mexicana é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por vitadínia-das-floristas, e nos Açores.

Gaillardia pulchella Foug. – Esta planta de jardim, anual, aparece, embora com pouca frequência, como subespontânea e, de certo modo, naturalizada em muitos locais (incultos e caminhos) da zona baixa da costa sul do Porto Santo e, ainda, mais raramente, na costa norte. Continua a ser algo cultivada, pela sua bonita floração (capítulos médios a grandes, purpúreo-avermelhados com as extremidades amarelas) e tudo indica que tenha sido introduzida por esse motivo. HANSEN (1974) assinalou esta espécie, pela primeira vez, como escapada dos jardins, em Porto Santo (na zona ocidental da costa sul). Embora também pouco cultivada na Madeira, nunca observámos esta galharda como subespontânea nesta Ilha. É espécie norte-americana, também cultivada em Portugal Continental e nos Açores, onde pode aparecer, por vezes, fugida de cultura.

Galinsoga parviflora Cav. – Esta erva anual foi introduzida há poucos anos na Madeira, provavelmente nos meados da década de 40, e talvez através das sementes presentes em fardos de palha ou feno, importados frequentemente de Portugal Continental e destinados à alimentação de animais (sobretudo bovinos e equídeos, na altura em quantidades bem mais numerosas do que hoje). De qualquer forma, esta espécie só veio a ser assinalada para a Ilha, por MALATO-BELIZ (1958), que a colheu no Funchal em Junho de 1954 e que então já afirmou: “Originária da América do Sul e introduzida na Madeira, esta espécie é actualmente uma das maiores invasoras das culturas da zona baixa da Ilha. É frequente não só nos socalcos cultivados, em especial como infestante das culturas sachadas, mas também nos jardins e nos entulhos”. Hoje, muitas vezes acompanhada da espécie *G. quadriradiata* de que falamos a seguir, é considerada uma verdadeira praga, não só de bananais e vinhas, mas da agricultura em geral, e está também presente nas margens dos caminhos e em incultos e terras de cultura mas abandonadas, nas costas sul e norte da Madeira. Ultrapassa, por vezes, a altitude de 700 m. Revela

grandes potencialidades para se expandir cada vez mais, dadas a sua rusticidade, a floração abundante que produz e a fácil disseminação dos seus pequeninos frutos; até plantas jovens e de pequeno porte (às vezes com 5-6 cm de altura) começam logo a florescer e frutificar o que indicia claramente a sua capacidade de disseminação. É também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde foi introduzida bastante antes de o ser na Madeira.

Galinsoga quadriradiata Ruiz & Pav. – Introduzida há menos tempo na Madeira do que a espécie congénere antes referida, só foi assinalada, em 1968, por HANSEN, que a havia observado no ano anterior; na altura, esta espécie foi denominada *G. ciliata* (Raffin.) S. F. Blake. Tal como a *G. parviflora* tem-se disseminado por toda a Madeira e pelos mesmos habitats; é uma invasora com idênticas características e potencialidades, causando semelhantes distúrbios na agricultura e na vegetação autóctone das zonas baixas. Merece a maior atenção, do mesmo modo que a *G. parviflora*, para evitar uma possível expansão em altitude que poderia criar perturbações graves na *Laurisilva*. Nativa do México ao Chile, é tida como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Gamochaeta calviceps (Fern.) Cabrera – Embora rara e de introdução recente, esta espécie herbácea, anual, cinzento-esbranquiçada, tomentosa, de muito pequeno porte (até 25 cm de altura), caule ramificado e flores insignificantes, em capítulos pequeníssimos, amarelo-dourados a acastanhados, pode considerar-se naturalizada nalguns caminhos e suas margens e em locais incultos e ruderalizados das baixas e médias altitudes da costa sul da Madeira, até mais de 900 m. Foi HANSEN (1973) quem primeiro assinalou esta planta (citou-a como *Gnaphalium calviceps* Fern.), tendo-a visto no Monte (Funchal) no ano anterior. Não parece ter grandes probabilidades de expansão na Ilha e a sua distribuição actual é bastante limitada. Espécie sul-americana, é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Gamochaeta pensylvanica (Willd.) Cabrera – Bastante mais frequente e dispersa por toda a costa sul da Ilha, sobretudo nas suas zonas mais baixas, esta espécie herbácea e tomentosa, anual, foi também introduzida mas há muito tempo e naturalizou-se com facilidade. Curiosa é a forma como LOWE (1868) se lhe refere: “This pl. came up first as a weed in a box of *Hoya carnosa* in my garden on the Caminho do Vale near Funchal in 1830, without any trace of its origin, soon becoming naturalized in the walls and borders. It has been lately observed in a neighbouring garden under similar circumstances by Sr. J. M. Moniz”. A denominação científica adoptada para esta planta por LOWE foi a de *Gnaphalium spathulatum* Lam. enquanto MENEZES (1914) usou *G. pensylvanicum* Willd. Hoje, *Gamochaeta pensylvanica* aparece também em incultos e terrenos abandonados e em caminhos e outras vias de acesso e suas margens. Nativa

do sul da América Boreal, até ao centro da Argentina, esta espécie é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Helichrysum foetidum (L.) Cass. var. *citreum* Less. – Hoje perfeitamente naturalizada em muitos locais de meia-encosta da Madeira (400 a mais de 1200 m de altitude), sobretudo em incultos, matas de exóticas (pinhais, eucaliptais e acaciais), aterros, terrenos de cultura ou abandonados e margens da *Laurisilva*, esta perpétua, a vulgar perpétua-amarela ou erva-traqueira, de cheiro activo, fétido (como a própria designação específica sugere), foi introduzida na Madeira há muitos anos; LOWE (1868), já a refere e, além de afirmar que, nessa altura, a planta já estava “semi naturalized here and there in two or three fields about Mr. Blandy’s house at St. António da Serra, from whose garden, where it still grows, it has evidently straggled within the last 10 or 15 years”, menciona também o facto de ter sido observada por J. M. MONIZ, em 1859, na Levada dos Lamaceiros. Esta planta bienal, sul-americana, deve ter sido introduzida pelo seu interesse ornamental (floração amarela, abundante e duradoura e folhagem densa, de tons verdes e verde-esbranquiçados), apesar do inconveniente do seu cheiro; é subespontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por perpétua-fétida.

Helichrysum petiolare Hilliard & B. L. Burt. – Introduzida como planta ornamental, com algum interesse, esta espécie de perpétua, vivaz, é ainda cultivada, embora não frequentemente, na Madeira e, como diz PRESS (1994), “naturalized along paths and roadsides”, nalguns locais húmidos das médias altitudes (500-1000 m). Mencionada por HANSEN (1974), incorrectamente, como *H. petiolatum* (L.) DC., depois de a ter visto, em 1972, entre o Poiso e a Camacha, pela primeira vez, é, por ele, referido que esta planta já havia sido por nós colhida, nas Queimadas, em 1953. Esta planta arbustiva, mais ou menos prostrada, ramosa, de raminhos branco-tomentosos, folhagem densa, também branco-tomentosa e flores brancas ou branco-amareladas, em pequenos capítulos reunidos em inflorescência (corimbo) densa, não tem mostrado tendência para se alastrar facilmente na Ilha, antes se tem mantido naturalizada em áreas limitadas dos sítios referidos. É espécie sul-africana, cultivada e subespontânea em Portugal Continental.

Leucanthemum vulgare Lam. – Ainda hoje mantém o estatuto de planta rara, de expansão e dispersão limitada ao Santo da Serra, mas aí perfeitamente naturalizada (600-700 m de altitude). LOWE (1868), afirmava: “only within the last 10 or 15 years introduced accidentally at S. Ant.º da Serra, where it occurs here and there in patches as a weed in Mr. Blandy’s garden and adjoining fields. First noticed by Fr. M. Norman Esq.”. Também, em 1914, MENEZES, citando esta planta como *Chrysanthemum leucanthemum* L., e GRABHAM (1934), circunscrevem-na àquela localidade, opinando este último autor, em 1942, que a mesma foi “introduced with grass seed from England

a century ago”. Nos terrenos incultos e nos cultivados ou arrelvados da Quinta do Santo da Serra, do Governo Regional, é fácil encontrar este malmequer-branco, vivaz e geralmente de pequeno porte, que é espécie europeia, espontânea em Portugal Continental, onde é conhecido por malmequer-bravo.

Petasites fragrans (Vill.) C. Presl – Esta curiosa planta, com características de invasora, só a vimos, recentemente, nos jardins da Quinta do Palheiro Ferreiro, com relativa abundância, sobretudo em áreas sombrias e paredes de suporte. Pelo que fomos informados pelo jardineiro-chefe, a planta já se deve encontrar nesta propriedade há mais de 80 anos, estranhando-se que não tenha sido, até hoje, assinalada para a Madeira, o que talvez se explique pelo seu pequeno porte e pelo facto de a sua floração surgir em pleno Inverno (sobretudo em Fevereiro-Março), quando a Quinta é menos visitada. Provavelmente, esta planta foi introduzida na Ilha para cobertura do solo mas encontra-se já perfeitamente naturalizada, embora apenas, por enquanto, nestes terrenos ajardinados da média altitude (pouco mais de 500 m), nos arredores do Funchal. *Petasites fragrans* é espécie herbácea, perene, provida de rizomas subterrâneos mais ou menos profundos e de folhas medianas a grandes (até mais de 15 cm de diâmetro), arredondado-cordiformes, com a margem regularmente dentada, verde-escuras, com a página inferior um pouco pubescente e o pecíolo comprido (por vezes com mais de 25 cm), também pubescente e mais ou menos avermelhado; as flores, em capítulos pequenos e geralmente pouco numerosos, dispostos na parte superior de uma haste ou escapo, são lilacíneas a rosa-esbranquiçadas e perfumadas. Nativa da Região Mediterrânica Central, esta espécie é subespontânea em Portugal Continental (onde tem o nome vulgar de sombreiro) e nos Açores.

Roldana petasitis (Sims) H. Robinson & Brettell – Planta arbustiva, muito decorativa pela sua folhagem persistente, grande, densa e aveludada e floração espectacular, amarela, abundante, é ainda hoje muito cultivada, estando perfeitamente naturalizada em muitos locais húmidos e sombrios das zonas médias da ilha da Madeira (300-1000 m de altitude), sobretudo nos arredores do Funchal mas também noutros locais do sudeste e do norte; é comum em córregos e margens e paredes de ribeiros. Conhecida até há muito pouco tempo por *Senecio petasitis* (Sims) DC., foi já assinalada por MENEZES (1914) mas em nota de pé de página e com a informação de ser muito cultivada no Monte e no Funchal. Supomos que deve ter sido introduzida na Ilha nos fins do século XIX, como planta de jardim. Esta planta pode vir a expandir-se ainda mais na Madeira, havendo probabilidades fortes de invadir a *Laurisilva*. É espécie mexicana, também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Senecio glastifolius L. fil. – Planta herbácea, robusta, com interesse decorativo pela bonita floração rósea que abundantemente produz, foi por nós observada, pela

primeira vez, em 1985, no estado subespontâneo e seminaturalizado, nas margens da Estrada Regional do Palheiro Ferreiro até perto da Camacha e terrenos incultos e pinhais vizinhos. HANSEN registou essa descoberta em 1987 e informou-nos, em carta pessoal, ter visto esta planta, em 1969, nos jardins do então British Country Club, Quinta Magnólia, onde a procurámos em vão. Viemos depois a verificar que esta planta de jardim constava de uma lista dactilografada de espécies vegetais existentes na Quinta do Palheiro Ferreiro e, também, na Quinta de Santa Luzia, elaborada no começo dos anos 60, pela sua proprietária MILDRED BLANDY, uma senhora que soube sempre cultivar a jardinagem e amar a flora indígena e exótica da Madeira como poucas pessoas, para além de ter sempre enriquecido os atraentes jardins e parques das suas belas quintas. Tudo leva a crer, pois, que foi a referida senhora quem, talvez por essa altura, tenha importado (ou trazido) sementes desta estrela-cor-de-rosa ou malmequer-rosado, da África do Sul, donde, aliás, a espécie *Senecio glastifolius* é nativa. Nos últimos anos, tem-se verificado a perfeita naturalização e uma certa expansão desta espécie, naquela área (400-700 m de altitude), mas a comercialização e o aproveitamento das flores (capítulos) cortadas, em larga escala, para a decoração e embelezamento dos interiores das casas e outros edifícios, vai certamente limitar a sua disseminação por outros locais da Ilha.

Soliva stolonifera (Brot.) R. Br. ex G. Don – Pequena a muito pequena erva anual, prostrada, mais ou menos vilosa, de folhas muito recortadas e flores em pequenos capítulos, esverdeado-esbranquiçados, envolvidos pelas folhas, encontra-se perfeitamente naturalizada em caminhos, calçadas e em sítios húmidos, em vários locais das baixas altitudes da Madeira, sobretudo na costa sul. LOWE (1868) refere esta espécie introduzida como já naturalizada mas rara no Funchal e arredores e em Santa Cruz; e adianta que foi, principalmente, observada e identificada, em 1860, pelo BARÃO do CASTELLO de PAIVA, julgando, todavia, que uma planta colhida por si em 1837, ainda muito jovem, na estrada para o Monte, tenha sido de facto esta soliva. MENEZES (1914), atribuiu-lhe o estatuto de comum, embora apenas no Funchal, mas esta planta hoje tem que ser considerada muito rara, na opinião de vários botânicos que têm visitado a Madeira e estudado a sua flora, nos últimos tempos. Espécie nativa da América do Sul, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Sonchus tenerrimus L. – Esta espécie de serralha foi, ao que se supõe, introduzida recentemente na Madeira e na Selvagem Grande, tendo sido vista, pela primeira vez, na Ilha, em 1969, conforme refere HANSEN (1970). Planta essencialmente ruderal mas também ocorrendo em terrenos cultivados, incultos, encostas rochosas e muros, é possível que além de já naturalizada, seja menos rara do que é suposto e esteja mais difundida do que se pode concluir das colheitas e identificações até agora feitas. Planta anual ou bienal, ramificada, de capítulos amarelos, deve ter sido introduzida

involuntariamente pois não tem qualquer utilidade conhecida. É nativa da Região Mediterrânea e espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Tanacetum parthenium (L.) Sch. Bip. – Espécie herbácea, vivaz, introduzida há muito como planta ornamental e medicinal, rapidamente se naturalizou na Madeira, nas zonas baixas e médias (até mais de 900 m de altitude), nas costas sul e norte, não só nos logradouros das habitações, sobretudo nos meios suburbanos e rurais, senão também em incultos, terras cultivadas ou suas proximidades e até margens de levadas. LOWE (1868), refere esta planta sob a designação científica de *Pyrethrum parthenium* (L.) e o nome vulgar de artemísia, e considera-a, na altura, planta rara, mas já perfeitamente naturalizada em muitos locais; acrescenta “it is a common rustic remedy in Mad. as elsewhere”. Ainda hoje é aproveitada como planta de jardim (usando-se, agora, também novas formas e cultivares de porte menos ou mais robusto, floração ainda mais abundante e de cor não só branca e capítulos dobrados ou singelos) e continua, de igual modo, a ser usada na medicina caseira (tem propriedades anti-espasmódicas, digestivas, diuréticas, emenagogas, estimulantes, estomacais e febrífugas). MENEZES (1914), cita-a como *Chrysanthemum parthenium* (L.) Bernh. e regista as suas denominações populares de artemija e alfinetes-de-senhora, atribuindo-lhe então o estatuto de planta comum, que, aliás, hoje se mantém. Nativa da Europa Meridional, da África Setentrional e do sudoeste asiático, esta espécie é também subespontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por artemísia e matricária e nos Açores, onde recebe os nomes de rainha-das-ervas e artemísia-dos-prados.

Desta família das compostas ou asteráceas, algumas outras plantas herbáceas, predominantemente anuais, e seguramente introduzidas, cultivadas ou não, têm vindo a surgir como escapadas de cultura ou apenas casuais na Madeira, não se podendo nem devendo falar, por enquanto, de plantas naturalizadas. Merecem ser referidas as seguintes: *Anacyclus radiatus* Loisel. subsp. *radiatus*, uma erva anual, mediterrânica, de floração amarela, só assinalada, em 1974, por HANSEN, mas com dispersão muito limitada e como ruderal no Funchal (na área do porto) e que ocorre também em Portugal Continental (espontânea), onde recebe o nome de pão-posto e nos Açores (subespontânea); *Bidens biternata* (Lour.) Merr. & Sherff, uma espécie nativa das Regiões Tropicais e Subtropicais do Velho Mundo, afim dos vulgares amores-de-burro, mas só introduzida há poucos anos na Madeira (figura no Catálogo das plantas vasculares macaronésicas, de HANSEN & SUNDING, 2ª edição, 1979) e cujo estatuto não conhecemos, pois, nunca a vimos na natureza e só sabemos o que diz PRESS (1994) sobre a inexistência de dados, quanto à sua distribuição na Ilha; *Bracteantha bracteata* (Vent.) Anderberg & Haegi, também referida sob o binome *Helichrysum bracteatum* (Vent.) Andrews, planta australiana, robusta e herbácea, de jardim, quase sempre anual, muito decorativa e utilizada em canteiros e como flor

de corte, tem vindo a ser cultivada desde há muito tempo na Madeira, onde recebe os nomes de imortais, flores-de-palha e sempre-vivas, produzindo abundantemente grandes capítulos (até 8 cm de diâmetro), brancos, amarelos ou rosados (hoje utilizam-se diversas cultivares) e surgindo, muito raramente, fora dos jardins, em incultos ou terras trabalhadas, no Funchal, onde já a encontramos e, por isso, agora a assinalamos; *Centaurea diluta* Aiton, espécie vivaz, que foi assinalada, pela primeira vez, por HANSEN (1978), numa só localidade nos arredores do Funchal, em incultos, é espécie do sul da Europa e do noroeste de África, esclarecendo PRESS (1994) que “possibly not fully naturalized in Madeira”; *Chamaemelum nobile* (L.) All. var. *nobile*, muito parecida com a macela-de-botão, mas com as flores marginais dos capítulos providas de lígulas brancas, é planta raríssima que foi observada por MENEZES (1914) na Camacha, donde hoje parece ter desaparecido ou onde apenas ocorre esporadicamente (é espontânea em Portugal Continental); *Cosmos bipinnatus* Cav., planta anual, de jardim, mexicana, muito cultivada na Madeira, desde há muito tempo, pela sua floração abundante e atraente, de diversas cores e pela folhagem fina e muito recortada, aparece algumas vezes em incultos e beiras de caminhos e estradas, sobretudo na costa sul da Ilha; *Cotula coronopifolia* L., erva anual, sul-africana, assinalada por LOWE (1868) como introduzida e subespontânea, rara, tendo apenas sido encontrada por J. M. MONIZ, em 1865, num simples local com muita humidade, na Ponta do Sol, é referida por PRESS (1994) como actualmente “probably no longer present on the island” (é também subespontânea em Portugal Continental); *Eleutheranthera ruderalis* (Sw.) Sch. Bip., assinalada pela primeira vez para a Madeira, por GRABHAM (1934), e depois em 1942, sob a designação científica de *Ogeira ovata* Cass. (quereria escrever *Ogiera ovata*), com a indicação de se tratar de “a troublesome weed which has only lately appeared”, é uma espécie pantropical que nunca vimos e que, talvez, também por isso, acreditamos, com PRESS (1994) que “it is often mistaken for *Eclipta*”; *Emilia javanica* (Burm. fil.) C. B. Rob, espécie das Regiões Tropicais e Subtropicais, de bonita floração vermelha, muito cultivada nos últimos 30 anos na Madeira, sobretudo nos jardins das zonas mais baixas da costa sul e sudeste da Ilha e assinalada por HANSEN (1974), como fugida de cultura, situação em que só raramente aparece nas proximidades dos jardins; *Farfugium japonicum* (L.) Kitam, planta do Japão, herbácea, perene, de jardim e vaso, introduzida e muito cultivada na Madeira, menos pela sua floração amarela mas especialmente pela sua bonita, densa e larga folhagem (que sobressai mais na cultivar ‘**Aureomaculatum**’, devido às manchas ou pintas amarelas sobre fundo verde-escuro tão características e que são a razão do seu nome vulgar, planta-leopardo), provavelmente desde há mais de 70 anos (mas só GRABHAM se lhe refere em 1942, sob o binome *Ligularia kaempferi* Sieb. & Zucc.), ocorre nalguns locais frescos e húmidos (Camacha, Santo da Serra), em matas de exóticas, ocasionalmente, fugida de cultura; *Gazania rigens* (L.) Gaertner, espécie sul-africana, vivaz, hoje menos cultivada como planta de jardim (e conhecida pelos nomes de

gazânia e amores-escondidos), mas muito comum nos anos 20, e hoje raramente vista como escapada de cultura (tal como em Portugal Continental e nos Açores), nas proximidades de jardins e habitações das zonas baixas e médias da Madeira, sobretudo no Funchal e seus arredores; *Gerbera jamesoni* Bolus, a conhecida gerbera ou gilbera, como muitas vezes dizem os madeirenses, planta sul-africana, herbácea, de jardim, perene, muito cultivada na Madeira, desde há muito tempo, através de algumas formas híbridas e a que GRABHAM (1934) fazia alusão, dizendo tratar-se de “a very popular plant succeeding best on exposed terraces, near the sea”, ocorre, escapada de cultura, nas proximidades dos jardins, aqui e acolá, no Funchal e arredores, destacando-se pelas grandes folhas, em roseta basilar e pelos capítulos, diversamente coloridos (sobretudo brancos, amarelados e róseos), no entanto muito menos atraentes do que os verdadeiramente espectaculares que são produzidos pelas novas cultivares, em cultivo sob coberto e de grande interesse comercial; *Guizotia abyssinica* (L. fil.) Cass., espécie robusta da África Oriental, com certo interesse ornamental, pelas grandes flores (capítulos) amarelas, que pode ter sido introduzida com sementes destinadas à alimentação de pássaros (tal como tem sucedido noutras regiões), foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, em 1968, por HANSEN, em incultos, sendo raríssima e meramente casual, conforme também refere PRESS (1994); *Helianthus annuus* L., da América do Norte, o vulgar girassol, muito cultivado na Madeira e no Porto Santo, como ornamental, deve ter sido introduzido no começo deste século, sendo considerado, por MENEZES (1914), como comum e já subespontâneo no Funchal e arredores, devendo, porém, hoje, melhor ser considerado como fugido de cultura, nesses e noutros locais e, em Porto Santo, em terrenos incultos nas proximidades de jardins (em Portugal Continental é cultivado como planta oleaginosa); *Helianthus tuberosus* L., espécie também norte-americana, conhecida por girassol-de-batata, batata-de-porcós e tupinambo, introduzida há alguns anos na Madeira e cultivada nalguns locais como planta ornamental, forraginosa e alimentícia (pelos tubérculos), sobretudo em terrenos húmidos e frescos (Camacha, Santo da Serra, etc.), foi assinalada por GRABHAM (1934, 1942), sendo por vezes observada como fugida de cultura (é planta cultivada em Portugal Continental); *Leucanthemum lacustre* (Brot.) Samp., espécie vivaz, europeia, de há muito tempo cultivada na Madeira, sob diferentes formas e variedades, algumas de flores dobradas (grandes capítulos brancos), em muitos locais da Ilha, aparece ocasionalmente em incultos húmidos e terras cultivadas e já foi assinalada por HANSEN (1971) em plena *Laurisilva* (Balcões, Ribeiro Frio) mas, conforme diz PRESS (1994), “probably as an escape from cultivation”; *Montanoa bipinnatifida* K. Koch, robusto arbusto mexicano, até mais de 3 m, de grande interesse decorativo pelo seu porte, folhagem macia, abundante e grande, e floração espectacular (grandes capítulos brancos), conhecido na Madeira desde finais do século XIX, através de referências de autores ingleses (como daisy-tree) mas só assinalado em trabalhos botânicos por GRABHAM (1926, 1934) que

dele disse: “a most desirable plant reaching a height of over 12 ft., flowering during the winter”, tem vindo a ocorrer casualmente, com muita raridade, em terrenos incultos, nas proximidades de jardins, no Funchal; *Pericallis x hybrida* Nordenstam, planta herbácea, de jardim, quase sempre anual, a que chamam cinerária, muito cultivada na Madeira, ocorre, frequentemente, em jardins e parques ou nas suas vizinhanças, escapada dos locais de cultivo, quer os modernos híbridos, quer sobretudo as velhas cultivares, mostrando as suas grandes folhas largas, arredondadas e peludas e florescendo, nos fins do Inverno e na Primavera, produzindo abundantes capítulos (2 a 3 cm de diâmetro) rosa-purpúreos, reunidos em grande número em amplas inflorescências; *Tagetes erecta* L. e *Tagetes patula* L., são duas espécies afins de plantas de jardim, de origem mexicana, desde há bastante tempo assinaladas na Ilha (“Elucidário Madeirense”), muito cultivadas na Madeira (raramente no Porto Santo), e de que há muitas variedades e híbridos, conhecidas regionalmente por cravos-de-burro ou marigoldes, de folhagem muito recortada, com cheiro forte, característico, e de floração amarela, mais ou menos escura, sendo os capítulos da segunda espécie mais pequenos, manchados de vermelho e providos de pedúnculos mais compridos, – espécies que surgem algumas vezes em incultos ou terras cultivadas, paredes ou calçadas, sempre nas proximidades de jardins, sobretudo nas zonas baixas da Ilha, mas também nas de média altitude (em Portugal Continental e nos Açores, as duas espécies são cultivadas e conhecidas por cravos-de-defuntos, cravos-de-túnis e cravos-da-índia); e *Tagetes minuta* L., espécie sul-americana, diferente das anteriores, mais robusta e alta mas de capítulos muito pequenos, amarelo-esverdeados, sem interesse decorativo, e que foi introduzida na Madeira, por ser tida como repelente para nemátodos, por volta de 1960, mas as experiências não resultaram satisfatoriamente, embora a espécie se tenha tornado algo subespontânea nos terrenos do Jardim Botânico, onde HANSEN a viu em 1968 e assinalou (1970), e hoje parece ter já desaparecido.

CONVOLVULACEAE

Calystegia sepium (L.) R. Br. subsp. *sepium* – Planta vivaz, de grandes flores brancas e longos e delgados caules, que se enroscam facilmente nas plantas próximas ou noutros suportes, foi provavelmente introduzida na Madeira há muitos anos como planta de jardim. Naturalizada já no tempo de LOWE (1872) mas então muito rara, foi referida como tendo sido encontrada, pela primeira vez, em 1866, pelo Capt. NORMANN. Também MENEZES (1914) mencionou a sua existência na Ilha com o mesmo estatuto de raridade. Hoje, é bastante mais frequente, estando a expandir-se em sítios húmidos e frescos das médias altitudes, na costa sul (Camacha, Calheta, Santo da Serra, Monte) e, também, na costa norte (Santana, Queimadas, São Jorge, Seixal), ultrapassando, algumas vezes, os 1400 m de altitude, como no Poiso e, em todos os casos, parecendo comportar-se como infestante ou invasora; é conhecida na Ilha por bons-dias e erva-

-malaia. Planta das Regiões Temperadas, Boreais e Austrais, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde lhe chamam trepadeira e madrugadas, respectivamente.

Convolvulus tricolor L. – Esta interessante planta de jardim foi referida por LOWE (1872) como muito rara mas já mais ou menos naturalizada, em vinhas e incultos, nas zonas baixas do Funchal. MENEZES (1914) também a assinalou mas foi HANSEN (1974) quem a referenciou e observou mais recentemente, tendo encontrado “a few specimens in ruderal site at the harbour of Funchal (1973)”. Trata-se de uma planta herbácea, anual ou vivaz, que ocorre com muito pouca frequência nos dias de hoje, nalguns aterros ou sítios secos e que possui flores vistosas, medianas a grandes (2 a 5 cm de diâmetro), orladas de azul, com o centro amarelado e a parte mediana branca. É espécie originária da Região Mediterrânica Ocidental, espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por azuraque, e subespontânea nos Açores.

Dichondra micrantha Urb. – Pequena planta herbácea, perene, prostrada, das calçadas e pavimentos empedrados, sobretudo do Funchal, introduzida provavelmente em meados do século XIX, na Madeira e que, segundo LOWE, em 1872, descrevendo-a, com o binome não correcto de *D. repens* Forst., era ainda muito rara, havendo sido observada, pela primeira vez, por J. M. MONIZ, em 1868. Hoje, perfeitamente naturalizada, é muito comum, abundando mais nas zonas baixas e quentes da costa sul da Ilha, mas ocorrendo também, embora raramente, em pavimentos e suas margens, em altitudes acima dos 800 m; pode-se ainda vê-la em incultos, relvados, parques e jardins. Originária da Ásia Oriental, tem sido melhorada pela investigação e pelo cultivo, havendo hoje variedades especiais para a formação de relvados que também já foram aproveitadas na Madeira. Nos Açores, esta espécie tem sido cultivada e ocorre, por vezes, fugida de cultura.

Ipomoea indica (Burm.) Merrill – Planta perene, de grande desenvolvimento e valia ornamental, introduzida e perfeitamente naturalizada nas zonas baixas da costa sul da Madeira, até 500 m de altitude, sobretudo no Funchal e arredores, cobre facilmente paredes, rochas, aterros, terrenos incultos e até troncos e ramos de árvores com os seus longos e delgados caules, folhagem densa e abundante, mais ou menos pubescente, e flores grandes, azuis a purpúreo-violáceas. É a corriola-azul, hoje já não cultivada, mas muito comum e de que LOWE, em 1872, dizia, sob a designação sinónima de *Pharbitis learii* Hook. (que MENEZES também adoptou em 1914), que “occurs in gardens at Funchal; and Sr. MONIZ thinks it will soon become quite naturalized”. É espécie da América Tropical, também referida sob o binome *I. acuminata* (Vahl) Roem. & Schult, presente como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Ipomoea ochracea (Lindl.) G. Don – Planta quase sempre perene, de caules finos, regra geral prostrados e flores graciosas, medianas, amarelas, deve ter sido

introduzida há poucos anos pelo seu interesse como planta de jardim; hoje, não é mais cultivada. Apesar de rara, está perfeitamente naturalizada nalgumas áreas incultas do Funchal (HANSEN, 1970, 1973), tendo sido colhida, pela primeira vez, em 1969, em zonas rochosas sobranceiras à avenida de acesso ao porto do Funchal, onde aliás a conhecemos, desde meados da década de 50. Esta corriola-amarela é nativa da África Tropical.

Ipomoea purpurea (L.) Roth – Planta anual, herbácea, de caules longos e prostrados, também introduzida pelo seu valor ornamental e cultivada na Madeira, desde há muitos anos (mas hoje já não o é), ocorre apenas como subespontânea, quer nesta Ilha, quer em Porto Santo, estando perfeitamente naturalizada em aterros, entulhos, incultos e terras cultivadas, nas zonas baixas da costa sul, mas por vezes subindo até acima dos 700 m de altitude. De muito menor porte e tamanho de flores do que a corriola-azul, esta planta da América Tropical assemelha-se à espécie anterior, embora com a cor das flores diferente, neste caso violáceas, purpúreas ou rosadas, raramente brancas, às vezes com estrias de coloração ou tonalidade diferente da cor-base; é, também, muito mais frequente do que a *I. ochracea*. Em 1872, LOWE, referindo-se-lhe como *Pharbitis purpurea* (L.), já a indicava como mais ou menos naturalizada, não muito comum e aparecendo também em vinhas nos arredores do Funchal e “amongst Cactuses (*Opuntia tuna* L.) along the Caniço road beyond the Louros, etc.”.

Outras três espécies de convolvuláceas, introduzidas e cultivadas desde há muitos anos, na Madeira, e que apareciam como fugidas de cultura, são hoje certamente raríssimas. Talvez nunca tivessem tido expressão significativa mas, de qualquer forma, devemos referir as espécies: *Ipomoea alba* L., da América Tropical, trepadeira, anual ou perene, assinalada por GRABHAM (1934, 1942) como muito vulgar em jardins (sob o binome *Calonyction aculeatum* House), de caule longo e volúvel, folhas mais ou menos oval-cordiformes e flores grandes (com um diâmetro, por vezes, de mais de 10 cm e um tubo estreito e longo), brancas, perfumadas e nocturnas, tem ocorrido, ocasionalmente, em terrenos cultivados, nas proximidades das habitações, nas zonas baixas do Funchal; *Ipomoea coccinea* L., também da América Tropical, planta delicada, anual, muito interessante como ornamental, pelas suas flores vermelhas ou escarlates, e a que LOWE (1872) se refere, com a denominação sinónima *Quamoclit coccinea* (L.), afirmando já nessa altura “formerly (1826-1832) quite naturalized in batata-fields below and about the Quinta do Valle, Funchal; but it seems now to have disappeared there altogether”; e *Ipomoea quamoclit* L., planta tropical, trepadeira, também delicada, de folhas finamente recortadas e flores rosa-avermelhadas a escarlates, hoje não mais cultivada na Ilha, mas de que ainda nos lembramos ter visto, na década de 50, raros exemplares em varandas e pérgolas nalgumas quintas no Funchal.

CRASSULACEAE

Aeonium arboreum (L.) Webb & Berthel. – É o chamado ensaião-da-festa ou, simplesmente, ensaião ou também saião, ainda hoje cultivado como planta de jardim e, até, de vaso e de que se apanham, no Natal, as grandes e bonitas inflorescências amarelo-douradas para vários motivos decorativos dessa tradicional e muito vivida época festiva; planta subarborescente, de ramos suculentos e cilíndricos e de folhas carnudas (como as de todas as crassuláceas aqui referidas), em roseta, encontra-se, por vezes, subespontânea nas proximidades de jardins, geralmente em paredes de suporte de terras de cultura, sobretudo nas zonas mais quentes da Madeira mas, por vezes, ultrapassando 500 m de altitude e, também, no Porto Santo, com menor frequência, vivendo, como já dizia LOWE (1864), – tratando a planta com a denominação sinónima de *Sempervivum arboreum* L., – “half-naturalized... on the tops of walls and roofs of houses here and there in Funchal, growing spontaneously, but merely as a straggler or outcast from gardens, and certainly not indig. in Mad.”. Espécie marroquina, é cultivada em Portugal Continental, podendo aí ocorrer fugida de cultura.

Crassula multicava Lem. – Planta perene, suculenta, às vezes um pouco prostrada, ramificada, introduzida não há muitos anos, como ornamental, de folhas mais ou menos arredondadas e de flores numerosas e pequenas, branco-rosadas, é cultivada nalguns jardins do Funchal e doutros locais das zonas baixas da Madeira, ocorrendo como naturalizada em certas áreas húmidas e sombrias, sobretudo rochosas e muros, quase sempre nas proximidades das habitações, até acima dos 500 m de altitude. Esta crássula foi assinalada na Ilha, como subespontânea, pela primeira vez, por HANSEN (1969b). Continua a ser cultivada na Madeira, em jardins e em vasos e tem, também, vindo a aumentar a sua área de implantação como naturalizada. É espécie sul-africana, também cultivada e subespontânea nos Açores.

Crassula ovata (Mill.) Druce – Planta arbustiva, até mais de 2 m, perene, suculenta, de caule como um pequeno tronco, relativamente grosso, muito ramosa e florífera, com interesse decorativo, deve ter sido introduzida, na Madeira, recentemente, sendo bastante cultivada em jardins, parques, locais rochosos e, até, em vasos e floreiras, nas zonas mais baixas e soalheiras da Ilha, até cerca de 500 m de altitude. Tem sido referida sob os binomes *C. portulacea* Lam. e *C. argentea* L. fil. e apenas como cultivada. De folhas carnudas, ovadas, frequentemente marginadas de vermelho, até 4 cm de comprimento e abundante e graciosa floração branco-rosada, desde fins do Outono a princípios da Primavera, tem-se vindo a expandir progressivamente em muitos locais, desde os anos 60, estando já perfeitamente naturalizada, sobretudo nas proximidades das habitações, não só no Funchal, em paredes húmidas e fendas de rochas, como em zonas rurais (Arco da Calheta, Calheta, Caniço, Machico, Ponta do Sol e Prazeres) em

aterros, barrancos e incultos. É pouco cultivada em Porto Santo. Este ensaio-branco, ensaio-de-jardim ou crássula, é espécie sul-africana, cultivada em Portugal Continental, de fácil propagação seminal ou vegetativa (qualquer ramificação enraiza facilmente).

Crassula tetragona L. – Planta ornamental, perene, suculenta, introduzida para cultivo em jardins, especialmente para bordaduras e, menos vezes, para maciços, é relativamente recente na Madeira e só, há poucos anos, ocorre como subespontânea e perfeitamente naturalizada, em poucos locais da costa sudeste da Madeira, em incultos e áreas rochosas. Foi HANSEN (1970) quem primeiro assinalou esta planta como naturalizada na Ilha, em Machico mas, na altura, por lapso, que rectificou em 1978, denominou-a *Sedum sediforme* (Jacq.) Pau. Esta crássula ou ensaio, como também lhe chamam, é espécie sul-africana e continua a ser bastante cultivada, não pela sua floração, que não tem interesse, mas pelo porte e folhagem (as folhas são curtas mas carnudas, lanceoladas, recurvadas e agudas), prestando-se a orlar canteiros, até porque a planta se pode talhar ou podar com facilidade. Só muito raramente é utilizada nos jardins porto-santenses.

Kalanchoe daigremontiana Hamet & Perrier – Esta, por vezes, robusta planta, herbácea e suculenta, perene, de interesse ornamental pela folhagem desenvolvida e carnuda e pela abundante floração rosa-purpúrea, que surge no Inverno mas se prolonga, por vezes, até ao Verão, tem vindo recentemente a ser cultivada em jardins rochosos, vasos e canteiros, sobretudo junto das habitações do Arquipélago. Simultaneamente, tem-se propagado, sem quaisquer cuidados, principalmente pelas pequenas plantinhas que nascem profusamente nas margens das folhas e que, de pronto, se destacam da planta-mãe e, depois, se desenvolvem independentemente. Além do Funchal, sobretudo nas zonas baixas, onde aparece com frequência, ocorre em áreas rurais (Câmara de Lobos, Faial, Machico, Ribeira Brava, Santa Cruz, Calheta, Ponta do Pargo, etc.), perfeitamente naturalizada, o mesmo sucedendo em Porto Santo, sempre em telhados, incultos, zonas rochosas, margens de caminhos, muros de suporte e jardins. Esta planta tem folhas medianas a grandes (até mais de 15 cm de comprimento), lanceolado-triangular, serradas, verdes ou cinzento-acastanhadas a glaucas, com manchas irregulares, escuras, dispersas e mais visíveis na página inferior. Apesar de já ocorrer como subespontânea há mais de 30 anos não tinha sido ainda assinalada para o arquipélago madeirense. É espécie originária de Madagáscar.

Kalanchoe delagonensis Eckl. & Zeyh. – É, também, espécie herbácea, perene e suculenta, ornamental, de jardim e de vaso, muito cultivada na Madeira desde há muitos anos, mas só assinalada, como fugida de cultura, pela primeira vez, por HANSEN (1978), sob a denominação específica sinónima de *K. tubiflora* (Harv.) Hamet, depois de a ter

visto, no ano anterior, na Calheta. Propagando-se facilmente por meio das folhas e de sementes, tem-se vindo a expandir nas zonas baixas da costa sul da Ilha, sobretudo no Funchal, em incultos, terrenos pedregosos, fendas de rochas, muros de suporte e telhados. De curiosas folhas cilíndricas ou subcilíndricas e atraentes, densas e numerosas flores avermelhado-escuras a alaranjadas, já não é hoje tão aproveitada na decoração de canteiros, por se ter tornado subespontânea. É originária de Madagáscar.

Kalanchoe fedtschenkoi Raym.-Hamet & Perrier – Diferindo da espécie anterior, sobretudo pelo porte mais baixo e um pouco prostrado, por ser mais ramosa e densa e pelas folhas arredondadas e menos grossas e inflorescências pouco densas, assemelha-se no seu comportamento e potencialidades de expansão e, também, nos habitats onde ocorre como naturalizada e melhor se desenvolve; parece, no entanto, preferir muros, locais pedregosos e fendas de rochas, de sítios quentes e soalheiros. Nativa, também, de Madagáscar é, ainda hoje, cultivada em vaso, jardins rochosos e em canteiros (bordaduras e maciços) e é de introdução relativamente recente. Em 1974, apontámos esta espécie e a anterior no nosso “Álbum Florístico da Madeira”, mas foi HANSEN (1978) quem a viu primeiramente como naturalizada (no leito seco de uma ribeira no Faial).

Kalanchoe pinnata (Lam.) Pers. – Esta espécie subarborescente, também introduzida e cultivada na Madeira, como planta de jardim, é, no entanto, muito mais antiga na Ilha do que as do mesmo género, tendo sido citada por MENEZES (1914), sob a denominação de *Bryophyllum calycinum* Salisb., como subespontânea. Perfeitamente naturalizada, nalguns locais quentes, rochosos e incultos, e paredes do Funchal, Água de Pena, Machico e Porto da Cruz, reproduz-se, também facilmente pelas folhas suculentas (que, nesta espécie, são muito maiores do que as das duas espécies anteriores), a que chamam, por vezes, folhas-da-vida e folhas-da-fortuna. Nativa de Madagáscar, esta planta, de curiosas flores pendentes, como pequenos sinos, de tons verdes com laivos avermelhados a purpúreos, é cultivada nos Açores, ocorrendo, por vezes, fugida de cultura.

Sedum praealtum A. DC. – Esta espécie ornamental, robusta, de pequenas mas bonitas e numerosas flores amarelo-douradas, planta a que vulgarmente chamam ensaião, ensaião-gigante e saião, é de introdução recente mas muito cultivada em vaso e em jardins, sobretudo áreas rochosas e, também, paredes das zonas baixas e de média altitude na costa sul da Madeira. HANSEN (1974) assinalou-a, na Ilha, pela primeira vez “most likely a garden-escape”, mas SHORT (1994), com maior razão, adianta “often escaping and becoming naturalized, hanging over walls and banks or covering the ground; up to 700 m”. Na área da Camacha, é frequente encontrar-se esta espécie perfeitamente naturalizada. Nativa do México, é planta perene, subarborescente e muito ramificada.

De entre muitas crassuláceas cultivadas na Madeira, como plantas de vaso ou de jardim (dos géneros *Aeonium*, *Cotyledon*, *Crassula*, *Echeveria*, *Graptopetalum*, *Kalanchoe*, *Rochea* e *Sedum*, entre outros), pelo menos duas espécies têm ocorrido fora dos habituais lugares de cultura, nas suas proximidades ou em incultos, como escapadas, não se tendo, porém, pelo menos até agora, tornado naturalizadas: *Graptopetalum paraguayense* (N. E. Br.) Walth., pequena planta perene, suculenta, com alguns ramos grossos, folhas lisas, carnudas, um pouco lanceoladas, com a página inferior em quilha, cinzento-esbranquiçadas a rosadas, dispostas em roseta, e de floração branca, em Março-Abril, nativa da América do Sul, cultivada, sobretudo, como planta de vaso, e que não havia sido ainda assinalada para a Madeira, ocorre com raridade em muros no Funchal; e *Sedum forsteranum* Sm., uma pequena planta herbácea, perene, recente na Madeira, cultivada em vasos, canteiros e jardins, sobretudo rochosos, com certo interesse ornamental pelas suas pequenas e suculentas folhas, em muitos e curtos ramos e pelas pequenas flores amarelo-douradas, planta da Europa Ocidental, espontânea em Portugal Continental e nos Açores, assinalada para a Madeira, como fugida de cultura, pela primeira vez, por HANSEN (1978), que a havia observado em 1972, no Funchal.

CRUCIFERAE (BRASSICACEAE)

Barbarea verna (Mill.) Ash. – É planta herbácea, anual ou bienal, de flores amarelas, pequenas, há muito tida como introduzida (provavelmente como alimentícia, para saladas) e perfeitamente naturalizada na Madeira, desde os tempos de LOWE (1857), que a reconheceu como rara, vivendo em lugares húmidos da meia-encosta do sul da Ilha, sobretudo entre os 500 e os 900 m de altitude, onde ainda hoje se a pode encontrar, sempre com alguma raridade. Esta espécie, cuja denominação científica então usada, também por MENEZES (1914) e outros estudiosos, era *B. praecox* (Sm.) R. Br., é nativa do sudoeste europeu e espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Coronopus didymus (L.) Sm. – Esta erva anual ou bienal, fétida, de flores insignificantes, assinalada por LOWE (1857), sob a denominação de *Senebiera didyma* (L.) Pers. e por MENEZES (1914) já com a nova designação genérica, e por outros botânicos, como planta indígena, é desde há alguns anos reconhecida como introduzida, muito comum e perfeitamente naturalizada na Madeira e no Porto Santo (aqui, menos comum), ocorrendo também nas Desertas e nas Selvagens, em incultos, aterros, pastagens, caminhos, estradas e outras vias empedradas ou não e suas margens, muros de suporte de terras, um pouco por toda a parte, desde a beira-mar até mais de 700 m de altitude; espécie sul-americana, ocorre como subespontânea, também, em Portugal Continental e nos Açores.

Diploaxis catholica (L.) DC. – Esta espécie foi colhida, pela primeira vez, na Madeira, por HANSEN, em 1973, “in a waste place near de Stadium of Funchal”, conforme assinalou o mesmo autor, no ano seguinte. SHORT (1994) diz tratar-se de “an introduced species from SW Europe” e, acrescentamos, já estar perfeitamente naturalizada em locais secos, entulhos e muros, embora sendo muitíssimo rara. É planta herbácea, anual, até perto de 1 m de altura, geralmente verde-glauca, ramosa, com as folhas inferiores muito recortadas e segmentos mais ou menos estreitos e flores com as pétalas amarelo-pálidas, até cerca de 1 cm de comprimento. Espontânea em Portugal Continental, é aí conhecida por grizandra.

Isatis tinctoria L. – É o bem conhecido pastel, a que a história da Madeira faz inúmeras referências, não só por ter sido provavelmente mandado introduzir na Ilha, pelo Infante D. Henrique, mas também por, no século XVI, em 1579, JERÓNIMO DIAS LEITE, publicado, com introdução e notas, por JOÃO FRANCO MACHADO, em 1947, ter feito menção à sua existência na Ilha e também, em 1590, GASPAR FRUTUOSO se lhe referir, nas “Saudades da Terra”, como planta tintureira bastante cultivada, a qual, moída, também se exportava para o Continente. Em 1772, FORSTER viu e colheu esta espécie na Ilha e assinalou-a na sua publicação de 1787, conforme diz MENEZES (1922a). LOWE (1857), dá, o pastel, sob a designação específica de *I. praecox* Kit (que não é correcta), como perfeitamente naturalizado e extremamente comum, aparecendo por toda a parte, em incultos e encostas rochosas, em sítios soalheiros, especialmente perto do mar; e acrescentava que, nessa altura, era apenas “occasionally used for dyeing blue by country people” e que estava já a ser substituído, esclarecendo, ainda, que “formerly it was much cultivated for commerce, but it is now quite neglected”. MENEZES (1914) já dá esta espécie como rara e, hoje podemos dizer que continua relativamente rara, aparecendo aqui e acolá, poucas vezes em grupos ou manchas (como na Ribeira Brava), nas proximidades de estradas e outros caminhos, em terrenos abandonados ou incultos, abertos e bem expostos ao sol (para além dos afloramentos rochosos), nas zonas baixas da costa sul da Madeira, destacando-se, pela sua abundante floração amarelo-brilhante e numerosos e pequenos frutos anegrados, de entre o feno e outra vegetação que a circunda. Espécie da Europa Central e Meridional e da Ásia Ocidental, é subspontânea em Portugal Continental, mas muito rara, e talvez já extinta, nos Açores.

Lepidium bonariense L. – Esta pequena erva, anual ou bienal, de folhas todas recortadas, flores minúsculas, brancas e frutos muito pequenos, achatados, deve ter sido introduzida há poucos anos, tendo sido assinalada para a Madeira, por HANSEN (1969a), após tê-la encontrado na Fajã da Ovelha; de acordo com SHORT (1994), esta espécie sul-americana é “occasionally found on roadsides and waste places in the lower regions of Madeira in both the north and south of the island”. Apesar de natu-

ralizada na Ilha, é espécie rara, que se não tem encontrado em Porto Santo, tal como as espécies congéneres a seguir referidas. Não ocorre em Portugal Continental e nos Açores.

Lepidium ruderale L. – Não deve tratar-se da mesma espécie assinalada, já em 1787, por FORSTER, conforme adiante se refere, mas antes será apenas a que HANSEN observou, pela primeira vez, em 1967, na Calheta e, no ano seguinte, entre a Calheta e a Ribeira Brava. Trata-se de pequena planta anual ou bienal, fétida, com folhas basilares recortadas, folhas superiores do caule inteiras ou com pequenos lobos, de flores em geral sem pétalas e frutos insignificantes, comprimidos, introduzida na Madeira há poucos anos e ocorrendo, com raridade, em incultos e margens de caminhos ou veredas na costa sul da Ilha. É originária da Europa e do sudeste asiático e surge em Portugal Continental e nos Açores, raramente, como subespontânea.

Lepidium sativum L. – Planta herbácea, anual, introduzida há muitos anos na Madeira, como alimentar (para saladas, sobretudo) e medicinal, é conhecida por mastruço e foi, durante largo tempo, cultivada na Ilha. LOWE (1857), reconhecia-a como rara nas zonas baixas e médias (até cerca de 700 m de altitude), surgindo “occasionally in the neighbourhood of Funchal in waste ground amongst vineyards &c; a mere outcast from gardens”. MENEZES (1914) afirma ser espécie subespontânea, embora muito rara, estatuto que mantém, tendo praticamente deixado de ser cultivada. Espécie do Egipto e da Ásia Ocidental, de folhagem abundante e mais ou menos recortada e floração pequena, branca ou rosada a rosa-purpúrea, foi também cultivada e hoje é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, recebendo, neste Arquipélago, o nome de agrião-moiro.

Lepidium virginicum L. – Esta planta herbácea, anual ou bienal, também conhecida por mastruço, foi descrita para a Madeira, por LOWE (1857), como espécie espontânea mas, na realidade, foi introduzida como planta alimentar e medicinal, tal como a anterior. Foi muito cultivada, o que hoje não acontece mas continua a ser muito comum, sobretudo nas zonas baixas da Madeira, e rara em altitudes mais elevadas (900-1000 m), como no Terreiro da Luta. Está perfeitamente naturalizada na Ilha e já havia sido observada, em 1772, por FORSTER, que registou a sua presença em 1787, como *L. ruderale*, de acordo com MENEZES (1922a). Esta espécie norte-americana, de flores brancas, também insignificantes, aparece hoje em incultos, margens de caminhos, entulhos e aterros; é, também, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Lobularia maritima (L.) Desv. – É planta de jardim, de pequeno porte, mas formando tufos, ainda hoje muito cultivada, pela sua abundante floração, normalmente branca, embora de flores muito pequenas, tanto em bordadura como em maciços; já

citada por LOWE (1857) como *Koniga maritima* R. Br., esta espécie aparecia, raramente, como fugida de cultura, em “waste ground amongst vineyards about Funchal, here and there”. Mais tarde, MENEZES (1914) já se refere a esta planta, a que chamam agrião-de-jardim, dizendo: “muito frequente outrora no estado subespontâneo nas proximidades dos jardins do Funchal”. Embora hoje pouco frequente, como subespontânea, pode considerar-se, tal como SHORT (1994), “naturalized in Madeira on cultivated and waste ground”, sobretudo nas zonas baixas do Funchal, até cerca de 500 m de altitude. Espécie do sudoeste europeu e do norte de África, é espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por açafates-de-prata e por escudinha, e nos Açores.

Lunaria annua L. – É planta herbácea, bienal, de jardim, introduzida talvez já no século XX e algo cultivada, aproveitando-se muito as hastes com os curiosos e achatados frutos secos, a que se chamam moedas-do-papa, para arranjos florais; ocorre frequentemente como fugida de cultura (“garden-escape”, como diz HANSEN, em 1978) e, com certa raridade, encontra-se “naturalized in Madeira, along roadsides at Monte and between Terreiro da Luta and Monte” conforme refere SHORT (1994). Já a temos encontrado noutros locais húmidos das mesmas e outras altitudes (350-1000 m), como no Palheiro Ferreiro e, também, na costa norte (Santana). GRABHAM (1942) regista a sua presença na Madeira dizendo que é “often seen in Madeira gardens”. Nativa do sudeste da Europa, é cultivada em Portugal Continental, onde surge às vezes como fugida de cultura.

Sisymbrio irio L. – Esta erva anual, mais ou menos glabra, de folhas inferiores recortadas e serradas, não formando roseta, e de floração amarelo-pálida, originária do sul da Europa, foi introduzida há muitos anos em Porto Santo, onde foi colhida, segundo MENEZES (1894), por MONIZ, em 1892, em incultos, na Vila Baleira. Apesar de rara, está perfeitamente naturalizada naquela Ilha e HANSEN encontrou-a em 1973 (HANSEN, 1978). De espontaneidade duvidosa em Portugal Continental, parece não existir já nos Açores, onde se julga ter sido subespontânea.

Sisymbrio orientale L. – Esta erva anual, pubescente, de folhas inferiores pouco ou nada serradas e em roseta e, também, de flores amarelo-pálidas mas maiores do que as da espécie anterior, e originária da Região Mediterrânica, deve ter sido introduzida na Madeira nos princípios do século XX, tendo sido colhida, pela primeira vez, em 1915, e assinalada, em 1922, por MENEZES. Está perfeitamente naturalizada na Ilha, embora em áreas muito localizadas e com pouca frequência (zonas baixas do Funchal, até cerca de 300 m de altitude). É planta desconhecida no restante território português.

Thlaspi arvense L. – Planta herbácea, anual, glabra, de pequenas flores brancas, um pouco fétida, já referenciada por LOWE (1857), como não comum na Madeira mas

perfeitamente naturalizada em locais cultivados, húmidos, encontra-se, ainda, casualmente, em caminhos, entulhos e incultos na Ilha e, também, em Porto Santo, onde é igualmente rara. É espécie europeia (mas não ocorre em Portugal Continental) e vem citada na lista de FORSTER, que a observou em 1772 (MENEZES, 1922a). Parece ser subespontânea nos Açores.

Hoje, aparecem, ainda, outras espécies de crucíferas ou brassicáceas, que foram introduzidas na Madeira há mais ou menos tempo e que se não devem considerar verdadeiramente naturalizadas, ocorrendo apenas esporadicamente ou fugidas de cultura. Podemos referir: *Brassica oleracea* L., a vulgaríssima couve, uma das plantas hortícolas de mais largo consumo na Madeira, originária das costas europeias do Mediterrâneo Central, de que algumas variedades, cultivadas desde há séculos na Ilha e no Porto Santo, surgem fora dos locais de cultivo, sobretudo na zona agrícola e em margens de levadas, barrancos ou entulhos, tal como em Portugal Continental e nos Açores; *Brassica napus* L. subsp. *rapifera* Metzger, o nabo, também muito cultivado e que ocorre, às vezes, em incultos húmidos, terras agrícolas e margens de caminhos fora dos locais de cultivo, do mesmo modo que noutros territórios do país; *Malcolmia maritima* (L.) R. Br., planta anual, de jardim, mediterrânica, pouco cultivada actualmente “has been recorded as a casual from cultivated ground in Madeira” (SHORT, 1994); *Raphanus sativus* L., o vulgar rabanete, introduzido e cultivado desde há longos anos na Madeira e no Porto Santo, como planta alimentar, não comum, mas “occasionally escaped from gardens”, como já afirmava LOWE (1857), pode ser vista em incultos nas proximidades dos terrenos hortícolas, tendo idêntico comportamento em Portugal Continental e nos Açores; e *Sinapis alba* L., planta herbácea, anual, peluda, de flores amarelas, em tempos cultivada na Madeira (considerada por MENEZES (1914), como subespontânea), como planta condimentar e, também, medicinal e forrageira, hoje muito rara e apenas casual, foi introduzida já há muitos anos (dela dizendo LOWE (1857), que aparecia “occasionally in the neighbourhood of Funchal, but merely as an outcast or straggler from gardens”), sendo conhecida por mostarda ou mostarda-branca, espécie europeia, espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Da família CUCURBITACEAE, representada na Madeira por muitas plantas alimentares, sejam hortícolas (aboboreiras, bogangueiras, pepineiros e pepineleiras), sejam horto-frutícolas (melancia, melão e meloa), a grande maioria necessita de terras devidamente preparadas para que as suas sementes germinem e o desenvolvimento adequado se complete ou se faça a colheita dos respectivos frutos. Por vezes, ocasionalmente, surgem, entre bananeiras, vinhas ou hortas, plântulas de aboboreira ou de bogangueira, mas isso é tão raro ou fugaz que não merece referência especial. Apenas devemos citar a melancia e a pepinela, porque, embora com pouca frequência,

aparecem aqui e acolá fugidas de cultura, em terrenos abandonados ou incultos nas proximidades dos campos agrícolas. De qualquer forma, estamos de acordo com PRESS (1994) que, citando estas duas cucurbitáceas, afirma: “Two members of this widely cultivated family have been recorded from the Madeiran archipelago, although neither species appears to be truly naturalized”. A espécie *Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai (melancia) foi muito cultivada no Porto Santo, havendo até exportação dos frutos para a Madeira há alguns anos, conforme também refere GRABHAM (1942), mas hoje há pouca cultura, surgindo nalguns locais (leitos e margens secas de albufeiras e outros), esporadicamente; é espécie nativa da África do Sul Tropical que não se encontra hoje na Madeira, embora LOWE (1864), tenha dito que, nessa altura, “is only rarely cult.”; e é cultivada em Portugal Continental e nos Açores. A pepineleira, *Sechium edule* (Jacq.) Sw., das Índias Ocidentais, é muito cultivada na Madeira desde há muitos anos (GRABHAM (1926) refere-se-lhe dizendo que “came nearly 100 years ago from Brazil” e ROBLEY (1845), já dizia ser vista frequentemente na Ilha, tal como LOWE, que, em 1864, afirmava ser comum), surgindo esporadicamente perto das habitações.

DIPSACACEAE

Scabiosa atropurpurea L. – Planta herbácea, de jardim, anual ou bienal, antigamente muito cultivada na Madeira, com o nome vulgar de saudades, e que se naturalizou, com certa raridade, em incultos rochosos e terras aráveis, também no Porto Santo. LOWE (1868) cita-a no Funchal em zonas baixas e refere que foi encontrada por MONIZ, na Ilha vizinha, “about the town in cultivated ground”, locais também apontados por MENEZES (1914); a denominação específica usada, então, para esta planta, por estes autores, foi a de *S. maritima* L. Hoje, *S. atropurpurea* é vista, ainda, com muito maior raridade, no estado de subespontânea e vai sendo cada vez menos cultivada, até porque tendo algum interesse ornamental, pelas suas flores lilacéneas a purpúreo-negras, em capítulos densos e medianos, há muitas outras espécies herbáceas, para a composição de maciços e decoração de jardins, de maior valor decorativo. Espécie mediterrânica, considerada espontânea em Portugal Continental e nos Açores, é tida, na Madeira, por alguns autores, também, com essoutro estatuto, o qual continua a parecer-nos inadequado ou mesmo incorrecto, face ao que se conhece do passado e do comportamento da planta nos poucos locais onde tem sido vista.

Da família ELAEAGNACEAE, a espécie *Elaeagnus angustifolia* L., muito cultivada em Porto Santo e pouco na Madeira, conhecida por árvore-do-paráiso, já referida por MENEZES (1894), ocorre, nas proximidades dos locais de cultivo, como escapada, sobretudo pelos rebentos de raiz que esta pequena árvore, um pouco espinhosa, de folhagem verde-prateada, caduca, emite. Originária da Europa Meridio-

nal e do ocidente da Ásia ao Himalaia, esta espécie é cultivada em Portugal Continental, onde às vezes a tratam por oliveira-da-boémia.

ERICACEAE

Arbutus unedo L. – Esta espécie arbórea, de pequeno porte, vulgarmente conhecida por medronheiro, deve ter sido introduzida na Madeira e no Porto Santo já no século XX, provavelmente pela sua alta valia decorativa, dada a beleza da sua folhagem persistente e da sua floração branca, com tons rosados ou verdes, abundante no Outono e Inverno, e pela curiosidade e interesse dos seus frutos (bagas) globosos, verrugosos, amarelo-escarlates a vermelho-escuros e comestíveis. GRABHAM (1926) foi quem a assinalou, pela primeira vez, afirmando “a few fine specimens are found in gardens”. É espécie pouco cultivada nas duas Ilhas mas, na Madeira, ocorre nalguns escassos locais como subespontânea ou naturalizada, em matas de exóticas (montado do Pereiro), quintas da Camacha e do Santo da Serra e até num local restrito da *Laurisilva* (Fajã da Nogueira, montado do Leacock), sempre na vizinhança de exemplares adultos, certamente plantados. Uma pequena mancha de medronheiros subespontâneos pode ver-se no sítio da Fajã dos Rolos, em Machico, junto ao caminho florestal que liga à Portela. Originário da Europa Mediterrânica e do sudoeste da Irlanda, o medronheiro é espontâneo em Portugal Continental, onde aproveitam os frutos (medronhos) no fabrico de uma aguardente que tem numerosos apreciadores.

Calluna vulgaris (L.) Hull – Espécie arbustiva, pequena, de muitos ramos e de floração róseo-lilacínea, atraente, semelhante a uma urze ornamental, deve ter sido introduzida talvez já em meados do século XX, mas só foi assinalada para a Madeira, em 1971, por HANSEN que a viu no ano anterior, naturalizada num só local florestado da média altitude (Santo da Serra, cerca de 600 m). Tem-se expandido pouco na Ilha, também porque lhes aproveitam os ramos e as flores em arranjos diversos e até os comercializam. Planta europeia, é espontânea em Portugal Continental, onde a tratam por urze e torga-ordinária, e nos Açores, onde é conhecida por queiró, queiroga, rapa e, também, leiva.

Erica cinerea L. – Até 1978, nunca havíamos observado esta urze, provavelmente introduzida acidentalmente, na Madeira, pouco antes dessa data. De tal facto havíamos informado, nesse mesmo ano, um amador entusiasta de espécies de *Erica*, inglês (J. A. CARRUTHERS), que visitou a Ilha para ver, *in loco*, a *E. maderensis*. Mas, em Setembro desse ano, vimos duas ou três plantas desta *E. cinerea* nas Queimadas, numa mata de resinosas ornamentais, constituída por espécies, na sua maioria, importadas de Portugal Continental, na terra e no raizame das quais devem ter vindo essas mesmas plantas ou as respectivas sementes. Por pensarmos tratar-se de um caso meramente fortuito, ocasional, não lhe dedicámos muita atenção... Mas, agora, a *E. cinerea*, passados vinte

anos, encontra-se já perfeitamente naturalizada, nesse mesmo sítio, mas numa área extensa, sobretudo no sub-bosque da mesma mata e suas proximidades, em pequenos barrancos ou cômoros e em ervagens. Trata-se de um subarbusto de muitas e delgadas ramificações, mais ou menos prostradas, de folhas lineares, muito pequenas (até 7 mm), três em cada nó, donde saem pequenos feixes de folhas axilares e de flores atraentes, também pequenas, em inflorescências terminais de coloração púrpura-avermelhada, e que surgem, sobretudo, entre Junho e Setembro. Note-se que esta espécie, que, agora, assinalamos, pela primeira vez, para a Madeira, não tem nada que ver com a referida, erradamente, sob o mesmo binome por LOWE (1872), pois, este queria descrever a *Erica maderensis* (Benth.) Bornm., tratada, também, durante algum tempo, incorrectamente, como *E. cinerea* L. var. *maderensis* Benth. A *E. cinerea* é espécie europeia, espontânea em Portugal Continental, onde em certas localidades é conhecida por torga.

Rhododendron ponticum L. – Introduzido, talvez, em finais do século XIX e cultivado pelo seu interesse ornamental na Madeira, este grande arbusto, de bonita floração rosa-purpúrea, muito ramoso e de folhagem persistente e densa, é seguramente o referido por MENEZES (1914), em nota de pé de página, como sendo supostamente “um produto do cruzamento do *R. arboreum* Sm. pelo *R. ponticum* L.”, e dado já então como frequente na Camacha e Santo da Serra. Desde os princípios da década de 50, que temos visto este rododendro como subespontâneo, em quintas e parques daquelas localidades mencionadas por MENEZES (600-700 m de altitude), e perfeitamente naturalizado. HANSEN (1974) assinalou esta espécie para a Madeira a partir de material colhido em 1972, perto do Paúl da Serra, referindo-a como subespontânea. Planta mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental.

Da família das ericáceas, algumas outras espécies introduzidas e cultivadas na Madeira aparecem, às vezes, fugidas de cultura mas ainda não naturalizadas na Ilha: *Erica vagans* L., uma urze do Mediterrâneo, que é um arbusto de flores lilacíneas a róseas, que tem aparecido apenas no pico do Infante (Camacha); *Rhododendron arboreum* Sm., um rododendro, do Himalaia, de grande porte e bonita floração rosa-avermelhada que, em locais de altitude superior a 500 m, como nas Queimadas, surge ocasionalmente fora das áreas de plantação, como se fosse subespontâneo; e *Rhododendron mucronatum* G. Don, uma azálea de flores brancas, nativa do Japão, que também na Camacha, no Santo da Serra, nas Queimadas e no Porto da Cruz tem surgido em terrenos próximos dos locais ajardinados.

EUPHORBIACEAE

Euphorbia nutans Lag. – Planta herbácea, anual, leitosa, como a espécie seguinte, relativamente rara, nativa da América do Norte, há muito introduzida na Ma-

deira, está naturalizada principalmente em incultos, margens de caminhos e terrenos aráveis da costa sul da Ilha. Desta espécie, frágil, de folhas opostas, oblongas, até mais de 2,5 cm de comprimento e estípulas triangulares, disse, em 1971, HANSEN: “a rare species, introduced but quite naturalized on Madeira, known since Lowe’s days”. E MENEZES (1894, 1914), ao mencionar esta planta, sob a designação sinónima *E. preslii* Guss., indica que LOWE, em 1838, dela fala, como *E. refracta*, nas suas *Novitiae florum maderensis*. Esta espécie é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Euphorbia prostrata Aiton – Planta herbácea, anual, muito pequena e prostrada, quase sempre com tons avermelhado-purpúreos, introduzida, com certeza acidentalmente, na Madeira e no Porto Santo, encontra-se perfeitamente naturalizada, sobretudo nos empedrados das ruas, dos caminhos e das estradas e nas suas margens e nos logradouros e quintais das moradias, principalmente nas cidades e núcleos urbanos das zonas mais baixas insulares, por vezes até acima dos 300 m de altitude. Já referida como frequente, em 1894, por MENEZES, para a Madeira, esta espécie norte-americana é extraordinariamente comum e ocorre também em incultos, principalmente pedregosos; e é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Phyllanthus tenellus Roxb. – Vulgarmente conhecida por quebra-pedra, esta planta anual ou perene (mas de vida curta), erecta, com altura superior, por vezes, a meio metro, de folhagem graciosa, com as folhas elípticas, pequenas, até 2 x 1 cm, tem tido, nas últimas dezenas de anos, grande utilização na medicina popular madeirense, pelas suas propriedades diuréticas e nas afecções renais e das vias urinárias, sobretudo contra a formação de cálculos. Por comunicação pessoal dum seu familiar, soubemos que esta espécie foi introduzida, na Madeira, a pedido do falecido Dr. João Abel de Freitas, médico e político, que foi presidente da ex-Junta-Geral do Distrito Autónomo do Funchal e Governador Civil do mesmo Distrito, o qual depois a fez disseminar por vários pontos do Funchal. A introdução deve ter-se dado nos anos 30, pouco antes da eclosão da II Grande Guerra Mundial, tendo as plantas sido provenientes do Brasil, onde aquele médico tinha um irmão. A quebra-pedra (também assim conhecida no Brasil) rapidamente se expandiu na Ilha, tornando-se perfeitamente naturalizada em terras cultivadas, jardins, incultos, margens de caminhos, aterros, nas zonas baixas da costa sul, com maior predominância no Funchal, mas a sua área de distribuição territorial na Madeira tem tendência a aumentar progressivamente, dado o seu rápido desenvolvimento e a sua facilidade de propagação por via seminal. Nativa das ilhas Mascarenhas, colhemo-la em 1957, na Ribeira Brava, e HANSEN assinalou-a, pela primeira vez, com a denominação científica de *Phyllanthus niruri* L., em 1968, a qual depois corrigiu, em 1974, para a designação específica certa, que adoptamos nesta nota. Só a descobrimos recentemente (2001) em Porto Santo, nas imediações da escola

primária do centro urbano. A espécie *Phyllanthus tenellus* encontra-se também subespontânea nos Açores.

Ricinus communis L. – Esta espécie, vulgarmente conhecida por carrapateira ou rícino, vem referenciada em documentos antigos da Madeira, dos finais do século XVIII (1781 e 1790), como já existindo na Ilha, os quais são comentados por A. A. SARMENTO em “As pequenas indústrias da Madeira”. Nesses documentos se lê que esta planta arbustiva, de grandes folhas, maiores do que as da videira, e dotada de grande rusticidade, já nessa época se desenvolvia bem na Ilha, produzindo “até entre as pedras, como actualmente se está vendo” e que das suas sementes se poderia obter “um excelente óleo, cujo uso na medicina é muito frequente e além disto é admirável nas luzes”. A carrapateira era também conhecida, na altura, ou foi então mencionada, como “figueira baforeira, abofereira, figueira do diabo e castor”. Provavelmente, esta espécie foi introduzida na Madeira com os fins industriais já referidos mas não nos consta, porém, que apesar da sua rápida, extensa e perfeita naturalização (na Madeira, no Porto Santo e na Selvagem Grande) e das medidas de fomento, divulgação e protecção tomadas pelas autoridades de então, tenha havido qualquer industrialização, com resultados significativos. Pode, todavia, ter-se dado o caso de um ou outro particular ter obtido, em pequenas quantidades, por processo artesanal, o óleo de rícino (*castor oil*), que é, como se sabe, um produto com efeitos purgativos muito eficiente. Planta nativa da África Tropical, é vulgaríssima em incultos, aterros, entulhos, terras agrícolas abandonadas, sobretudo das zonas mais baixas da costa sul da Madeira, mas pode ultrapassar os 700 m de altitude. MENEZES (1894), também refere que, nessa época, a carrapateira, naturalizada na Madeira e no Porto Santo, era comum. Por vezes vêem-se, também, no estado subespontâneo, tanto na Madeira, como no Porto Santo, alguns exemplares de variedades de rícino, de folhagem e frutos mais ou menos vermelhos, que se cultivam nalguns poucos jardins, com certo interesse ornamental. A espécie *Ricinus communis* é também subespontânea em Portugal Continental (onde também lhe chamam carrapateiro e mamona) e nos Açores.

Algumas outras espécies desta família das euforbiáceas, introduzidas há pouco tempo e outras já há muito presentes na Ilha, têm vindo a ocorrer fugidas de cultura ou meramente casuais, num ou noutro local, sem ter mostrado, até agora, tendência para aí permanecer: *Acalypha virginica* L., pequena planta anual, norte-americana, assinalada há mais de 70 anos por MENEZES (1927), após ter sido vista pelo P.^o JOSÉ GONÇALVES da COSTA, no norte da Ilha e de que SHORT (1994) diz “it is possibly no longer present”; *Euphorbia cotinifolia* L., grande arbusto de jardim, ramoso, originário do México à América do Sul, muito decorativo pela bonita e densa folhagem vermelho-escura, que contrasta com a floração esbranquiçada, de introdução recente na Madeira (anos 60) e assinalada agora, pela primeira vez, para a Ilha, tem-se vindo a

reproduzir por semente e por rebentos de raiz, ocorrendo nas proximidades de habitações e seus logradouros, sobretudo nas zonas baixas do Funchal; *Euphorbia ingens* E. Mey, de porte arbustivo e arbóreo, como um grande cacto, robusto e ramificado, é planta sul-africana, muito cultivada a partir dos anos 40, nos jardins das zonas baixas e soalheiras da Ilha, sobretudo do Funchal (e ocorrendo raramente em Porto Santo), produz muitas sementes férteis que germinam facilmente dando origem a plantas que por vezes crescem em incultos e fendas de rochas nas proximidades das plantas-mães; *Euphorbia lathyris* L., uma curiosa e robusta planta herbácea e glauca, bienal, da Região Mediterrânica, de folhas opostas, que MENEZES (1914) assinalou como espontânea na Quinta do Palheiro e muito rara e que, na “Flora of Madeira”, SHORT (1994), diz dever tratar-se de planta de jardim, acrescentando nós (que nunca a encontramos) que pode na realidade ter ocorrido como casual, tal como tem acontecido em Portugal Continental, onde é conhecida por tártago, morganeira e catapúcia-menor e nos Açores, onde recebe o nome de trovisco-fêmea; *Synadenium grantii* Hook. fil., grande arbusto, suculento e leitoso, da África Tropical, cultivado desde há pouco tempo (a partir de 1970) nos jardins madeirenses, sobretudo nas zonas baixas do Funchal e também em logradouros do Porto Santo, de bonita e grande folhagem, geralmente variegada de verde, branco e vermelho ou predominantemente avermelhada, aparece, aqui e acolá, nas proximidades das habitações, propagando-se, sobretudo, por via seminal (é também aqui assinalado, pela primeira vez, para o Arquipélago).

FAGACEAE

Quercus ilex L. – Vulgarmente conhecida por azinheira, esta árvore, mediana a robusta, de copa arredondada, com folhas persistentes, lanceoladas a oblongo-lanceoladas, serradas, verde-escuras na página superior e esbranquiçadas na inferior e 7-14 pares de nervuras, produz frutos semelhantes aos do carvalho. MENEZES (1914) assinalou esta espécie como cultivada em várias quintas da Madeira. A data da introdução da azinheira na Ilha deve ser, porém, bastante anterior, dado o tamanho que hoje apresentam alguns exemplares e o conhecimento sobre a sua existência que os proprietários deles têm ou guardam em suas memórias. Esta espécie aparece nalguns locais secos das zonas baixas do Funchal e em zonas médias e húmidas (Choupana, Camacha, Santo da Serra), nas proximidades de parques e jardins, como naturalizada. Na Quinta Palmeira, há um núcleo grande e interessante de azinheiras subespontâneas. A espécie *Q. ilex* é da Região Mediterrânica, sendo indígena em Portugal Continental, onde também a conhecem por azinho.

Quercus robur L. – Diz-se no “Elucidário Madeirense”, no artigo “Carvalho”, certamente da responsabilidade de MENEZES, co-autor desta obra, que esta “árvore

européia muito espalhada em toda a Ilha... foi introduzida em 1803 pelo primeiro Conde de Carvalhal”. Conhecida, também, por carvalheiro, foi muito cultivada em parques, jardins, praças, arruamentos e até como árvore florestal e faz parte das zonas vegetacionais das quintas madeirenses sendo aí, ainda, um ornamento de grande beleza e imponência. Atinge, por vezes, grandes dimensões (até mais de 30 m de altura e uma copa ampla), e possui grandes e bonitas folhas, oval-oblongas, lobadas, mas caducas; as flores passam despercebidas por serem muito pequenas mas os frutos (glandes) são as características e grandes bolotas, envolvidas na parte inferior por uma cúpula lenhosa, em forma de taça. A madeira desta espécie é excelente e aproveitada localmente. MENEZES (1894), utilizando o binome *Q. pedunculata* Ehrh., afirmou ser esta espécie subespontânea na Ilha, na proximidade dos jardins e hoje encontra-se naturalizada, não só em muitas quintas e na sua vizinhança (Funchal, Santana, S. Vicente, Calheta, etc.), mas também em locais montanhosos (até mais de 1000 m de altitude), como nas Queimadas, Choupana, Santana, Santo da Serra, São Jorge, só sendo limitada, fortemente, na sua expansão, por um oídio peculiar (cinzeiro, na linguagem popular) que, nas plantas jovens, causa grande mortalidade. Espécie originária da Europa, incluindo Portugal Continental (onde a conhecem, vulgarmente, também, por carvalho-comum, roble e alvarinho), do norte de África e do sudoeste da Ásia, foi também introduzida nos Açores.

Desta família das fagáceas, há uma árvore de grande porte (também cultivada nos Açores) que, embora não estando naturalizada, ocorre, raramente, mas desde há muitos anos, como fugida de cultura, sobretudo perto dos seus terrenos de cultivo: a *Castanea sativa* Mill. (castanheiro), da Região Mediterrânica Oriental, introduzida na Madeira, provavelmente, logo nos começos do povoamento, pela sua valia florestal e pelos seus frutos e que rapidamente se foi plantando na Ilha, sobretudo na meia encosta (200 a 800 m de altitude, aproximadamente) mas que hoje ocupa uma menor área (à volta de 200 hectares) e que, em determinados locais montanhosos e húmidos (Serra de Água, parte alta da Ribeira Brava e do Campanário, Curral das Freiras, etc.), surge, ocasionalmente, aqui e acolá.

GERANIACEAE

Pelargonium betulinum x *cuculatum* – De acordo com PHILLIPS & RIX (1998), deve incluir-se este híbrido no grupo de pelargónios geralmente conhecido como *P. x domesticum* e atribuir-se ao mesmo cruzamento uma velha cultivar, alta, ramificada e arbustiva que se encontra naturalizada nalguns terrenos incultos “in several places in Madeira”, por eles observada em 1992. Ocorre, na realidade, sobretudo na costa norte da Ilha (Faial, Santana, São Jorge) mas também, aqui e acolá, na sul, nas proximidades das estradas e habitações. “It is very close to some of the very early hybrids from which Regal pelargoniums where bred, showing the influence of both *P.*

cucullatum e *P. betulinum*". Esta planta que, como todos os pelargónios cultivados na Madeira, recebe o nome vulgar de malva, possui flores abundantes, grandes (até cerca de 5 cm de diâmetro), de tons rosa-claros nas pétalas inferiores e mais escuros nas superiores e folhas côncavas, mais ou menos em forma de taça ou cartucho afunilado, com as margens serradas e pecíolos longos, pubescentes. Há muito cultivada na Madeira (talvez do tempo de MENEZES) parece-nos, como subespontânea, relativamente recente; é de origem híbrida, como antes se referiu.

Pelargonium glutinosum (Jacq.) L' Hér. – É planta ornamental, robusta, até mais de 1,5 m de altura, erecta e ramosa, pegajosa, de flores rosadas, mais ou menos carregadas, com duas pétalas possuindo manchas mais escuras, já mencionada por LOWE (1857), hoje bastante menos cultivada do que antigamente; aparece, também, com pouca frequência, em incultos e terrenos cultivados, naturalizada, nalguns locais, fugida de cultura, noutros, sobretudo na costa sul da Madeira, até mais de 500 m de altitude e, mais raramente, na costa norte, onde forma, às vezes, moitas densas, como no Larano (Porto da Cruz), de acordo com HANSEN (1978), mostrando-se aí "quite naturalized". Nativa da África do Sul, como as espécies congéneres, esta malva é também cultivada noutras regiões do país. (No Continente e nos Açores dão os nomes de sardinheiras e malva-rosas a estas plantas.)

Pelargonium inquinans (L.) L' Hér. – Destoutra malva, de ramos suculentos e aveludado-pubescentes, introduzida há muitos anos, tal como a anterior, na Madeira e no Porto Santo, e muito cultivada pela sua bonita e contínua floração avermelhada, dizia LOWE (1857) que se encontrava frequentemente em "sea-cliffs for about a mile out of Funchal to the E. along the Caniço road, and elsewhere amongst thickets of Cactus everywhere on the S. coast and for some distance up the Ravines, completely naturalized". Mantém-se, ainda hoje, praticamente nessas mesmas zonas rochosas, agora da Ponta do Pargo até Machico, sendo bastante comum e destacando-se de entre o feno e outras ervas e tabaibeiras que ocorrem nos incultos do litoral madeirense. É de origem sul-africana e encontra-se também naturalizada no Porto Santo, particularmente na Serra de Fora.

Pelargonium odoratissimum (L.) L' Hér. – Esta malva, de que fala MENEZES (1914), como sendo cultivada em jardins e quintas madeirenses, tem um porte menos direito e mais prostrado do que as anteriores congéneres e uma floração bem menos atraente (flores pequenas com tons esbranquiçados e com pontos vermelho-rosados) mas as folhas têm um perfume muito agradável que se intensifica quando são esmagadas. É uma espécie hoje rara, embora naturalizada em terrenos ajardinados ou cultivados nas proximidades das habitações, sobretudo no Funchal e seus arredores. Nativa também da África do Sul, é cultivada noutras zonas do país e não a temos visto em Porto Santo.

Pelargonium vitifolium (L.) L' Hér. – Outra malva, introduzida e cultivada, na Madeira, desde há muitos anos (e talvez confundida, amiúde, com *P. graveolens* L' Hér., uma espécie que já deve estar extinta ou é raríssima na Ilha) mas assinalada, como subespontânea, pela primeira vez, para a Madeira, por HANSEN (1973), aparece “naturalized in the south of Madeira near Funchal and Machico” (GIBBY, 1994). Planta subarborescente, robusta, densamente vilosa, de aroma forte, agradável e flores pequenas, não muito atraentes, rosadas a purpúreas, com manchas mais escuras em duas pétalas, é hoje bastante rara e praticamente não já cultivada. Espécie sul-africana, tem pouca expressão noutras regiões do país.

Hoje em dia, da família das geraniáceas, as malvas mais cultivadas principalmente nos jardins, parques, logradouros, floreiras e vasos do Funchal e seus arredores e, também, nos meios urbanos dos concelhos rurais, são plantas híbridas de grande interesse ornamental e cultivares de bela floração, que têm surgido na Madeira, sobretudo depois da implantação duma empresa viveirista (a que já nos referimos a propósito da *Impatiens balsamina*) que trabalha essencialmente para o exterior, mas também comercializa internamente estacas enraizadas e plantas já formadas. Note-se que esses híbridos e cultivares não se têm tornado subespontâneos ou naturalizados, nem mesmo, ao que nos consta, têm ocorrido fugidos de cultura. O que ainda acontece é o facto de algumas espécies mais raramente cultivadas como plantas de jardins, floreiras e vasos, surgirem isoladas aqui e acolá, escapadas dos habituais locais de cultura, em terrenos incultos ou cultivados nas suas proximidades. Têm sido, sobretudo, assinaladas em vários trabalhos ou por nós observadas, principalmente no Funchal e arredores, nas vizinhanças das habitações, aliás no seguimento do que, em 1857, já LOWE dizia: “Several other sp. of shrubby garden *Pelargonium* are very common or occasionally almost naturalized”. Devemos referir: *P. alchemilloides* (L.) L' Hér., assinalado por LOWE (1857) “here and there”, no Funchal é planta herbácea, pequena, ramosa, de folhas arredondadas mas lobadas e dentado-serradas e flores numerosas, esbranquiçadas a róseas, relativamente pequenas; *P. capitatum* (L.) L' Hér., referida por GIBBY (1994) como “possibly naturalized in the south of Madeira”, o que não pudemos confirmar, é planta arbustiva, decumbente, vilosa, de folhas palmatilobadas, perfumadas e flores numerosas, de cor rosa-clara a escura, com manchas purpúreas nas duas pétalas posteriores; *P. cucculatum* (L.) L' Hér., muito cultivada (sob diversos híbridos e cultivares), é uma malva robusta, arbustiva, de folhas geralmente não aromáticas, vilosas, côncavas, afuniladas e flores numerosas, mais ou menos grandes, levemente rosadas a rosa-escuras; *P. graveolens* (Thunb.) L' Hér., já mencionada por LOWE (1857), como frequente mas hoje rara, é espécie arbustiva, um pouco suculenta, de cheiro pouco agradável, com folhas de 7 lobos, serradas, pubescentes, de margem mais ou menos revoluta e flores numerosas, de um rosa uniforme, que MENEZES (1914) afirmava ter tendência a desaparecer da

Ilha; *P. peltatum* (L.) L' Hér., (muito cultivada através de híbridos e cultivares, alguns de raro interesse e beleza) é planta trepadeira ou, sobretudo, decumbente, de folhas peltadas, um pouco carnudas, semelhantes às da hera e flores normalmente rosadas a brancas; *P. quercifolium* (L. fil.) L' Hér., é uma malva hoje rara em cultura, de porte arbustivo, erecto, folhas aromáticas, onduladas, lobadas (parecidas às do carvalho), mais ou menos ásperas, com alguns pêlos e flores rosadas, em que as pétalas superiores têm manchas escuras; e *P. zonale* (L.) L' Hér. (largamente cultivada na Ilha, através dos seus híbridos e cultivares), que é planta arbustiva, alta, ramosa, com folhas aromáticas, pubescentes, macias, arredondadas, com lobos pouco profundos e usualmente com manchas anelares purpúreas e, geralmente, com flores numerosas, de pétalas estreitas.

Note-se que muitas plantas de *Pelargonium*, sobretudo das espécies com ramificações mais grossas e suculentas, têm vindo a ser atacadas por uma pequena lagarta, dum borboleta endémica da Madeira, cientificamente denominada, de acordo com FRANQUINHO AGUIAR (comunicação pessoal), por *Blastobasis decolorella* (Wollaston), que destroi interiormente, às vezes por completo, os seus ramos e caules, limitando extraordinariamente a floração e a produção de semente e evitando ou restringindo conseqüentemente a propagação e a expansão de tais plantas.

GUTTIFERAE (HYPERICACEAE)

Hypericum x inodorum Mill. – É espécie de origem híbrida, introduzida e cultivada na Madeira, sem se conhecer a época de introdução, até porque é muito semelhante à malfurada (*H. grandifolium* Choisy), que é, como sabemos, um endemismo macaronésico; tornou-se perfeitamente naturalizada na Ilha, até nas proximidades e no interior da *Laurisilva*, embora não seja planta comum. Tem certo interesse ornamental, sendo um arbusto também mediano, de folhagem persistente, floração amarela, que surge, sobretudo, no Verão e com frutos (cápsulas), na maturação, a princípio vermelhos e depois castanhos; prefere terrenos soalheiros e húmidos. HANSEN & SUNDING (1985) consideraram este binome sinónimo de *H. grandifolium* Choisy, erro que também nós próprios cometemos num trabalho sobre a flora da Madeira (VIEIRA, 1992). Aqueles autores, no Catálogo das plantas vasculares da Macaronésia (4ª ed., 1993) rectificaram a sua posição e consideram já este híbrido perfeitamente separado da planta endémica da Macaronésia, mais propriamente da Madeira e de Canárias, tal como faz TEBBS (1994).

Da família HALORAGACEAE, uma curiosa espécie aquática e semiterrestre, introduzida e cultivada desde há poucos anos na Madeira, sobretudo na decoração de aquários, pequenos lagos, espelhos de água, canais, tanques de pequena profundidade, a *Myriophyllum aquaticum* (Vell.) Verdc., foi colhida, pela primeira

vez, fora do seu habitat mais habitual, parecendo até subespontânea, no Santo da Serra, em terrenos húmidos e encharcados, em 1971, conforme refere HANSEN (1974); nativa da América do Sul, esta planta delicada, de folhagem verticilada e muito dividida e fina e de flores insignificantes, não parece ter tendência para se naturalizar na Ilha, embora aqui e acolá vá surgindo escapada da cultura e bem desenvolvida, sempre em locais encharcados (Machico, Santa Cruz) ou, casualmente, em terrenos húmidos, nas proximidades das habitações ou das áreas cultivadas (Jardim Botânico).

HYDRANGEACEAE

Hydrangea macrophylla (Thunb.) Ser. – Esta espécie, largamente cultivada na Madeira e raramente no Porto Santo, é conhecida de todos pelo nome vulgar de novelos ou hortênsias. Trata-se de um arbusto muito decorativo pela sua grande e abundante floração, em inflorescências, globosas, predominantemente de cor azul, raramente esbranquiçada ou rosada, já muito comum nos tempos de LOWE, que o assinalou, em 1864, como *H. hortensis* Sm. “as a fence about houses and gardens, above 1000 ft.”. Tem-se vindo a expandir por toda a Madeira, quer em jardins e parques, quer em vasos e floreiras, quer ladeando caminhos e estradas ou levadas, até acima de 1000 m de altitude; contribui muito para essa difusão e expansão o facto de este arbusto se multiplicar facilmente por estaca, para além da sua grande rusticidade. No entanto, esta espécie aparece, raramente, como naturalizada (sobretudo em terrenos mobilizados e húmidos entre os 500 e os 1000 m de altitude), como em Santana, no Santo da Serra, nas Queimadas e na Camacha, até na *Laurisilva* e a partir de plantas com floração não uniformemente estéril (flores estéreis é o caso mais frequente) mas com flores perfeitas, que aparecem no centro da inflorescência. Espécie nativa do Japão, é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

HYDROPHYLLACEAE

Wigandia caracasana Kunth – É um grande e bonito arbusto, introduzido há muitos anos na Madeira e bastante cultivado em jardins, quintas e parques, sobretudo no Funchal e seus arredores, desde o nível do mar até mais de 500 m de altitude. Tem interesse ornamental pelas suas grandes folhas, verde-escuras, ásperas e pelas numerosas flores de cor violeta, muito atraentes, em inflorescências longas. GRABHAM (1926) escreveu: “Though seeding freely and spreading underground, this species, introduced 50 years ago, shows no inclination to naturalize” mas, na realidade, esta planta, a que chamam vigândia, está já, nalgumas quintas e em sítios incultos e, também, nas fendas dalgumas falésias, naturalizada, sobretudo pelos rebentos de raiz, ocorrendo em muros de suporte, caminhos e locais rochosos e pedregosos. Pode-se observá-la, por exemplo, no Jardim Botânico da Madeira, nas Quintas Magnólia, Palheiro e Palmeira e

na Ponta da Cruz, onde muitos exemplares e seus rebentos vegetam há mais de 30 anos, sem que se lhes dediquem quaisquer cuidados culturais. É espécie da América Central e Meridional, presente na flora portuguesa como cultivada e, por vezes, fugida de cultura.

LABIATAE (LAMIACEAE)

Lamium galeobdolon (L.) Ehrend. & Polatschek – Esta espécie herbácea deve ter sido introduzida recentemente na Madeira (talvez por volta dos anos 60) como planta decorativa, destinada a canteiros e floreiras e à cobertura do solo, em jardins sombrios e frescos e em zonas arborizadas. Tornou-se rapidamente subespontânea e, nos últimos anos, temo-la encontrado, embora com raridade, nas médias altitudes da Ilha, desde 400 a mais de 800 m, perfeitamente naturalizada, como nas Achadas da Cruz, Jardim da Serra e Lamaceiros (perímetro florestal da serra do Poiso), quase sempre sob coberto de árvores exóticas. Julgamos que esta espécie pode vir a expandir-se muito mais, até na própria *Laurisilva*. HANSEN & SUNDING referem esta espécie, para a Madeira, apenas no seu Catálogo de plantas vasculares da Macaronésia, 4ª edição (1993) e PRESS (1994) também a cita com a indicação “recorded from Madeira but without further data”. Trata-se de erva perene, de pouca altura, provida de pêlos um pouco ásperos, produzindo estolhos longos, até mais de 1 m, que enraizam facilmente nos nós, e com folhas opostas, medianas, ovadas a triangulares, serradas, e com flores amarelas (às vezes manchadas de castanho), dispostas em grupos densos nas axilas das folhas; as folhas têm, muitas vezes, manchas branco-prateadas. É planta de larga distribuição geográfica na Europa e na Ásia Ocidental e, em Portugal Continental, só existe cultivada.

Lavandula dentata L. – Conhecida vulgarmente por rosmaninho, esta espécie subarborescente, de certo interesse ornamental, de tons acinzentados e flores purpúreas, foi assinalada, para a Madeira, como introduzida e “subespontânea nas proximidades dos jardins do Funchal” por MENEZES (1914). Trata-se de uma planta aromática, em tempos com interesse medicinal, hoje muito pouco cultivada mas aparecendo, também, embora raramente, como naturalizada, em incultos secos, nos arredores do Funchal e junto de habitações, nalguns meios rurais da costa sudeste da Ilha. Espécie mediterrânica, é cultivada em Portugal Continental.

Lavandula viridis L' Hér. – Esta espécie, também subarborescente, assinalada pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1894), foi tida, primitivamente, como indígena nesta Ilha, sendo hoje reconhecida como introduzida e, como diz PRESS (1994), “grown as a cottage herb in Madeira and naturalized along levadas and near houses in places in the south-east of the island”. Este rosmaninho-verde, de flores em espigas amarelo-pálidas a esverdeadas, hoje menos aproveitado na medicina caseira e menos cultivado, é bastante raro no estado subespontâneo e encontra-se, também, em sítios

um pouco secos de média altitude (perto do Santo da Serra), para além de continuar a poder ser observado em lugares secos ou ervados das zonas baixas (Funchal, Caniço, Machico e Caniçal). Planta europeia, indígena no território português, é tida de espontaneidade incerta nos Açores.

Melissa officinalis L. subsp. *officinalis* – É a conhecidíssima erva-cidreira, introduzida há muitos anos e, ainda hoje, muito cultivada na Madeira, como planta aromática, de cheiro forte a flor de laranjeira, largamente utilizada na medicina caseira (sobretudo como anti-espasmódica, digestiva, estimulante e estomacal). Tida como subespontânea por MENEZES (1914), depois de ter sido colhida na segunda metade do século XIX, nas rochas húmidas do Seixal, encontra-se, também, “naturalized along streams in a few places”, como elucida PRESS (1994). Planta herbácea, vivaz e muito ramosa, de folhas pequenas a grandes (até 7 cm por 5 cm), geralmente ovadas, com a margem crenada e flores esbranquiçadas, amareladas ou rosadas, nativa da Europa Central e Meridional, da Ásia Ocidental e da África Boreal é, também, cultivada e, nalguns locais, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Mentha longifolia (L.) Huds. – É erva vivaz, robusta, de folhagem quase sempre grande e pubescente, verde-acinzentada a esbranquiçada, muito aromática e floração branca a lilacénea, em espigas ramosas, conhecida vulgarmente por hortelã, de introdução longínqua na Madeira, referida por MENEZES (1894, 1914) como *M. sylvestris* L., primeiro como espécie indígena, depois como exótica, mas sempre rara; é, ainda, cultivada na Ilha, com fins de medicina caseira, embora em mais reduzida escala do que antigamente, e ocorre, em terrenos húmidos, como naturalizada, sobretudo nas médias altitudes, tanto na costa sul como na norte, com pouca frequência. Trata-se de espécie europeia, espontânea em Portugal Continental.

Mentha x piperita L. – Planta herbácea, vivaz, de grandes folhas (até mais de 10 cm de comprimento), de flores rosa-lilacéneas, muito aromáticas, era considerada muito rara na Madeira, por MENEZES (1894). Hoje, a hortelã-pimenta, como é designada vulgarmente esta espécie, é bastante cultivada em jardins e hortas familiares por toda a Ilha, ocorrendo não frequentemente como naturalizada nalguns locais húmidos (margens de ribeiros e de pequenos cursos de água), geralmente perto das habitações madeirenses. No Porto Santo, é pouco cultivada. Espécie híbrida, de origem desconhecida, é cultivada em Portugal Continental e nos Açores e, por vezes, fugida de cultura. É, também, muito utilizada como planta medicinal caseira, sobretudo como antitússica, estimulante e estomacal.

Mentha spicata L. – Espécie herbácea, também aromática, de cheiro agradável, com folhas lanceoladas a ovadas, medianas (até 5 cm de comprimento por 2,5 cm de largo),

serradas e flores brancas, lilazes ou rosadas, é conhecida vulgarmente, na Madeira, por hortelã-de-leite, tendo sido introduzida e cultivada pelo seu interesse medicinal. MENEZES (1914) refere-a (sob a designação de *Mentha viridis* L. var. *hirsuta* Menezes) como espontânea e, também, muito cultivada nas hortas. Ocorre, por vezes, como naturalizada nalguns locais húmidos e encharcados da Ilha, sobretudo no Funchal e arredores. De origem também desconhecida, esta espécie é, de igual modo, cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Plectranthus fruticosus L' Hér. – Planta arbustiva, erecta, até cerca de 2 m, de folhas opostas, largamente ovadas, grandes, até mais de 15 x 10 cm, de margem dentada e flores pequenas, quase sempre lilacíneas ou azuladas, com manchas purpúreas, dispostas em inflorescências estreitas, até mais de 20 cm de comprimento, tem vindo a ser cultivada na Ilha, onde foi introduzida como ornamental, há mais de 50 anos, tendo-se tornado naturalizada nalguns locais sombrios, húmidos e frescos das médias altitudes, como no Santo da Serra, Camacha e Santana. Vimo-la, pela primeira vez, em 1955, na Quinta dos Charcos (Santo da Serra), em matas de exóticas, onde ainda hoje forma grandes maciços. Espécie sul-africana, foi primeiramente assinalada, para a Madeira, em 1976, por HANSEN (1978) “as a garden-escape”, o qual, em 1987, já afirmava estar a planta “completely naturalized along a small stream”, na Camacha.

Salvia coccinea Juss. ex J. Murray – Esta espécie herbácea, erecta, com pêlos longos, introduzida como planta de jardim, pela sua folhagem e, sobretudo, pela floração atraente, escarlate, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, em 1894, por MENEZES, que a tratou como *Salvia pseudococcinea* Jacq. e a considerou naturalizada, nos arredores do Funchal. Durante muitos anos, foi bastante cultivada mas tal não acontece hoje, e esta sálvia apenas aparece, com pouca frequência, como subespontânea, em jardins, parques e quintas e, também, em terrenos incultos, húmidos ou cultivados da costa sul da Ilha, até 600 m de altitude (Palheiro Ferreiro) e, ainda, mais raramente, no norte (Santana). Nativa da América Central, apresenta-se na Madeira, geralmente, como planta anual, florindo na Primavera e no Verão; a coloração das flores pode variar até um salmão-claro.

Salvia leucantha Cav. – Este pequeno arbusto ornamental, pubescente, muito cultivado na Madeira, só deve ter sido introduzido na Ilha nos começos do século XX. MENEZES (1914), tratou esta planta como sendo a *S. eriocalyx* Bert., presente sobretudo nos jardins do Funchal. Hoje, tem sido aproveitada em toda a Madeira, não só para embelezamento dos logradouros das moradias mas, também, no ajardinamento das beiras das estradas e outras zonas marginais de muitas vias e em miradouros e parques. Ocorre, também, algumas vezes, como naturalizada em terrenos incultos ou abandonados pela agricultura, nas proximidades dos locais de cultura e, também, perto de levadas e

cursos de água. É espécie nativa do México, de abundante floração branca e purpúrea, cultivada em Portugal Continental.

Outras espécies de labiadas ou lamiáceas foram introduzidas e são cultivadas na Madeira e ocorrem, por vezes, fugidas de cultura, mas não se tornaram ainda naturalizadas: *Mentha x villosa* Huds., uma planta híbrida, herbácea, perene, aromática, de origem desconhecida, raríssima, de folhagem mediana a pequena e flores brancas a branco-lilacíneas, conhecida por endros, só foi encontrada, segundo MENEZES (1907), que então utilizou o binome *M. x aromatica*, “em lugares húmidos na Tabúa e Lugar de Baixo” e, de acordo com PRESS (1994), “probably as an escape” e que, em Portugal Continental, ocorre, poucas vezes, como fugida de cultura; *Ocimum micranthum* Willd., uma rara planta americana, anual, herbácea, aromática, de folhas medianas e flores brancas, conhecida como erva-anis ou planta-de-anis, introduzida recentemente na Madeira (talvez nos anos 60) e cultivada, geralmente, em vaso, provavelmente para ser utilizada na medicina popular, foi assinalada, pela primeira vez, em 1974, por HANSEN e depois em 1987, pelo mesmo autor, sempre no Funchal e como “garden-escape”; e *Salvia splendens* Sellow ex Roem., uma planta herbácea, anual, oriunda do Brasil, há muito cultivada nos jardins da Madeira (e também em Portugal Continental e nos Açores), pela sua extraordinária floração vermelho-escarlate, conhecida vulgarmente por camarões, ocorre, algumas vezes, nas proximidades dos locais de plantação, sobretudo nas zonas baixas da Ilha. (Hoje são utilizadas nos jardins diferentes cultivares desta última espécie, de maior ou menor porte, maior ou menor densidade de folhagem e ou floração, flores de outras cores ou tons, etc.).

Da família LAURACEAE – onde se incluem conhecidas espécies indígenas e ou endémicas na Macaronésia (til, vinhático, loureiro e barbusano), que constituem a parte mais valiosa e significativa do estrato arbóreo da *Laurisilva* – as espécies introduzidas e cultivadas na Madeira são em pequeno número: uma árvore fruteira, o abacateiro, e duas ornamentais, a canforeira e a caneleira. Todas estão bem representadas na Ilha, principalmente na costa sul e nas zonas baixas e médias, até mais de 500 m de altitude, e todas se reproduzem por semente. Mas, apenas a caneleira, *Cinnamomum zeylanicum* Nees, em muitos jardins, quintas e parques, aparece, não propriamente naturalizada, mas fugida de cultura, embora com raridade e, sobretudo, em terras cultivadas ou ajardinadas, aqui e acolá, nas proximidades dos locais onde já vegetam exemplares adultos. Nesta disseminação, têm grande participação, na Madeira, os pássaros. A caneleira figura na “Flora do Archipelago da Madeira”, de MENEZES (1914), em nota de pé de página, já com a indicação de ser muito cultivada nas quintas madeirenses. Trata-se de uma árvore de porte mediano, originária da Índia e da Malásia, com uma bela e densa folhagem persistente, verde-brilhante,

com tons acobreados na rebentação e com a casca aromática (canela); produz numerosas e pequeníssimas flores esbranquiçadas e frutos (bagas) também pequenos e anegrados.

LEGUMINOSAE (FABACEAE)

Acacia dealbata Link – Esta espécie, introduzida na primeira metade do século XIX e cultivada na Madeira como árvore florestal e ornamental, de folhagem finamente recortada e verde-glaucosa a verde-acinzentada e floração, sobretudo no Inverno, abundante, amarelo-viva, muito aproveitada na decoração, em arranjos florais, pelo que é bastante comercializada, tornou-se naturalizada em muitos locais da Ilha, principalmente acima dos 400 m de altitude até para além dos 1000 m. Já referida por LOWE (1862), como comumente cultivada, esta acácia, a que vulgarmente se chama, também, mimosa, e a que em tempos se chamou acácia-branca, é, nalguns terrenos frescos, montanhosos, uma planta invasora, tal como sucede com outras acácias, emitindo inúmeros rebentos das raízes. Vê-se praticamente por toda a Ilha, seja em parques e jardins das quintas dos arredores do Funchal, seja em montados ou áreas serranas dos concelhos rurais, sobretudo de Santa Cruz e Machico. Planta da Austrália (sudeste) e da Tasmânia, é cultivada e subspontânea em Portugal Continental, onde também a conhecem por acácia-dealbada, e nos Açores.

Acacia elata A. Cunn. ex Benth. – Esta espécie arbórea, australiana, de bela folhagem verde-escura, densa, com pubescência amarelada nos rebentos jovens e 8-13 pares de folíolos lanceolados, grandes (até 4 cm) e de flores (em capítulos globosos) amarelo-douradas, vimo-la, pela primeira vez, na Madeira, em Novembro de 1998, no Parque Ecológico (montado do Barreiro, da Câmara Municipal do Funchal), perfeitamente naturalizada, em grandes manchas, junto à Levada do Barreiro e, também, com muitos pés dispersos, pela mesma propriedade, entre as altitudes de 1000 e 1200 m. Esta árvore, além da sua valia ornamental, é bastante rica em tanino e essa é uma das prováveis razões para a sua introdução na Ilha (como foi para outras espécies de acácias) para efeitos de curtimenta de peles, sobretudo no século XIX. A *Acacia elata* não foi ainda, que saibamos, assinalada para a Madeira em nenhum trabalho botânico. Nuns “Apontamentos para a organização total de plantas do Archipelago da Madeira”, manuscritos, incluídos na “Colecção de Apontamentos para a Memória Descritiva da Geographia Physica da Ilha da Madeira”, da autoria do Major ANTÓNIO PEDRO d’ AZEVEDO (1850-1860) e que se destinavam a acompanhar a “Planta Geohydrographica” da Madeira (aliás publicada em 1879), consta o binome *Acacia alata*, que é outra planta, pese embora a semelhança das denominações científicas. Fora do montado do Barreiro, nunca vimos a *A. elata*, que aliás se deve considerar como bastante rara, mesmo como planta ornamental.

Acacia farnesiana (L.) Willd. – Hoje rara, quer como espécie cultivada em jardins, quer como subespontânea, esta planta arbustiva, bastante utilizada no século XIX, sobretudo nas zonas mais baixas do Funchal, foi assinalada por LOWE (1862), sob a designação de *Vachellia farnesiana* (L.), que a considerava muito comum e “seminaturalized in beds of *Opuntia* above the Gorgulho to the W. of Funchal”. Conhecida vulgarmente por aroma-amarelo e aromeira, tem sido sobretudo apreciada pela beleza e fragrância das suas flores amarelo-alaranjadas. Pode-se observá-la, naturalizada, até em rochas marítimas do Funchal, como nas da Quinta Vigia, sobranceiras à Avenida Sá Carneiro. No Porto Santo, é hoje raríssima, vegetando relativamente mal em pouquíssimos jardins. GRABHAM (1942) faz a referência de esta espécie ser “used for making perfumery”, o que ao que sabemos, não se aplicou, nem obviamente se aplica, à Madeira. *Acacia farnesiana* tem-se naturalizado em muitos países subtropicais e tropicais e na “Flora of Madeira” (1994) diz-se que foi introduzida na Ilha a partir da República Dominicana. É cultivada em Portugal Continental, sendo aí conhecida por esponjeira.

Acacia longifolia (Andrews) Willd. – Desde há muitos anos que esta acácia é cultivada na Madeira, em parques, jardins e à margem de caminhos e estradas, surgindo às vezes como subespontânea em incultos e áreas já florestadas, sobretudo entre os 300 e os 700 m de altitude, como em Santa Cruz. Encontra-se também em Porto Santo (pico do Castelo). Tem interesse ornamental e os seus ramos floríferos são utilizados em decorações diversas pelo que são até objecto de comercialização, como os da mimosa, embora a sua folhagem não seja recortada e a floração seja menos atraente mas, curiosamente, em espigas, também amarelas. LOWE (1862), cita também esta espécie para a Madeira. Nativa da Austrália (Nova Gales do Sul), é cultivada em Portugal Continental, onde ocorre por vezes fugida de cultura ou casualmente e onde é conhecida por acácia-de-espigas.

Acacia mearnsii De Wild. – Esta acácia, tipo mimosa, como a *A. dealbata*, com a qual tem muitas afinidades, deve ter sido introduzida na Madeira, já no século XX, tendo vindo a ser cultivada como árvore florestal, com grande aproveitamento como combustível e com a casca a ser muito utilizada na indústria de curtumes, pela sua grande riqueza em tanino (35%, aproximadamente). Hoje, embora menos cultivada e aproveitada, está perfeitamente naturalizada em zonas de média altitude (500-1000 m), como a *A. dealbata*, sobretudo numa mancha mais ou menos contínua desde o Monte (no Funchal) até à parte alta do Caniçal, passando pela Camacha, Gaula e Santo da Serra. Embora de folhagem menos atraente e flores menos valiosas, de um amarelo-pálido, quando comparada com a *A. dealbata*, também é aproveitada como planta ornamental e os seus ramos floríferos têm alguma procura comercial. Não se encontram, na Madeira, referências antigas a esta mimosa que, durante algum tempo, foi designada

impropriamente por *A. mollissima* ou *A. decurrens* var. *mollis*; nem LOWE, nem MENEZES, nem GRABHAM, se lhe referem e apenas vem mencionada na literatura botânica praticamente a partir da década de 70. HANSEN (1971) refere-se-lhe em curta nota, apontando o seu estatuto de naturalizada já nessa altura: “This tree... has now become a perfectly naturalized frequently self-sowing plant, in many places forming troublesome and inconvenient roots”. Sabemos, todavia, que houve grandes sementeiras desta espécie nos dois quartéis da primeira metade do século XX, sobretudo no segundo, nos anos 30 e 40, com o fim de se acudir principalmente à grande procura de lenhas. Muita da semente comercializada era de origem local, mas foi também importada de Portugal Continental, onde esta acácia, nativa da Austrália e da Tasmânia, é também cultivada, aparecendo casualmente fora dos locais de cultura.

Acacia melanoxylon R. Br. – É a maior das acácias existentes na Madeira, conhecida por acácia-austrália ou, simplesmente, austrália. Cultivada pelo seu interesse florestal (foi também utilizada pelos Serviços Florestais, nos anos 55 a 60, na arborização dalgumas serras da Ilha, em pequenos núcleos), produzindo sobretudo madeira de óptima qualidade (até para a construção naval), está também perfeitamente naturalizada na Ilha, em muitos terrenos da meia-escosta do sul (Calheta, Monte, Camacha, Santo da Serra), graças ao óptimo coeficiente germinativo das inúmeras sementes que produz e ao seu poder invasor, por força dos rebentos de raiz que, amiúde, emite. Foi também utilizada em jardins, parques e quintas da Ilha e, com menor frequência, nas margens de estradas (como na Calheta-Rabaçal), atingindo, não raras vezes, grandes dimensões mas não tem grande interesse ornamental, a não ser o seu porte e folhagem densa, já que a floração amarelo-esbranquiçada é pouco atraente; hoje, já não tem essa utilização. Citada, também, por LOWE (1862), como não rara na Madeira mas ainda não naturalizada, esta espécie australiana aparece raramente em Porto Santo (pico do Castelo) e é considerada subespontânea e, também, invasora em Portugal Continental e nos Açores.

Acacia verticillata (L' Hér.) Willd. – É uma acácia de pequeno porte, mas graciosa, com as “folhas” (filódios) estreitas e curtas, rígidas e aguçadas, picantes, e as flores em capítulos pequenos, amarelos, dispostos em espiga, cultivada na Madeira há mais de 150 anos, como planta ornamental, em jardins, parques, quintas e montados, geralmente acima dos 400 m de altitude (até cerca de 1200 m) e, sobretudo, nas zonas periféricas do Funchal, na Camacha e no Santo da Serra. Ocorre como subespontânea em muitos locais e está perfeitamente naturalizada no Parque Ecológico (montado do Barreiro), formando, nalgumas áreas (Cabeço do Barreiro, a cerca de 1000 m de altitude), manchas extensas muito significativas. Espécie australiana, foi citada para a Ilha, em 1862, por LOWE, mas como cultivada “not unfrequent in gardens, etc.”, como aliás sucedia, nessa altura, com outras espécies do mesmo género.

Albizia lophantha (Willd.) Benth. – Também LOWE (1862) mencionou já o cultivo comum, na Madeira, deste arbusto, ou pequena árvore, australiano, introduzido como ornamental e que, na altura, estava incluído no género *Acacia*. Popularmente tem também o nome de acácia e, mais raramente, de albízia. Hoje, não se cultiva mais esta espécie, cujo interesse residia nas suas flores esverdeadas a branco-amareladas, em inflorescências cilíndricas, como grossas espigas, bastante compactas, e na folhagem recortada, verde-escura, produzindo, ainda, abundantes, grandes e coriáceas vagens, castanho-escuras quando maduras, que chamam facilmente a atenção. Mas a albízia tornou-se subespontânea e naturalizada em muitos locais incultos, sobretudo húmidos, nas proximidades de jardins e, também, em terrenos cultivados ou nos limites de áreas florestadas, ocorrendo principalmente entre os 200 e os 1000 m de altitude. Aparece também em Porto Santo (pico do Castelo), com muito maior raridade do que na Madeira. Em Portugal Continental, onde recebe o nome de mimosa, ocorre como casual.

Astragalus boeticus L. – Esta planta herbácea e anual é tida como introduzida e perfeitamente naturalizada na Madeira, embora raríssima, desde os tempos de LOWE (1862) que, aliás, menciona que foi LEMANN quem primeiro a viu, o que ocorreu em 1837, ano em que este botânico inglês visitou a Ilha. Por sua vez, COSTA, quando elaborou a “Lista Fitológica do Porto Santo” (1946-48), a partir do material que aí colheu, desde Outubro de 1938 a Agosto de 1941, assinalou então a espécie *A. boeticus*, como nova para a flora dessa mais pequena Ilha. Na “Flora of Madeira” (1994) vem referido sobre esta espécie, “probably introduced, at least in Madeira”, que se encontra na Ilha maior apenas em escassíssimos locais soalheiros e secos do Funchal e que é comum em Porto Santo, em incultos, pastos e margens de caminhos e estradas. Nativa da Região Mediterrânica ao Irão, é espontânea em Portugal Continental.

Cassia bicapsularis L. – Esta espécie arbustiva, introduzida há mais de 150 anos, como planta ornamental, com floração contínua, amarelo-dourada, atraente, já era considerada por LOWE (1862) como muito comum e “perfectly naturalized” na zona litoral sul da Madeira entre Câmara de Lobos e o Caniço. Conhecida vulgarmente por cássia, também já foi tratada pelo binome *Senna bicapsularis* (L.) Roxb. Hoje, é pouco ou nada cultivada na Madeira mas continua a poder ser encontrada nos mesmos locais quentes e soalheiros do passado longínquo, à beira das estradas, em locais incultos e pedregosos, perto das escarpas marítimas e nas fendas das rochas, até para além do Caniço, junto a Santa Cruz. É oriunda das Caraíbas.

Cassia laevigata Willd. – É, também, um arbusto ornamental, de floração amarela, durante todo o ano, mas de porte mais erecto e menos ramoso do que o anterior. Igualmente introduzido na Madeira há muito tempo, adoptou-se bem à Ilha, sobretudo às condições agroclimáticas das zonas mais baixas da costa sul, embora

apareça também na costa norte. LOWE (1862), referia ser espécie muito comum, “in almost every garden about Funchal etc., and often seminaturalized in their neighbourhood in waste ground amongst vineyards etc.”. Vem referenciada nalguns trabalhos como *Senna septemtrionalis* (Viv.) Irwin & Barneby. Hoje, esta cássia é menos comum mas ainda cultivada em jardins e parques e está muito espalhada por toda a Madeira, principalmente no Funchal e seus arredores, mantendo o estatuto de naturalizada, graças à boa produção de frutos e à facilidade de germinação das suas sementes, mesmo em incultos (tal como sucede, aliás, com *C. bicapsularis*). É nativa do México à Costa Rica.

Coronilla valentina L. – Este interessante e pequeno arbusto, em tempos muito cultivado nos jardins e parques de quintas madeirenses, foi assinalado, pela primeira vez, para a Ilha, em 1894, por MENEZES, que o refere como introduzido e naturalizado “nas proximidades de muitos jardins do Funchal”, sob a denominação específica sinónima de *C. glauca* L. Actualmente, é pouco cultivado, mas encontra-se subespontaneamente em muitos locais, sobretudo nas velhas quintas do Funchal e, também, na Camacha e no Santo da Serra, até mais de 650 m de altitude, chamando a atenção pela graciosidade do seu porte e da sua folhagem verde-glaucosa e pela interessante floração amarelo-dourada. GRABHAM (1942), menciona também esta espécie mediterrânica “seminaturalised around Funchal on walls and waste places”. *C. valentina* é espontânea e, também, cultivada em Portugal Continental, onde recebe o nome vulgar de pascoínhas.

Cytisus scoparius (L.) Link subsp. *scoparius* – É com certeza a esta espécie ou melhor subespécie, que o povo designa vulgarmente por giesta ou giesteira, que se refere GASPAR FRUTUOSO, nas “Saudades da Terra” (1590), no Cap. XIX, quando diz que, na ilha da Madeira, “...também há paus de louro, e nas faldas da serra, da banda do Sul, muita giesta, que é mato baixo, como urzes, que dá flor amarela, de que gastam nos fornos e dele se colhe a verga, que esburgam como vimes, de que se fazem os cestos brancos, muito galantes e frescos, para serviço de mesa e oferta de baptismos e outras coisas, por serem muito alvos e limpos, e se vendem para muitas partes fora da ilha e do reino de Portugal...”. A ser assim, este arbusto (que a maioria dos botânicos considera não espontâneo no arquipélago da Madeira, o que não é, verdadeiramente, um dado adquirido) teria sido introduzido com os povoadores portugueses no século XV ou já no século XVI e não no século XVIII, como era a opinião de LOWE, expressa em 1862, falando sobre a *Sarothamnus scoparius* L. (designação sinónima da anterior): “Doubtless originally introduced into Mad., though proved by an old spec. in the BH. (Banksian Herbarium at the British Museum) to have been existing there nearly 100 years ago, and now diffused so extensively, both by culture and self-propagation, as to appear perfectly indigenous: flooding the mountain-sides for miles with seas of golden blossoms in the spring and early summer”. Admitindo-se que esta planta foi introduzida (e

naturalmente com origem portuguesa), tornou-se portanto rápida e extensivamente naturalizada, como ainda hoje o podemos comprovar, desde o mar (Caniçal) até os altos píncaros, acima de 1800 m de altitude. E, também, se encontra naturalizada, embora com raridade, em Porto Santo e na Deserta Grande. Ocorre, agora, sobretudo em incultos, terrenos pedregosos, encostas rochosas, das zonas montanhosas, onde falta muitas vezes a camada arável; e deixou praticamente de ser cultivada, como era até meados do século XX, para ser depois enterrada como adulto verde para fertilizar os terrenos agrícolas mais pobres. Também, já quase se não fazem os trabalhos de cestaria, tão interessantes, atrás referidos ou outros igualmente úteis (cestos para usos agrícolas); nem se usam (ou muito pouco) os ramos para a confecção de vassouras, nem como tutores na agricultura, nem (ou quase nada) como combustível. A giesta, sobretudo em flor, é agora quase só mais um objecto de contemplação e um enriquecimento da paisagem madeirense... Esta subespécie europeia é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde é conhecida por giesteira-das-vassouras e, também, apenas, giesta.

Cytisus striatus (Hill) Rothm. – Também conhecida na Madeira por giesta, esta espécie, de ramagens, folhas e floração semelhantes à espécie anterior, tem todavia os raminhos novos mais angulosos, flores um pouco menores, embora igualmente de um bonito amarelo-vivo e formando um autêntico manto a cobrir toda a planta (como às vezes sucede também com a espécie anterior) e os frutos (vagens) mais pequenos, ligeiramente intumescidos e cobertos de pêlos em toda a sua superfície, ao contrário dos da *C. scoparius* que são muito comprimidos e só peludos na margem. Este arbusto deve ter sido introduzido há poucos anos e vimo-lo cultivado e perfeitamente naturalizado no montado do Pereiro, nas proximidades do Poiso, nos primeiros anos da década de 50. Durante a II Grande Guerra Mundial e anos seguintes (1940-1949) houve importações de semente de giesta e deve datar daí a introdução e a cultura desta planta. De qualquer forma, a finalidade do cultivo foi essencialmente a do revestimento de terrenos montanhosos incultos, com o aproveitamento das ramagens, sobretudo, em adubações verdes. Muito menos difundida do que a giesta vulgar, esta espécie encontra-se por toda a Ilha (não em Porto Santo e Desertas), muitas vezes misturada com essoutra espécie, e, como dizíamos em 1974, “em zonas de média e elevada altitude (até 1400 m)”. É originária da Península Ibérica e Marrocos, sendo conhecida, em Portugal Continental, por giesteira-das-serras.

Lathyrus ochrus (L.) DC. – Planta herbácea, anual, glabra, de flores amarelo-pálidas, quase sempre prostrada, por vezes agarrando-se e trepando, com as suas gavinhas, às plantas ou outros suportes vizinhos, como fazem as ervilhas ou os conhecidos chícharos, foi assinalada primeiramente por LOWE (1862), para o Porto Santo, como muito rara (apenas no cimo do pico Branco) mas “evidently introduced” e mais ou menos naturalizada; MENEZES (1914) dá-a, também, como subespontânea, para

a Madeira. Deve ter sido introduzida pela sua valia forrageira, pese embora a semente ser perigosa para o gado. É hoje uma espécie muito pouco vista, mantendo o seu estatuto de “very rare in Madeira” e “known only from two records in the Funchal region” conforme é evidenciado na “Flora of Madeira” (1994). É originária da Europa e da Ásia Oriental, sendo espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por ervilha-dos-campos, ervilhaca-dos-campos, ervilhaca-bastarda e chícharo-preto.

Lathyrus sativus L. – É uma das espécies designadas na Madeira e em Portugal Continental por chícharos, introduzida e cultivada há muitos anos, como planta alimentar (pelas sementes ou grãos) e forrageira. FORSTER, em 1787, assinalou esta espécie no seu trabalho, que já citámos, e que MENEZES deu a conhecer em 1922. Por seu lado, LOWE (1862) afirmou tratar-se de “a common crop cult. in fields below 2000 ft., either alone or amongst corn” e MENEZES (1914) referiu também ser espécie cultivada na Ilha. A partir da década de 40, deixou de cultivar-se, mas aparece ainda como subespontânea e mais ou menos naturalizada nalguns terrenos agrícolas ou já abandonados entre o Campanário e o Caniço. Esta espécie herbácea, anual, de flores esbranquiçadas, rosadas ou azuladas, de origem desconhecida, é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, além de ter sido, aí, de igual modo, cultivada.

Lathyrus tingitanus L. – LOWE (1862) referenciou esta espécie anual, herbácea e robusta, algo decorativa e semelhante às ervilhas-de-cheiro ou lisonjas, afirmando tratar-se de planta extremamente rara, observada por J. M. MONIZ, em 1860, em “waste rocky ground above the Quinta de S. Miguel along the Levada de Santa Luzia, Funchal”, perfeitamente naturalizada. Por sua vez, MENEZES (1914) deu-a também por introduzida e subespontânea e, por não a ter colhido nas suas pesquisas, adiantou que deveria estar “provavelmente extinta na ilha”. Também TURLAND (1994) perfila esta última opinião, dizendo que esta espécie “probably introduced” estava “almost certainly now extinct in Madeira”. Temo-la observado, no entanto, nalguns pontos do norte da Madeira (S. Vicente), sobretudo, nos últimos 30 anos e, muito recentemente (Maio, 2001), tivemos oportunidade de ver algumas plantas deste *Lathyrus* nas margens da Estrada Regional que segue de S. Gonçalo para a Camacha, perto (mas do lado oposto) da sub-estação do Palheiro Ferreiro, da Empresa de Electricidade da Madeira, em terrenos ervados e húmidos. A planta é, de facto, rara mas pode nunca ter desaparecido da Madeira ou, então, ter acontecido uma reintrodução recente na Ilha. Esta erva, glabra, mais ou menos trepadeira, a que chamam ervilha-chícharo, possui caules longos, alados, folhas com gavinhas e um par de folíolos, geralmente linear-lanceoladas, com 2 a 8 cm de comprimento; as flores, vermelho-purpúreas, muito atraentes, até 3 cm de maior dimensão, dispõem-se de 1 a 3, num cacho com pedúnculo, por vezes, longo. Tem certo interesse forrageiro e, talvez, tenha sido essa a razão da sua introdução ou reintrodução na Ilha. Planta nativa da Região Mediterrânica Ocidental, de Canárias, Portugal Continental e Açores, é

conhecida, no nosso País, por chicharo-marroquino e, neste último Arquipélago, por chicharão e chicharrão.

Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit – Espécie arbustiva, frequentemente baixa e ramosa, de folhagem tipo mimosa e flores (em capítulos globosos, medianos) cremes a esbranquiçadas, foi introduzida na Madeira provavelmente no primeiro quartel do século XIX, como planta ornamental e possivelmente, também, como forrageira. LOWE (1862) tratou-a como *Acacia leucocephala* (Lam.) e, depois de afirmar que consta da lista de plantas observadas na Madeira, em 1827, por HOLL (como *A. glauca*), diz que a planta é rara, encontrando-se “seminaturalized in beds of *Opuntia* above the Gorgulho to the W. of Funchal, and in gardens”. Hoje, devido à sua fácil adaptação às condições de secura do litoral da parte ocidental do Funchal, à disseminação das sementes que, abundantemente, produz e aos rebentos de raiz que emite, está perfeitamente naturalizada nessa zona, que abrange muitos terrenos incultos, encostas rochosas e falésias da Pontinha, da Ajuda, do Gorgulho, dos Piornais, até a Praia Formosa; é, também, cultivada nalguns jardins e quintas da Madeira e já a vimos, recentemente, em Porto Santo (Campo de Baixo e Ponta), em cultura e em incultos, onde se está a tornar também subespontânea e naturalizada. Conhecida na Madeira por aroma-branco ou romeira-branca, esta espécie norte-americana forma, por vezes, moitas ou maciços de grande extensão.

Lotus conimbricensis Brot. – Esta pequena erva foi referenciada, para a Madeira, pela primeira vez, por HANSEN (1974), que a havia colhido “in waste ground at the harbour of Funchal, 1973”, “probably a recent introduction from Portugal or the Mediterranean region, where this usually white-flowered annual is widespread”. É espécie naturalizada mas raríssima na Ilha; é glabra ou pouco pubescente, de caules até um palmo, flores pequenas, por vezes com tons róseos e violáceos, e vagens cilíndricas e estreitas, relativamente longas (até 6 cm) e recurvadas. Não se encontra nos Açores e, na Madeira, a sua introdução deve ter sido acidental.

Lotus ornithopodioides L. – Planta herbácea, anual, pubescente, de flores amarelas, introduzida provavelmente por acidente, há já muito tempo, tendo sido assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por LOWE, em 1868, na “Addenda et Corrigenda” ao Volume I de “A Manual Flora of Madeira and the Adjacent Islands of Porto Santo and the Desertas”. Então, foi referida como extremamente rara mas mais ou menos naturalizada, numa pequena área do Campanário, encontrada por MONIZ. HANSEN (1978) registou esta espécie noutros locais do mesmo concelho da Ribeira Brava e, também, já foi assinalada na Quinta Grande. Hoje, deve continuar-se a considerar esta planta mediterrânica como naturalizada, em terrenos de baixa e média altitude da costa sul da Ilha. Esta espécie é espontânea em Portugal Continental.

Lupinus luteus L. – É o conhecido tremoceiro-amarelo ou tremoço-amarelo, cultivado como ornamental, forragem e para enterrar e introduzido, provavelmente, de Portugal Continental (onde é espontâneo), há já muito tempo. LOWE (1862) refere esta espécie, na altura, rara, como seminaturalizada nos arredores do Funchal. Considerada e aproveitada, ainda, como planta de jardim, sobretudo pela sua floração amarelo-dourada, abundante e aromática, já não serve mais à alimentação do gado, nem é utilizada como adubação verde das terras agrícolas. Nalguns terrenos incultos e, também, em cultivados dos arredores do Funchal (até mais de 500 m de altitude), como na Quinta do Palheiro e na costa sudeste da Madeira (entre S. Gonçalo e Santa Cruz), esta espécie aparece, mais ou menos naturalizada, mas com pouca frequência. Nativa da Região Mediterrânica Ocidental, é cultivada em Portugal Continental (além de ser aí indígena), onde a conhecem, também, por tremocilha e nos Açores.

Melilotus albus Medik. – Foi introduzida como erva forrageira, em 1959, na Madeira e no Porto Santo, com sementes provenientes da Estação Agronómica Nacional, e para melhoria dos pastos das duas Ilhas. Tornou-se subespontânea e naturalizada nalguns terrenos incultos e em pastagens mas sem muita frequência e abundância. Ocorre no Funchal (arredores e terrenos do Jardim Botânico), Água de Pena e, muito raramente, no Porto Santo, em margens de caminhos e campos agrícolas abandonados (Dragoal e Farrobo). HANSEN colheu, pela primeira vez, esta espécie, na Madeira, em 1968. Nativa da Eurásia, esta leguminosa, anual ou bienal, de pequeníssimas flores brancas, é subespontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por meliloto-branco, e nos Açores.

Melilotus segetalis (Brot.) Ser. – Esta rara erva anual, que se encontra naturalizada e, até, infestante nalguns jardins do Funchal, parece ter sido recentemente introduzida na Madeira e talvez por acidente. Não é, no entanto, de excluir a hipótese de ter sido introduzida, antes de 1950, para ser cultivada experimentalmente como erva forrageira, dadas as suas características especiais. Foi HANSEN (1974) quem primeiro a assinalou “in waste place at the harbour of Funchal and a garden-weed in Avenida do Infante, both in 1973”. Também CANNON & TURLAND (1994) se referem a este “trevo”. As suas pequeninas flores (até 8 mm), amarelas, dispõem-se em cachos longos com 30-80 flores cada. Espécie mediterrânica, encontra-se espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por anafe ou anafa.

Ornithopus sativus Brot. – Introduzida, também, como erva forrageira, em diversas alturas, na Madeira, sobretudo a partir de 1951, quando os Serviços Agrícolas estabeleceram muitos campos experimentais no Arquipélago, com sementes provenientes, sobretudo, da Estação de Melhoramento de Plantas, de Elvas, tornou-se subespontânea nalguns locais de média altitude (500-900 m de altitude), como na Santa

Maria Madalena (Porto Moniz) e nas Queimadas (Santana), onde aliás foi colhida em 1957 por outrem e o material herborizado (HANSEN, 1978). Esta espécie, anual, de folhagem fina mas abundante e floração branco-lilaz, com tonalidades, às vezes, mais escuras, conhecida vulgarmente por serradela, é nativa da Europa (Portugal Continental, Espanha, França), Marrocos, Argélia e Açores (onde a conhecem, também, por erva-da-casta), sendo aí, como em muitas partes do mundo, muito cultivada (dado constituir um ótimo alimento para o gado) e por vezes naturalizada, como sucede, mas com muito pouca frequência, na Madeira.

Robinia pseudoacacia L. – Esta espécie arbórea, espinhosa e de folha caduca, já considerada por MENEZES (1914) como comum e naturalizada na Madeira, sobretudo no Funchal e arredores, deve ter sido introduzida na Ilha na primeira metade do século XIX, tendo LOWE feito referências a seu respeito, em 1862, embora apenas como planta comumente cultivada “in public walks and gardens”. Aliás, era opinião do botânico inglês que “though its roots run generally near the surface, throwing out frequent suckers, it shows no disposition to become truly naturalized in Madeira”. A verdade é que esta espécie norte-americana, de abundante floração branca e perfumada, conhecida por acácia e, menos vezes, por acácia-bastarda e falsa-acácia, continua a embelezar parques e jardins, tendo-se tornado, também, em sítios húmidos e frescos, como perfeitamente naturalizada, graças sobretudo à enorme quantidade de rebentos de raiz que emite, como se pode ver nalguns locais acima dos 300 m de altitude, de que podem servir de exemplos a Camacha, o Monte, as Achadas da Cruz e, sobretudo, o Jardim da Serra. Esta falsa-acácia é cultivada em Portugal Continental e nos Açores, onde é, também, conhecida por acácia-branca e robínia.

Trifolium bocconeii Savi subsp. *bocconeii* – Este pequeno trevo, anual, foi considerado como espontâneo na Madeira e tido por LOWE (1868) como extremamente raro, tendo sido apenas colhido uma vez, no pico do Silva, a nordeste do Funchal, em 1862. Nunca mais havia sido visto, pelo que estava praticamente dado como extinto. Mas HANSEN (1974) reencontrou esta planta “in waste place at the harbour of Funchal, 1973, most likely a recent introduction”. Também PRESS (1994) é de opinião que se trata, possivelmente, de uma introdução recente, pelo que se deve considerar esta espécie, embora ainda raríssima, como naturalizada em sítios secos na Madeira. Trata-se de erva pubescente, com os caules até 25 cm e de flores muito pequenas, rosadas, reunidas em espigas densas, cónicas ou cilíndricas (“cabeças”). É espécie da Europa (S. e W.), indígena em Portugal Continental.

Trifolium incarnatum L. – Este é o trevo-encarnado, uma espécie anual, introduzida na Madeira, como planta forrageira, citada por LOWE (1868), na “Addenda et Corrigenda” da sua Flora, com a observação de que “the common cult. bright deep

red or crimson var. of this has been observed by Sr. Moniz at the Palheiro both naturalized and growing as a crop”. Esta erva tem vindo a ser cultivada em vários locais da Madeira mas hoje é menos utilizada como forragem; permanece, subespontaneamente, em terrenos de pastagem, arrelvados ou incultos, nas proximidades dos locais de cultura ou de experimentação. Assim a encontramos no Santo da Serra, na Camacha, no Palheiro Ferreiro, em Santana e outros locais da média altitude (400-900 m). Chama facilmente a atenção pela beleza das espigas vermelhas que produz na Primavera. Nativa da Europa e da Turquia, é espécie também cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Trifolium isthmocarpum Brot. – É uma espécie muito afim do trevo-branco, reconhecidamente introduzida há pouco tempo e algo naturalizada mas muito rara. Deve ter sido introduzida acidentalmente, talvez com sementes doutras leguminosas, provavelmente forrageiras, ou por possuir características de boa erva para pasto. Foi HANSEN (1974) quem primeiro a assinalou para a Ilha, tendo-a encontrado “in waste place at the harbour of Funchal, 1973”. Trata-se de um trevo anual, de caules por vezes prostrados e de flores brancas ou rosadas, reunidas em capítulos (“cabeças”) mais ou menos globosos, medianos, até perto de 3 cm de diâmetro. Espécie da Região Mediterrânica Ocidental, é espontânea em Portugal Continental.

Trifolium pratense L. – Em 1862, LOWE dizia que esta espécie vivaz, então extremamente rara na Madeira, havia sido introduzida, há muitos anos, de Inglaterra, com sementes de gramíneas e que se encontrava, nessa altura, já perfeitamente estabelecida. Conhecida como trevo-violeta ou trevo-roxo, devido às tonalidades púrpura-avermelhadas das suas flores, esta planta forraginosa, de muito valor nutritivo, foi experimentada e cultivada durante muito tempo na Ilha. Tornou-se naturalizada em muitos locais húmidos e frescos, sobretudo arrelvados e terras cultivadas das médias altitudes (400-900 m), como na Camacha (Estação de Fomento Pecuário), no Santo da Serra (Quinta do Governo Regional), em Santana, no Porto Moniz (Santa Maria Madalena), mas não é uma espécie comum. Nativa da Europa e da Ásia Ocidental, é espontânea em Portugal Continental (onde recebe, também, o nome vulgar de trevo-dos-prados) e nos Açores.

Ulex europaeus L. subsp. *europaeus* – Este conhecidíssimo arbusto espinhoso, a que na Madeira se dá o nome de carqueja, deve ter sido introduzido na Ilha nos começos do século XIX, de acordo com LOWE que, em 1862, além de afirmar que a planta era muito abundante nessa altura e “perfectly naturalized”, opinava que tinha sido “introd. by the late Conde de Carvalhal about 50 years ago, and in 1826 almost confined to the neighbourhood of the Palheiro and Camacha...”. É, hoje, um dos arbustos naturalizados de maior expressão territorial, mas não tão comum como a giesta, encontrando-se por

toda a Madeira nos terrenos incultos, pastagens, matas de exóticas, encostas de ribeiras, etc., geralmente acima dos 400 m até mais de 1300 m de altitude (acima do Poiso); é muito rara em Porto Santo, onde ocorre provavelmente a partir dos anos 40. Produz abundante floração amarela, com certo interesse paisagístico, e as suas qualidades, antes aproveitadas na alimentação dos animais (os rebentos mais novos e os outros menos tenros depois de esmagados), na adubação verde dos terrenos agrícolas, nas camas dos animais (também depois de os ramos terem sido esmagados) e como combustível (caules e ramagens secos), são hoje pouco ou nada exploradas. Restam os seus méritos na cobertura dos terrenos (em muitos, previne a erosão) e na protecção das jovens plantas usadas na rearboreização das serras madeirenses. Planta da Europa Ocidental, incluindo Portugal Continental (onde é conhecida por tojo), é subespontânea nos Açores, onde às vezes lhe chamam pica-rato.

Ulex minor Roth – Introduzida na Madeira há relativamente pouco tempo, esta carqueja-miúda difere da anterior pelo seu menor porte arbustivo, pelos espinhos menos rígidos e pelas flores e frutos de menor tamanho. Foi assinalada, para a Ilha, pela primeira vez, por KRAUSS (1963) que a colheu em 1960. Note-se, todavia, que nos anos 40 houve alguma importação de semente desta espécie, de Portugal Continental, onde é conhecida por tojo-molar, semente que foi cedida a agricultores de diversos pontos da Madeira que aproveitavam as plantas como adubo verde e na alimentação e nas camas dos animais, para o que se presta melhor do que a carqueja mais vulgar. Os Serviços Florestais da Madeira também usaram esta espécie (sob a designação sinónima de *U. nanus* Symons), em 1956 e anos seguintes, nos trabalhos de arborização dalguns perímetros florestais, como o da Serra do Poiso. Este e outros arbustos destinavam-se à protecção das pequeninas plantas nas áreas arborizadas. Esta espécie, que colhemos em Porto Santo (pico do Castelo), em 1960, sendo aí muito rara, está perfeitamente naturalizada na parte alta do Funchal e de Santa Cruz (Camacha, Santo da Serra) e em outros locais, normalmente incultos entre os 500 e os 1400 m de altitude. Originária da Europa Ocidental (Grã-Bretanha a Portugal e Espanha), a espécie *U. minor* é subespontânea nos Açores, onde a conhecem como pica-rato.

Vicia articulata Hornem. – Esta planta herbácea, anual, conhecida na Madeira como lentilha (nome popular por que é também conhecida a outra leguminosa, de menor porte, que foi muito cultivada, até um passado próximo, sobretudo no Porto Santo e cujo nome científico é *Lens culinaris* Medik.), foi cultivada no século XIX e anos anteriores e foi mencionada por LOWE (1862), na sua Flora, como planta bastante rara, sob a denominação sinónima de *Ervum monanthos* L. Hoje, já não é cultivada nem como planta alimentícia nem forraginosa nem como adubo verde mas encontra-se, embora com raridade, “naturalized along the Ribeira de Santa Luzia and on the hills around Caniço”, conforme esclarece GOYDER (1994). Também foi cultivada em Porto

Santo até meados do século XX. Espécie mediterrânica, de flores brancas ou azul-pálidas, ocorre, também, subespontaneamente, em Portugal Continental (onde recebe o nome de ervilhaca-parda) e nos Açores.

Vicia ervilia (L.) Willd. – Introduzida e cultivada como planta alimentícia e sobretudo forrageira, há muitos anos, foi assinalada, com o sinónimo *Ervum ervilia* L., por LOWE (1862), com a indicação de ser erva anual, rara, ocorrendo entre os 150 e os 750 m de altitude, na Madeira, como cultura consociada com cereais, entre o Cabo Girão e o pico do Rancho. Era conhecida como marroios e marruiço, não sendo, hoje, mais, objecto de cultivo mas encontrando-se “rarely also naturalized”, segundo GOYDER (1994), em incultos, na área já referenciada e, também, no Caniço. Esta espécie e a anterior têm tendência a extinguir-se, devido ao fenómeno urbanístico que, progressivamente, tem vindo a alastrar nas zonas onde habitualmente vivem. Também nativa da Região Mediterrânica, a *V. ervilia*, que tem flores brancas com as nervuras violáceas ou purpúreas, é espontânea em Portugal Continental e cultivada em muitas regiões do país, como planta forrageira, recebendo os nomes vulgares de gero e ervilha-de-pombo.

Muitas outras leguminosas ou fabáceas introduzidas, accidental ou propositadamente, no arquipélago madeirense, ocorrem por vezes casualmente ou fugidas de cultura, em geral muito perto de exemplares adultos, não se revelando como naturalizadas, pelo menos até agora: *Acacia cyclops* G. Don fil., arbusto australiano (ainda não assinalado para o arquipélago madeirense), mais ou menos prostrado e desenvolvido, de vistosa floração amarelo-dourada, filódios com 2-6 nervuras longitudinais e de vagens curiosamente contorcidas, cultivado em parques e jardins da Madeira e do Porto Santo e que ocorre, esporadicamente, num ou outro ano, em incultos e zonas serranas, como no pico do Castelo (o mesmo sucedendo em Portugal Continental); *Acacia neriifolia* A. Cunn. ex Benth., pequena árvore australiana, de raminhos angulosos, filódios estreitos (até 1 cm de largura), flores amarelo-douradas, em pequenos capítulos globosos, dispostos em cachos curtos, ocorre, desde há pouco tempo, na Madeira (não tendo até agora sido assinalada para a Ilha), em parques e montados (como no montado do Barreiro) e em incultos, sobretudo acima dos 500 m de altitude, com pouca frequência, principalmente nos arredores do Funchal, na Camacha e no Santo da Serra; *Acacia pycnantha* Benth., árvore com interesse ornamental e de casca muito rica em tanino, nativa do sul da Austrália, provavelmente introduzida no Arquipélago no tempo de SCHIAPPA de AZEVEDO, de raminhos pendentes, filódios em forma de foice, com uma só nervura longitudinal, flores fragrantas e vistosas, amarelo-douradas, em capítulos grandes, até 1 cm, dispostos em cachos com 10-20 capítulos, surge nas proximidades de parques e jardins, tanto na Madeira como no Porto Santo e, também, em Portugal

Continental, sempre raramente; *Acacia retinodes* Schlecht., também árvore da Austrália do Sul, de filódios com uma única nervura longitudinal, flores amarelo-douradas, em pequenos capítulos globosos (4-6 mm), pode ocorrer, na Madeira e no Porto Santo, próximo dos jardins, quintas e parques onde é cultivada, há muitos anos, como ornamental (assim foi referenciada por MENEZES, 1914), tal como sucede em Portugal Continental e nos Açores; *Acacia saligna* (Labill.) H. Wendl., árvore até 10 m de altura, nativa da Austrália Ocidental, de tronco acinzentado, liso, ramos longos, um pouco pendentes, folhagem verde a verde-glaucosa, com os filódios por vezes muito compridos, até mais de um palmo, e flores amarelo-douradas, em capítulos globosos, com 10-15 mm de diâmetro, que dão origem a vagens, quase sempre, com 8 a 12 cm de comprimento, contraídas entre as sementes, é espécie muito cultivada em parques e jardins da Madeira e Porto Santo (MENEZES (1914) referiu-a sob o binome *Acacia cyanophylla* Lindl.), talvez desde os fins do século XIX, e ocorre, pouco frequentemente, nas proximidades dessas áreas, tal como sucede, casualmente, em Portugal Continental; *Cassia pendula* Humb. & Bonpl. ex Willd. var. *glabrata* Vogel, arbusto mediano, ramoso, muito ornamental, de folhas geralmente com 4-5 pares de folíolos e de floração amarelo-dourada, vistosa e abundante (sobretudo no Outono), conhecido por cássia e chuva-de-ouro, introduzido e cultivado na Madeira há mais de 60 anos e só recentemente em Porto Santo, nativo do Paraguai e do Brasil, apenas foi correctamente identificado e assinalado na Ilha a partir de 1976, tendo sido até então, muitas vezes, confundido com a espécie *C. bicapsularis*, foi considerado por TURLAND (1994), sob o género *Senna*, como “naturalized at Campanário to the west” mas, em nosso entender, deve melhor ser tido como escapado, dado não persistir na área referida nem noutros locais, do litoral sul madeirense, onde muito raramente aparece, propagado somente por via vegetativa (não frutifica na Ilha); *Ceratonia siliqua* L., a vulgar alfarrobeira, uma árvore mediterrânica, sempre-verde, de bela folhagem, de que LOWE (1862) dizia estar aqui e acolá seminaturalizada, o que hoje se não pode confirmar, nem na Madeira nem no Porto Santo, pois ocorre apenas, casualmente, fora dos locais de cultivo, como sucede em Portugal Continental; a trepadeira *Lablab purpureus* (L.) Sweet, planta decorativa mas também forrageira, de grandes folhas trifoliadas e flores purpúreas a brancas, da África Tropical, cultivada em logradouros e jardins, desde os tempos de LOWE, assinalada por HANSEN (1971), sob a denominação sinónima *Dolichos lablab* L., em incultos no Funchal, “provavelmente como fugida de cultura”, como raramente ainda sucede em certos locais do litoral; *Lathyrus odoratus* L., do sul da Itália e da Sicília, planta anual de jardim, vulgarizada com os nomes de ervilhas-de-cheiro e, mais frequentemente, de lisonjas, de flores perfumadas e atraentes, brancas, rosadas e arroxeadas, desde há muitos anos, na Madeira e no Porto Santo (tal como em Portugal Continental e nos Açores) e que ocorre em incultos, perto de habitações; *Lupinus albus* L. subsp. *albus*, o vulgar tremçoço ou tremçoceiro, de flores branco-azuladas, nativo da Europa

Central e da Região Mediterrânica, muito cultivado na Madeira, desde há muito tempo, assinalado, em 1862, para a Ilha, por LOWE, como extremamente comum, e aproveitado para produção de semente e para adubações verdes, ocorre, algumas vezes, fora das áreas de cultura, conforme também sucede em Portugal Continental e nos Açores; *Lupinus angustifolius* L. é o tremoço-de-folha-estreita, de floração azul, planta mediterrânica, espontânea em Portugal Continental, hoje pouco ou nada cultivada na Madeira, mas que, em tempos (LOWE e MENEZES), parece ter ocorrido como naturalizada e, actualmente, afigura-se-nos que surge apenas ocasionalmente, com muita raridade; *Medicago sativa* L., planta forrageira, perene, conhecida por luzerna, de origem desconhecida, experimentada na Madeira e no Porto Santo mas nunca cultivada em áreas significativas, de flores azuis a violáceas, tem ocorrido várias vezes em terras agrícolas, sempre nas proximidades das áreas de cultura, o que parece já não acontecer actualmente; *Sesbania punicea* Benth., planta arbustiva, sul-americana, de grande interesse decorativo mas tóxica, foi introduzida há pouco tempo na Madeira (foi observada em flor nos finais dos anos 80, em Gaula, segundo referem QUINN e BISCOITO, em Relatório específico, de Julho de 1994) pela sua abundante e graciosa floração laranja-avermelhada e tem vindo a ser muito cultivada em jardins das áreas mais quentes do sudeste da Ilha e também no Porto Santo, ocorrendo aqui e acolá fugida de cultura, parecendo revelar já forte tendência para se naturalizar; *Sophora japonica* L., a acácia-do-japão, árvore ornamental, de folhagem caduca, da China e da Coreia, hoje pouco frequente na Madeira, mas há muito cultivada em parques e jardins (GRABHAM assinalou-a em 1942), de folhas com 7-17 folíolos e flores pequenas, amarelo-esbranquiçadas, ocorre casualmente apenas em terrenos ajardinados, tal como sucede em Portugal Continental; *Spartium junceum* L., um arbusto de floração amarelo-dourada, atraente como a da giesta, nativo do sudoeste europeu (incluindo Portugal Continental) e da Região Mediterrânica, introduzido na Madeira, provavelmente, nos finais do século passado, e assinalado por MENEZES (1914), não muito cultivado nos jardins e parques da Ilha mas, algumas vezes, aparecendo em incultos no Funchal e em Santa Cruz (taludes do Aeroporto da Madeira); *Tipuana tipu* (Benth.) Kuntze, da Argentina e da Bolívia, árvore de grande porte, de folhagem caduca e abundante e vistosa floração amarela, conhecida por tipuana e acácia-draço (pela cor vermelha das suas exsudações, quando cortada ou ferida), muito cultivada na Madeira e no Porto Santo, deve ter sido introduzida, na Ilha, no primeiro quartel do século XX (GRABHAM, em 1934 e 1942, refere-se-lhe mas, erradamente, sob o binome *Pterocarpus draco* L.) e ocorre, aqui e ali, nas proximidades dos locais de cultivo, em jardins e terrenos agricultados, dada a facilidade de germinação das suas sementes; *Vicia faba* L., a muito conhecida faveira ou fava, planta alimentícia, anual, de origem desconhecida, provavelmente introduzida, no Arquipélago, de Portugal Continental, em tempos muito antigos, e largamente cultivada até para enterrar em verde, após a colheita das vagens, ou para forragem, aparece,

às vezes, casualmente, nas vinhas ou noutros terrenos cultivados da Madeira, como aliás sucede, também, no Continente e nos Açores; e *Vicia narbonensis* L. var. *serratifolia* (Jacq.) Ser., planta anual, pubescente, semelhante à faveira, de origem mediterrânica e do sul da Europa, com flores medianas, purpúreas, hoje já não cultivada, mas que LOWE (1862), refere que, embora extremamente rara, aparecia “occasionally in vineyards about Funchal”, até cerca de 200 m de altitude.

LINACEAE

Linum usitatissimum L. – Esta útil planta têxtil, o linho, foi largamente cultivada na Madeira, sobretudo no norte e no sudoeste da Ilha, acima dos 250 m de altitude, muito possivelmente desde os primeiros tempos do povoamento (há referências documentais desde o século XVI) e até, praticamente, aos anos 40 do século XX. Hoje é pouco cultivada (Ponta do Pargo, Ribeira da Janela, Porto Moniz), porque a sua “industrialização artesanal” é bastante custosa (com os chamados “tormentos do linho”) e o rendimento final pouco compensador, mas o produto obtido, o linho da terra, tem ainda certa procura. Também se aproveitava, antigamente (o que hoje já não acontece), a semente, na preparação das papas de linhaça, muito usadas na medicina popular. Em 1857, LOWE referia que esta espécie anual, para além de ser comumente cultivada, ocorria como subnaturalizada nas zonas de cultura ou em incultos de baixa e média altitude (até na parte ocidental do Funchal). MENEZES confirmou, em 1914, essa subespontaneidade. Também, actualmente, ocorre como naturalizada (“locally naturalized” no dizer de SHORT (1994) sobretudo em áreas onde foi cultivada há mais ou menos tempo (concelhos da Calheta, Porto Moniz, S. Vicente e Santana) mas nunca em grandes extensões nem com muita frequência. Espécie de origem desconhecida, foi também, em tempos, muito cultivada em Portugal Continental e nos Açores.

Reinwardtia indica Dumort – Este subarbusto, de grande interesse decorativo pelas suas grandes flores amarelo-douradas e folhagem persistente, foi introduzido na Madeira há muitos anos, sendo ainda hoje cultivado em quintas e jardins, sobretudo na área do Funchal. Em 1857, LOWE assinalou, pela primeira vez, esta espécie, para a Madeira, sob o binome *Linum trigynum* Roxb., com a indicação de ser rara mas já subnaturalizada “on terrace-walls and waste ground here and there in or about Funchal”. MENEZES (1914) também se lhe refere como sendo “subespontânea nos muros do Caminho da Torrinha, etc.”. Como planta naturalizada, é bastante rara e só a temos encontrado em diversas quintas do Funchal, sendo curioso que continue a ocorrer na Rua da Torrinha (como, por exemplo, na Quinta da Cova), possivelmente onde aquele botânico madeirense a viu. Esta planta emite frequentemente rebentos de raiz e pode-se assim propagá-la facilmente. Nativa do sudeste asiático, existe em Portugal Continental ao que parece apenas cultivada.

MALVACEAE

Abutilon grandifolium (Willd.) Sweet – Planta arbustiva, perene, tomentosa mas, também, com pêlos longos, de grandes folhas e flores medianas, amarelas, foi introduzida como ornamental há longos anos e cultivada em parques e jardins e rapidamente tornou-se subespontânea em aterros, entulhos, incultos e terrenos cultivados, sobretudo no Funchal. LOWE (1868), na “Addenda et Corrigenda” do seu grande trabalho sobre a flora da Madeira, refere-se a esta planta, sob a designação específica sinónima de *A. permolle* (Willd.), esclarecendo “has been growing for some years spontaneously in Sr. J. M. MONIZ a garden in Funchal and is very likely to become more widely naturalized”. Apesar de não ser hoje planta comum (já no tempo de MENEZES, em 1914, era rara), aparece em certos locais, como nos arredores do Funchal, até mais de 400 m de altitude, em grandes quantidades, formando maciços de enorme extensão (parque e jardins da Quinta Olavo), revelando exuberantemente a sua naturalização e perfeita adaptação às condições edafoclimáticas da Ilha. Vimo-la, pela primeira vez, no Porto Santo (terrenos ajardinados do Tribunal), como subespontânea, em Agosto de 1999. Esta espécie é originária da África e da América Tropical, não ocorrendo em Portugal Continental nem nos Açores.

Abutilon megapotamicum (K. Spreng.) A. St. Hil. & Naudin – Subarbusto de pequena utilização em jardins na Madeira, nas zonas baixas e de média altitude, deve ter sido introduzido nos finais do século XIX, e surge, de quando em vez, subespontaneamente, em terrenos cultivados ou ajardinados, nas proximidades das habitações. Apesar de ainda manter certo interesse para o embelezamento de jardins e parques, pelas suas curiosas flores pendentes, de cálice vermelho e corola amarela, esta espécie é hoje menos cultivada mas considera-se naturalizada nalguns locais (Camacha e Santo da Serra, nalgumas quintas). Nativa do Brasil, chamam-lhe, nalguns sítios da Ilha, campainhas, – que é o nome vulgar por que são conhecidas outras espécies e cultivares ornamentais de *Abutilon* que se cultivam por toda a Ilha, até como plantas de vaso.

Abutilon striatum J. Dicks. ex Lindl. – Conhecida há muitos anos como planta ornamental nos jardins da Madeira, onde lhe chamam campainhas, esta espécie arbustiva foi primeiramente assinalada por HANSEN (1978) mas referindo-se a uma colheita antiga (1895), feita no Funchal “most likely a garden-escape”, pelo botânico dinamarquês O. PAULSEN, que dela deixou material herborizado em Copenhagen. Hoje, esta espécie da América Central, muito decorativa pelas suas grandes folhas palmatilobadas, pubescentes, com longos pecíolos e, sobretudo, pelas suas flores grandes, como sinos pendentes, de corola alaranjada com as nervuras avermelhadas, ocorre, não frequentemente, naturalizada, em locais frescos, nas proximidades de jardins (Monte) ou em aterros, nas margens dos caminhos e estradas (Valeparaíso, Camacha,

Santo da Serra). Hoje, muitos híbridos e cultivares desta espécie ornamental são cultivados em vasos e jardins madeirenses mas até hoje não têm manifestado subespontaneidade.

Alcea rosea L. – Planta herbácea, robusta, muito valiosa nos jardins, de grandes flores, dispostas em longas inflorescências, tem vindo a ser cultivada com frequência na Madeira e no Porto Santo. Chamam-lhe, por vezes, flor-de-pau e malvaíско. MENEZES (1894) diz que esta planta – sob a designação *Althaea rosea* (L.) Cav, que lhe é sinónima – estava já naturalizada em lugares cultivados na Madeira, embora com raridade. O mesmo autor refere, em 1914, que esta espécie aparece “às vezes subespontânea nas proximidades dos jardins”. As cultivares hoje utilizadas apresentam flores de diversos tipos e colorações (singelas ou dobradas, vermelhas ou rosadas em diversos tons mais ou menos escuros ou brancos), mantendo-se, porém, nalguns locais, as formas mais primitivas. São estas que mais frequentemente se tornam naturalizadas e isso sucede, sobretudo, na costa sul da Madeira e, mais raramente, na costa norte e no Porto Santo. Espécie da Região Mediterrânica Oriental, é cultivada em Portugal Continental, onde é conhecida por alteia, malva-rosa, malvaíско e gigantes.

Lavatera arborea L. – Introduzida na Madeira e no Porto Santo, também na segunda metade do século XIX, esta “malva” ou lavatera foi referida por MENEZES (1894), como espécie comum na segunda destas Ilhas. Com certo interesse ornamental, pela sua bonita floração rosa-purpúrea, esta espécie herbácea e robusta, bienal, já praticamente não é cultivada, nem mais é utilizada como planta têxtil, artesanal, que o foi durante algum tempo pelos agricultores porto-santenses. Mas a planta permanece como subespontânea, no Porto Santo, em incultos, muros e terrenos cultivados ou abandonados, naturalizada, embora com raridade; nunca a vimos como subespontânea na Madeira. Planta mediterrânica e da Europa Ocidental, esta espécie é espontânea em Portugal Continental e subespontânea nos Açores.

Malva nicaeensis All. – Esta rara malva-silvestre, considerada como indígena na Madeira, por LOWE (1868), que a assinalou na “Addenda et Corrigenda” à sua Flora, por MENEZES (1914) e por HANSEN (1969b), é tida por PRESS (1994) como “probably introduced”. Assim sendo, está perfeitamente naturalizada na Ilha, embora em áreas restritas, sejam incultos, sejam terras aráveis, dos arredores do Funchal (Ribeiro Seco ao Gorgulho) e em Santa Cruz, adiantando, porém, PRESS, que a espécie possa estar mais disseminada. De qualquer forma, o estatuto de raridade deve ser mantido, atendendo até às pouquíssimas colheitas de material desta espécie que têm sido feitas nos últimos anos. Planta herbácea, anual ou bienal, com flores lilacíneas, é nativa da Região Mediterrânica e, também, espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Malvastrum coromandelianum (L.) Garcke – Esta espécie, quase sempre perene e um pouco lenhosa, foi assinalada, sob a denominação não correcta de *Sida carpinifolia* L. f., por LOWE (1857); era, ao tempo, rara, aparecendo em margens de caminhos, incultos e vinhas do oeste do Funchal. Refere, este autor, que MASSON, em 1776, encontrou esta espécie nos jardins do antigo e demolido Convento de S. Francisco, onde, hoje, se encontra, como é sabido, o Jardim Municipal; e acrescenta que ela foi “probably introduced into Madeira from Brazil, where it is one of the commonest weeds”. MENEZES (1914) cita a mesma espécie (também sob a designação incorrecta) como subespontânea mas comum no Funchal e arredores. HANSEN (1970) identificou correctamente esta espécie com o binome *Malvastrum coromandelianum* mas, em 1987, esclarece que este táxone já havia sido referido para a Madeira em 1902, pelo botânico suíço HOCHREUTINER. É planta até perto de 1 m de altura, de folhas geralmente ovadas a rombóide-ovadas, até 6 cm por 4 cm e de flores amarelas, a que chamam chá-bravo, ainda frequente nas zonas baixas da Madeira, sobretudo no Funchal e até Machico, ocorrendo principalmente em terras e terrenos adjacentes a estradas, caminhos e veredas. É originária da América Tropical.

Modiola caroliniana (L.) G. Don – Planta herbácea, anual, de caules prostrados e bonitas mas pequenas flores (com cerca de 1 cm de diâmetro), escarlates, com manchas escuras, introduzida há mais de 150 anos na Madeira, provavelmente como ornamental, foi assinalada por LOWE (1857), pela primeira vez, mais ou menos naturalizada, em incultos, no Funchal, mas com raridade. HANSEN (1974) refere a sua existência, com abundância noutra local, “in ruderal site near the stadium, Funchal, 1973”, acrescentando que “it has never been recorded outside Funchal and its nearest environs”. Esta espécie, da América Tropical e da América do Norte Temperado-Quente, é hoje rara na Madeira, sendo, também, subespontânea e rara em Portugal Continental.

Sida rhombifolia L. – Denominada, vulgarmente, chá-bravo, esta planta foi também assinalada por LOWE (1857), como tendo sido introduzida e encontrando-se já, nessa altura, perfeitamente naturalizada, nas margens dos caminhos e em incultos, “in hot sunny places everywhere along the south coast chiefly”. Este subarbusto, de graciosas flores amarelas, foi muito utilizado na medicina popular (como emoliente) e era muito comum nos dias de MENEZES; hoje, é menos frequente e o seu aproveitamento é quase nulo. Todavia, ainda vegeta nos arredores do Funchal e na mesma zona mencionada por LOWE, sobretudo, “from Funchal west to Tabúa”, conforme se lê na “Flora of Madeira” (1994). Planta americana, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Outra malvácea introduzida na Madeira, como ornamental, tem sido assinalada como fugida de cultura: *Abutilon sonneratianum* (Cav.) Sweet, da África do Sul, uma espécie arbustiva, perene, peluda, de caule e ramos purpúreos, folhas aveludadas

e flores medianas, amarelas, assinalada por LOWE (1857) (sob a designação específica de *A. indicum*), como casual, num ou outro ponto do Funchal, e por MENEZES (1914), sob outra designação, *A. populifolium*, com o esclarecimento de que “não tem sido encontrado n’estes ultimos annos” e, nessa situação, parece permanecer.

MELASTOMACEAE

Tibouchina urvilleana (DC.) Cogn. – Este arbusto decorativo, que os madeirenses conhecem por aranha, devido à forma e disposição dos seus longos estames, deve ter sido introduzido na Madeira, nos finais do século XIX ou nos começos do século XX, sendo que as primeiras referências à sua existência na Ilha datam de 1909, quando FLORENCE du CANE (e sua irmã ELLA) se lhe refere *in* “The flowers and gardens of Madeira”. GRABHAM (1926) mencionou-o, sob o binome *Lasiandra macrantha* Lind. & Seem, com a indicação de ser, na altura, comum. Trata-se de planta muito cultivada em parques e jardins, desde a beira-mar até acima dos 800 m de altitude, prosperando melhor a partir dos 300 m. A sua folhagem aveludada, persistente e as grandes flores purpúreo-avermelhadas a violeta-carregadas com estames compridos, recurvados e purpúreos, são características que tornam esta espécie muito procurada. Encontra-se, raramente, naturalizada e o local onde essa naturalização se nos afigura mais evidente é na Levada do Furado, nos Lamaceiros, para onde o biólogo R. JARDIM chamou a nossa atenção, recentemente (1999), por tê-la aí observado em 1996, juntamente com S. FONTINHA, na altura, directora do Jardim Botânico. Espécie originária do Brasil, também referenciada, não correctamente, nalguma literatura botânica, por *T. semidecandra* (Schrank et Mart.) Cogn., tem-se vindo a propagar, sobretudo, por via vegetativa (estaca).

Da família MELIACEAE, uma árvore, vulgarmente conhecida por mélia (*Melia azedarach* L.), já assinalada, na Madeira, por GRABHAM (1926), “one of the most desirable of the shade trees, on account of the bright green tint of its foliage and the fragrance of its showy flowers”, de folhas semi-caducas, grandes, pinuladas, com muitos segmentos agudos e serrados e flores pequenas (até 2 cm de diâmetro) mas numerosas, branco-lilazes, em grandes panículas e frutos pequenos, numerosos e globosos, amarelos quando maduros, ocorre ocasionalmente fugida de cultura, na proximidade de exemplares adultos, em terrenos mobilizados ou incultos, aqui e acolá, no Funchal.

MORACEAE

Ficus carica L. – Esta é a espécie fruteira conhecida por figueira e, na Madeira, também, frequentemente, por bebereira, embora este termo seja aplicado, na

Ilha, somente a algumas variedades que produzem frutos (síconos) maiores, geralmente mais compridos do que largos. Introduzida na Madeira e no Porto Santo, nos longínquos tempos do povoamento, conforme rezam os documentos históricos, foi e é muito cultivada no Arquipélago (até o foi na Deserta Grande) aparecendo, com frequência, em toda a área agrícola da Região, sobretudo nas zonas mais baixas, até cerca de 300 m de altitude, onde produz abundantemente, através de muitas cultivares, algumas bastante antigas. Os figos (incluindo as bêberas) têm largo consumo entre toda a população do Arquipélago. A multiplicação desta fruteira faz-se por via vegetativa, muito facilmente, e qualquer porção de ramos ou os rebentos de raiz ou outros podem originar novas plantas. Daí que a figueira se encontre, amiúde, como planta subespontânea e “occasionally naturalized” como diz PRESS (1994) e como também já esclarecia MENEZES, em 1914. Aliás, tanto no Porto Santo como na Madeira, em incultos secos ou terras de cultura, em encostas rochosas e fendas de rochas, em muros e margens de ribeiros, pode observar-se esta fruteira, vegetando e frutificando sem quaisquer cuidados e sem ter sido plantada pelo homem. A figueira, nativa do sudoeste asiático, é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Ficus pumila L. – Só introduzida na Madeira, provavelmente, no século XX, não foi referida por MENEZES na sua “Flora do Archipelago da Madeira”, em 1914, mas é citada no “Elucidário Madeirense” (1921), no artigo “Figueira do inferno”, sob o binome *Ficus stipulata*, dizendo-se aí que esta planta cultivada é “muito usada para revestir muros e que é conhecida, também, pelo nome de figueira do diabo”. GRABHAM (1934) adianta que é uma planta popular e, em 1942, esclarece que é “an admirable covering for walls”. Trata-se de planta robusta, de folhagem coriácea e persistente, verde-escura, com folhas de 2 tipos diferentes, as mais pequenas, dos ramos que se agarram às paredes e as maiores (até mais de 10 x 5 cm), dos ramos levantados, que são os que produzem os grandes figos, que não são comestíveis. Nos nossos dias, esta trepadeira, agora mais vulgarizada com o nome de pastinha, está mais difundida por toda a Ilha, sobretudo nas zonas mais quentes (até 500 m de altitude), e tornou-se subespontânea, dada a sua capacidade de multiplicação vegetativa. É, também, o que diz HANSEN (1973) ao observar uma planta desta espécie, em 1971, nos arredores do Funchal: “subspontaneous in the creeping stage rooting flat to walls, in Monte”. A pastinha é originária do sudeste asiático e da Austrália e é uma planta presente em jardins e outros locais açorianos, também, cobrindo os muros, paredes e rochas.

Da família das moráceas, representada na Madeira por muitas outras espécies, sobretudo do género *Ficus*, há uma espécie que por vezes ocorre como fugida de cultura na vizinhança de parques, praças e jardins, talvez devido a rebentos de raiz que, por vezes, emite, mesmo a grande distância do local de plantação. Trata-se da conhecida figueira-da-índia, *Ficus benjamina* L. var. *nuda* (Miq.) Barrett,

nativa das Filipinas, referida no “Elucidário Madeirense” como *F. comosa* e aí dizendo-se que a primeira que foi cultivada na Ilha “veio num navio que se destinava à Europa e naufragou no porto do Funchal nos fins do século XVIII”, “tendo um marinheiro desse navio conseguido trazer para terra a referida figueira (que) foi plantada nos terrenos da Quinta Vigia” e foi “o tronco de todos os indivíduos da mesma espécie que depois apareceram na ilha”. A figueira-da-índia é uma bonita árvore, sempre-verde, de tronco e ramos acinzentados, muito corpulenta, até mais de 25 m de altura, de folhas ovadas e acuminadas, um pouco coriáceas e frutos (como minúsculos figos) globosos a ovóides, de 1 a 1,8 cm de diâmetro. Temos encontrado esta espécie em muros e nas margens de caminhos e ruas do Funchal.

Da família MYOPORACEAE, uma espécie australiana, de porte arbustivo, a pequena árvore, *Myoporum tenuifolium* G. Forst. (também denominada *M. acuminatum* R. Br.), muito cultivada na Madeira e, sobretudo, no Porto Santo, já assinalada, em 1914, por MENEZES, aparece, às vezes, fugida de cultura em terras mobilizadas e em incultos nas proximidades dos exemplares cultivados, não se podendo afirmar, ainda, a sua naturalização. Planta ornamental, de flores pequenas, brancas, com manchas purpúreas e frutos também pequenos, globosos, carnudos e púrpura-anegradados, tem sido, também, muito utilizada em sebes e corta-ventos. O mioporo é muito cultivado em Portugal Continental e pouco nos Açores.

MYRTACEAE

Eucalyptus globulus Labill. – Provavelmente introduzido há mais de 200 anos na Madeira (dada a corpulência de certas árvores desta espécie cultivadas em parques, como ornamentais, com diâmetros à altura do peito, às vezes, superiores a 2 m), o eucalipto é muito comum na Ilha, como essência florestal, ocupando uma superfície total acima dos 2000 hectares, sobretudo, entre os 400 e os 1200 m de altitude; tem crescimentos anuais muito grandes e, em geral, forma troncos altos, muito direitos, produtores de madeira de boa qualidade. Produz, também, lenhas para combustível e varas para a agricultura, já foi utilizado (a ramagem nova e a folhagem) na obtenção de óleos essenciais e tem aplicações na medicina popular, sobretudo como antisséptico das vias respiratórias. O uso dos ramos jovens e novos rebentos da base dos troncos e de ramos com frutos ainda não maduros, para efeitos decorativos, é agora menos usual. Também se faz exportação de troncos e toros de eucalipto para as fábricas de celulose do país. O eucalipto ocorre, por vezes, como subespontâneo nas próprias zonas de cultura e nas proximidades das áreas com ele cultivadas, especialmente em locais mais húmidos, como no Monte, Camacha, Santo da Serra, Terreiro da Luta; nesse estado não é muito frequente. Mas, já MENEZES (1894) dizia que o eucalipto, além de muito cultivado, ocorria naturalizado perto das quintas do Monte. Nativa da Tasmânia, esta espécie é

muito cultivada em Portugal Continental, onde se encontra, também, de certo modo naturalizada, sendo pouco frequente nos jardins e parques dos Açores e, bem assim, nas suas áreas florestais.

Eugenia uniflora L. – Já LOWE (1864), dizia que este arbusto ou pequena árvore frutífera, sob a designação específica de *E. brasiliiana* (L.), era muito comum em jardins do Funchal “bearing profusely almost all the year round”. A pitangueira, como é vulgarmente conhecida, continua a ser muito cultivada na Madeira, sobretudo no Funchal mas, também, noutros locais das zonas baixas da Ilha, até cerca de 400 m na costa sul, geralmente nos logradouros das habitações, onde é aproveitada pelos frutos acídulos e de sabor agradável e pela sua valia ornamental; também tem algum interesse na medicina popular (sobretudo pelas suas propriedades antitússicas e tónicas). Pela sua grande produtividade e fácil germinação das sementes, ocorre frequentemente como naturalizada em entulhos, incultos e terrenos cultivados, jardins, paredes e beiras de levadas, quase sempre nas proximidades das moradias. É nativa da América do Sul Tropical, devendo ter sido introduzida do Brasil.

Leptospermum scoparium J. R. & G. Forst. – Este arbusto ornamental, de pequenas folhas e flores, conhecido vulgarmente por urze-de-jardim, foi já assinalado por MENEZES (1914), na sua Flora, em nota de pé de página, onde é mencionado entre outras espécies de mirtáceas cultivadas nas quintas e jardins da Ilha. Quer como planta isolada, quer em maciço, cortina de abrigo ou sebe decorativa, o seu aproveitamento tem sido bastante grande, sobretudo em terrenos de média altitude, entre os 300 e os 900 m de altitude. Como arbusto de jardim, usam-se variedades diversas, tendo maior procura as de flor vermelha, singela ou dobrada, e de folhagem também com tons avermelhados; para sebes, divisórias ou grupos, prefere-se a espécie-tipo, com bons crescimentos, folhagem e ramificações mais densas e flores singelas, de cor branca e centro róseo a avermelhado. Desde há mais de 40 anos perfeitamente naturalizada em locais húmidos (Camacha, Santo da Serra, Santa Maria Madalena, Prazeres, Ponta do Pargo, Palheiro Ferreiro, etc.) e terrenos incultos ou cultivados, esta espécie australiana e neozelandesa está a aumentar a sua disseminação na Ilha, ao mesmo tempo que é, também, cada vez mais cultivada.

Psidium guajava L. – Esta espécie da América Tropical, tratada por LOWE (1864), pelos dois binomes, seus sinónimos, *Psidium pyriferum* L. e *P. pomiferum* L., é conhecida vulgarmente por goiabeira e os frutos, por goiabas, que, como todos sabem, são muito apreciadas, na Madeira, quer em fresco, quer em compotas ou geleia. Introduzida na Ilha talvez no século XVIII e possivelmente do Brasil (para onde já a partir do século XVI emigraram muitos madeirenses), foi e é ainda cultivada (mesmo em jardins e logradouros, como planta fruteira e ornamental), nas zonas baixas da Ma-

deira, até cerca de 300 m de altitude, apresentando-se nem sempre com a mesma morfologia, divergindo sobretudo no porte, no tipo e tamanho das folhas e na forma e cor dos frutos. Tem-se propagado essencialmente por semente (daí a existência de muitas e diferentes formas botânicas) e pode ser do tipo arbustivo, pequeno e muito ramoso, ou uma pequena árvore, de folhagem persistente e frutos mais ou menos globosos (por vezes até com 8 cm de diâmetro), de polpa rosada ou esbranquiçada e de cheiro forte, característico, e com muitas sementes duras. MENEZES (1914), já considerava a goiabeira como espécie subespontânea ou naturalizada, estatuto que mantém actualmente, ocorrendo em terras cultivadas e, também, em incultos, com maior ou menor abundância de água, em margens de ribeiras (como na Ribeira Brava) e, raramente, em margens de caminhos, sobretudo na costa sudoeste.

Syzygium jambos (L.) Alston – Esta árvore ornamental, de bonita folhagem densa e persistente, de flores atraentes com longos estames cremes e de frutos curiosos (os chamados jambos), do tamanho de nêspers pequenas, com sabor a rosas e com grandes sementes, há muito foi introduzida na Madeira, sendo utilizada em parques e jardins, nas zonas baixas da costa sul da Ilha, sobretudo no Funchal, até cerca de 400 m de altitude. Hoje menos abundante que outrora, foi citada e desenhada por ROBLEY (1845), que dela disse (sob o binome *Eugenia jambos*) ser espécie já nessa época cultivada na Ilha e foi depois assinalada em 1864, por LOWE, sob *Jambosa vulgaris* DC., como muito comum, “seminaturalized here and there by roadsides, or in waste grounds and hedges”. MENEZES (1914), cita esta espécie como *Eugenia jambos* L. e dá-a como cultivada mas pouco frequente. Subespontânea nalguns terrenos cultivados, jardins e incultos, continua a ocorrer, principalmente, no Funchal e em Santa Cruz. Espécie originária do sul da China e do sudeste asiático à Austrália, o jambeiro ou jamboeiro é também utilizado na medicina caseira madeirense, como anti-diabético. Nos Açores é cultivado e tem o nome de jambo-rosa.

Da família das mirtáceas, algumas outras espécies ocorrem, por vezes, na Madeira, como fugidas de cultura, geralmente em terrenos cultivados ou mobilizados, quase sempre nas proximidades de espécimes adultos, sem que se possam considerar realmente naturalizadas. Isto sucede com alguns eucaliptos, cultivados como ornamentais, sobretudo *Eucalyptus amygdalina* Labill., *E. robusta* Sm. e *E. rostrata* Schlecht. (todos referidos por GRABHAM, 1942), espécies arbóreas australianas, de grande porte, que vegetam bem na Ilha, principalmente, em parques e terrenos montanhosos da costa sul entre os 500 e os 1200 m de altitude; e com os araçazeiros, *Psidium cattleianum* Sabine, o araçá-roxo, pequeno arbusto brasileiro, de frutos globosos, vermelho-arroxeados, em maduros, e *P. guineense* Sw., o araçá-amarelo, arbusto a pequena árvore da América Tropical, de frutos, também, globosos, um pouco maiores e amarelos, quando maduros, desde há muito tempo cultivados em

quintas, jardins e logradouros das zonas baixas da Ilha, até pouco mais de 300 m de altitude (LOWE (1864), falando dos 2 araçazeiros, refere que introduziu o araçá-roxo na Madeira, em 1833 ou 1834).

NYCTAGINACEAE

Mirabilis jalapa L. – Planta herbácea, até mais de 1 m de altura, de caule e ramos um pouco robustos, com nós salientes, introduzida na Madeira como ornamental, talvez no primeiro quartel do século XIX, foi classificado, então, nos anos 30, por LOWE, como *Mirabilis divaricata*, binome que depois foi considerado sinónimo de *M. jalapa* L. Conhecida vulgarmente por bonina, tem flores atraentes e perfumadas (que só abrem à tarde), geralmente de um rosa-purpúreo uniforme e, menos vezes, brancas ou amarelas ou até listradas de duas ou dessas três cores; foi bastante cultivada nas quintas e jardins das zonas mais baixas da costa sul da Ilha, mas hoje é muito pouco utilizada. Só que já, em 1894, MENEZES dava esta espécie como naturalizada na Madeira, encontrando-se “frequentemente nas bordas dos caminhos e nas proximidades dos jardins e habitações”. Ainda hoje vulgar, embora menos comum que outrora, aparece, também, em entulhos, terrenos incultos ou abandonados e muros de suporte de terras. Em Maio de 1958, vimos esta espécie, pela primeira vez, em incultos, no Porto Santo (centro), onde é, ainda, muito rara. Originária da América Tropical, ocorre, também, em Portugal Continental e nos Açores, como escapada de jardins, sendo aí conhecida por boas-noites.

OCHNACEAE

Ochna serrulata (Hochst.) Walp. – Arbusto sempre-verde, muito decorativo, até mais de 2 m de altura, com caules e ramificações acastanhados, densamente revestidos de pequeníssimas verrugas cinzento-pálidas, muito características e de folhas estreitamente elípticas, verde-brilhantes, um pouco coriáceas e serradas, até 8 x 2,5 cm, tem flores curiosas, de pétalas amarelas, que cedo caem e de cálice que persiste, tornando-se vermelho, tal como um receptáculo carnudo e semigloboso, onde se inserem os pequenos e arredondados frutos, verdes a princípio e por fim pretos. A floração ocorre sobretudo em Fevereiro-Março. Introduzida, na Madeira, há poucos anos, talvez nos fins do último quartel do século XX (GRABHAM cita-a, não correctamente, como *O. rubra* DC., em 1934 e 1942), é espécie muito cultivada em parques, quintas e jardins das zonas baixas da Madeira, até mais de 400 m de altitude (Quinta do Palheiro), sobretudo no Funchal, ocorrendo com frequência, como subespontânea, em terrenos cultivados e, menos vezes, em incultos, entulhos, margens de caminhos e junto a paredes de suporte de terras, nas proximidades das habitações. É nativa da África do Sul e chamam-lhe, curiosamente, planta-do-rato-mickey.

OLEACEAE

Ligustrum lucidum Aiton fil. – Esta pequena a mediana árvore foi muito cultivada na Madeira em arruamentos, parques e jardins, devendo ter sido introduzida em finais do século XIX. As referências feitas por MENEZES (1914) ao *L. japonicum* Thunb. devem, em nossa opinião, reportar-se ao *L. lucidum*, sendo esta a planta comumente utilizada pelos madeirenses como árvore de sombra e ornamental e aquela pouquíssimo ou nada aproveitada na Ilha. GRABHAM (1926, 1934, 1942), cita esta espécie, apenas como cultivada, referindo que é “a most desirable tree, planted everywhere on the lowlands for shade and ornament”. Ainda hoje presente, com certa frequência, desde o nível do mar até mais de 700 m de altitude, em muitos pontos da Madeira mas, sobretudo, na costa sul, este ligustro ocorre como subespontâneo em terrenos secos e um pouco sombrios em diversos parques e quintas, como na Quinta Magnólia, na Quinta Palmeira e no Monte, onde se salienta pelas suas grandes folhas (até mais de 16 cm de comprimento e 7 cm de largura), de cor verde-escura, brilhante, dispondo-se em ramos glabros, opostas, simples, ovadas a ovado-lanceoladas, agudas a acuminadas e flores pequenas, brancas, numerosas, em grandes panículas, que dão origem a pequenas bagas que se tornam anegradadas na maturação. Originária da Ásia Oriental (China, Coreia e Japão), esta espécie ocorre como casual em Portugal Continental, aí recebendo o nome vulgar de alfenheiro.

Ligustrum ovalifolium Hassk. – Este arbusto ornamental, pouco cultivado, na Madeira, não deve ser de introdução antiga e ao que nos consta não foi, ainda, assinalado para a Ilha. Desde os anos 50 que o vemos em quintas e parques da Camacha e do Santo da Serra, onde ocorre como subespontâneo e, por vezes, é aproveitado na formação de sebes ou cortinas de abrigo. Esta planta não ultrapassa 3 m de altura, tem raminhos glabros, folhas lanceoladas a ovadas, medianas (até 7 cm por 3 cm), semipersistentes e flores pequenas, brancas, numerosas, em panículas abertas, pouco longas (12 cm de comprimento, em média) e glabras. É um ligustro originário do Japão, cultivado em Portugal Continental e nos Açores, onde pode ocorrer fugido da cultura.

ONAGRACEAE

Fuchsia arborescens Sims – Arbusto ornamental, bastante gracioso pelo porte, pela folhagem e pelas pequenas e numerosas flores rosadas, como minúsculos brincos-de-princesa ou mimos, foi muito cultivado em jardins e quintas, sobretudo, do Funchal, e aparece, ainda hoje, não tão frequentemente, como no passado, mas em locais semelhantes e em parques, até em altitudes superiores a 600 m, como na Camacha. Deve ter sido introduzido nos princípios do século XIX e, em 1864, já LOWE se lhe referia, sob a denominação de *Schufia arborescens* (Sims), dizendo tratar-se de espécie

comum em jardins, “but, though introduced 20-30 years ago”, não mostrava nessa altura “tendency to become naturalized”. MENEZES (1914) acrescenta que a espécie, além de cultivada, aparece como “subespontânea nas proximidades do Jardim da Serra”. Na realidade, embora sem grande frequência, esta espécie, originária do México, pode ser considerada, actualmente, tal como refere TURLAND (1994), “locally naturalized along levadas, walls and rivers in south-eastern Madeira, from Jardim da Serra to Santo da Serra”.

Fuchsia boliviana Carr. – Este arbusto decorativo, até mais de 3 m de altura, de folhas persistentes, grandes (às vezes com mais de 1 palmo), elípticas, mais ou menos aveludadas, tomentosas na página inferior e flores pendentes, rosadas a avermelhadas, longamente tubulosas (muito mais compridas do que as dos vulgares mimos) em inflorescências (cachos) densas, deve ser de introdução relativamente recente na Madeira, não sendo planta muito vulgar em jardins, parques e logradouros. A espécie *F. boliviana* vem referida para a Madeira apenas na 3ª edição do Catálogo das plantas vasculares da Macaronésia, de HANSEN & SUNDING (1985). Mas, nos anos 60, já a observámos em vários pontos no Monte, em incultos e terras ajardinadas e, também, em áreas não trabalhadas do parque do Jardim Botânico, no Funchal e, em todos os casos, como subespontânea. Hoje, ocorre nesses locais (como nas Laginhas) com certa frequência, vegetando em óptimas condições nos sítios mais húmidos e sombrios, em áreas florestadas ou poucos arborizadas, podendo afirmar-se que está perfeitamente naturalizada, embora TURLAND (1994) opine que a *F. boliviana* apenas “is perhaps locally established away from cultivation”. Esta espécie de fúcsia é originária da América do Sul, do Perú ao norte da Argentina e é, também, subespontânea nos Açores. Foi, também, referenciada pelo binome *Fuchsia corymbiflora* hort.

Fuchsia magellanica Lam. – Pequeno arbusto (por vezes até mais de 2 m), de grande interesse ornamental, cultivado em muitos jardins madeirenses, às vezes em vasos, foi introduzido há muitos anos e assinalado por LOWE (1864), incorrectamente, sob o binome *Fuchsia coccinea* Aiton, “completely naturalized everywhere”. Espécie muito comum, é conhecida, vulgarmente, por mimos e, menos vezes, por brincos-de-princesa e fúcsias. Hoje, menos cultivada em jardins e logradouros do que no passado, mantém-se, todavia, naturalizada, sobretudo, em locais húmidos das médias altitudes da Ilha, até acima dos 700 m, nas margens dos cursos de água, nas bermas das levadas e dos caminhos, em muros de suporte de terras, em incultos e terrenos cultivados, formando, por vezes, vastos maciços, onde sobressaem as curiosas e bonitas flores pendentes, vermelhas e violáceas, produzidas praticamente durante todo o ano. Espécie do Chile e da Argentina, tem vindo a ser substituída nos jardins por muitos híbridos semelhantes mas de maior beleza, de flores singelas ou dobradas, alguns multiplicados e difundidos por viveiristas sediados na Ilha. É espécie subespontânea nos Açores, onde também é conhecida por brincos.

Oenothera biennis L. – Introduzida provavelmente como planta de jardim, talvez na mesma altura das outras espécies congéneres, esta espécie herbácea, bienal, pubescente, de floração amarela, só foi assinalada, como subespontânea, pela primeira vez, na Madeira, em 1956, por R. FERNANDES que, nesse ano, estudou material colhido anteriormente (1953) na Ilha. Planta bastante rara em cultivo, encontra-se, sempre com muito pouca frequência, até como naturalizada, sobretudo, em incultos e terrenos cultivados da meia-encosta (400-800 m de altitude), nos arredores do Funchal, na Camacha e no Santo da Serra. Planta americana, ocorre como subespontânea em Portugal Continental (onde a conhecem por onagra) e nos Açores.

Oenothera longiflora L. subsp. *longiflora* – Também planta de jardim, anual ou bienal, de grandes flores amarelo-douradas, brilhantes, depois rosadas ou laranja-acastanhadas, providas de um tubo muito comprido, foi introduzida há muito tempo na Ilha, tendo sido assinalada pela primeira vez por LOWE (1864), como subespontânea e extremamente rara, no Monte, em terrenos ajardinados, mas “perfectly naturalized” (estatuto que também lhe é atribuído por MENEZES, em 1914). Hoje, não é mais cultivada, aparecendo aqui e acolá, em terrenos agrícolas ou abandonados pela agricultura ou incultos, normalmente em locais húmidos daquela freguesia e doutras partes do Funchal e, também, em Santana e no Santo da Serra. Originária do Brasil, do Uruguai e da Argentina, ocorre igualmente como subespontânea no arquipélago dos Açores.

Oenothera stricta Ledeb. ex Link – Introduzida e cultivada como planta ornamental em tempos idos, ocorre hoje, apenas, como subespontânea e naturalizada em incultos, margens de caminhos, terrenos cultivados e ervagens, nas altitudes médias (400-1000 m), sobretudo no Monte, Terreiro da Luta, Camacha e Santo da Serra. MENEZES (1914) refere esta planta anual ou bienal, de bonitas flores, grandes, amarelas e por fim com tons avermelhados, sob a denominação não correcta de *Oenothera odorata* Jacq., como muito rara, mas já subespontânea. Na “Flora of Madeira”, SHORT (1994) afirma que a *O. stricta* é “the most frequently encountered species of *Oenothera* in Madeira”. Nativa do Chile e da Argentina, ocorre como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Oenothera tetraptera Cav. – Divergindo das outras espécies congéneres, sobretudo pela cor branca e depois rosada das flores e pelos frutos alados, esta espécie ornamental, perene, é também rara, sendo referida por LOWE (1864) como introduzida e perfeitamente naturalizada em vinhas e incultos, nas zonas baixas do Funchal e no Monte. Hoje, já não é cultivada mas aparece, como subespontânea, além desta freguesia, na Camacha e no Santo da Serra, sempre com muito pouca frequência. Esta espécie americana, com distribuição geográfica do México à Colômbia e Venezuela, ocorre também como subespontânea nos Açores.

OXALIDACEAE

Oxalis bowiei Lindl. – Esta erva bolbosa, vivaz, mais ou menos robusta, muito decorativa, deve ter sido introduzida na Madeira há poucos anos, provavelmente como planta de vaso ou de jardim, devido à beleza da sua floração e graciosidade da folhagem. Só a encontramos (e agora a assinalamos, pela primeira vez, para a Ilha) em Novembro de 1994, nas margens dum terreno agrícola, na parte baixa do Funchal, pertencente ao Hospício da Princesa D. Maria Amélia mas num plano inferior e adjacente ao do jardim principal e no logradouro duma casa anexa da mesma instituição. Apesar de a área ocupada por esta oxálide ou azeda ser pequena (não atinge 10 m²), o número de pés observado e o modo como se vem propagando, embora só vegetativamente, e o facto de aí se encontrar há pelo menos 10 anos, conforme informação verbal dos jardineiros, levamos a concluir que *O. bowiei* escapou dos locais de cultivo e está agora naturalizada na Madeira (Funchal), embora talvez restrita a este local. Trata-se de planta baixa (até 30 cm), provida de caule subterrâneo com poucos bolbos, pequenos mas alongados ou fusiformes, com folhas só basilares, um pouco grandes, algo carnudas, com pecíolos longos que podem ultrapassar 25 cm e folíolos (3) mais ou menos em forma de coração, por vezes com mais de 6 cm de comprimento e 8 cm de largura e de flores um pouco grandes (2,5 a 4 cm de diâmetro), de um rosa-avermelhado muito vivo, dispostas em número de 3 a 12, ou mais, em umbelas que se inserem em pedúnculos altos (até mais de 25 cm); não vimos qualquer fruto. A folhagem morre no Verão e a floração ocorre principalmente entre Novembro e Fevereiro. É espécie originária da África do Sul.

Oxalis corniculata L. – Esta espécie, conhecida localmente por bolsa-de-pastor e, raramente, por azeda, é uma erva rasteira, ramosa, mais ou menos pubescente, muito comum na Madeira e no Porto Santo, onde aparece tanto nos caminhos e incultos, como nas terras cultivadas (bananais, hortas, etc.), em jardins, canteiros, floreiras, vasos de flores e até nos logradouros das habitações, nos empedrados e nas fendas dos pavimentos e lajedos. Planta anual ou perene, prostrada, de caules alongados, às vezes até mais de 30 cm de comprimento, enraizando facilmente nos nós mas sem bolbos ou bolbilhos, de folhas com três folíolos cordiformes (cada um medindo de 8 a 20 mm de largura) e diminutas flores amarelas (até 1 cm de diâmetro), com grande poder de propagação (por via seminal e vegetativa), tem-se alastrado por toda a área agrícola das duas Ilhas, sobretudo nas zonas mais baixas e quentes, mas também até acima dos 800 m de altitude, na Madeira. Parece existir, também, na Selvagem Grande. Introduzida já há muitos anos no Arquipélago (como ornamental ?), foi assinalada e tratada por LOWE (1857) e por MENEZES (1914) como indígena na Madeira, sendo-lhe, no entanto, hoje, reconhecido o estatuto de perfeitamente naturalizada. Assinale-se que LOWE indicava, naquela data, a utilidade desta planta na eliminação de nódoas de ferrugem nos tecidos de linho: “the pl. is used for rubbing out stains of iron-rust &c.

from linen”. De origem desconhecida, esta espécie tem invadido inúmeros países, onde sempre se comporta como subespontânea e naturalizada; ocorre, também, em Portugal Continental e nos Açores, sendo neste arquipélago conhecida popularmente por erva-azeda e erva-azedinha.

Oxalis corniculata L. var. *atropurpurea* Planch. – Trata-se de uma variedade da espécie anterior, ainda não assinalada para o Arquipélago, facilmente reconhecida pela sua folhagem de cor bronzeada a púrpura-forte, assim como os caules; as flores, pouco numerosas, geralmente 1 ou 2 por pedúnculo, são de tom amarelo-dourado, mais carregado do que o das flores da espécie típica. Quase sempre de menores dimensões, esta planta é também cosmopolita e muito comum na Madeira, onde ocorre, sobretudo, em locais soalheiros das zonas baixas, até cerca de 400 m de altitude e, principalmente, em logradouros empedrados e em fendas de calçadas e outros pavimentos; é muitíssimo rara em Porto Santo. Desconhecemos a data da sua introdução (acidental ?) na Madeira mas já conhecemos a planta há, pelo menos, 50 anos.

Oxalis debilis Kunth – Esta azeda, bolbosa, de flores rosa-purpúreas, pequenas e interessantes, e folhas, por vezes, bastante desenvolvidas, é uma infestante muito comum dos jardins madeirenses e das terras agricultadas, sobretudo das localizadas a baixas e médias altitudes mas subindo, por vezes, até acima dos 900 m (Queimadas); a sua área de dispersão tem vindo a aumentar, progressivamente, por força dos numerosos bolbilhos (muitas vezes mais de cem por planta) que se formam no bolbo principal e facilmente se separam e dão origem a novas plantas. LOWE (1857) e MENEZES (1914) assinalaram esta planta, vivaz, como *Oxalis martiana* Zucc. e referiram-na como introduzida e já naturalizada, embora ainda rara, nessa época. A sua introdução na Madeira deve-se provavelmente a sua certa valia ornamental, hoje totalmente desprezada. Espécie sul-americana, tratada também pelo binome *O. corymbosa* DC., encontra-se, de igual modo, naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Oxalis exilis A. Cunn. – É a mais pequena das *Oxalis* existentes na Madeira, só assinalada, pela primeira vez, em 1987, por HANSEN, que a colheu dois anos antes, no Funchal. Todavia, esta espécie parece ser bastante mais antiga na Ilha, tendo sido provavelmente confundida, durante muitíssimo tempo, com a *O. corniculata*, pensando tratar-se de plantas menos desenvolvidas desta espécie. Por informações pessoais diversas de antigos proprietários e ocupantes de velhas quintas e solares madeirenses, concluímos que, já, por volta de 1930, *O. exilis* existia naturalizada na Madeira mas rara, nos empedrados, canteiros e jardins da Ilha, como, por exemplo, na Quinta Olavo (Caminho dos Saltos), a cerca de 300 m de altitude, no Funchal. Hoje, esta espécie está difundida, embora pouco comum, nas zonas baixas da Madeira, nomeadamente, no Funchal, em arrelvados, caminhos e calçadas, e em passeios e substractos arenosos de

estufas e abrigos, para além de logradouros das moradias. Tal como *O. corniculata*, de que *O. exilis* parece ser uma miniatura, a expansão desta azedinha rastejante deve-se à fácil propagação vegetativa e por via seminal. As minúsculas folhas (entre 3 e 7 mm de maior dimensão) e os caules filiformes (que se podem alongar até 15 cm) da *O. exilis* têm cor verde e formam pequenos grupos muito densos; e às flores amarelas e solitárias, até 8 mm de diâmetro, sucedem-se os pequeníssimos frutos (cápsulas) que, por vezes, são um pouco esféricos (3-4 mm de diâmetro) e, outras vezes, mais ou menos cilíndricos e agudos, até 6 mm de comprimento. Originária da Austrália e da Nova Zelândia, esta espécie deve ter sido introduzida na Madeira por mero acidente, uma vez que não possui valia decorativa. É, também, referida sob *O. corniculata* L. var. *microphylla* Hook. fil.

Oxalis latifolia Kunth – Introduzida provavelmente na Madeira, como ornamental, não há muitos anos, esta azeda, bolbosa, de flores rosadas e folhas por vezes grandes, como as da *O. debilis* mas com os três folíolos (que caracterizam as azedas existentes na Ilha e as tornam, de certo modo, semelhantes, na folhagem, aos trevos) muito mais largos que compridos e de contorno triangular ou subtriangular, foi assinalada, pela primeira vez, por HANSEN (1968), que a identificou em material colhido em 1962, no Funchal (em bananais, em S. Martinho), usando o binome *Oxalis intermedia* A. Rich. A espécie está já muito difundida, sobretudo nos concelhos do Funchal, de Câmara de Lobos e de Santa Cruz, desde os jardins e terrenos cultivados ou incultos húmidos da beira-mar (Avenida do Mar e das Comunidades, Jardim Municipal e Parque de Santa Catarina) até altitudes médias (Palheiro Ferreiro, Camacha), mesmo acima dos 700 m (Jardim da Serra). Tida por muitos autores como nativa da América do Sul Tropical, esta planta está espalhada por todo o mundo, propagando-se facilmente pelos muitos bolbilhos que se formam em estolhos subterrâneos e pouco longos que são emitidos a partir do seu bolbo principal. (Tal como a *O. debilis*, estoutra *Oxalis* só se multiplica vegetativamente, não formando frutos, pelo que obviamente não há propagação por via seminal.). A *O. latifolia* está também naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Oxalis pes-caprae L. – Esta espécie, conhecida vulgarmente por azeda, erva-azeda e trevo-azedo na Madeira e, também, por catarineta no Porto Santo, é, desde há muitos anos, uma das plantas infestantes das culturas (bananais, vinhas, hortas, pomares, jardins, culturas florais), mais prejudiciais na Região. Muito abundante em toda a área agrícola (sobretudo até aos 400 m de altitude), esta planta vivaz cobre, por vezes, por completo, todo um terreno, deixando-o, na altura da floração, como uma mancha amarela, contínua, que se torna atraente na paisagem, sobretudo, quando vista de longe. Introduzida provavelmente como ornamental, expandiu-se rapidamente graças aos abundantes bolbilhos que se formam no caule anual, subterrâneo, emitido pelo bolbo principal

localizado, geralmente, a grande profundidade. A abundante folhagem e as numerosas flores, medianas, despertam um certo interesse e as crianças são por estas atraídas, sobretudo pelos respectivos pedúnculos, bastante longos, que têm um sabor acídulo (devido ao ácido oxálico que contêm e que é venenoso), que lhes agrada. Nos terrenos agricultados, nos jardins, nas floreiras, nos incultos, onde existe esta espécie, é frequente observar-se alguns espécimes de flores dobradas, mais atraentes, principalmente, pela coloração mais dourada, que nos botões florais surge com tons avermelhados. Naturalizada, perfeitamente, já desde os tempos de LOWE (1857) e muito comum quando MENEZES (1914) estudou a flora do Arquipélago, foi por eles assinalada, sob o binome *Oxalis cernua* Thunb. Nativa da África do Sul, esta espécie, hoje cosmopolita, está também naturalizada em Portugal Continental, desde 1839 (TAVARES, 1966), e nos Açores, onde a conhecem, igualmente, pelos nomes de erva-pata e erva-canária.

Oxalis purpurea L. – É a mais ornamental das azedas existentes na Madeira, pelas suas flores atraentes, de um bonito rosa-carregado a purpúreo com a parte tubulosa ou garganta amarela; pela sua baixa altura, forma, por vezes, grandes tapetes, densos e vistosos, sobre os terrenos incultos ou agrícolas, sobretudo em locais acima dos 300 m de altitude, até mais de 700 m, como por vezes acontece na Quinta do Palheiro Ferreiro, na Camacha e no Santo da Serra. LOWE (1857) refere esta planta vivaz, bolbosa, de folhagem um pouco suculenta, como introduzida e já naturalizada, nessa época, na Madeira, e muito comum, ocorrendo “in chestnut woods... everywhere most abundant covering the ground and in vineyards and gardens, a frequent weed” e acrescenta “a very beautiful but often troublesome plant”. MENEZES (1914), sob a denominação científica de *O. variabilis* Jacq. var *rubra* Jacq., também a dá como muito comum, situação que ainda hoje acontece. Multiplica-se por via vegetativa e tem tendência a expandir-se ainda mais, até porque nalguns sítios, é, ainda, cultivada quer em vasos, quer em parques e jardins. Originária da África do Sul, esta azeda-vermelha (ou trevo-azedo-vermelho) encontra-se naturalizada em Portugal Continental e, também, nos Açores, onde recebe os nomes vulgares de trevo-da-índia, beijos-de-frade e erva-pata.

Uma oxalidácea, que aparece, muito raramente, escapada dos locais de cultivo, é a *Oxalis triangularis* A. St. Hil., uma pequena planta bolbosa, do Brasil, em cultura relativamente recente na Madeira, sobretudo em vasos, de folhas totalmente purpúreas, geralmente com duas tonalidades na página superior, com os 3 folíolos, mais ou menos, triangulares, de largura por vezes superior a 7 cm e comprimento até mais de 3 cm e de flores medianas (mais ou menos, com 2 cm de diâmetro), brancas a branco-rosadas, que encontrámos, pela primeira vez, em 1990, no Funchal (Rochinha) nas proximidades de uma habitação, em terreno agrícola e, também, num inculto húmido.

PAPAVERACEAE

Argemone mexicana L. – Esta espécie, afim das papoilas, mas bastante espinhosa, e de folhas profundamente recortadas, de tons glaucos e flores amareladas a pálidas, grandes, com as pétalas rapidamente caducas, deve ter sido introduzida na Ilha, e talvez há pouco tempo, como planta de jardim, anual, de pequeno porte (até cerca de 60 cm de altura), sobretudo pela sua folhagem graciosa. Tornou-se depois subespontânea e embora a saibamos naturalizada, desde os anos 50, em incultos e jardins do Funchal, só foi assinalada, em 1974, por HANSEN, que a colheu no ano anterior na cidade (junto do porto) e na Praia Formosa. Chamam-lhe, por vezes, papoila-do-méxico. Não é planta comum, mas ocorre, sobretudo, nas proximidades das habitações, às vezes em terrenos muito secos, entulhos e aterros, de preferência em zonas à beira-mar, mas aparecendo, também, aqui e acolá, acima dos 500 m de altitude. Espécie originária do México e doutras zonas quentes da América do Norte, não tem mostrado, nos últimos anos, na Madeira, tendência para aumentar a sua área de expansão, limitando-se praticamente ao concelho do Funchal e ao seu litoral.

Eschscholzia californica Cham. – Nem LOWE, nem MENEZES, falam desta espécie ornamental e planta de jardim nos seus trabalhos sobre a flora da Madeira, quer como cultivada, quer como subespontânea. Só GRABHAM (1926) refere, pela primeira vez, na Ilha, a sua ocorrência: “the common *Eschscholtzia* (California) is met with everywhere, blossoming almost all the year.” Mas só a partir dos anos 60 é que esta espécie, vulgarmente conhecida por papoila-da-califórnia, se torna mais evidentemente naturalizada na Ilha, sobretudo na zona oriental do Funchal até Santa Cruz, em incultos, margens de caminhos e estradas, entulhos e aterros. HANSEN (1973) regista a existência da planta “observed as an escape from cultivation on road-slopes at the airport of Santa Cruz, 1971”. Além de subespontânea, esta espécie, do sudoeste norte-americano, anual (poucas vezes se comporta como perene), de folhagem profundamente recortada e glauca, de bonita floração amarela a alaranjada (raramente creme), continua a ser cultivada em jardins, dada a sua valia ornamental, quer na formação de maciços em canteiros, quer como planta de bordadura; aprecia locais abertos e soalheiros, preferentemente até 400 m de altitude, na costa sul da Madeira, propagando-se facilmente por semente e tendo vindo a alargar, para ocidente, a sua área de ocorrência como planta naturalizada.

Fumaria capreolata L. – Esta espécie, semelhante, tal como a seguinte, à conhecida molarinha ou moleirinha, é uma planta infestante, rara, introduzida, provavelmente, de forma involuntária, talvez de Portugal Continental, com sementes de cereais, nos princípios do século XX mas que só foi assinalada, pela primeira vez, em 1928, no Funchal, conforme refere PRESS (1994), que acrescenta tratar-se de “in-

frequent on disturbed soils on waste and cultivated ground.” Trata-se de erva anual, de folhas recortadas, verde-glaucas, por vezes comportando-se como trepadora, com cachos de 14-18 flores brancas (que se tornam róseo-avermelhadas depois da fecundação) e que aparece, subespontaneamente, no Funchal e arredores. Durante muito tempo a sua presença foi ignorada na Ilha, nomeadamente nos diversos catálogos das plantas vasculares, espontâneas e subespontâneas, do arquipélago madeirense ou da Macaronésia, de 1969, 1974, 1979 e 1985; só vem referida na “Checklist of vascular plants”, 4. revised edition, Flora of Macaronesia, 1993. Planta mediterrânica e da Europa Central e Ocidental, é espontânea nos Açores e em Portugal Continental, sendo neste último território conhecida pelos nomes de erva-pombinha, fumária-maior e catarinas-queimadas.

Fumaria sepium Boiss. Reut. subsp. *sepium* – Erva anual, muito parecida à anterior, de que diverge, sobretudo, pelos cachos com menos flores (8-14) e maiores e algumas particularidades destas, só foi assinalada para a Madeira, pela primeira vez, em 1974, por HANSEN, que a havia colhido no ano anterior, no Santo da Serra; o mesmo botânico voltou a observar esta espécie, na Eira do Serrado, em 1978. Esta fumária, introduzida provavelmente muito recentemente, na Ilha, é, também, uma infestante das terras cultivadas, ocorrendo, por vezes, em margens de caminhos, incultos e entulhos das zonas médias da Madeira (400 a 1000 m de altitude). Trata-se, todavia, de planta rara, embora inquestionavelmente naturalizada. Nativa do sul da Península Ibérica e de Marrocos, é espontânea em Portugal Continental.

Papaver somniferum L. subsp. *setigerum* (DC.) Arcang. – Alguns botânicos consideram esta papoila como espontânea no Arquipélago e, hoje, existente apenas no Porto Santo; outros referem-na como introduzida há muitos anos e perfeitamente naturalizada. Comum naquela pequena Ilha, esta erva anual, de grandes e bonitas mas singelas flores, de cor rosa-malva, com manchas purpúreo-escuras no centro, ocorre sobretudo nas zonas mais baixas, em incultos, vinhas e searas e, por vezes, também, nas margens dos caminhos. LOWE (1857) já referia esta planta, sob o binome *Papaver setigerum* DC, como existindo apenas em Porto Santo, “growing after intermixed with *P. somniferum* L.”. Planta mediterrânica, é tida como provavelmente espontânea em Portugal Continental.

Papaver somniferum L. subsp. *somniferum* – Vulgarmente conhecida como papoila-branca, esta planta, herbácea mas mais robusta que a anterior, deve ter sido introduzida para cultivo em jardins e talvez para fins medicinais. Hoje, perfeitamente naturalizada, na Madeira, no Porto Santo e nas Desertas, ocorre com pouca frequência em terras cultivadas, incultos, entulhos e margens de caminhos, nas zonas mais baixas, por vezes, até acima dos 400 m de altitude. Assinalada por LOWE (1857), e tida, na altura, como espontânea no Arquipélago, era considerada, então, como comum a

extremamente comum. Tem sido muito utilizada como planta de jardim, desde há muito tempo, sendo ultimamente cultivadas variedades de flores dobradas. O seu uso na medicina caseira é, hoje, praticamente nulo. Planta da Região Mediterrânica Oriental (?) e da Ásia, ocorre como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde tem, também, o nome vulgar de dormideira.

PASSIFLORACEAE

Passiflora caerulea L. – Esta bonita trepadeira, perene, da família dos maracujazeiros, conhecida, vulgarmente, por martírio e flor-da-paixão, foi introduzida, na Madeira, no século XIX como planta ornamental, tendo-se tornado subespontânea na Ilha, especialmente nos arredores do Funchal, até acima de 500 m de altitude. LOWE (1864) refere que esta espécie era, na altura, comum, aparecendo em incultos e terras cultivadas de vinha e junto de habitações, “quite naturalized”. Hoje, é uma planta rara, mesmo como cultivada, não obstante a beleza das suas grandes e curiosas flores, de tons azulados e da sua densa e graciosa folhagem. Espécie sul-americana (do Brasil e da Argentina) ocorre, também, como naturalizada e cultivada nos Açores, onde lhe são dados os mesmos nomes populares que recebe na Madeira.

Passiflora x exoniensis hort. ex L. H. Bailey – Este é um dos conhecidos maracujás-banana cultivados na Madeira, há mais de setenta anos, não referido por LOWE (1864) nem MENEZES (1914) e naturalizado nalguns locais húmidos, há bastante menos tempo. É uma planta trepadeira, de bonita folhagem, profundamente recortada, floração rosada, atraente e frutos longos, amarelos e moles quando maduros, comestíveis. Bastante menos frequente do que a espécie seguinte (que é um dos progenitores deste híbrido) tem ocorrido, subespontaneamente, até em plena *Laurisilva* e noutros sítios acima dos 500 m de altitude (Monte, Queimadas), especificando TURLAND (1994) que tem sido “recorded as naturalized in Ribeira da Janela”. O mesmo botânico acrescenta que “there has been some confusion between this hybrid and *P. mollissima*, with several records of the former referable to the latter and, in one instance, vice versa” o que se deve, obviamente, à grande semelhança das duas plantas.

Passiflora mollissima (Kunth) L. H. Bailey – Outro maracujá-banana, introduzido na Madeira pelos frutos comestíveis e pelo seu interesse ornamental (graças às grandes folhas, trilobadas e às bonitas flores rosadas), já foi referido por MENEZES (1914), apenas como cultivado em jardins, sob o binome *Tacsonia mollissima* HBK. Tornou-se, depois, subespontâneo, como a espécie precedente mas em muitos mais locais húmidos, acima dos 500 m de altitude, desde o Monte, Camacha, Santo da Serra, S. Jorge, até na própria *Laurisilva*, como na Fajã da Nogueira, Ribeira da Janela (onde HANSEN registou a sua existência em 1970) e Ribeiro Bonito. Continua a ser espécie

cultivada em muitos terrenos e os seus frutos comercializados; como trepadeira que também é, usa-se para cobrir paredes de suporte e zonas incultas e rochosas. Planta sul-americana (nativa da Venezuela, Colômbia e Perú), é cultivada nos Açores.

Passiflora subpeltata Ortega – Esta espécie de maracujá, de frutos não comestíveis, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, em 1927, por MENEZES, sob o binome *Passiflora alba* Link et Otto; havia sido encontrada, como subespontânea, na Levada do Bom Sucesso (Funchal), no ano anterior. É hoje planta rara, que voltámos a encontrar nesse mesmo local e nas encostas sobranceiras à levada, até mais de 300 m de altitude, na propriedade afecta ao Jardim Botânico. Introduzida como planta ornamental, esta pequena trepadeira possui flores brancas, interessantes, mas mais pequenas do que as dos outros maracujás cultivados ou naturalizados na Ilha. Não é mais aproveitada como planta de jardim. É espécie do centro e do sul da América, com uma área de distribuição geográfica que se estende do México Central à Colômbia e à Venezuela.

Desta família das passifloráceas, o maracujá-roxo ou maracujazeiro vulgar (*Passiflora edulis* Sims), originário da América do Sul (Brasil, Paraguai e norte da Argentina) e introduzido na Madeira, segundo LOWE (1864), “from England by the late Mrs. Penfold and myself in 1828 or 1830”, é uma trepadeira valiosa, sobretudo como planta frutífera e, também, como ornamental, pela sua grande e bela folhagem lustrosa, curiosa e atraente floração e abundante e vistosa frutificação, que ocorre, algumas vezes, fugida de cultura, aqui e acolá, em terrenos agrícolas e locais húmidos, sombrios e chuvosos, principalmente, das médias altitudes (como Monte, Camacha, Santo da Serra, Santana). Também escapada de cultura, tem vindo a ocorrer a *Passiflora morifolia* Mast., um maracujazeiro sul-americano, introduzido talvez há menos de 30 anos na Madeira, como planta trepadeira ornamental, muito vigorosa, de grandes folhas lobadas, flores relativamente pequenas, pouco interessantes, esbranquiçadas e de frutos medianos, ovais, púrpura-anegrados na maturação, com a parte polposa alaranjado-escuro, que encontrámos na Quinta da Boa Vista e, agora, assinalamos pela primeira vez; pode vir a naturalizar-se nas zonas mais quentes da Ilha, em terrenos húmidos ou irrigados, com a ajuda dos pássaros, que procuram avidamente as suas sementes.

PHYTOLACCACEAE

Phytolacca americana L. – Introduzida e cultivada na Madeira, durante tempos antigos, como planta ornamental e, provavelmente, tintureira, foi observada como naturalizada, pela primeira vez, “nos bardos do Porto da Cruz, em 1921” e registada, como tal, por MENEZES (1922b). Embora não comum, esta planta herbácea mas de grande porte, até cerca de 3 m e de caule suculento, um tanto lenhoso na base e por vezes avermelhado, de grandes folhas e de flores pequenas, brancas ou esverdeadas, em

cachos mais ou menos compridos, tornando-se depois avermelhadas e frutos (bagas) anegrados, quando maduros, globosos e achatados, ocorre em toda a Ilha mas, sobretudo, na costa norte, no seu litoral e, por vezes, até mais de 400 m de altitude. Vulgarmente conhecida por vinagreira e tintureira, diz-se que as bagas foram utilizadas, ilegalmente, para dar melhor cor aos vinhos correntes, de tons pouco carregados. Originária da América do Norte e Central, esta espécie é subespontânea em Portugal Continental (sendo aí, também, conhecida por erva-dos-cachos-da-índia) e nos Açores, onde recebe também o nome de baga-moira.

Phytolacca dioica L. – Esta espécie arbórea, de grande porte, copa larga e de folhagem persistente, de tronco espesso mas brando e de base muito alargada, é conhecida por bela-sombra e foi assinalada, como introduzida e naturalizada na Madeira, em 1894, por MENEZES, que afirmou, então, ocorrer perto dalguns jardins do Funchal e entre o Seixal e Ponta Delgada. De grandes folhas, flores pequenas e esverdeadas, em cachos longos e pendentes e frutos pequenos, globosos e achatados, esta árvore é, ainda, cultivada em parques, quintas e logradouros públicos e privados mas relativamente pouco frequente e é, também, rara no estado de subespontânea. São dignos de menção um belo exemplar no canto noroeste do Jardim Municipal do Funchal e outro, mais novo, na Quinta das Cruzes. Planta sul-americana, das suas zonas temperadas e subtropicais, é cultivada em Portugal Continental e nos Açores.

Rivina humilis L. – Pequena planta herbácea, de caule um pouco lenhoso, introduzida e cultivada na Madeira pela sua valia ornamental, foi primeiramente assinalada por MENEZES, (1894), “nas proximidades dos jardins do Funchal” e já como naturalizada. Na altura, foi referida sob o binome *Rivina laevis* L. Hoje, não é mais cultivada, ou só em pequeníssima escala, aparecendo com relativa frequência, subespontaneamente, em incultos, entulhos, aterros e terras cultivadas e, por vezes, em margens de caminhos, muros, fendas de rochas, pavimentos, logradouros de habitações e parques, fazendo-se notar, sobretudo, pelos cachos cheios de numerosos mas pequenos frutos, globosos e vermelhos quando maduros. Ocorre, principalmente, nas áreas de baixa altitude (até cerca de 500 m) do concelho do Funchal. É planta originária do Novo Mundo, do sul da América do Norte, das Índias Ocidentais e da América do Sul.

PITTOSPORACEAE

Pittosporum undulatum Vent. – Introduzida como árvore ornamental, provavelmente no último quartel do século XIX, não foi assinalada na Madeira por LOWE mas apenas por MENEZES (1894), que lhe atribuiu a denominação vulgar de árvore-do-incenso e o estatuto de naturalizada, comum “nas rochas e terrenos marítimos entre S. Gonçalo e Gorgulho; Monte, nas proximidades das quintas”. Actualmente, esta

bonita espécie arbórea, sempre-verde, de flores brancas, muito perfumadas e de interessantes, embora pequenos, frutos amarelos, continua a ser muito cultivada, desde o litoral da Ilha até acima dos 800 m de altitude e, também, em Porto Santo. Todavia, tem-se expandido, naturalmente, muito mais por toda a Madeira, aumentando os sítios onde se tem naturalizado perfeitamente, seja em locais húmidos das médias altitudes na costa sul (Monte, Camacha, Santo da Serra, partes altas da Calheta e da Ponta do Sol), seja na costa norte (Santana, S. Jorge, S. Vicente, Boaventura, etc.), onde invade até as áreas da *Laurisilva*. O incenseiro, como também é conhecido, tem tendência a tornar-se uma verdadeira praga da floresta madeirense, revestindo-se das mesmas características de invasora que já revela nos Açores. Planta do sudeste australiano, é igualmente subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, aqui recebendo, também, o nome vulgar de faia.

PLANTAGINACEAE

Plantago loeflingii L. – Foi MENEZES quem, em 1926, assinalou, pela primeira vez, para a flora do arquipélago da Madeira, esta espécie, encontrada três anos antes na ilha do Porto Santo. Considerada muito rara, PRESS (1994) diz tratar-se de recente introdução, que se encontra, principalmente, em solos arenosos e apenas naquela Ilha. Erva anual, muito pequena, mais ou menos peluda, de folhas lineares a linear-lanceoladas, até 10 cm de comprimento, em roseta, algo semelhante à tanchagem ou orelha-de-cabra mas em miniatura, nunca foi achada na ilha da Madeira. É espécie originária da Península Ibérica e, por isso, ocorre espontaneamente em Portugal Continental.

Plantago myosurus Lam. subsp. *myosurus* – Esta planta herbácea, anual, vilosa e esbranquiçada, deve ter sido involuntariamente introduzida na Madeira (como a anterior, também, o foi em Porto Santo) há pouco tempo, tendo sido assinalada, pela primeira vez, por HANSEN (1970), que a havia colhido no ano anterior, no Funchal. Erva pequena, de folhas lanceoladas a elípticas, até mais de 12 cm de comprimento, dispostas em roseta basilar, tem sido observada em vários locais na Ilha, tanto na costa sul como na norte, em incultos, margens de caminhos, estradas e veredas, mas não pode considerar-se frequente. Todavia, em 1974, já aquele botânico afirmava: “a native of S. Brazil and Argentina, and most likely now a well-established plant in Madeira”. Na realidade, a espécie está naturalizada na Ilha e em expansão mas não tem sido vista em Porto Santo; também não ocorre em Portugal Continental nem nos Açores.

PLUMBAGINACEAE

Limonium sinuatum (L.) Mill. – Introduzida como planta de jardim, esta sempre-viva é cultivada desde há alguns anos na Madeira e no Porto Santo. Trata-se de uma

espécie herbácea, perene, de folhas recortadas, em roseta, que produz flores pequenas, numerosas, geralmente azuis, mais ou menos carregadas, ou brancas, dispostas em inflorescências longas e ramificadas. Foi assinalada, pela primeira vez, para o arquipélago madeirense, por HANSEN (1970), no Porto Santo, sob o binome *Statice sinuatum* (L.) Mill., e pelo mesmo autor, em 1978, na Madeira (Funchal). Não sendo planta comum (hoje raramente é cultivada), aparece, todavia, com maior frequência, subespontaneamente, em incultos, entulhos e margens de caminhos porto-santenses do que em idênticos habitats madeirenses. É espécie mediterrânica, espontânea em Portugal Continental.

Plumbago auriculata Lam. – Introduzida como planta decorativa, sobretudo pela sua densa folhagem e pela sua atraente e abundante floração, predominantemente azul-pálida, mas também branca, esta planta arbustiva, de muitos caules longos, é bastante cultivada na Madeira. MENEZES, já em 1894, dava esta espécie, sob o binome *Plumbago capensis* Thunb., como comum e “naturalizada nas vizinhanças dalguns jardins do Funchal”. Não é muito frequente como planta naturalizada mas, aqui e acolá, forma bardos e maciços densos, em locais onde não foi plantada e se apresenta como subespontânea. É em muros, terrenos ajardinados, fendas de rochas, incultos pedregosos, nas proximidades de habitações, e no litoral, que esta espécie, a que, por vezes, chamam jasmim-azul, aparece, o que sucede sobretudo no Funchal e arredores. Planta sul-africana, é cultivada em Portugal Continental, ocorrendo, também, como fugida de cultura.

POLYGALACEAE

Polygala myrtifolia L. – Esta planta arbustiva, até 2 m de altura, de folhagem pouco densa mas graciosa e curiosas flores lilazes a purpúreas, com partes esverdeadas, algo semelhantes, na forma, às das leguminosas, foi introduzida na Madeira pelo seu interesse ornamental e, em 1894, foi assinalada, pela primeira vez, como naturalizada nas proximidades dalguns jardins da Ilha, por MENEZES. Em 1914, este botânico acrescentava que este arbusto era, também, cultivado e ocorria como subespontâneo na Fundoa e noutros pontos dos arredores do Funchal. Arbusto que mantém, hoje, esse mesmo estatuto, embora seja menos cultivado; mas também aparece em muitas quintas, parques e jardins, sobretudo nas zonas baixas do concelho do Funchal, até acima dos 500 m de altitude, como no Monte, seja em incultos, seja em parques e terrenos trabalhados. É espécie nativa da África do Sul.

POLYGONACEAE

Muehlenbeckia sagittifolia (Ortega) Meisn. – Esta planta perene, de ramos volúveis, longos, delgados e resistentes e flores insignificantes, com certo interesse

ornamental pela folhagem e órgãos de frutificação, foi introduzida, na Madeira, há mais de cem anos, e assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1894), que a reconheceu, então, como naturalizada, “no Funchal, nas rochas marítimas da Quinta Almeida, ao Ribeiro Seco” e “provavelmente importada do Brasil”. Hoje, pouco ou nada cultivada, continua existindo nesse mesmo sítio (falésias do Hotel Madeira Carlton) e só aí a conhecemos, pelo que é considerada espécie muito rara na Ilha. Originária da América do Sul Temperada, encontra-se no estado de subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Polygonum capitatum Buch.-Ham. ex D. Don – Erva perene e rasteira, de folhagem interessante e flores em “cabeças” globosas, pequenas mas numerosas e atraentes, pela sua coloração rosada, foi introduzida recentemente na Madeira pelo seu valor ornamental, tendo-se tornado rapidamente subespontânea, propagando-se por via vegetativa (os caules e raminhos enraizam facilmente) e por via seminal (abundante produção de sementes férteis). HANSEN (1970) assinalou-a, pela primeira vez, tendo-a colhido no ano anterior no Monte (Funchal) e, mais tarde, observou a mesma planta no Terreiro da Luta e na Camacha, a cerca de 800 m de altitude. Hoje, esta espécie de *Polygonum*, nativa do Himalaia, é cultivada em jardins e parques, formando tapetes densos a cobrir o solo e encontra-se perfeitamente naturalizada em incultos, margens de caminhos, ruas e estradas, muros, entulhos, terras agricultadas, desde a beira-mar às maiores altitudes da zona agrícola da Ilha; é uma planta comum, mais abundante no Funchal e seus arredores mas, também, presente nas áreas rurais, da costa sul e da costa norte da Madeira e mostra tendência para se expandir aceleradamente. É planta também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores (onde foi introduzida há mais de 60 anos).

Polygonum patulum M. Bieb. – PRESS (1994) refere que esta erva anual, muito semelhante à vulgar sempre-noiva (*P. aviculare* L.), comum nas calçadas e margens de caminhos, mas de flores esverdeadas e igualmente insignificantes, é “apparently a very rare introduction from S. Europe”, aparecendo na Madeira e no Porto Santo. Trata-se, na realidade, de planta pouco frequente, subespontânea, que ocorre, também, em caminhos e, por vezes, em incultos ou terrenos cultivados das zonas mais baixas da Madeira, sobretudo no Funchal. Dado desconhecer-se qualquer valia ou interesse especial desta espécie, é muito provável que a sua introdução tenha ocorrido não intencionalmente. Refira-se que já HANSEN (1969b), na sua lista de plantas do arquipélago da Madeira, a enumera como planta introduzida, ocorrendo apenas na Ilha maior.

Rumex conglomeratus Murray – Esta espécie herbácea, perene e robusta, de grandes folhas, mais ou menos estreitas, conhecida vulgarmente por labação – nome que é também atribuído às duas espécies congéneres que se seguem – é referida por MENEZES (1914) como cultivada na Madeira, o que desconhecemos totalmente e que nos parece um lapso, tanto mais que o mesmo autor, em 1894 e 1909, a descreve apenas

como indígena. Todavia, HANSEN (1969b) e PRESS (1994) assinalam esta labaga, dos lugares húmidos, ribeiras e suas margens e terrenos encharcados, nas zonas baixas, como provavelmente introduzida na Ilha. Desconhece-se qualquer referência à época da sua introdução, podendo apenas acrescentar-se que se trata de espécie perfeitamente naturalizada e bastante comum. Planta europeia, é indígena em Portugal Continental, onde a conhecem, igualmente, por labaga e subespontânea nos Açores, onde, também, recebe o nome de erva-labaga.

Rumex crispus L. – Também MENEZES (1914) se refere a esta espécie, tal como dissemos na primeira parte do que escrevemos sobre a anterior, como planta cultivada e igualmente aqui deve ter havido lapso, pelas razões invocadas. Só que esta labaga, perene, de caules erectos e avermelhados, ocorre também em Porto Santo. PRESS (1994) põe em causa o indigenato desta espécie no Arquipélago e é de opinião que também se trata de planta “probably introduced”. Aceitando-se como verdadeiro esse estatuto, a espécie está perfeitamente naturalizada na Madeira e no Porto Santo, ocorrendo com frequência em incultos e terras cultivadas (menos comum na segunda Ilha). A introdução desta, como das outras congêneres, deve ter sido provavelmente acidental. Também europeia, esta espécie é indígena em Portugal Continental (onde a conhecem por labaga-crespa) e subespontânea nos Açores.

Rumex obtusifolius L. subsp. *obtusifolius* – Assinalada por MENEZES (1894, 1909 e 1914) como erva perene, muito comum e espontânea na Madeira, esta robusta planta, de folhas longas e largas, é considerada por PRESS (1994) como provavelmente introduzida. Disseminada por toda a Ilha, ocorre, sobretudo, na área agrícola, infestando terras mobilizadas ou abandonadas e incultos com bastante humidade e, também, em lugares sombrios e húmidos das áreas florestadas; está perfeitamente naturalizada. Esta labaga, originária da Europa, mas hoje quase cosmopolita como as congêneres anteriores, é espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida por labaga-obtusa, labagol e manteigueira e subespontânea nos Açores, recebendo aí os nomes de labaga e erva-labaga.

[Desta família das poligonáceas, duas espécies ornamentais, introduzidas na Madeira já há alguns anos (GRABHAM assinalou-as, pela primeira vez, em 1934) e originárias do hemisfério sul, o arbusto *Homalocladium platycladum* (Muell.) Bailey, para o qual tem sido, também, usado o binome *Muehlenbeckia platyclados* Meissner, que é planta mais ou menos erecta, de ramos alongados, achatados e largos, parecendo folhas, pouco cultivada hoje em dia, e a trepadeira *Muehlenbeckia complexa* (A. Cunn.) Meissner, planta perene, de folhas muito pequenas e arredondadas, ainda bastante cultivada em quintas e jardins, também para cobrir armações e estruturas metálicas, com forma de animais, cadeiras ou outras, são referidas por PRESS (1994) como podendo, ocasionalmente, ocorrer “as escapes”, o

que não confirmamos, havendo, no entanto, algumas vezes, no caso desta última espécie, um desenvolvimento tão grande e contínuo de um ou outro exemplar que mais parece um conjunto de plantas fugidas da cultura (como acontece nas Figueirinhas, numa zona rochosa na margem norte da Estrada Regional).]

Da família PORTULACACEAE, para além do caso da *Portulaca oleracea* L., a conhecida beldroega, que a grande maioria dos botânicos estudiosos da flora do arquipélago madeirense considera espontânea na Madeira e no Porto Santo, enquanto poucos afirmam a sua introdução e naturalização, há uma outra espécie que deve ter sido introduzida, recentemente, como planta de jardim e que ocorre, ocasionalmente, como escapada de cultura: *Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn., espécie herbácea, do sul da América do Norte e da América Central, de flores atraentes, vermelhas, rosadas ou amarelas e de que SHORT (1994), diz “has been recorded from Madeira but without further data”, acrescentando dever tratar-se de planta fugida de cultura, com o que concordamos inteiramente. (Esta planta, raríssima, ocorre, também, nos Açores, no Faial).

PROTEACEAE

Hakea sericea Schrad. – Esta curiosa, robusta e interessante espécie arbustiva, com numerosas folhas picantes, flores brancas e frutos lenhosos, deve ter sido introduzida, na Madeira, há pouco tempo, provavelmente nos anos 30, por iniciativa das direcções das associações de heréus, particularmente da Levada dos Piornais e Levada Nova do Curral e Castelejo, com o objectivo de a difundir nos seus montados e de a usar, além de ornamental e melífera, na formação de sebes impenetráveis e duradouras. Uma nota sobre *Hakea acutifolia*, no jornal “Madeira Agrícola”, da Associação de Agricultores da Madeira, Ano I, n.º 2 (Julho, 1978), diz alguma coisa sobre a planta de que estamos falando. A espécie é também utilizada em jardins e parques, na Madeira. *H. sericea* ou *H. acicularis* (Sm. ex Vent.) Knight foi assinalada, pela primeira vez, na Ilha, por HANSEN (1968), que a viu, como subespontânea, numa área florestal, entre Santo António e a Eira do Serrado (onde ainda a podemos encontrar) mas aparece naturalizada noutros locais húmidos de certa altitude (500 a mais de 1000 m). É uma planta rara, hoje muito pouco cultivada, originária da Austrália Oriental, presente em Portugal Continental onde, ocasionalmente, ocorre como fugida de cultura e, também, nos Açores.

PUNICACEAE

Punica granatum L. – Conhecido vulgarmente por romeira ou romãzeira, este arbusto ornamental, frutífero e medicinal, deve ter sido introduzido já nos tempos do

povoamento da Madeira, sendo referido por GASPAR FRUTUOSO (1590) nas suas “Saudades da Terra”, quando no capítulo XVI (“Da descrição da nobre cidade do Funchal...”), ao falar do mosteiro de S. Francisco, diz que tem “grande cerca, dentro da qual tem água de levadas, com que regam muita hortaliça... e pomar de árvores de espinhos, palmeiras, aciprestes, pereiras, romeiras...”. LOWE (1862) cita esta espécie como não muito frequente, nos arredores do Funchal e perfeitamente naturalizada mas MENEZES (1914) dá-a, apenas, como cultivada na Madeira e no Porto Santo. Hoje, as romeiras (que até ficaram na toponímia da Ilha maior) são menos cultivadas e quase somente pela valia decorativa da sua folhagem, das suas belas flores escarlates e dos seus curiosos, coriáceos e volumosos frutos (de que se comem, como é sabido, apenas, as partes carnudas das suas sementes), ocorrendo como subespontâneas e, aqui e acolá, em poucos locais incultos, encostas rochosas, terras mobilizadas, das zonas baixas da Madeira, até cerca de 500 m de altitude. Planta do sudoeste asiático, é algo cultivada, também, em Portugal Continental, onde pode ocorrer, ocasionalmente, como fugida de cultura e nos Açores.

RANUNCULACEAE

Adonis microcarpa DC. – Desta pequena planta herbácea, anual, de jardim, assinalada, pela primeira vez, para o arquipélago da Madeira, por COCKERELL (1922), como introduzida, em Porto Santo, diz PRESS (1994): “Probably introduced. A sporadic and rare ephemeral weed of dry soils, especially in cornfields and waste places in Porto Santo. Native from the Mediterranean east-wards to Iran”. Apesar de raríssima e confinada àquela Ilha, é provável que esteja naturalizada mas em vias de extinção. É planta já não utilizada em jardins, apesar de sua rusticidade, da beleza das suas flores, pequenas a medianas, vermelhas ou amarelas, maculadas de negro, na base, e das suas folhas muito divididas em segmentos lineares. Não a temos visto, há bastante tempo, e ao que julgamos saber não tem sido observada por qualquer colector ou estudioso. É planta espontânea em Portugal Continental, conhecida pelos nomes vulgares de casadinhos e lágrimas-de-sangue.

Aquilegia vulgaris L. – Planta herbácea e perene, foi tida por LOWE (1857) como introduzida na Madeira e perfeitamente naturalizada nas zonas médias e húmidas da Ilha, embora rara. MENEZES (1914) assinalou, também, a sua presença, como “subespontânea e cultivada nos jardins” mas alguns outros botânicos, mais recentemente, têm-na referenciado como espontânea, estatuto que lhe é atribuído em Portugal Continental e nos Açores. Provavelmente introduzida há muito tempo, como planta de jardim, expandiu-se de certo modo em lugares húmidos (até cerca de 1000 m de altitude) e terrenos mais ou menos mobilizados ou ervados e, até, na *Laurisilva* (Ribeiro Frio) e suas proximidades (Santo da Serra, Santa, Santana, Camacha, Monte). Não é planta

comum, nem já cultivada. Nos jardins, tem vindo a ser substituída por diferentes variedades de flores dobradas e coloridos diversos, mais atraentes que as flores singelas, de cor violeta-carregada, da espécie *A. vulgaris*. Esta planta é originária da Europa, da Ásia Temperada e da África Boreal e, vulgarmente, conhecida na Madeira por viúvas e, também, mais raramente, por luvas-de-nossa-senhora; em Portugal Continental, dão-lhe o nome de erva-pombinha.

Nigella damascena L. – Nas referências que PRESS (1994) faz a esta espécie herbácea e anual, na “Flora of Madeira” (espécie que consta da lista de FORSTER, publicada em 1787, segundo referiu MENEZES, 1922a), atribui-lhe o estatuto de “probably introduced”, diferente do tratamento de espontânea, que lhe é dado por MENEZES (1914) e, anteriormente, por LOWE (1857). É, de facto, provável que esta planta de jardim e, também, infestante das searas e dalguns terrenos incultos das zonas baixas da Madeira, não seja indígena e tenha sido introduzida na Ilha, acidentalmente (talvez com grãos de cereal) ou voluntariamente (para cultivo como planta ornamental). Hoje, é muito rara em cultura ou no estado de subespontânea e apenas ocorre, aqui e acolá, chamando a atenção pela sua folhagem finamente recortada e pelas flores medianas, geralmente esbranquiçadas. Planta do Mediterrâneo Oriental ao Irão, é espontânea em Portugal Continental e aí conhecida pelas curiosas denominações de barbas-de-velho e damas-entre-verde.

Ranunculus acris L. – Erva perene, peluda e rizomatosa, certamente introduzida na Madeira e mais ou menos naturalizada, na opinião de LOWE (1857) e, também, de MENEZES (1914), esta é uma planta muito rara, das zonas de média altitude do Funchal e da Camacha, até mais de 700 m de altitude. De flores atraentes, amarelo-douradas e brilhantes, parecidas com as da douradinha (*R. cortusifolius*), embora mais pequenas, e de folhas muito divididas, não ocorre em Portugal Continental nem nos Açores mas é planta europeia, muito comum nalguns países (como na Grã-Bretanha, donde a espécie poderá ter vindo para a Madeira) e naturalizada noutros, pertencentes a outros continentes.

Ranunculus arvensis L. – Esta erva anual, pubescente, de flores pequenas, amarelo-esverdeado-pálidas, referida como introduzida no catálogo de plantas vasculares da Madeira, de HANSEN (1969b), parece estar mais ou menos naturalizada na Ilha, embora seja uma espécie muito rara, surgindo em incultos e locais cultivados, nos arredores do Funchal. Tem a particularidade de ter os frutos com espinhos longos e direitos ou mais ou menos curvos. PRESS (1994) põe a hipótese, aceitável, de a introdução desta espécie ser recente e acrescentamos dever tratar-se de introdução não intencional, visto não ter qualquer aproveitamento nem potencial conhecido. É planta europeia, espontânea em Portugal Continental e não ocorre nos Açores.

Ranunculus bulbosus L. – É, também, uma planta herbácea, mais ou menos peluda, perene, bastante rara na Madeira, tida por PRESS (1994) como “probably introduced”. Ocorre como subespontânea “in a small area around Pico do Infante, between Monte and Quinta Palheiro Ferreiro”. De flores amarelo-douradas, brilhantes, como também as da douradinha (*R. cortusifolius*), embora, geralmente, mais pequenas (2-3 cm de diâmetro) e de caule subterrâneo, tuberoso, mais ou menos intumescido, e raízes também grossas, tem-se disseminado com lentidão e, tal como os dois ranúnculos silvestres anteriores, parece não mostrar tendência para se expandir. Esta espécie europeia é tida, porém, por HANSEN (1969b), como espontânea na Madeira, sendo indígena em Portugal Continental e nos Açores.

RESEDACEAE

Reseda media Lag. – Esta erva, anual ou bienal, não muito frequente, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1927), que então referiu ter sido colhida em Fevereiro de 1925, pelo P.^o JOSÉ GONÇALVES da COSTA, no Santo da Serra, em ervagens, acrescentando que “é planta provavelmente subespontânea”. Tem sido vista na mesma freguesia, em diversos locais e, também, noutros sítios da Ilha, como na Camacha, no Monte, Terreiro da Luta e na costa norte, em incultos, pastos, margens de caminhos, taludes, bardos, terrenos húmidos, parecendo preferir as altitudes médias, entre os 400 e os 1000 m da costa sul. Espécie do sudeste da Europa e do norte de África, é citada por HANSEN (1974) como planta que parece estar perfeitamente naturalizada na Madeira, com o que concordamos em absoluto. Esta reseda, muito ramosa, produz pequenas e inúmeras flores em várias inflorescências, semelhantes às do vulgarmente chamado lírio-dos-tintureiros (*R. luteola* L.), que é uma planta herbácea, bastante robusta, indígena, utilizada em tempos antigos pelos madeirenses para tingir tecidos. A espécie *Reseda media* tem algum interesse como planta melífera. É indígena em Portugal Continental e, provavelmente, nos Açores.

Sesamoides clusii (Spreng.) Greuter & Burdet – Esta planta herbácea, perene, com vários caules, algo lenhosos na base, e ramosa, foi assinalada para a Madeira, pela primeira vez, por HANSEN (1978) – sob a denominação científica de *Sesamoides canescens* (L.) O. Kuntze var. *suffruticosa* (Lange) Abdallah & de Wit – que a colheu, nesse ano, na Quinta do Santo da Serra, hoje, do Governo Regional e que já havia sido observada, por outrem, no mesmo local. Não tem interesse ornamental mas possui curiosas flores esbranquiçadas, muito pequenas, numerosas, em cachos esguios, como espigas longas e densas. É espécie bastante rara, provavelmente introduzida recentemente, parecendo estar já naturalizada na Ilha, embora em áreas limitadas e sem revelar tendência para grande expansão futura; tem ocorrido em arrelvados. Originária

do sudoeste europeu e do noroeste africano, é espontânea em Portugal Continental, não tendo sido assinalada nos Açores.

ROSACEAE

Cotoneaster pannosa Franch. – Este arbusto ornamental, até perto de 2 m de altura, de folhagem persistente, ramoso, introduzido provavelmente na Madeira já nos últimos 50 anos e, ainda hoje, aproveitado em quintas, parques e pequenos jardins, é relativamente comum, sobretudo nas zonas baixas da costa sul da Madeira, sendo reconhecido pelas pequenas folhas (até 3,5 cm), branco-tomentosas na página inferior, pelas numerosas e graciosas, mas também muito pequenas, flores brancas, em inflorescências densas, e pelos diminutos e, mais ou menos, globosos frutos, avermelhados na maturação, como maçãs miniaturais. Esta espécie tornou-se subespontânea e está, de certo modo, naturalizada na Ilha, principalmente nas proximidades das habitações, em incultos, terrenos mobilizados ou cultivados e em paredes de suporte de terras, para o que muito contribui a disseminação das sementes feita pelos melros e outros pássaros que habitualmente devoram os frutos maduros. Não tinha sido, ainda, assinalada para a Madeira. Os seus ramos floríferos ou com frutos são aproveitados em decoração na época de Natal. Planta do sudoeste da China, é cultivada em Portugal Continental.

Crataegus monogyna Jacq. – Esta espécie arbustiva a pequena árvore, ornamental, espinhosa, de folhas caducas, medianas, recortadas e flores pequenas, atraentes, numerosas, brancas, em inflorescências densas, e frutos mais ou menos globosos, vermelhos, também semelhantes a pequenas maçãs, deve ter sido introduzida na Madeira em época anterior à do *Cotoneaster*, isto é, talvez na primeira metade do século XX. Foi, pela primeira vez, assinalada por HANSEN (1969a), que a observou, no ano anterior – e a referiu como “cf. ssp. *brevispina* (Kunze) Franco” – mais ou menos naturalizada na *Laurisilva*, no Rabaçal. TURLAND (1994) refere, ainda, “also recorded as naturalized at Monte north of Funchal”. É, ainda hoje, cultivada, sobretudo nalgumas quintas, em locais húmidos, nas altitudes médias, entre 400 e 900 m, surgindo, aqui e acolá, como subespontânea (Monte, Camacha e Santo da Serra). É planta muito pouco frequente na Ilha, sendo nativa da Europa e da África do Norte; é espontânea em Portugal Continental, onde recebe o nome de pilriteiro. Na Madeira, chamam-lhe, por vezes, tal como à espécie antes referida, perinhos-de-jardim.

Cydonia oblonga Mill. – Desta espécie arbustiva, fruteira, conhecida por marmeleiro, e introduzida na Madeira, provavelmente há já muitos anos (talvez mesmo no século XVI), disse LOWE (1862), referindo-se-lhe como *Cydonia vulgaris* Pers. var. *oblonga* (Mill.) DC., tratar-se de espécie um pouco rara, cultivada em hortas, aqui

e acolá, “and quite naturalized in abundance on open hill-sides about S. Antonio near Funchal, particularly across the valley to the SW of church”. MENEZES (1914) citou, apenas, o marmeleiro, como cultivado. Hoje, continua esta planta a ser cultivada, com certa frequência, em toda a área agrícola da Madeira (rara em Porto Santo), principalmente na costa sul mas, também, na costa norte, entre os 200 e os 500 m de altitude, ocorrendo, algumas vezes, como subespontânea, nas margens dos terrenos cultivados e, mesmo, nestes. Os seus frutos continuam a ser muito apreciados na Madeira, quase exclusivamente para o fabrico artesanal ou semiartesanal da marmelada. Esta espécie é originária do sudoeste e do centro da Ásia e é, também, cultivada e, por vezes, subespontânea ou casual em Portugal Continental.

Duchesnea indica (Andrews) Focke – Espécie herbácea, vivaz, com certo interesse ornamental, foi introduzida na Madeira, talvez nos finais do século XIX, tendo sido assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1894), que a referiu sob *Fragaria indica* Andr. e rara mas já naturalizada em “bordas dos caminhos nos arredores do Funchal”. Hoje, já quase não é cultivada mas encontra-se frequentemente em muitos locais húmidos da Ilha, até na *Laurisilva*, e em margens de levadas, ribanceiras e veredas, onde a reconhecemos por ser planta prostrada e estolhosa, de flores amarelas, que dão origem a pequenos morangos de cor vermelho-viva e insípidos, pelo que são conhecidos como morangos-de-lagartixa. Planta, provavelmente, originária da Ásia Meridional e Oriental, é também cultivada e subespontânea nos Açores.

Eriobotrya japonica (Thunb.) Lindl. – Esta espécie arbórea, fruteira, conhecida vulgarmente por nespereira, deve ter sido introduzida, na Madeira, na primeira metade do século XIX, tendo já LOWE (1862), referido que “the Japan medlar or loquat [*Eriobotrya japonica* (Thunb.)] introduced about 30 years ago, is now common, producing abundantly its gratefully acid amber-coloured fruit, which is about the size and shape of a walnut, from Nov. to April, from the level of the sea to 3000 or 4000 ft.”. Autores madeirenses, nomeadamente os do “Elucidário Madeirense” e o das “Ilhas de Zargo” apontam os anos de 1846 e 1847 como os da provável introdução desta fruteira na Ilha. MENEZES (1894) refere a nespereira como, nessa altura, muito comum e naturalizada em muitos lugares da Madeira, o que hoje, também, sucede, praticamente, em toda a área agrícola; também se cultiva em Porto Santo, com certa raridade. Germinando com facilidade, prospera em incultos, aterros e terrenos abandonados mas a espécie propaga-se, actualmente, por enxertia, com selecção das melhores formas botânicas e cultivares de melhor produtividade. Saliente-se que a nespereira também tem certo interesse ornamental, pelas suas folhas grandes, coriáceas, algo bolhosas e persistentes, de um verde-carregado na página superior e arruivado-tomentosas na inferior, pelas numerosas e perfumadas flores esbranquiçadas, dispostas em inflorescências densas e terminais e pelos seus frutos (pomos) amarelo-dourados na

maturação. Originária da China e do Japão, esta espécie é também cultivada e subespontânea nos Açores (sendo em S. Miguel conhecida, também, por moniqueira) e em Portugal Continental (onde é conhecida por nespereira-do-japão, para assim se distinguir da outra nespereira, *Mespilus germanica* L., nativa da Europa, muito mais rara e que, hoje, já não é cultivada na Madeira).

Prunus cerasus L. – Este arbusto a pequena árvore de fruta, de folha caduca, conhecido por ginjeira, foi introduzido já há muitos anos, “probably been originally introduced from Portugal”, segundo LOWE (1862). Este autor considerava, então, esta planta (sob o binome *Cerasus vulgaris* Mill.) não muito abundante, mas perfeitamente naturalizada “often growing apparently quite wild and always without culture”. Não é hoje muito cultivada mas ainda se aproveitam os muitos rebentos de raiz desta espécie para novas plantas, seja para produzirem directamente, seja para porta-enxertos ou “cavalos” de cerejeira ou mesmo de ginjeira. A produção de ginja da Madeira é pequena e está localizada (especialmente no Curral das Freiras, menos na Serra de Água e Camacha e, ainda menos, noutros locais) e é quase toda aproveitada para o fabrico, mais ou menos artesanal, do licor de ginja ou ginjinha que tem, como se sabe, muitos apreciadores na Ilha, para compotas e para aguardente. Planta do sudoeste asiático, é cultivada em Portugal Continental, ocorrendo aí, raramente, como subespontânea.

Prunus dulcis (Mill.) D. A. Webb – É a conhecida amendoeira, pequena árvore fruteira, introduzida na Madeira, provavelmente, nos tempos do povoamento e de que também fala FRUTUOSO (1590) nas suas “Saudades da Terra”. Foi espécie comumente cultivada na Madeira e no Porto Santo, para aproveitamento das sementes (sendo igualmente planta ornamental, pela sua bela e abundante floração, tão vistosa no fim do Inverno e começo da Primavera, antes de aparecerem as novas folhas), especialmente no Funchal e seus arredores, sobretudo abaixo dos 500 m de altitude. Hoje, não é praticamente cultivada (ou muito pouco) mas surge, poucas vezes, como subespontânea e perfeitamente naturalizada nas encostas rochosas dalgumas ribeiras do Funchal (Rib. de Santa Luzia e de João Gomes) e em incultos, geralmente nas proximidades de habitações e de terrenos de cultura. Espécie também conhecida por *Amygdalus communis* L., como se lhe referem LOWE (1862) e MENEZES (1914), é originária do sudoeste e do centro da Ásia, sendo muito cultivada em Portugal Continental, onde, por vezes, ocorre como subespontânea.

Prunus persica (L.) Batsch – Esta espécie arbórea e fruteira, que vulgarmente é conhecida por pessegueiro, deve ter sido, também, introduzida, na Madeira, nos tempos do povoamento, como muitas outras que já eram cultivadas em Portugal Continental e que, provavelmente, FRUTUOSO (1590) inclui na mesma referência de “frutas de toda a sorte”, que exprime o que se via, então, na Ilha. LOWE (1862) afirma a sua presença

(sob o binome *Amygdalus persica* L.), extremamente comum, na Madeira, “everywhere, occasionally growing spontaneously” e MENEZES (1914) assinala-a como subespontânea e muito cultivada na Ilha. Esta fruteira, que era antigamente representada por formas botânicas, mais ou menos primitivas (de frutos aveludados ou, mais raramente, calvos, brancos ou amarelos e dos tipos “durázios” ou “molares”, estes de polpa facilmente separável do caroço e aqueles de polpa aderente ao caroço), ocorria frequentemente fora dos terrenos de cultura, seminaturalizada ou mesmo naturalizada, sobretudo nas altitudes médias (300-800 m) ou em terras mobilizadas, nas altitudes inferiores. Hoje, o pessegueiro é cultivado, sobretudo na Madeira, só raramente no Porto Santo, através de novas variedades e cultivares e já não aparece, com a mesma frequência, no estado de subespontâneo. Árvore originária da China, é também cultivada em Portugal Continental e nos Açores, aí ocorrendo ocasionalmente como fugida de cultura.

Rosa laevigata Michx. – Esta roseira, trepadeira e robusta, de ramos bastante alongados, muito decorativa, de folhas persistentes, verdes e luzidias, geralmente com 3 folíolos, um pouco coriáceos, e grandes flores brancas, numerosas, atraentes, embora singelas e inodoras, é cultivada desde há mais de 150 anos, na Madeira, tendo sido referenciada por LOWE (1862), como extremamente comum e mais ou menos naturalizada nas zonas baixas do Funchal “on walls and arbours, straggling often into waste ground, everywhere”. Hoje, é menos cultivada e menos comum, embora ainda ocorra, subespontaneamente, junto de habitações até acima dos 500 m de altitude; é raríssima fora do concelho do Funchal. É espécie originária da América do Norte.

Desta família das rosáceas, algumas outras espécies ocorrem, por vezes, na Madeira, como fugidas ou escapadas de cultura, em locais próximos das áreas de plantação, sem nunca se terem tornado, porém, verdadeiramente naturalizadas. Assim sucede com certas árvores ou arbustos fruteiros, presentes no Arquipélago, desde os primeiros tempos da colonização e que ocorrem com o mesmo estatuto em Portugal Continental: *Malus domestica* Borkh., a vulgaríssima macieira (a que na Madeira se chama, também, nalguns casos, pereiro), espécie de origem híbrida, de que algumas primitivas formas botânicas, ainda cultivadas na Ilha, produzem sementes que ocasionalmente germinam em terrenos húmidos e locais mais frios, acima dos 500 m de altitude ou no meio do bagaço em decomposição ou já decomposto, que resta da extracção do sumo dos frutos para o fabrico da sidra; e *Prunus domestica* L., a, também, muito comum ameixeira ou ameixieira, igualmente de origem híbrida, de que algumas formas botânicas ou variedades, sobretudo as mais antigas na Ilha, surgem ocasionalmente, aqui e acolá, em incultos, geralmente acima dos 300 m de altitude. Também, alguns arbustos decorativos devem ser referenciados por surgirem fora dos locais de plantação: *Prunus laurocerasus* L., vulgarmente conhecido por louro-cerejo ou, mais raramente, louro-inglês, que é arbusto arborescente a pequena árvore, nativo

da Península Balcânica e do sudeste asiático, de interesse ornamental pela grande e luzidia folhagem persistente e floração abundante, branca, em cachos pouco alongados, erectos, de pequenas flores, que dão origem a frutos pequenos a medianos, anegrados, como pequenas ameixas, muito cultivado, desde há muitos anos (MENEZES, 1914), em locais de altitude média, sobretudo na costa sul da Madeira, entre 350 e 1000 m (mas às vezes ultrapassando este limite, como no Poiso), e aparecendo, ocasionalmente, em parques e jardins, na Camacha e no Santo da Serra; *Pyracantha angustifolia* C. K. Schneider, do sudoeste da China, algo cultivado em jardins e parques madeirenses, há mais de 50 anos, bastante espinhoso, com os ramos longos, as folhas um pouco coriáceas, estreitamente oblongas, até 5 cm de comprimento, tomentosas na página inferior, as flores muito pequenas, brancas, em inflorescências um pouco densas e frutos também pequenos, globoso-deprimidos, de 5 a 10 mm de diâmetro, amarelo-alaranjados, muito atraentes e persistindo durante muito tempo nos raminhos, pelo que, no Natal, deles se faz alguma comercialização, surge, também, casualmente, junto de jardins, em certos locais húmidos, como no Monte, Palheiro Ferreiro e na Camacha; *Rhaphiolepis indica* (L.) Lindl., arbusto do sul da China, mediano, de folhas persistentes, mais ou menos lanceoladas, floração abundante, branco-rosada e frutos arredondados, pequenos e anegrados, assinalado para a Madeira por GRABHAM (1942), hoje não muito comum mas, nessa altura, desenvolvendo-se bem “in the mountains of Madeira”, aparece, ocasionalmente, nalgumas quintas e suas vizinhanças (Santo da Serra, Camacha, Choupana); *Rhaphiolepis umbellata* (Thunb.) Mak., também arbusto mediano, do Japão e da Coreia, muito cultivado, mesmo nas zonas mais baixas da Ilha, em jardins e parques, talvez desde o primeiro quartel do século XX, muito ornamental pelas suas folhas arredondadas, coriáceas, verde-escuras, persistentes e pelas suas flores brancas a branco-rosadas, aromáticas, muito abundantes e densas e frutos anegrados, pequenos, surge, raramente, também nalgumas quintas, sobretudo do Funchal, como na Quinta da Palmeira, fora dos sítios de plantação. Duas espécies de roseiras, mais ou menos bravias, referidas conjuntamente com *Rosa laevigata*, por HANSEN (1969a), como tendo comportamento mais ou menos naturalizado, ocorrem, também, como fugidas de cultura: *Rosa bracteata* Wendl., da China, introduzida como ornamental, é trepadeira, muito espinhosa, com folhagem persistente a semi-caduca, 5-11 folíolos, brilhantes e flores solitárias, grandes (até 10 cm), brancas; e *Rosa multiflora* Thunb. (roseira-de-toucar), uma trepadeira robusta, da China e do Japão, de pequenas e numerosas flores dobradas e rosadas e de que já LOWE (1862) dizia ser muito comum e que, embora não frutificasse na Ilha, se desenvolvia “without any culture as if wild”. Merece, ainda, aqui, referência uma espécie de silva (ou silvado, como se diz na Madeira) que vem figurando nos catálogos das plantas vasculares da Ilha, e que TURLAND (1994) também menciona na “Flora of Madeira”: é *Rubus pinnatus* Willd., das montanhas da África Tropical e Meridional e das ilhas de Ascensão, Santa Helena

e São Tomé, de que MENEZES (1894), dizia, então, estar naturalizado na Madeira (Funchal, Boaventura, etc.) e, em 1914, que era “outr’ora subespontaneo nas proximidades d’alguns jardins do Funchal” mas acrescentando que lhe parecia ter já, nessa altura, desaparecido completamente, o que tem merecido a concordância de quase todos os estudiosos actuais da flora madeirense.

Da família RUTACEAE, uma espécie arbustiva, sempre-verde, *Choisya ternata* Humb., Bonpl. & Kunth, originária do México, cultivada em jardins e parques da Madeira, pela sua folhagem densa e brilhante e pela sua floração branca e aromática, como a da laranjeira, e que é conhecida por laranjeira-do-méxico, foi observada por HANSEN (1971) numa ravina próxima do Porto da Cruz e, na altura, referiu-a como “a supposed garden-escape”. Deve, na realidade, tratar-se de planta fugida de cultura mas, nem com esse estatuto, temos encontrado esta espécie que, embora não muito frequentemente, só temos visto no embelezamento de áreas ajardinadas (arredores do Funchal, Camacha, Santo da Serra, Faial, Ribeiro Frio, Santana, etc.).

SALICACEAE

Populus alba L. – Esta árvore, conhecida na Madeira por álamo e álamo-branco, foi introduzida na Ilha, há muitos anos, com fins ornamentais, tendo até deixado o seu nome na toponímia madeirense. No entanto, MENEZES (1894) parece ter sido o primeiro botânico a assinalá-la, referindo-a, então, como rara mas naturalizada no Funchal (Neves, Gorgulho), na Ribeira Brava, etc. Encontra-se, não muito frequentemente, em zonas baixas e em sítios sobretudo secos, pedregosos e até rochosos, sendo bastante resistente a essas condições desfavoráveis, tanto na Madeira, onde é mais rara (mas onde ocorre nalguns pontos do Funchal, de Gaula, de Machico e da Ribeira Brava, como num curioso maciço nas rochas sobranceiras à Meia Légua) mas também no Porto Santo, onde forma, na Graça, desde há algum tempo, um bosquete que se vai expandindo de ano para ano. Tendo sido plantada pelos Serviços Florestais, a partir de 1956, junto de linhas de água, em altitudes elevadas (Lameirinhas, serras do Poiso) também aí ocorre seminaturalizada. O álamo, que é espécie de folha caduca, emite abundantes rebentos de raiz, e forma natural e rapidamente extensos grupos em qualquer das duas ilhas. As folhas branco-tomentosas na página inferior e a casca branca nos troncos novos são outras características desta árvore. *Populus alba*, originário do sudeste da Europa, é também cultivado e subespontâneo (ou casual, por vezes) em Portugal Continental e nos Açores.

Ainda no âmbito desta família das salicáceas, a que pertence, também, o vulgaríssimo vimeiro (ou vimieiro como, menos propriamente, também se diz), que é

uma planta híbrida, *Salix x rubens* Schrank. (= *S. fragilis* x *alba*), introduzida e muito cultivada na Madeira, para aproveitamento na tradicional indústria artesanal das obras de verga, mas que nunca se tornou subespontânea nem escapada da cultura, importa salientar que duas outras espécies de *Populus*, conhecidas por álamos e, menos vezes, por choupos, mencionadas no “Elucidário Madeirense”, certamente sob a responsabilidade de MENEZES, introduzidas como ornamentais e hoje não muito utilizadas, – *P. nigra* L. subsp. *caudina* (Ten.) Bug. var *elegans* Bailey, que se vê mais evidentemente no leito da Ribeira Brava e *P. x canadensis* Moench (*P. deltoides* x *nigra*), que naquela obra é chamada *P. monilifera*, e que aparece nalgumas quintas, praças e parques, – nunca se tornaram naturalizadas, embora emitam rebentos de raiz e ocorram, casualmente, em terrenos vizinhos dos locais de plantação, tal como acontece em Portugal Continental e nos Açores.

SAPINDACEAE

Cardiospermum grandiflorum Sw. – Esta trepadeira, vigorosa mas pouco lenhosa, deve ter sido introduzida, na Madeira, nos anos 30 do século XX, como ornamental. Foi, pela primeira vez, assinalada para a Madeira, por GRABHAM (1934) mas não correctamente, sob o binome *Cardiospermum halicacabum*, e com a indicação de ser “a useful plant for covering arbours, evergreen and constantly blooming”; em 1942, o mesmo autor acrescentava, às referências às flores brancas, abundantes mas de pequenas dimensões e aos frutos, como pequenos balões, a indicação de que esta espécie era “recognized at once by its curious inflated, membranous fruit”. Em 1967, HANSEN colheu esta espécie no Funchal, no estado de subespontânea, e identificou-a correctamente mas considerou-a nova para a Madeira (HANSEN, 1968), como se a planta, assinalada por GRABHAM fosse diferente, o que não é o caso. Esta corriola-dos-balões não é hoje cultivada mas encontra-se por toda a parte, na costa sul da Ilha (até cerca de 800 m de altitude, como no Jardim da Serra), perfeitamente naturalizada, em incultos, entulhos, aterros, terras cultivadas, paredes de suporte, beiras dos caminhos e estradas, áreas agrícolas abandonadas, ribeiras, sobretudo no concelho do Funchal, muitas vezes em companhia doutra trepadeira, também vulgaríssima, *Ipomoea indica* (Burm.) Merr., a chamada corriola-azul. É espécie originária da zona tropical da África e da América.

SAXIFRAGACEAE

Saxifraga stolonifera Meerb. – Esta interessante espécie herbácea, rasteira, pouco desenvolvida, perene, de caules finos e prostrados, longos (onde se formam novas plantas que enraizam facilmente), de folhas arredondadas, um pouco ásperas e peludas, verde-escuras, com manchas prateadas na página superior e avermelhadas na

inferior e de flores brancas, pequenas mas graciosas e numerosas, em panículas, deve ter sido introduzida, na Madeira, como planta ornamental, e tem vindo a ser cultivada, sobretudo em vasos e suspensões, mas também em jardins, preferentemente com abundância de água (fontanários, junto de pequenos lagos artificiais, repuxos e outros jogos de água, margens de levadas, jardins rochosos com escorrências, etc.). Nalguns desses locais, sobretudo no Funchal e arredores, torna-se facilmente subespontânea e, aqui e acolá, naturalizada, o que acontece, também, noutros habitats mais distantes e até de altitude elevada (superior a 900 m). HANSEN (1987) diz, a propósito de uma colheita desta planta que realizou no ano anterior: “naturalized in a ravine above the Forest Reserve Station in Ribeiro Frio”. Espécie asiática, da China e do Japão, é cultivada em Portugal Continental, ocorrendo, também, nos Açores, como subespontânea.

SCROPHULARIACEAE

Antirrhinum majus L. – Esta planta herbácea, perene (mas de curta duração), introduzida na Madeira há já muitos anos para cultivo em jardins, devido à sua bela, densa e abundante floração, tornou-se subespontânea e naturalizada, aqui e acolá, sobretudo nas zonas baixas da Madeira, nomeadamente no Funchal. MENEZES, já em 1894, assinalou esta espécie, a que chamam, na Ilha, bocas-de-peixe, como naturalizada, embora rara e, em 1914, diz ser “cultivada e subespontânea no Funchal”; GRABHAM (1942), confirmou que esta planta “has run wild”. Hoje, continua a utilizar-se o *A. majus* nos jardins madeirenses e, também, nos porto-santenses, agora, sobretudo, com novas variedades e híbridos, de porte maior ou menor, inflorescências (cachos) com flores bastante grandes, singelas ou dobradas e de cores e tons os mais diversos; e a espécie continua a aparecer subespontaneamente em incultos, aterros, entulhos, terrenos cultivados ou apenas mobilizados, muros de suporte e até beiras de caminhos. Planta mediterrânica é, também, muito cultivada em Portugal Continental (onde há subespécies indígenas) e nos Açores, ocorrendo, por vezes, fugida da cultura; aí, chamam-lhe vulgarmente bocas-de-lobo, erva-bezerra, coelhinhos e papões.

Calceolaria tripartita Ruiz & Pav. – Planta herbácea, anual, que MENEZES (1894), assinalou, pela primeira vez, para a Madeira, como introduzida (possivelmente como ornamental, para jardins) e já naturalizada no Funchal; na altura, adoptou a denominação incorrecta de *Calceolaria pinnata* L., binome que voltou a usar em 1914, acrescentando tratar-se de espécie muito rara. HANSEN (1968) assinalou esta mesma planta, sob o binome *C. chelidonioides* HBK, a partir de duas colheitas de material feitas em 1962 e 1967, respectivamente, entre o Estreito de Câmara de Lobos e o Cabo Girão e nas Cruzinhas, em locais rochosos e húmidos. Esta interessante planta, de curiosas e pequenas flores amarelas, como minúsculas bolsas, encontra-se perfeitamente naturalizada em poucos locais (na costa norte e na sul da Ilha), não mais

no Funchal, ou só excepcionalmente, mas sempre em sítios escarpados ou fendas com escorrências de águas e mais ou menos sombrios, parecendo preferir as áreas montanhosas não muito elevadas e arborizadas, como são as zonas médias e baixas da *Laurisilva*. Esta calceolária é originária da América, desde o sul do México até a Bolívia; e ocorre, também, nos Açores.

Cymbalaria muralis P. Gaertn., B. Mey. & Scherb. subsp. *muralis* – Planta provavelmente introduzida na Madeira como ornamental há muitos anos e perfeitamente naturalizada em imensos locais húmidos e um pouco sombrios, por toda a Ilha, até em altitudes elevadas, como no Jardim da Serra, Queimadas e Terreiro da Luta, acima dos 1000 m, aparece em jardins, muros, escarpas rochosas, sítios pedregosos, ruínas e, também, em vasos com plantas ornamentais. Esta espécie herbácea, glabra, prostrada, delgada e frágil, perene mas de curta longevidade e de folhagem densa e arredondada e flores muito pequenas (geralmente 10-12 mm de maior dimensão), lilacíneas a violáceas, foi assinalada por MENEZES (1894) como *Linaria cymbalaria* Mill. e, nessa altura, já naturalizada mas apenas no Funchal e como planta rara. É tida por alguns botânicos como indígena em Portugal Continental e, até, na Madeira mas parece mais provável ser originária do sul dos Alpes, zona ocidental da Península Balcânica, Itália Central e Meridional e Sicília e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, para além da Madeira.

Mimulus moschatus Douglas ex Lindl. – Esta planta herbácea, de jardim, por vezes chamada amores-do-brasil (nome extensivo a outras espécies congéneres, também cultivadas na Madeira, como *M. luteus* L. e seus híbridos) foi introduzida e tem sido cultivada desde meados do século XIX, ocorrendo como subespontânea, em poucos locais húmidos e sombrios das médias altitudes, até cerca de 700 m. MENEZES (1894) assinalou esta espécie já como naturalizada na Ilha mas muito rara; desde então, tem vindo a ser confirmado esse estatuto mas a sua área de distribuição insular tem-se reduzido e a espécie parece mostrar tendência para não se expandir. Aliás, é de assinalar que, nos Açores, onde esta espécie norte-americana, perene, peluda e viscosa, de cheiro característico e flores amarelas, vistosas, também ocorria como subespontânea, não tem sido observada há muitos anos, conforme afirmam estudiosos da flora desse Arquipélago. SHORT (1994), embora salientando desconhecer-se o actual estatuto de *M. moschatus*, diz tratar-se de espécie “occasionally naturalized”.

Verbascum densiflorum Bertol. – MENEZES (1894) assinalou este verbasco, para a Madeira, como introduzido e naturalizado na Quinta do Palheiro e no Jardim da Serra, sob o binome *V. thapsiforme* Schrad.; referiu-o como muito raro. Em 1914, o autor madeirense, utilizando o mesmo binome, descreveu-o como planta bienal, de caules geralmente simples, “não glandulosos; folhas cobertas d’um tomento denso e

amarelado, crenadas, as inferiores atenuadas em pecíolo, as superiores muito decurrentes; flores reunidas em cacho alongado, ordinariamente simples, corollas amarellas; filetes mais curtos guarnecidos de pellos brancos, os mais compridos nús”. Apesar de SHORT (1994) referir esta espécie como “a very casual in and around Funchal”, incluímo-la no grupo das plantas naturalizadas na Ilha, embora sendo raríssima, pois, já a pudemos observar, nos anos 60, na Ponta do Sol (Lombo de S. João), no Estreito de Câmara de Lobos, em incultos próximos de levadas e matas e em terrenos ajardinados e no parque da Quinta do Jardim da Serra. É provável que a razão de esta espécie (e das congéneres a seguir descritas) ter sido introduzida na Madeira tenha a ver com as reconhecidas propriedades depurativas, diuréticas, emolientes e sedativas dos verbascos, pelo que estes foram cultivados, aqui e acolá, nos logradouros das habitações e utilizados na medicina popular. Hoje, os verbascos já não são cultivados, sendo esta espécie muito difícil de encontrar, provavelmente por o povo ainda fazer a colheita das inflorescências e não se formarem consequentemente os órgãos de frutificação. Espécie europeia, é desconhecida no restante território português.

Verbascum pulverulentum Vill. – Este verbasco, pouco frequente na Madeira é, também, erva bienal e robusta, de indumento muito denso, quase sempre branco-tomentoso, que cai com facilidade, de folhas inferiores grandes (até 40 cm), em roseta, geralmente crenadas e folhas superiores, caulinares, muito mais pequenas, não decurrentes, com flores medianas (até 2 cm de diâmetro), amarelas, graciosas, em inflorescências terminais, mais ou menos ramosas, densas ou frouxas, quase sempre longas. Foi assinalado, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1894), que então o considerou espontâneo. Hoje, porém, esta espécie europeia (que foi referida sob o binome *V. floccosum* Waldst. & Kit.) é tida como introduzida e subespontânea e é a menos rara das espécies congéneres, encontrando-se pouco naturalizada, aqui e acolá, nas duas costas da Ilha, sobretudo entre os 600 e os 1000 m de altitude, em terrenos incultos, margens de caminhos, matas pouco densas, embora SHORT (1994) afirme ser “casual” e “scattered and local in Madeira”. É espécie espontânea em Portugal Continental.

Verbascum thapsus L. subsp. *thapsus* – Assinalado para a Madeira, pela primeira vez, por MENEZES (1914), com base num só exemplar colhido por outrem, na Camacha, nesse mesmo ano, este verbasco foi, também, observado pelo P.^e JOSÉ GONÇALVES da COSTA, nos anos 30 (Cova do Alecrim) e por HANSEN (1978), no Chão da Ribeira “above Seixal, a single specimen on slope at the river-bed”. É planta muitíssimo rara na Ilha, ocorrendo em pouquíssimos locais das costas norte e sul. Trata-se de erva robusta, até 2 m e mais, bienal, revestida por denso tomento, esbranquiçado ou amarelado, com as folhas basilares quase sempre elípticas a oblongas, grandes (até 50 cm de comprimento e 15 cm de largo), inteiras ou miudamente crenadas e as folhas caulinares muito decur-

-rentes, e com flores amarelas (com cerca de 15 mm de diâmetro) formando uma longa inflorescência densa. Este verbasco é originário da Europa e da Ásia Ocidental e é espontâneo em Portugal Continental e nos Açores.

Veronica persica Poir. – Esta planta herbácea e anual, ramosa, mais ou menos decumbente a prostrada, pubescente, de interessantes flores azuis, pequenas e solitárias, introduzida na Madeira há mais de 75 anos, foi colhida, pela primeira vez, pelo P.^e JOSÉ GONÇALVES da COSTA em 1922, no Porto Moniz (HANSEN, 1978). Encontra-se há muito naturalizada na Ilha, desde a beira-mar (Funchal, Santa Cruz, Machico) até altitudes superiores a 700 m (Curral das Freiras, Monte) e atingindo mesmo os 1000 m (SHORT, 1994); pode considerar-se uma erva infestante das terras cultivadas, relativamente comum, e ocorrendo, também, em incultos mais ou menos húmidos, arrelvados, veredas, beiras de levadas e de caminhos e margens de cursos de água. Espécie originária do sudoeste asiático, é também, provavelmente, introduzida e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Veronica polita Fr. – Já, em 1894 (e, posteriormente, em 1914), MENEZES referia esta pequena verónica como introduzida e naturalizada na Madeira, nas “bordas dos caminhos e logares cultivados no Funchal e arredores”. Esta planta herbácea, semelhante à anterior, no porte e na cor azul da flor, mas de flores mais pequenas e de pedicelos mais curtos é, hoje, todavia, muito rara mas ocorrendo, também, subespontaneamente, em muros e valetas e locais rochosos mas, sempre, no Funchal. Aparece, também, em Porto Santo, ainda com menor frequência. Alguns botânicos consideram esta espécie europeia como espontânea na Madeira e na Ilha vizinha, tal como acontece em Portugal Continental.

Desta família das escrofulariáceas, mais algumas espécies foram assinaladas como introduzidas na Madeira e aqui cultivadas ou não, e que posteriormente foram consideradas como fugidas de cultura ou aparecendo casualmente, sem nunca se terem tornado verdadeiramente naturalizadas, tal como refere SHORT (1994). Assim, de facto, sucedeu ou vem sucedendo esporadicamente com: *Diascia barberae* Hook. fil., uma pequena planta anual de jardim, sul-africana, de graciosas flores cor-de-rosa, de que GRABHAM (1942) disse “has become naturalized about Funchal”, o que não se confirma; *Linaria maroccana* Hook. fil., uma planta herbácea, anual, ornamental, originária de Marrocos, de flores vermelho-purpúreas em inflorescências densas, que HANSEN colheu, em 1976, num inculto “near the Stadium... most likely a garden-escape” (HANSEN, 1978); *Lophospermum erubescens* D. Don, uma trepadeira ornamental, perene, pubescente, de bonitas e grandes flores róseo-violáceas ou rosadas, da América Central, introduzida e cultivada na Ilha e, segundo MENEZES (1894), naturalizada nalguns muros do Funchal (que, nesse estado, nunca conseguimos

encontrar), ocorrendo também nos Açores como cultivada e ocasionalmente fugida de cultura; *Maurandya scandens* (Cav.) Pers., também trepadeira perene, mas glabra e de flores violáceas, igualmente da América Central, pouco cultivada, foi, também, considerada por MENEZES (1894), sob o binome *Maurandia semperflorens* Ortega, como naturalizada nos mesmos habitats da espécie anterior mas hoje não se pode confirmar esse estatuto; *Verbascum creticum* (L.) Cav., um verbasco, bienal, também de flores amarelas, da Região Mediterrânica Ocidental, que MENEZES (1914) assinalou para a Madeira como espécie introduzida, sob o binome *Celsia cretica* L.; e *Veronica peregrina* L., uma erva anual, americana, de flores azul-pálidas a esbranquiçadas, muito pequenas, introduzida há pouco tempo na Madeira e provavelmente casual, nalguns terrenos cultivados ou incultos húmidos, sendo talvez subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

SIMAROUBACEAE

Ailanthus altissima (Mill.) Swingle – Apesar de ser potencialmente uma espécie arbórea perigosa, dada a sua facilidade de propagação por via seminal e por emitir numerosos rebentos de raiz, o que lhe confere características de invasora de culturas agrícolas, matas e outros tipos de comunidades vegetais (entre as quais se pode vir a contar a própria *Laurisilva*), o ailanto tem-se mantido, na Madeira, mais ou menos circunscrito aos seus locais de plantação, seja em parques, quintas e jardins onde serve de elemento decorativo, seja em margens de caminhos e estradas onde também é utilizado com fins de embelezamento. Espécie assinalada, pela primeira vez, para a Ilha, por GRABHAM (1934), que afirmou “sometimes seen in gardens, very handsome”, temos encontrado, com pouca frequência, esta árvore de folha caduca, de floração pouco atraente, em grandes inflorescências e de frutos relativamente grandes e numerosos, castanho-avermelhados, até em áreas florestais de essências exóticas e áreas de vegetação indígena. HANSEN (1974) registou uma colheita de material desta espécie, ocorrida em 1963, na Ribeira Grande (S. Jorge), no norte da Ilha. Parece naturalizada, há mais de 40 anos, em vários locais, como S. Vicente, Gaula, S. Jorge, Ribeiro Bonito e numa pequena área, húmida, nas margens da Estrada Regional, em Santana. Pode, no entanto, vir a expandir-se muito mais na Madeira, devendo por isso merecer a atenção dos responsáveis no sentido de evitar a sua progressão, sobretudo nos domínios do Parque Natural. O ailanto é originário da China e foi introduzido em Portugal Continental e nos Açores, ocorrendo também aí como subespontâneo.

SOLANACEAE

Brugmansia suaveolens (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. & J. Presl – É arbusto arborescente, muito cultivado em parques e jardins públicos e privados, e até

em logradouros de casas rurais modestas, desde há muitos anos, em toda a Madeira, particularmente nos locais mais quentes mas podendo, na costa sul, ultrapassar os 500 m de altitude. Já LOWE (1872) se referiu a esta espécie, muito procurada na altura, por ser considerada bastante decorativa pela sua folhagem grande, densa e persistente e, sobretudo, pelas muito grandes, pregueadas e numerosas flores, em forma de trombeta, pendentes, de cor branca e agradavelmente aromáticas, especialmente durante a noite. Não frequentemente, ocorre (cada vez menos, ao que parece), em sítios húmidos ou irrigados, como subespontânea na Ilha, tendo LOWE mencionado que, nesses anos, aparecia “everywhere with or without culture, and sometimes when left to itself, as in the north between the Entrosa and P.^{ta} Delgada, completely choking up with a thick jungle small damp ravines”. Também MENEZES (1914) e GRABHAM (1942), para além doutros botânicos mais recentes, atestaram a sua subespontaneidade, utilizando, aquele madeirense, o binome *Datura suaveolens* Poir. Esta espécie sul-americana, hoje substituída em muitos jardins por outras espécies ou híbridos congéneres ornamentais mais vistosos, como *B. x candida* Pers., *B. sanguinea* (Ruiz & Pav.) D. Don e *B. versicolor* Lagerh, de floração branca, laranja-avermelhada e amarela, respectivamente, que nunca têm ocorrido como subespontâneos, é conhecida, na Madeira, pelos nomes vulgares de trombeteira, trombetas, belas-noites, boas-noites e businas.

Datura innoxia Mill. – Na opinião de HANSEN (1971) e de SHORT (1994), as referências de LOWE (1872) e de MENEZES (1914) à espécie *D. metel* L. na Madeira devem aplicar-se à *D. innoxia* Mill., que é o binome correcto para esta erva anual, pubescente, viscosa e fétida (parecida com a bufareira de que falamos a seguir), hoje raríssima na Ilha mas seguramente introduzida acidentalmente e comportando-se, no século XIX, nalguns locais do Funchal, “quite spontaneous but not apparently inclined to spread”. Planta robusta e ramosa, de grandes flores brancas, afuniladas, erectas e de frutos (cápsulas) grandes, ovóides e espinhosos, pendentes, ocorre, aqui e acolá, em incultos ou terras cultivadas, cada vez com menor frequência e nunca fora dos limites do Funchal. Espécie originária da América Central, é também subespontânea em Portugal Continental.

Datura stramonium L. – Esta erva anual, fétida, mais ou menos glabra, ramosa, de flores grandes, brancas, raramente azuladas a purpúreas e frutos (cápsulas) também ovóides e espinhosos, semelhantes aos da espécie anterior mas erectos, é uma planta hoje pouco comum na Madeira e no Porto Santo, mas naturalizada em muitos locais incultos, terras abandonadas ou cultivadas e margens de caminhos, em toda a área agrícola das duas Ilhas. Conhecida vulgarmente, na Madeira, por bufareira, esta espécie foi assinalada por LOWE (1872), não só no Porto Moniz, mas também em Machico, Santa Cruz e Funchal, acrescentando este botânico que a planta já, 30-40 anos atrás, era uma infestante na horta do Sr. Webster Gordon (hoje Quinta Rocha Machado), no Monte.

Tem certo interesse na medicina caseira da Madeira, sobretudo pela acção anti-reumatisal das folhas que são aplicadas em cataplasmas; o uso interno desta planta, ou das suas partes, é desaconselhável por ser tóxica. Espécie americana, é também subespontânea nos Açores e em Portugal Continental, sendo aqui conhecida, vulgarmente, por estramónio e figueira-do-inferno.

Lycopersicon esculentum Mill. – Esta espécie herbácea, anual, popularizada com o nome de tomateiro, é muito cultivada na Madeira e, também, em Porto Santo, como planta hortícola. Não se sabe quando foi introduzida mas, certamente, só depois de esta planta ser cultivada em Portugal Continental, o que deve ter acontecido no século XVII. Encontra-se, desde há muitos anos, naturalizada em todo o arquipélago da Madeira (incluindo as Desertas e as Selvagens), nas zonas mais quentes do litoral, em incultos, paredes de suporte, fendas de rochas, terras cultivadas, entulhos e aterros; FORSTER colheu-a na Madeira, em 1772. A forma botânica que mais ocorre subespontaneamente é a de frutos muito pequenos, como cerejas (tomate-miúdo ou tomate-de-lagartixa), que LOWE (1872) e MENEZES (1914) e outros botânicos, noutros países, referiam como variedade ou subespécie *cerasiforme* (Dun.). O tomateiro, também denominado, no passado, *L. vulgare* Lowe e *Solanum lycopersicum* L., é planta oriunda da América Central e Meridional, de igual modo cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Nicandra physalodes (L.) Gaertn. – Esta erva anual, glabra, mais ou menos robusta, era, nos tempos de LOWE, comum, nas zonas baixas e médias da Madeira, especialmente no Funchal; reconhecida por este botânico, em 1872, como introduzida e mais ou menos naturalizada, dela afirmava que ocorria “sparingly here and there in waste ground, borders of corn fields, by roadsides or a weed in gardens, vineyards, &c.”. MENEZES (1914) já dizia que era espécie rara na Ilha e, hoje, podemos garantir que, ainda, é muito menos frequente. Tida nos velhos tempos como planta com certo interesse ornamental, pelas suas flores medianas a grandes, azul-pálidas, com o centro branco, e pelos frutos curiosamente envolvidos pelo cálice intumescido (à semelhança dos tomates-ingleses), é provável que tenha sido introduzida na Madeira por essa razão. Nunca observámos esta raríssima espécie fora do Funchal e, sempre, em incultos ou terras abandonadas e entulhos, sobretudo, na zona oeste e litoral e em locais de média altitude (S. Martinho, Santo António, Bom Sucesso, Santa Maria Maior, etc.). Originária do Perú, ocorre em Portugal Continental e nos Açores, como subespontânea.

Nicotiana glauca Graham – É um arbusto perene, de folhagem persistente, às vezes ultrapassando 5 m de altura, hoje muito comum na Madeira, no Porto Santo e na Selvagem Grande, que deve ter sido introduzido no Arquipélago já na 2ª metade do século XIX, pois, LOWE (1872) afirmava que a espécie, apesar de ocorrer na Madeira,

não estava ainda perfeitamente estabelecida, ao contrário do que sucedia nas Canárias e em Cabo Verde, onde se encontrava “widely naturalized”. MENEZES (1914) já apresenta esta espécie como comum na Madeira, “nas fendas das rochas e logares incultos”. Foi provavelmente introduzida na Madeira como planta decorativa e cultivada em jardins e parques, sobretudo pelas suas folhas glaucas e abundante floração amarela. No Porto Santo e nas Selvagens, é provável que tenha sido introduzida para aproveitamento dos seus caules e ramos secos como combustível. Neste último pequeno grupo de ilhotas, só ocorre na Selvagem Grande, tanto em areias, como nas falésias e encostas marítimas. Na Madeira, somente aparece no litoral sul até pouco mais de 200 m de altitude. Esta planta sul-americana, conhecida por tabaqueira e, no Porto Santo, também, por nicociana, é subespontânea em Portugal Continental, onde lhe dão o curioso nome de charuto-do-rei.

Nicotiana tabacum L. – Apesar de se ter conhecimento que o tabaco foi cultivado na Madeira, com certa expressão e com fins industriais, no último quartel do século XIX e nos princípios do século XX (quando o monopólio do Estado deixou de vigorar e de impedir a cultura na Ilha) e de se saber que foi também experimentada, mais intensamente, a sua adaptação às condições agroclimáticas da Ilha pelos serviços públicos, pelo menos em 1938-39 e 1954-56, desconhece-se quando foi introduzido na Madeira. Supõe-se que o tenha sido ou nos fins do século XVI, quando a planta já era cultivada em Portugal Continental, embora em âmbito restrito, com fins apenas medicinais, ou durante o último terço do século XVIII, quando o tabaco foi também introduzido em Canárias. De qualquer forma, o tabaco também foi cultivado, como o é hoje, embora com pequeníssima expressão, como planta de jardim, de enormes e bonitas folhas e graciosas e numerosas flores. De todas essas plantações feitas, resultou que o tabaco se encontra hoje naturalizado na Madeira e, também, no Porto Santo, aparecendo, frequentemente, embora em número pequeno de plantas, como subespontâneo em vários locais incultos, entulhos, aterros e em terrenos cultivados. Mas LOWE (1872) já assinalou a presença da *Nicotiana tabacum* na Madeira, como relativamente comum, nas zonas mais quentes, em “vineyards, gardens and waste ground about houses in an about Funchal and most towns or villages in the island”; e MENEZES (1914) refere o tabaco (a que chama também tabaqueira) como raro na Madeira, assim como em Porto Santo mas com o estatuto de subespontâneo, nas duas Ilhas. Espécie originária da América do Sul Setentrional, é muito cultivada em Portugal Continental (onde é conhecida, também, com o nome de erva-santa) e nos Açores, com fins industriais e ocorre, por vezes, nesses territórios, como fugida de cultura.

Physalis peruviana L. – Esta planta horto-frutícola é cultivada na Madeira, há muitíssimos anos, dela se aproveitando os pequenos frutos, tomates-ingleses, para consumo em fresco ou para compotas. Está perfeitamente naturalizada na Madeira, nas zonas litorais ou na média altitude, ocorrendo também, por vezes, na *Laurisilva*,

parecendo preferir os terrenos húmidos e soalheiros entre os 400 e os 900 m. É espécie rara em Porto Santo, quer em cultura, quer subespontânea. Trata-se de espécie herbácea, perene mas de curta duração, pubescente, de flores amarelas com manchas negras ou purpúreas no centro e de frutos globosos (como pequenos tomates, do tamanho de cerejas), amarelos quando maduros, dentro do cálice intumescido - uma espécie de “balão” que pode atingir até 5 cm de maior dimensão. LOWE (1872) refere que esta planta era extremamente comum entre 1826 e 1850, tendo passado depois a menos comum até 1871, quando fez as últimas observações: “Growing out of walls and rocks in dry sunny places, beds of ravines, rocky banks &c. about Funchal &c. everywhere formerly, but now (1871) become almost rare!”; e acrescentava que “in 1826, I was told by many old people in the north of the island that they remembered its being quite a scarce plant. It has now returned to that condition everywhere”. Mas MENEZES (1914) diz que a planta era, então, comum na Madeira. Hoje, a mesma espécie aparece com frequência, subespontaneamente, em locais cultivados ou incultos, como, por exemplo, Monte, Camacha, Santo da Serra, Santana, S. Jorge, S. Vicente. Esta espécie é sul-americana e ocorre, também, nos Açores, como subespontânea, onde é conhecida pelos nomes vulgares de capuchos, rebuçados e tomatinhos-de-capucho.

Salpichroa organifolia (Lam.) Baill. – Embora esta planta herbácea, perene, rústica, só tenha sido assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por HANSEN (1971), “naturalized in a potato-field near the Botanical Garden”, ela já é conhecida há mais de 60 anos na Ilha. Em pesquisas efectuadas por nós, fomos informados que esta espécie, com certo interesse ornamental e melífero, começou a ser cultivada e, rapidamente, se tornou subespontânea, na Quinta Olavo (Caminho dos Saltos, Funchal), por volta de 1930, quando um amigo da casa (Visconde do Porto da Cruz), correspondendo a um pedido do então dono (Sr. Emil Gesche, na altura, cônsul da Alemanha), forneceu um exemplar desta planta que, sobretudo na época do Inverno, poderia fornecer alimento às abelhas do apiário que aí estava instalado. Não podemos assegurar que a espécie já existisse, na Madeira, antes dessa data mas é provável que não, ou então seria extremamente rara. Hoje, já está perfeitamente naturalizada na Ilha, não só na referida Quinta e sua vizinhança, em paredes e terras de pomares ou pouco trabalhadas do Jardim Botânico, como noutros pontos do Funchal, em terrenos cultivados, incultos húmidos, muros de suporte de terras, margens de caminhos, comportando-se até como planta invasora. Nunca até hoje a observámos fora do Funchal. É planta prostrada a semitrepadora, de caules flexuosos, pubescentes, um pouco lenhosos na base, folhas mais ou menos romboidais a arredondadas, também pubescentes, e flores pequenas (mais ou menos 1 cm), brancas e numerosas, durante praticamente todo o ano. Não sendo planta ainda comum, é já conhecida vulgarmente pelo nome de erva-das-abelhas. Originária da América do Sul, é planta também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores, sendo conhecida neste Arquipélago pela designação vulgar de orelha-de-ovelha.

Solanum chenopodioides Lam. – Esta planta herbácea, densamente pubescente, algo semelhante à erva-moira ou erva-de-santa-maria (*Solanum nigrum* L.), apenas figura na 4ª edição do Catálogo das plantas vasculares da Macaronésia, de HANSEN & SUNDING (1993), como ocorrendo na Madeira. HANSEN (informação pessoal) estava convencido da sua naturalização no Funchal e de facto encontramos-la recentemente no Monte, na Quinta Rocha Machado (junto à entrada e num jardim abandonado). O Prof. J. CARLOS COSTA, do Instituto Superior de Agronomia, identificou o material que lhe enviámos. FRANCO (1984) refere-a, também, sob o binome *S. sublobatum* Roemer & Schultes como tendo sido introduzida em Portugal Continental e nos Açores. Por seu lado, SHORT (1994) diz que esta “perennial S. American species... with ovoid, blackish purple berries, the peduncles sharply deflexed, has been recorded from Funchal but without further data”. Trata-se de planta muito rara na Madeira.

Solanum linnaeanum Hepper & Jaeger – Este binome é sinónimo de *S. sodomaicum* L., usado na literatura botânica, até há poucos anos, para significar em linguagem popular, madeirense, o tomateiro-do-diabo. Esta planta subarborescente, perene, ramosa, robusta, provida de numerosos acúleos amarelos, de folhas mais ou menos grandes, recortadas e de flores azul-pálidas a violáceas, medianas, que dão origem a frutos globosos, como tomates pequenos, até 3 cm de diâmetro, pendentes, amarelos quando maduros, já foi observada, na Madeira, por LOWE (1872), que a considerou perfeitamente naturalizada nas zonas baixas, sobretudo no Funchal, em incultos, margens de caminhos, casas e paredes em ruínas, embora não fosse planta comum. Hoje, continua a ser espécie pouco frequente, ocorrendo no litoral da Ilha, sobretudo no sudeste, mas aparecendo em maior número nos terrenos pedregosos ou arenosos, bastante secos e fendas de rochas, a leste da Prainha (Canical) e na Ponta de S. Lourenço. O tomateiro-do-diabo é espécie africana que ocorre, também, subespontaneamente, em Portugal Continental e nos Açores.

Solanum mauritianum Scop. – Este grande arbusto, até mais de 4 m de altura, tratado por muitos botânicos por *S. auriculatum* Aiton, foi introduzido na Madeira, como planta ornamental, há mais de 160 anos. De facto, LOWE (1872), depois de referir que os frutos desta espécie são devorados pelos pássaros, afirma que, por isso, a sua difusão na Ilha tem sido rápida “since 1833, when it was first raised by myself from dried berries... received from Rio de Janeiro...”. De qualquer forma, para LOWE, esta espécie era ainda rara, nesses primeiros anos da década de 70, limitando-se a sua área de expansão territorial ao Funchal, tal como, aliás, nos tempos de MENEZES, nas primeiras duas décadas do século XX; no entanto, já podia considerar-se, então, como perfeitamente naturalizada. Hoje, o *S. mauritianum*, a que alguns chamam, também, tabaqueira, talvez devido às grandes folhas que possui, ocorre praticamente por toda a Ilha, subespontaneamente, em incultos, entulhos, aterros, margens de caminhos, cursos

de água e levadas, terras cultivadas ou abandonadas, áreas florestais sobretudo húmidas, incluindo os limites inferiores da *Laurisilva* (parte alta de Santana, etc.); mas o Funchal continua a ser o território da sua preferência. Não é mais cultivado na Madeira e é facilmente reconhecido pelo seu porte quase arbóreo, pelas grandes folhas verde-acinzentadas, esbranquiçadas na página inferior, devido ao espesso tomento que as cobre, pelas inúmeras flores violáceas em grandes inflorescências e pelos, também numerosos, frutos (bagas) globosos, amarelo-baços, do tamanho de cerejas. É planta originária da América Central, também subespontânea nos Açores, onde é conhecida pelo nome de fona-de-porca.

Solanum pseudocapsicum L. – Alguns botânicos consideram esta espécie, muito decorativa, como sendo indígena na Madeira. Todavia, seguimos os estudiosos e investigadores que concluíram ser *S. pseudocapsicum* nativo da América do Sul Oriental e subespontâneo na Europa Austral, em Portugal Continental, nos Açores e na Madeira. Registe-se que já LOWE (1872), a respeito desta planta subarborescente, erecta, ramosa, glabra, de flores pequenas e brancas e de frutos globosos, brilhantes, vermelhos a alaranjados, quando maduros, como pequeninas cerejas, e que era relativamente comum, nesse tempo, dizia: “though found in Madeira by Sloane as early as 1687, and recorded, on his authority, by Morison... in 1699 as growing there spontaneously, this plant is probably of South American origin”. É curioso que este botânico, na mesma obra, refere o facto de a espécie em questão ser utilizada na medicina caseira madeirense: “the fresh bruised leaves are applied by the country-people frequently to boils or tumours”; tal uso não é hoje corrente e nunca nos foi dada qualquer informação a este respeito. Nesse âmbito e com esse fim, utilizam os ilhéus, como os continentais, a espécie indígena *Solanum nigrum* L., conhecida também por erva-de-santa-maria. MENEZES (1914) considerou o *S. pseudocapsicum* já como pouco frequente mas espontâneo na Madeira. Hoje é, ainda, menos frequente, encontrando-se sobretudo nas zonas de média altitude da Ilha (Bom Sucesso, Monte, Estreito de Câmara de Lobos, Camacha, Calheta, Canhas, Prazeres, Fajã da Ovelha, Santo da Serra, etc.), sobretudo entre os 300 e os 800 m, à meia-sombra ou sombrios, em terrenos incultos, margens de levadas, matas, terras cultivadas ou abandonadas, sempre dotadas de certa humidade. Na Madeira, esta espécie é conhecida, além de erva-de-santa-maria, por pimenteira-brava e, menos vezes, por berradura, enquanto em Portugal Continental lhe dão o nome de ginjeira-do-brasil e, também, o de pimentão-doce.

Da família das solanáceas, algumas outras espécies cultivadas ocorrem, por vezes, fugidas de cultura, sem se terem revelado, até hoje, naturalizadas, apesar de há muito serem utilizadas na Madeira: o pimento, *Capsicum annuum* L. e a pimenta ou pimenteira, *Capsicum frutescens* L., da América Tropical, que aparecem, esta mais que aquele, poucas vezes, fora do cultivo, em terras mobilizadas ou incultos

húmidos, nas zonas baixas, próximo das habitações; *Solanum hispidum* Pers., um arbusto ornamental e espinhoso, do México e da Guatemala, de pouca longevidade, de grandes folhas, cobertas na página inferior por uma densa pubescência ferruginosa e de flores brancas, numerosas, de 2 a 4 cm de diâmetro, em cachos densos e frutos globosos, pequenos, assinalada, para a Madeira, por GRABHAM (1942), sob *S. warszewiczii* hort., como planta raramente cultivada em jardins, aparece ocasionalmente fora dos locais de cultivo, no parque do Jardim Botânico da Madeira; e a semilha ou batata, *Solanum tuberosum* L. (nativa da América do Sul), uma das duas plantas hortícolas mais cultivadas na Madeira e no Porto Santo (a outra é a batata-doce), onde foi introduzida em 1760, e que aparece também, aqui e acolá, na área agrícola e fora dela, sobretudo em terrenos cultivados e incultos húmidos, nas duas Ilhas. Também têm sido dadas como cultivadas no passado e, às vezes, fugidas de cultura, a *Nicotiana rustica* L., espécie norte-americana e a *Nicotiana wigandioides* K. Koch & Fintelm., da Bolívia, espécies próximas do tabaco que, a existirem ainda hoje, serão raríssimas na Madeira e no Porto Santo e que nunca conseguimos observar na natureza.

TAMARICACEAE

Tamarix gallica L. – Este arbusto arborescente, ornamental e de grande utilidade como corta-ventos e como combustível, chegando a ultrapassar os 4 m de altura, foi introduzido na Madeira, provavelmente, nos princípios do século XIX, onde tem vindo a ser cultivado nalgumas raras quintas e em poucos jardins públicos e privados e nas margens dalguns caminhos e estradas, tanto na costa sul como na costa norte da Ilha, ocorrendo raramente como fugido de cultura. Mas LOWE (1857) refere que, além da presença desta espécie na Madeira, ela foi introduzida no Porto Santo, em 1834, por JOÃO ANTÓNIO PEDROSO (um deportado político, nesta Ilha, em 1823, onde foi, depois, funcionário público e se tornou amigo daquele botânico inglês, conforme se lê no “Elucidário Madeirense”), tendo-se tornado rapidamente naturalizada, dispersando-se por toda a Ilha, até mais de 300 m de altitude. Esta planta, muito útil para a população porto-santense, é extraordinariamente comum, aparecendo nas areias da beira-mar e em terrenos incultos e solos argilosos das áreas montanhosas. Planta provida de folhas muito pequenas, como escamas, imbricadas, em raminhos delgados, lembrando as do cipreste e do cedro-das-barracas e doutras espécies afins, e com flores, também, muito pequenas, esbranquiçado-rosadas, dispostas em cachos estreitos e pouco densos, é vulgarmente conhecida pelo nome de tamargueira na Madeira e, também, pelo de cedro no Porto Santo. É espécie originária do sudoeste europeu, sendo espontânea em Portugal Continental (onde, também, a conhecem por tamarga e tamariz) e nos Açores, onde em algumas ilhas recebe o nome vulgar de salgueiro.

Da família THEACEAE, um arbusto a pequena árvore ornamental, de folhagem persistente, verde-brilhante e coriácea, originário da China e do Japão, a *Camellia japonica* L., a que os madeirenses chamam, também, japonesa, além de camélia, introduzida há muitos anos na Madeira (na Quinta do Palheiro Ferreiro, o 1º Conde de Carvalhal, desde os primeiros anos do século XIX, iniciou o cultivo de muitas variedades desta espécie, a partir das quais se veio a estabelecer uma enorme e extraordinária colecção) e muito cultivada por toda a Ilha, sobretudo em locais frescos e sombrios, acima dos 300 m de altitude, na costa sul, ocorre, por vezes, fugida de cultura, em jardins ou sítios húmidos, nas proximidades de exemplares adultos, como no Palheiro Ferreiro, na Camacha e no Santo da Serra. Além das flores grandes e vistosas, singelas, semi-dobradas ou dobradas, de cores variadas, simples ou misturadas, brancas, rosadas, vermelhas ou purpúreas, muito comercializadas, apesar de se desprenderem com facilidade dos raminhos, a folhagem é, também, muito procurada para arranjos florais e decorações várias.

THYMELAEACEAE

Gnidia squarrosa (L.) Druce – Este arbusto gracioso, de folhagem persistente, algo semelhante à das urzes, e de numerosas e pequenas flores amarelas, em cachos densos, deve ter sido introduzido, na Madeira, nos meados do século XIX, tendo sido assinalado, pela primeira vez, em 1894, sob a denominação de *Gnidia simplex* Andr., por MENEZES, que o considerou raro, embora já “naturalizado na vizinhança de muitos jardins do Funchal”. Ainda hoje continua a ser cultivado em quintas e jardins, por toda a Ilha, estando aí naturalizado, mas a sua dispersão como subespontâneo alargou-se muito, ocorrendo tanto na costa sul, como na norte; nas proximidades da Degolada (S. Roque do Faial), perto da Estrada Regional, é característico e já antigo um núcleo desta espécie que prospera em encostas e incultos rochosos. No Jardim Botânico, em incultos, podem também observar-se vários exemplares subespontâneos de gnídia. Espécie sul-africana, foi muitas vezes referenciada sob os binomes de *Gnidia carinata* Thunb. e *G. polystachya* Bergius; ocorre, subespontaneamente, nos Açores.

TROPAEOLACEAE

Tropaeolum majus L. – Esta conhecidíssima e vulgarizada planta anual de jardim, conhecida por chagas e, no Continente, também por capuchinhas, ocorre, na Madeira e no Porto Santo (aqui, raramente), como subespontânea, tendo sido assinalada no Arquipélago, pela primeira vez, por LOWE (1857), que dela disse ser introduzida e um pouco comum, sobretudo em incultos, “quite naturalized in the north along the sea-coast road between Ponta Delgada and S. Vicente, and at the latter place” e no “Porto Santo, in a thicket by the half-built church of N. S. da Graça”. MENEZES (1914) confirmou o

mesmo estatuto de naturalizada, mas já refere ser espécie muito comum na Madeira. As chagas continuam hoje a ser cultivadas, embora em pequena escala, principalmente com a utilização de novas variedades e formas (com maior ou menor tamanho, flores singelas ou dobradas e tons mais ou menos carregados nas várias cores das flores), nos jardins e parques madeirenses. Mas a espécie tem-se expandido, cada vez mais, subespontaneamente, surgindo em quase toda a parte, com preponderância no Funchal, até cerca de 600 m de altitude e invadindo terras de cultura (bananais, vinhas, hortas), terrenos abandonados, incultos, entulhos, aterros, margens de caminhos e levadas, muros de suporte, encostas rochosas, tanto no sul, como no norte da Madeira; continua a aparecer, com pouca frequência, em Porto Santo. Esta espécie é reconhecida por ser uma planta herbácea, um pouco suculenta, glabra, prostrada, pouco robusta, embora por vezes de caules longos, de densa e larga folhagem e flores grandes, muito atraentes, quase sempre amarelo-alaranjadas e avermelhadas. De origem desconhecida, muito provavelmente do Perú à Colômbia, é também subespontânea nos Açores e cultivada em Portugal Continental, onde ocorre, por vezes, fugida de cultura.

ULMACEAE

Celtis australis L. – Esta bonita e grande árvore ornamental, de folhagem caduca, foi introduzida há mais de um século na Madeira, dela dizendo MENEZES (1914) ser cultivada em jardins e praças do Funchal. GRABHAM (1934), além de referir que era “used as shade tree in the lowlands”, afirmou que se encontrava “quite naturalized” e também que a folhagem era “used as cattle food”. Espécie da Região Mediterrânica e do sudoeste asiático, encontra-se também fora do Funchal, como na Camacha, no Santo da Serra, em Santa Cruz e em Machico e, aqui e acolá, ocorre naturalizada nas proximidades das habitações e em incultos; propaga-se facilmente por semente. Chega a adquirir grande porte (até mais de 20 m de altura), a copa é arredondada e densa e o tronco é liso e acinzentado; as folhas são verde-escuras, ovado-lanceoladas, longamente acuminadas, geralmente de 10 a 15 cm de comprimento e 3-6 cm de largura, bastante ásperas na página superior e os frutos (drupas) são redondos, pequenos (cerca de 1 cm de diâmetro), comestíveis, com um pedúnculo longo, até 3,5 cm de comprimento. Esta espécie é conhecida, na Madeira, por sementeira e nos Açores, onde é cultivada, chamam-lhe agreira; em Portugal Continental, onde é espontânea, dão-lhe o nome vulgar de lódão-bastardo.

UMBELLIFERAE (APIACEAE)

Anthriscus caucalis M. Bieb. – Esta espécie herbácea, anual, de folhagem recortada, algo semelhante à da salsa, e frequentemente avermelhado-purpúrea na zona mais próxima do solo, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por HANSEN

(1970) que referiu ter sido por ele encontrada, no ano anterior, na vereda entre os picos do Areeiro e Ruivo; mais tarde, em 1984, foi colhida no pico Ferreiro, perto da Encumeada. Sendo planta provavelmente introduzida acidentalmente na Ilha, e há relativamente pouco tempo, podemos, no entanto, considerá-la naturalizada nos incultos das zonas montanhosas de maior altitude (acima dos 1200 m), embora com raridade. A propósito dessa introdução, HANSEN (1987) adianta que “its muricate and adhesive fruits are possibly transported to the Macaronesian Islands by birds or by tourists”. É espécie europeia e norte-africana, espontânea em Portugal Continental.

Apium leptophyllum (Pers.) F. Muell. ex Benth. – MENEZES (1926a) fez, na sequência de trabalhos por si desenvolvidos na Madeira, entre 1922 e 1924, a primeira referência a esta espécie e nos seguintes termos: “Esta umbelífera, oriunda das zonas tropicais e temperadas da América está naturalizada há alguns anos no Funchal, encontrando-se nas ruas e caminhos, nos lugares cultivados, etc.”. Hoje, aparece por toda a Madeira, especialmente nas zonas baixas da costa sul da Ilha e, também, em Porto Santo, ocorrendo nos locais já indicados e, também, em incultos, jardins e beiras de estradas, com relativa frequência. Tida actualmente como originária da América do Sul, esta erva anual, de folhagem delicada, muito dividida em segmentos filiformes, é, também, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Conium maculatum L. – Esta planta herbácea, anual ou bienal, que pode atingir mais de 2 m de altura, de caules verdes, com manchas acastanhado-purpúreas, é de introdução recente, provavelmente acidental ou involuntária, por se tratar de planta venenosa (cicuta), embora com certo interesse na medicina caseira do Continente e sem qualquer valia ornamental. Vimo-la, pela primeira vez, em 1988, num local inculto, na margem duma Estrada Regional, a leste do Funchal (Cancela), justamente no sítio onde foi colhido o primeiro espécime que foi remetido por FRANQUINHO, em 1984, para Copenhaga e então identificado por HANSEN (comunicação pessoal). Há pouco tempo (1999), vimos muitos exemplares nas encostas da Ribeira de João Gomes, na propriedade do Jardim Botânico, numa área recentemente ajardinada, para onde foi levada uma planta desta espécie e pareceu-me com tendência a naturalizar-se rapidamente, como já o está na outra localidade onde a encontrámos primeiramente e nos terrenos vizinhos do Parque Industrial. Nativa da Europa, do norte de África e da Ásia, é espécie espontânea em Portugal Continental (onde a conhecem pelos nomes de cicuta, cegude e ansarinha-malhada) e nos Açores.

Coriandrum sativum L. – Espécie aromática, anual, cultivada por toda a parte na Madeira e no Porto Santo (embora hoje em menor escala), vulgarizada com o nome de coentro, deve ter sido introduzida há muito tempo, sendo citada por LOWE (1864) como “established” e um pouco comum, confinada às zonas mais baixas. Aparece como

subespontânea e naturalizada em muitos terrenos cultivados e jardins, sobretudo nas proximidades das habitações. Oriunda da África Setentrional e da Ásia Ocidental, é tida como subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Petroselinum crispum (Mill.) A. W. Hill – Embora hoje se aceite que esta espécie condimentar, a vulgar salsa, tenha sido introduzida, também em tempos muito afastados, e se tenha tornado subespontânea e naturalizada na Madeira e no Porto Santo, LOWE (1864) considerou-a (sob a designação sinónima de *P. sativum* Hoffm.) como certamente ou provavelmente indígena e deu-a como comum nas duas Ilhas, vivendo em “rocks and cliffs in ravines or by the sea almost everywhere, Ribeira de Santa Luzia, etc. PS in the Serra de Fora, etc.”. A salsa continua a ser muito cultivada na Madeira e no Porto Santo e está também naturalizada em terrenos de cultura, incultos, aterros, paredes e outros locais da zona agrícola da Região. Originária da Europa Meridional e talvez da Ásia Ocidental, esta espécie bienal é também cultivada e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Da família das umbelíferas ou apiáceas, têm sido referidas outras espécies introduzidas e fugidas de cultura ou meramente casuais, muito raras, que ainda não se devem considerar naturalizadas nem nos parece que ofereçam o perigo de o virem a ser: *Anethum graveolens* L., referida como espontânea por MENEZES (1914), para o Porto Santo, tem sido cultivada nessa Ilha e na Madeira, embora em muito pequena escala (jardins, hortas e vasos) e como erva aromática (endro ou “dill” para os estrangeiros, que a apreciam muito mais que o funcho, aliás erva bastante semelhante), sendo espécie nativa do sudeste europeu e de Portugal Continental; *Anthriscus sylvestris* (L.) Hoffm., erva vivaz, de origem europeia e asiática, indígena em Portugal Continental (onde recebe o nome de erva-cicutária), referida por MENEZES (1914), como espontânea na Madeira (com base numa única colheita feita em São Roque, Funchal, por MANDON, nos meados da década de 60 do século XIX), mas que se desconhece se ainda existe na Ilha e se, na realidade, é espécie indígena ou se foi introduzida e pode ter ocorrido, apenas, como casual (como, aliás, sugere CANNON, 1994); e *Smyrniolum olusatrum* L., uma espécie perene, robusta, de flores amarelas, originária da Região Mediterrânica até ao Cáucaso e indígena em Portugal Continental (onde a conhecem por salsa-de-cavalo) e nos Açores, mas cuja actual existência na Madeira é duvidosa, tendo sido assinalada, por JOHNSON, em 1875 (conforme refere HANSEN, 1978), num local do Funchal, mas sem menção do seu estatuto de cultivo ou espontaneidade.

URTICACEAE

Soleirolia soleirolii (Req.) Dandy – Num seu trabalho sobre a ilha da Madeira, TAVARES (1965) dizia, sobre esta espécie e a que logo a seguir assinalamos, o seguinte:

“Entre as espécies cultivadas nesta ilha e que podem vir a naturalizar-se, se porventura não estiverem já naturalizadas, contam-se *Soleirolia soleirolii* e *Pilea microphylla* (= *P. muscosa*). A primeira multiplica-se vegetativamente com grande facilidade e a segunda propaga-se por meio de sementes, facilmente disseminadas por mecanismo conhecido”. No que se refere à espécie primeiramente mencionada, a sua naturalização foi confirmada por HANSEN (1968, 1970, 1978), tendo, neste último ano, constatado que, no Ribeiro Frio, *S. soleirolii*, existia “in great abundance and perfectly naturalized”. Esta pequena planta herbácea, decorativa, de caules frágeis, prostrados, avermelhados e pequenas folhas arredondadas, verdes e de flores insignificantes, é pouquíssimo cultivada nos dias de hoje e apenas em suspensões ou locais com escorrências ou muito húmidos, onde forma tapetes verdes, densos e muito interessantes. Todavia, a sua expansão, como planta subespontânea, continua a processar-se em muitos locais da média altitude (300-800 m) onde não faltam as escorrências ou água estagnada e persista a sombra, como, por exemplo, na própria *Laurisilva*. É espécie das ilhas do Mediterrâneo Ocidental.

Desta mesma família das urticáceas, a espécie já antes referenciada, *Pilea microphylla* (L.) Liebm., da América Tropical, conhecida vulgarmente por arrozinho e arrozinho-de-jardim, é uma pequena planta semi-suculenta, de folhagem miúda, muito interessante e compacta, bastante utilizada, desde há muito tempo, sobretudo como bordadura e maciços em canteiros, nos locais mais quentes da Madeira, multiplicando-se facilmente por estaca; nunca a observámos como naturalizada na Ilha, apesar de surgir, aqui e acolá, muito raramente, como fuga de cultura.

VALERIANACEAE

Centranthus ruber (L.) DC. subsp. *ruber* – Desta planta, introduzida na Madeira, já LOWE (1868) dizia ser comum, até mais ou menos 700 m de altitude, e naturalizada. Trata-se de uma planta mediterrânica, perene, glabra e ramosa com interesse decorativo, devido à folhagem glauca ou verde-azulada, densa, e às numerosas e pequenas flores avermelhadas, rosadas ou brancas, reunidas em inflorescências compactas e quase sempre longas, terminais, que aparecem durante todo o ano. Hoje, pouco frequente em cultura, ocorre perfeitamente naturalizada por toda a Madeira, em incultos, encostas pedregosas e afloramentos rochosos, margens de caminhos e estradas, aterros, terras cultivadas e, sobretudo, em paredes de suporte de terras, principalmente na costa sul e, também, no Porto Santo, onde é muito recente e rara. Esta espécie de valeriana, originária da Região Mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida pelo nome vulgar de alfinetes, e subespontânea nos Açores, onde lhe dão o nome de buliana.

VERBENACEAE

Duranta erecta L. – Este grande arbusto, sempre-verde, espinhoso mas muito decorativo, foi já assinalado, para a Madeira, por MENEZES (1894), sob o binome *D. plumieri* Jacq., com a referência de ser planta rara e naturalizada “em bardos no sítio do Trapiche, em Santo António”. É espécie, hoje, muito cultivada, quer a forma típica, quer a de folhas variegadas, em parques e jardins, por toda a Ilha, sendo rara em Porto Santo. Ocorre, não frequentemente, como planta subespontânea, nas proximidades dos jardins e, sobretudo, em locais húmidos, das médias altitudes, como no Monte e na Quinta do Palheiro Ferreiro. Tem floração pequena e delicada, muito abundante, lilacénea a violácea, em cachos medianos a grandes, até mais de 15 cm, a que se seguem inúmeros e pequenos frutos arredondados, amarelos, quando maduros, também muito decorativos; as sementes germinam com facilidade. É espécie originária da América Tropical (SE. da América do Norte ao norte do Brasil).

Lantana camara L. – Introduzida há muitos anos na Madeira, para cultura em jardins e parques, pelo seu valor ornamental, a lantana foi assinalada por MENEZES (1894), como espécie comum, já naturalizada “nas vizinhanças dos jardins e em muitos lugares incultos no Funchal e arredores”. Ainda hoje, é cultivada na Madeira, utilizando-se sobretudo diferentes cultivares mas a espécie-tipo é, porventura, menos vulgar na Ilha, continuando a ser mais frequente na área do Funchal, nas zonas abaixo dos 500 m de altitude e sempre com o estatuto de perfeitamente naturalizada. É um bonito arbusto, geralmente com menos de 2 m de altura, de ramos geralmente espinhosos, folhagem rugosa e floração amarelada e avermelhada; é, também, muito rústico e resistente às condições adversas do meio (sobretudo à secura). A espécie *L. camara* é originária da América Tropical e Temperada Quente e é, também, subespontânea nos Açores, onde é conhecida pelo nome de cambará; em Portugal Continental, é apenas conhecida como planta cultivada.

Verbena bonariensis L. – Esta espécie é conhecida, entre o povo, pelos nomes de urgebão e, também, de jarvão e tem interesse na medicina caseira, sobretudo, pelas suas propriedades adstringentes, antiespasmódicas, anti-reumáticas, cicatrizantes, diuréticas e tónicas; talvez, tenha sido esse uso, a razão da sua introdução na Madeira, na segunda metade do século XIX. MENEZES (1894, 1914) cita esta planta como naturalizada nos arredores do Funchal mas, incorrectamente, segundo TURLAND (1994), sob *Verbena littoralis* Kunth. Ocorre por toda a costa sul da Madeira, sobretudo na área da cidade-capital e, também, na Calheta mas é relativamente rara; parece preferir os locais quentes, principalmente incultos, margens de caminhos, terras pedregosas e abandonadas, logradouros das habitações, encostas rochosas, etc. O urgebão é uma erva robusta e alta (até 2 m), de folhas estreitas e longas, de margens serradas, rugosas e

ásperas e de flores muito pequenas, quase sempre lilacíneas a azul-purpúreas, em inflorescências de espigas densas. É espécie sul-americana, também subespontânea, em Portugal Continental (onde é conhecida por verbena) e nos Açores.

Verbena rigida Spreng. – Provavelmente introduzida como planta decorativa, rústica, de fácil adaptação às zonas mais baixas da Madeira, esta espécie já não é cultivada mas tornou-se naturalizada com relativa facilidade e mais ou menos comum em incultos e margens de caminhos e estradas e, também, nos limites das terras de cultura e junto de levadas. Ocorre no Funchal e seus arredores e outros locais das costas sul e norte da Ilha, até cerca de 500 m de altitude. Tal como a espécie anterior, esta é também herbácea e perene, áspera mas menos robusta e de flores um pouco maiores e azul-purpúreas ou vermelho-violáceas. Embora com outra denominação (*V. bonariensis*), MENEZES (1894, 1914) também assinalou esta espécie como naturalizada na Ilha. Originária do sul do Brasil e da Argentina, esta verbena-rija, a que também chamam jarvão e urgebão, é subespontânea nos Açores.

VIOLACEAE

Viola arvensis Murray – Esta pequena planta herbácea, anual, ramosa, mais ou menos glabra, pouco comum, com certa graciosidade e interesse ornamental, de flores amarelo-esbranquiçadas, raras vezes com tons azulados, semelhantes às dos amores-perfeitos de jardim, mas de reduzidas dimensões (entre 1 e 2 cm), não é cultivada mas encontra-se perfeitamente naturalizada na Madeira, sobretudo em terrenos cultivados (pomares, hortas, vinhas) ou abandonados, incultos, margens de caminhos, das médias altitudes (300-700 m). Aparece nos arredores do Funchal, na Camacha, no Santo da Serra, no Estreito de Câmara de Lobos, em Santana, S. Jorge, etc. Assinalada por LOWE (1857) e MENEZES (1914) como uma subespécie (*arvensis*) da *Viola tricolor* L. (o que não foi uma identificação correcta), foi então já considerada como planta introduzida na Ilha e perfeitamente naturalizada no Funchal (Monte, Alegria), embora não muito frequente. Esta espécie europeia, é espontânea em Portugal Continental, onde é conhecida pelo nome de amor-perfeito-bravo.

Viola x wittrockiana Gams – Sob este binome são designados os vulgaríssimos amores-perfeitos, planta de jardim há muito tempo cultivada na Madeira e a que MENEZES (1914) se refere como *V. x hortensis*. Com frequência aparece nos jardins e suas proximidades como fugida de cultura, mas ocorre, também, perfeitamente naturalizada em terrenos incultos ou abandonados pela agricultura e nas margens de terrenos agrícolas, sobretudo os híbridos de cultivo mais antigo, de flores medianas (20-35 mm) com pétalas azul-violáceas, brancas e amarelas, que se podem observar nas zonas de média altitude e húmidas, como no Monte, na Camacha e no Santo da

Serra. As novas cultivares, de flores grandes, por vezes até mais de 8 cm de envergadura, duma só cor (branco, amarelo, azul, violeta, púrpura-anegrado, vermelho-púrpura, castanho-escuro), em diferentes tons, ou com várias cores, não ocorrem subespontaneamente com todas as suas características morfológicas, mas podem regredir e vir a originar plantas que se aproximam das antes descritas. Planta de origem híbrida, é muito cultivada em Portugal Continental e nos Açores, podendo aí ocorrer como escapada dos jardins.

Da família VITACEAE, algumas espécies do género *Vitis* (videira), muito cultivadas na Madeira e no Porto Santo (a vinha é a cultura agrícola de maior tradição e importância na economia madeirense, desde o povoamento das Ilhas aos nossos dias, ocupando uma superfície territorial superior a 2000 hectares e tendo originado um produto industrial – o vinho da Madeira – que maior fama e projecção tem dado à Região), surgem ocasionalmente como fugidas de cultura, em terras húmidas, agricultadas ou mobilizadas, nas zonas baixas e médias, quer a vinha europeia, *Vitis vinifera* L. (através dalgumas das suas cultivares), que existe no Arquipélago desde os primórdios do povoamento (segundo quartel do século XV), quer a vinha-americana ou ‘**Isabella**’, *Vitis labrusca* L., introduzida na Madeira em meados do século XIX, quando do ataque do oídio ou mangra que tantos prejuízos causou nas vinhas, quer as outras videiras americanas e seus híbridos, importados depois dos ataques da temível filoxera (1872), para porta-enxertos ou cavalos da espécie europeia, onde se salientaram a *Vitis riparia* Michx. (conhecida por vinha-de-silvado ou por ripária), e a *Vitis rupestris* Scheele (vulgarizada com o nome de vinha-de-folha-de-damasco), quer ainda os chamados híbridos produtores directos mais comuns, também introduzidos depois de 1872, principalmente o Jaqué ou ‘**Jacquez**’ (talvez um híbrido *Vitis vinifera* x *aestivalis* ou *V. vinifera* x *cinerea* x *aestivalis*) que é, de todos, o de mais fácil propagação por semente mas, de qualquer forma, nunca se naturalizaram ou mostraram tendência para isso.

SPERMATOPHYTA***ANGIOSPERMAE******MONOCOTYLEDONES******AGAVACEAE***

Agave americana L. – Conhecida por pita ou piteira e, também, por babosa e agave, esta planta vivaz, muito robusta e resistente, de grandes e suculentas folhas coriáceas, às vezes com mais de 2 m de comprimento e um palmo ou mais de largura, dispostas em roseta, de coloração glauca ou verde-acinzentada, com as margens espinhosas e um forte espinho negro, terminal, e de flores amarelo-esverdeadas, erectas, em grupos densos, dispostos em hastes (escapos) longas, até mais de 9 m, ramosas, deve ter sido introduzida na Madeira na primeira metade do século XIX, para cultura em parques e jardins rochosos, e, também, como planta têxtil. MENEZES (1894) dizia tratar-se de espécie comum, naturalizada em “sebes, rochas e beiras das estradas nas proximidades do Funchal”; e acrescentava “os madeirenses fabricam cordas com os fios, bastante rijos, extrahidos das folhas d’esta planta” - o que, hoje, já não acontece. Actualmente, além de pouco cultivada, a piteira abunda subespontaneamente na Madeira e, também, no Porto Santo (Fonte da Areia, Serra de Fora, Ponta, Morenos, etc.), Ilha onde só foi assinalada como naturalizada por VIEIRA (1974), multiplicando-se facilmente, sobretudo, pelos muitos rebentos que produz e por alguns bolbilhos que surgem nas hastes florais; ocorre vulgarmente nas zonas mais quentes e secas do litoral sul das duas ilhas, principalmente em escarpas e incultos rochosos. Originária do México, esta espécie está, também, naturalizada em Portugal Continental e nos Açores. Desta espécie, a cultivar ‘**Marginata**’, de folhas com as margens de um bonito amarelo, é muito cultivada na Madeira e no Porto Santo, ocorrendo também como naturalizada em vários locais, sobretudo no Funchal e na Serra de Fora.

Agave atrovirens Salm-Dyck – Planta vivaz, muito robusta, parecida com a anterior, de folhas também muito grandes, carnudo-fibrosas mas mais largas e mais espessas, verde-escuras, pronunciadamente côncavas e com um espinho terminal negro, mais comprido (quase sempre 4-6 cm, às vezes mais). Bastante mais rara, encontra-se algo naturalizada mas em poucos locais da costa sul da Madeira, sobretudo em escarpas rochosas no Funchal (como nas vertentes da Ribeira de João Gomes, na área do Jardim Botânico). É também cultivada em jardins madeirenses e do Porto Santo, tendo sido assinalada por GRABHAM (1934), pela primeira vez, para a Madeira. Tem-se expandido graças aos muitos bolbilhos que se formam nas inflorescências e que, caindo no solo,

rapidamente enraizam. Esta agave é, também, nativa do México e é cultivada (pouco) e subespontânea em Portugal Continental.

Agave attenuata Salm-Dyck – Planta ornamental, muito valiosa, bastante menor e menos robusta do que as espécies congéneres anteriores mas provida de um caule, por vezes, longo e de folhas também suculentas mas menores, glaucas e não espinhosas e com flores verde-amareladas, dispostas numa inflorescência cilíndrica, densa, recurvada, em forma de pescoço de cisne ou tromba de elefante, como dizem os madeirenses. Assinalada também por GRABHAM (1934, 1942), é espécie muito cultivada em logradouros, jardins, parques, margens de estradas, etc. e aparece subespontaneamente, aqui e acolá, na costa sul da Madeira, em taludes e em costas rochosas, reproduzindo-se com facilidade, sobretudo, pelos rebentos dos caules e pelos bolbilhos que surgem nas inflorescências; é, também, cultivada (mas não naturalizada) em Porto Santo. Esta agave é originária do México e cultivada em Portugal Continental.

Furcraea foetida (L.) Haw. – Assemelhando-se, no seu todo, a uma agave, sobretudo à piteira, esta furcreia é, também, planta robusta, de grandes folhas (até mais de 2 m), verde-claras, mais ou menos erectas, de margem provida de espinhos, terminando num pequeno mucrão como um curto espinho, e com flores medianas, branco-esverdeadas, pendentes, dispostas, também, em longas, direitas e relativamente delgadas hastes ou inflorescências (que juntamente com o pedúnculo podem ultrapassar os 10 m e têm um diâmetro até 10 cm), as quais surgem, geralmente, de meados do Outono a princípios do Inverno. Deve ser de introdução relativamente recente na Madeira e GRABHAM (1934, 1942) refere-a, sob o binome *F. gigantea* Vent., como existindo nalguns jardins do Funchal. É espécie perfeitamente naturalizada em certas quintas e locais da costa sul madeirense, até cerca de 300 m de altitude, com realce para um núcleo vasto nas falésias rochosas sobranceiras à Avenida Sá Carneiro, que dá acesso à Pontinha e outro, em S. Gonçalo, acima da Igreja e junto à falésia. A furcreia é planta da América Tropical, que se propaga fundamentalmente pelos bolbilhos que se formam nas inflorescências; ocorre, também, em Portugal Continental, com raridade, como naturalizada.

AMARYLLIDACEAE

Alstroemeria pulchella L. fil. – Esta planta herbácea, rústica, vivaz (perde as folhas na época outono-invernal), de raízes tuberosas, cultivada em tempos como planta de jardim mas hoje não, tendo sido substituída por outras espécies e híbridos congéneres, mais decorativos e interessantes, tornou-se subespontânea e perfeitamente naturalizada na Madeira, em muitos locais um pouco sombrios, especialmente em quintas e parques no Funchal e seus arredores, em incultos, beiras de passeios, calçadas e muros de suporte

de terras, sobretudo abaixo dos 400 m de altitude; reproduz-se facilmente por semente e por divisão das raízes. Em 1934, GRABHAM afirmava tratar-se já de espécie “semi-naturalized in valleys behind Funchal”. Oriunda da América do Sul, esta alestreméria possui flores curiosas, medianas, como que afuniladas, vermelho-escuras, manchadas de verde e castanho, em inflorescências (umbelas) no cimo de hastes (escapos) longas, quase sempre com mais de meio metro; hastes que são, por vezes, aproveitadas em decorações várias.

Amaryllis belladonna L. – Introduzida e cultivada na Madeira há muito tempo, esta planta herbácea, vivaz e bolbosa, conhecida vulgarmente por belas-donas (ou, também, beladona que, em Portugal Continental, é nome de planta venenosa), despedidas-de-verão e açucena-da-serra, era referida por MENEZES (1894) como comum e naturalizada em muitos locais da Ilha. Mas JANE W. PENFOLD (e também AUGUSTA ROBLEY), uma verdadeira amante da Madeira, já, em 1845, escrevia sobre esta “very splendid flower” (que reproduziu num magnífico desenho), afirmando “about the month of October the Bella donna Lilies present a most lovely appearance, completing the hills and valleys with their bright blossoms, which, contrasting with the deep blue sky and verdant forests of Spanish chestnuts-trees, forms a scene of surpassing beauty”. Hoje, é pouco ou nada cultivada mas encontra-se, com extraordinária frequência, dos 300 aos 900 m de altitude, em matas, incultos, encostas rochosas, sobretudo em locais abertos e pinhais, tanto da costa sul como da costa norte madeirense. Mas ocorre, também, raramente, na *Laurisilva*. As grandes e muito perfumadas flores branco-rosadas, em hastes robustas, purpúreas, são muito comercializadas, em especial no Funchal. Esta planta multiplica-se, sobretudo, vegetativamente, pelos bolbos e, também, por semente. Perde as folhas no Verão e floresce no Outono (princípios). Espécie sul-africana, é cultivada e subespontânea em Portugal Continental, onde a distinguem com o nome de beladona-bastarda, e nos Açores, onde também lhe chamam bordões-de-são-josé. Cientificamente, tem o sinónimo de *Brunsvigia rosea* (Lam.) Hannibal.

Crinum bulbispermum (Burm.) Milne-Redh. & Schweick. – Os crinos ou, também, açucenas, são plantas herbáceas, vivazes, bolbosas, rústicas e robustas, bastante decorativas, pela farta folhagem e abundante e atraente floração; foram introduzidos na Madeira talvez nos fins do século XIX ou nos princípios do século XX, tendo vindo a ser cultivados em muitos parques e jardins, em canteiros e, às vezes, em grandes maciços, quase sempre em lugares frescos e de meia-sombra. GRABHAM (1926, 1934, 1942) refere-se a várias espécies do género *Crinum* presentes na Ilha, onde seguramente o *C. bulbispermum*, que parece ser a única espécie que ocorre fugida de cultura e, também, perfeitamente naturalizada, em vários sítios incultos ou ajardinados, de preferência próximos de cursos de água, escorrências ou levadas, geralmente entre

300 e 700 m de altitude, sobretudo em toda a costa sudeste madeirense, como na Ribeira de Machico mas também nalguns pontos da costa sudoeste e em muitas quintas dos arredores do Funchal (Monte) e da Camacha. Características fundamentais desta planta sul-africana são os enormes bolbos (até 10 cm de diâmetro), as longas folhas verdes (às vezes, com mais de 80 cm de comprimento e até 10 cm de largura), que secam no Outono e as flores, que surgem na Primavera, também grandes e afuniladas, semelhantes às das belas-donas mas de tubo maior e recurvado, quase sempre brancas ou levemente rosadas e dispostas também (até 10) em inflorescência (umbela) no cimo de uma haste (escapo) robusta e longa (mais ou menos do comprimento das folhas). Reproduz-se principalmente por via vegetativa (bolbos). (Não se exclui a possibilidade, que julgamos remota, de outros crinos, semelhantes a esta espécie, se encontrarem já naturalizados, pois, nem sempre foi possível observar cuidadosamente grupos destas plantas em locais de difícil acesso).

Narcissus jonquilla L. – Conhecida vulgarmente por junquilha (nome também atribuído a outras espécies de *Narcissus*), esta planta herbácea, bolbosa, é muito frequente nos jardins madeirenses, principalmente acima dos 300 m de altitude, sendo as suas flores aromáticas muito procuradas, sobretudo na época de Natal, para servirem na decoração das casas, sejam humildes, sejam as mais ricas. Já GRABHAM (1926) dizia: “the jonquil, with its matchless perfume, commences in November, and is brought from the hills in copious bundles”. Mas, a espécie deve ter sido introduzida muito antes dessa data e, hoje, está naturalizada por toda a Ilha, sobretudo nos locais mais frescos e húmidos, como no Monte, na Camacha e no Santo da Serra. Também GRABHAM (1942) afirmava que o junquilha “has run wild in some localities”. Para além da espécie típica, de pequenas flores uniformemente amarelas mas singelas, dispostas, geralmente, em inflorescências de 2-5 flores, há também formas de flores dobradas, igualmente ocorrendo como subespontâneas. As folhas desta espécie, lineares, semi-roliças e compridas (até meio metro), quase sempre um pouco mais longas do que a haste florífera (escapo), secam durante o Verão, renascendo no Outono. O junquilha é planta ibérica e subespontânea nos Açores.

Narcissus x medioluteus Mill. – COSTA (1927) foi quem, primeiramente, assinalou esta espécie na Madeira, sob o binome *N. biflorus* Curt., afirmando que “este narciso não é conhecido nos jardins da Madeira mas, por qualquer modo, está naturalizado no Lombo da Eira, Porto Moniz, na vertente na Rib. da Janela”. Hoje, esta planta herbácea e bolbosa, também conhecida por junquilha e, tal como a espécie anterior, de flores muito perfumadas mas brancas, com a coroa amarela e folhas glaucas, achatadas, mais largas, é bastante cultivada no Monte, Palheiro Ferreiro, Camacha, Santana e no Santo da Serra, ocorrendo fugida de cultura e, também, naturalizada nessas freguesias, nas proximidades dos jardins e em arrelvados. As hastes florais, que são tão

abundantes como as do outro junquilha, antes referido, são também procuradas pelos madeirenses, principalmente no Natal. É espécie provavelmente originária do sul de França.

Narcissus pseudonarcissus L. – Esta espécie, igualmente herbácea e bolbosa, é o narciso comum, introduzida provavelmente há muitos anos na Madeira e, desde então, bastante cultivada em jardins da média altitude, até acima dos 800 m de altitude, mais frequentemente na Camacha e no Santo da Serra mas também, nas Queimadas, ou como diz GRABHAM (1926) “in every mountain garden in wild overflow”. Está perfeitamente naturalizada na Ilha, aqui e acolá, em arrelvados, matas, incultos e terras ajardinadas, em sítios húmidos e frescos. HANSEN (1974) observou-a em pastagens e margens de caminhos, no Santo da Serra, escapada da cultura. Espécie da Europa Ocidental, tem flores amarelas, muito maiores do que as congéneres anteriores, com a coroa muito saliente, razão por que lhe chamam, também, narciso-trombeta. É indígena em Portugal Continental. Têm sido introduzidas e cultivadas muitas formas desta espécie, algumas de flores dobradas e outras com a coroa de cor diferente dos restantes segmentos florais, mas não observámos ainda a respectiva subespontaneidade.

Nerine sarniensis (L.) Herb. – Espécie herbácea e bolbosa, muito decorativa e flor de corte bastante interessante, não só no mercado interno mas também para exportação, a nerine (ou raquelínea) é cultivada há algum tempo na Madeira, tendo sido, provavelmente, introduzida nos começos do século XX. É, sobretudo, na Camacha, que mais se vê esta planta, em grandes grupos, quer em canteiros de jardim, quer até em barrancos, onde os bolbos crescem muito juntos, por vezes, uns sobre os outros. GRABHAM que, em 1934, afirmava esta ser “one of the most elegant plants seen in Madeira”, acrescentava, em 1942, tratar-se de “very popular plant quite naturalized in some places above 2000 ft.”. Na realidade, é nesses locais mais frescos e, nomeadamente, naquela freguesia, que a nerine se encontra perfeitamente naturalizada e, mesmo, nessa situação, produz abundante floração, sempre nos fins do Verão a começos do Outono. Planta sul-africana, as suas flores medianas, graciosas, rosa-escuras a vermelhas, dispostas em umbelas no cimo duma haste ou pedúnculo (escapo) longo, de comprimento semelhante ao das folhas (à volta de 30 cm), como que pequenas raquéis, são muito apreciadas nos meios rurais e nos urbanos. As nerines são também cultivadas e subespontâneas nos Açores.

De entre as amarilidáceas, há algumas espécies que têm sido cultivadas em jardins e ocorrido como fugidas de cultura: *Narcissus x odorus* L., um bonito narciso de flores amarelas, de origem híbrida, assinalado por PRESS (1994), também como “cultivated and may be naturalized in places”, pouco aproveitado pelos madeirenses e que já vimos fora dos jardins, no Santo da Serra, em incultos; e *Narcissus tazetta* L.,

um outro narciso, de flores fétidas mas vistosas, geralmente brancas ou amareladas com a coroa amarela a alaranjada, não muito cultivado e raramente ocasional, fora dos locais de cultivo, nos arredores do Funchal e na Camacha, e que é espécie da Região Mediterrânica e Transcaucásia, também subespontânea nos Açores, que agora assinalamos, pela primeira vez, para a Madeira.

ARACEAE

Arisarum vulgare Targ.-Tozz. – Esta pequena, por vezes, pequeníssima, planta herbácea e vivaz, provida de rizomas e tubérculos e de flores semelhantes às de um muito pequeno jarro mas com um pecíolo muito comprido, temo-la por introduzida recentemente na Madeira mas já está perfeitamente naturalizada na Ilha. Vimo-la, pela primeira vez, em Dezembro de 1978, na Quinta do Palheiro Ferreiro, por entre as pedras de calçadas e beiras de caminhos, com muita abundância. HANSEN (1987) refere que esta espécie foi encontrada por L. FRANQUINHO, em 1970, num curso de água perto do Funchal “growing in profusion”. Ocorre em poucos locais frescos e húmidos das médias altitudes da Madeira, perdendo no Verão as respectivas partes aéreas. As suas características morfológicas mais salientes e interessantes são as flores reunidas numa curta inflorescência (espádice) que é protegida por uma espata esverdeada ou castanho-purpúrea, curvada na extremidade, em capuz, e que se assemelha a um minúsculo e esquisito bigalhó ou jarro. É espécie mediterrânica, espontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde é conhecida por candeias e capuz-de-frade ou capuz-de-fradinho.

Colocasia esculenta (L.) Schott – Esta robusta e bonita planta herbácea, de larga folhagem, é o conhecido inhame, que produz as grandes e grossas raízes com o mesmo nome, que são bastante consumidas pelas famílias madeirenses. Parece que esta espécie alimentícia foi introduzida na Madeira em meados do século XVII (provavelmente 1640, na opinião de MENEZES), tendo vindo a ser cultivada vulgarmente em terrenos encharcados ou que possam ser abundantemente irrigados. As grandes folhas (às vezes com perto de 1 m de comprimento do limbo e pouco menos de largura) têm muito valor ornamental e, por isso, a planta é, também, utilizada em jardins. O inhame tem, igualmente, interesse forrageiro. Encontra-se naturalizado, tanto na costa sul como na costa norte da Madeira mas, sobretudo, nesta, em encostas rochosas com escorrências, nascentes ou abundância de águas, em leitos de ribeiras ou terrenos húmidos, praticamente desde o nível do mar até mais de 600 m de altitude. Talvez originário da Índia, o inhame, igualmente referido sob o binome *C. antiquorum* Schott, é, também, subespontâneo em Portugal Continental e cultivado e subespontâneo nos Açores.

Zantedeschia aethiopica (L.) Spreng. – O jarro, como vulgarmente chamam a esta espécie, é planta ornamental, também muito apreciada pelos madeirenses; algumas

vezes, atribuem-lhe os nomes de boca-de-jarro, copos-de-leite, bigalhó e até calas, como dizem os ingleses. Os binomes científicos, sinónimos, *Richardia aethiopica* (L.) Spreng. e *R. africana* Kunth, foram-lhe também atribuídos no passado. PENFOLD (1845) ao referir o jarro no seu belo álbum, disse “we find this plant thriving freely in many places, especially at the “Mount”, in the garden of Webster Gordon, Esq., and also at the Alegria, belonging to Mrs. Penfold”. MENEZES (1894) assinalou esta espécie herbácea e vivaz, na Madeira, como introduzida e naturalizada e já muito comum. “Seen in all the moist ravines”, como dizia GRABHAM (1942), ainda hoje é bastante cultivada em jardins e parques, por toda a Ilha, demonstrando a sua rusticidade mas preferindo os locais sombrios e húmidos das médias altitudes (200-700 m) e podendo, até, vegetar bem fora delas, desde que em sítios abrigados e de solos profundos, com possibilidades de farta irrigação. As folhas, de um bonito verde-escuro e grandes, caracteristicamente sagitadas, são muito decorativas, mas são as flores, ou melhor, as grandes espatas brancas, em forma de funil, que as envolvem e protegem, as mais procuradas, sendo objecto de larga comercialização, sobretudo, no mercado local, havendo, todavia, alguma exportação das flores mais precoces, produzidas no Inverno. A planta encontra-se naturalizada por toda a Madeira, sobretudo na costa norte mas também na costa sul, em terras mobilizadas húmidas ou no leito e margens dos cursos de água ou em sítios encharcados, até acima do limite superior da área agrícola. O jarro é planta sul-africana que se multiplica facilmente por semente e por porções do rizoma. Por vezes, usam-se, nos jardins ou em vasos, cultivares ou variedades desta espécie, embora com raridade. A cultivar ‘**Green Goddess**’, muito robusta e de grandes espatas brancas, com manchas verdes na margem, é das mais difundidas na Madeira e encontra-se, também, naturalizada. O jarro é cultivado em Portugal Continental e nos Açores, onde ocorre fugido de cultura, sendo aí, também, conhecido por serpentina-brava.

CANNACEAE

Canna indica L. – Conhecida, na Madeira, por conteira e, também, por cana-da-índia e bananeira-de-flor, esta já antiga planta de jardim, bastante decorativa, foi introduzida há muitos anos, tendo MENEZES (1894) assinalado a sua presença como comum e naturalizada nas “proximidades de jardins”. Também, o mesmo autor afirmou, em 1926, que esta espécie se encontrava “subespontânea no sítio dos Lamaceiros, do Porto do Moniz e no leito da Ribeira da Janela, onde foi assinalada pelo Rev. José G. da Costa”; e acrescentou que era conhecida, no Porto do Moniz, por baga-de-restolho. Apesar de ter vindo a ser substituída por diversas cultivares e por híbridos provenientes de cruzamentos com outras espécies congéneres, por estes possuírem flores bem maiores, de cores variadas e mais atraentes e folhagens muito vistosas, *C. indica* ainda é cultivada no Funchal e, sobretudo, nos meios rurais, embora com alguma

raridade. A conteira é planta herbácea, perene, elegante, alta, de grandes folhas e flores medianas a grandes, vermelhas ou alaranjadas e amarelas, em inflorescências longas e frutos (cápsulas) verrugosos, contendo sementes esféricas, pretas, de que as crianças fazem uso nas suas brincadeiras e que são utilizadas nas conhecidas bonecas de massa, onde simulam os olhos. Esta planta, como subespontânea, continua a ocorrer, actualmente, aqui e acolá, em terrenos húmidos ou irrigados, junto a levadas, mas também, em incultos, aterros, entulhos, terrenos agrícolas ou ajardinados, parques, geralmente nas zonas quentes da Ilha, abaixo dos 500 m de altitude; propaga-se facilmente por semente e, também, por porções dos rizomas. Espécie originária da América Tropical, é cultivada e escapada de cultura em Portugal Continental e nos Açores.

COMMELINACEAE

Commelina benghalensis L. – Esta erva anual, hoje pouco cultivada nos jardins madeirenses mas com certo interesse ornamental, deve ter sido introduzida na Ilha não há muito tempo, tendo sido assinalada, pela primeira vez, por HANSEN (1969a) depois de ter sido encontrada no Funchal, no ano anterior. Tornou-se subespontânea, embora pouco comum, em muitas quintas e nalguns locais húmidos e em paredes de suporte de terras, nas proximidades de jardins e em terrenos cultivados no Funchal e nos seus arredores (Monte, Santo António, S. Martinho, Alegria, Bom Sucesso), abaixo de 500 m de altitude. Planta um pouco suculenta, prostrada ou erecta, de folhas um pouco pubescentes, medianas e de flores azuis e pouco duradouras, é originária da África e da Ásia Tropical.

Commelina diffusa Burm. fil. – É erva anual ou perene, prostrada, enraizando facilmente nos nós dos caules, de folhas mais ou menos glabras, um pouco mais pequenas do que as da espécie anterior e de flores brancas e azuis, que foi introduzida há muito tempo na Madeira, provavelmente como espécie ornamental, de jardim. MENEZES (1894), sob o binome *Commellina agraria* Kunth, já assinalara esta espécie como naturalizada e “muito comum nos leitos das ribeiras, proximidades das levadas e outros logares húmidos da Madeira”. Também há muito que não é cultivada mas continua a mostrar-se perfeitamente naturalizada em toda a Ilha, até na área agrícola, sobretudo nas baixas altitudes e onde a irrigação se pratica mais intensamente. Conhecida vulgarmente por erva-menina, esta espécie é originária das zonas tropicais.

Tinantia erecta (Jacq.) Schlecht. – Esta planta herbácea, anual, erecta, referida por CANNON (1994) como “cultivated in gardens, sometimes escaping and becoming naturalized in the Funchal region”; foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1894), sob o binome *Tinantia fallax* Mnzs., como muito rara e vivendo

“nos logares cultivados no Monte e caminho de Santa Luzia”. O mesmo autor madeirense, em 1914, utilizou outra denominação, *T. fugax* Scheidw. var. *erecta* (Drum.) Clarke, dizendo tratar-se de planta introduzida, rara. Actualmente, esta planta não é mais cultivada mas continua a aparecer naturalizada em jardins e nas suas proximidades, na área do Funchal e arredores, sempre com pouca frequência. Esta espécie, de flores azuis ou azul-purpúreas, em inflorescências peludas, é originária da América Central e Meridional e ocorre, subespontaneamente, nos Açores.

Tradescantia fluminensis Vell. – HANSEN (1974) assinalou, pela primeira vez, para a Madeira, esta planta herbácea e perene que havia sido encontrada em jardins, no Monte, em 1969 e, posteriormente, noutros locais do Funchal e, também, no Caniço e em S. Vicente. Hoje, está perfeitamente naturalizada, praticamente por toda a Ilha, em locais húmidos e terras de cultura, desde leitos e margens de ribeiros e córregos, a jardins, bananais, vinhas e hortas. Também continua a ser bastante cultivada, até em vasos e suspensões, através de alguns híbridos e de diversas variedades. Caracteristicamente prostrada, enraizando com facilidade, de folhas medianas (até cerca de 5 cm de comprimento e 2 cm de largura), ovadas e assimétricas, quase sempre verdes, pelo menos, na página superior e de flores brancas, esta espécie tem tendência a se espalhar em toda a área agrícola da Ilha e até nas zonas florestais, mais ou menos sombrias, onde haja bastante água ou humidade. Chamam-lhe, por vezes, erva-da-fortuna e é originária da América do Norte e do Sul; é, também, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Tradescantia pallida (Rose) D. Hunt. – Introduzida há relativamente pouco tempo na Madeira, talvez já na década de 60, esta planta decorativa, até para interiores, tem vindo a ser cultivada em vasos e suspensões ou em plena terra, quer em bordaduras ou maciços, quer cobrindo muros ou rochas, preferentemente em lugares húmidos, sombrios ou de meia-sombra. Trata-se de espécie herbácea, um pouco suculenta, perene, prostrada mas com ramos um pouco levantados, de caules e folhas vermelho-arroxeados (sendo as folhas mais ou menos lanceoladas, até cerca de 15 x 4 cm) e flores rosadas, medianas (até 3 cm de diâmetro), nascidas sobretudo no Verão. Encontra-se subespontânea e naturalizada, raramente, aqui e acolá, nas proximidades de habitações, em terras cultivadas, zonas rochosas e incultos, junto a cursos de água ou escorrências, nas zonas baixas do Funchal (rochas da Pena, Clube Naval, etc.) e do Caniço mas a sua área de expansão está a aumentar, pois, a planta propaga-se por semente e, sobretudo, por porções dos caules, ou estacas, que enraizam facilmente. Espécie mexicana ou da América do Norte é, também, cientificamente denominada *Setcreasea purpurea* B. K. Boom e *Setcreasea pallida* Rose e, até hoje, não tinha sido citada para a flora da Madeira, provavelmente por ser planta um pouco recente na Ilha e ocorrer, com raridade, como subespontânea.

Tradescantia virginiana L. – Esta planta herbácea, perene, aparentemente muito diferente das espécies congéneres, foi citada, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1934), que então já afirmou: “several varieties of *T. virginiana* have been introduced and grow freely in gardens, and are likely to become spontaneous”. Trata-se de espécie mais ou menos erecta, glabra, provida de folhas muito compridas, lanceoladas, até mais de 30 cm, dispostas em roseta e com flores, em geral, azul-violetas, que podem atingir até 4 cm de diâmetro. Em 1942, o mesmo autor acrescentava “seen in some gardens, also in moist ravines”. Ainda hoje muito utilizada, através dalguns híbridos e cultivares, esta tradescância prefere os sítios húmidos, sombrios ou à meia sombra, onde abunde água, sobretudo corrente, como nalguns fontanários das velhas quintas madeirenses e em grutas decorativas, tornando-se aí, não raras vezes, naturalizada. É no Funchal que a podemos encontrar com maior abundância (até em vasos ou canteiros) mas ocorre, também, noutros locais, como o Caniço, Santa Cruz e Machico. Nos sítios onde a planta é cultivada ou cresce naturalizada, bem exposta ao sol, as folhas adquirem uma coloração um pouco avermelhada. A espécie típica é oriunda da América do Norte.

Tradescantia zebrina Hort. ex Bosse Vollst. – Ainda hoje muito cultivada, não só em vasos e suspensões, mas também em jardins rochosos ou não, bem providos de água, esta espécie herbácea e perene, algo parecida à *T. fluminensis*, deve ter sido introduzida em meados do século XIX, encontrando-se já naturalizada, segundo MENEZES (1894), “no leito da ribeira de Santa Luzia, perto da ponte do Torreão”. Planta também prostrada, por vezes, pendente, as folhas são verdes ou verde-azuladas, com duas riscas longitudinais prateadas, na página superior, sendo arroxeadas na inferior; as flores são rosadas ou azul-violáceas. Está perfeitamente naturalizada, principalmente em muitos locais húmidos, com alguma água em escorrências, até em paredes e rochas ou encostas pedregosas, sobretudo no Funchal e também em zonas rurais. Propaga-se facilmente por porções dos caules. GRABHAM (1942), classificando esta espécie como “a garden escape”, afirma, também, que a *Zebrina pendula* Schenizl. (binome que utiliza em vez de *T. zebrina*) é “seen in damp places everywhere in the lowlands”. Originária do México, a zebrina é cultivada em Portugal Continental.

CYPERACEAE

Cyperus difformis L. – Esta pequena erva anual foi provavelmente introduzida, na Madeira, por acidente, no primeiro quartel do século XX, tendo sido assinalada por MENEZES (1926a), que na altura referiu ser “espécie nova para a flora da Madeira e evidentemente de introdução recente” que foi encontrada na “parte oeste do Funchal” e no “leito da Ribeira de Santa Luzia”. Continua a ocorrer, sem grande frequência, aqui e acolá, nas zonas baixas da costa sudeste da Ilha, não mostrando tendência para se expandir muito, apesar de estar perfeitamente naturalizada, sobretudo em incultos e sítios

húmidos do concelho do Funchal. Não tem qualquer préstimo conhecido, assemelhando-se um pouco ao vulgar coquinho (*Cyperus rotundus* L.) mas não possuindo rizomas e com as pequeníssimas flores dispostas em “cabeças” globosas. Esta é uma espécie originária da Ásia e África Tropical, também presente e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Cyperus eragrostis Lam. – Erva perene, rizomatosa, parecida com a conhecida espécie de jardim a que chamam chapéus-de-sol mas menos alta e não formando tão densos e grandes tufos, esta planta foi primeiramente assinalada, para a Madeira, por MENEZES (1894), que a referiu, como naturalizada e rara, sob o binome *C. spectabilis* Hort. Erf., ocorrendo em dois locais do Funchal. O mesmo autor, em 1914, descreveu-a sob o binome *C. vegetus* Willd. Esta espécie, que pode atingir pouco mais de 60 cm de altura, com as pequeninas flores reunidas em umbelas no cimo dos caules e por entre poucas falsas folhas (brácteas), não pode, hoje, considerar-se pouco frequente, porque se encontra amiúde nos leitos e margens de ribeiras ou junto de levadas e em lugares encharcados ou, até, em terras cultivadas bem providas de água, desde as mais baixas altitudes até mais de 600 m, dos Canhas ao Funchal (como diz TURLAND, 1994) e, mesmo, em Santa Cruz e Machico e na costa norte da Ilha. Espécie da América Tropical, é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Cyperus involucratus Rottb. – MENEZES (1894) referiu esta espécie, não correctamente, sob o binome *C. alternifolius* L., como introduzida e naturalizada “perto d’alguns jardins no Funchal e arredores” mas rara. Em 1914, porém, o mesmo autor já não a referiu, provavelmente por alteração dos seus critérios sobre o estatuto desta planta muito decorativa, pois, a mesma deveria continuar a existir na Ilha e a mostrar, dalgum modo, a sua subespontaneidade. Tem vindo sempre a ser cultivada em vasos e em jardins ou parques, revelando-se bastante rústica e formando maciços por vezes de grande extensão. Parece preferir sítios quentes, bem expostos, ou à meia-sombra, providos de água. Aparece naturalizada em muitos locais, na vizinhança das habitações, na beira de levadas, em incultos, junto de zonas ajardinadas e, também, no leito de cursos de água e em córregos, sobretudo no litoral da costa sudeste da Madeira e, principalmente, nas áreas do Funchal e de Santa Cruz. Conhecida vulgarmente por chapéus-de-sol, esta espécie chega a atingir até 2 m de altura, com muitos caules, pouco robustos, encimados por algumas falsas folhas ou brácteas, geralmente 16-21, todas sensivelmente do mesmo tamanho, entre as quais se vêem os pouco vistosos e aparentemente secos grupos de flores, em raios pouco longos. É originária de África, sendo cultivada quer em Portugal Continental, quer nos Açores.

Kyllinga brevifolia Rottb. – Esta espécie herbácea, perene, provida de rizoma, também denominada *Cyperus brevifolius* (Rottb.) Hassk., foi assinalada, pela primeira

vez, para a Madeira, por HANSEN (1969a), que a encontrou, como subespontânea, no ano anterior, na Ribeira Brava, o que sugere uma introdução recente na Ilha. Todavia, já em 1963, tínhamos observado esta planta no Caniçal, em terrenos encharcados e, um pouco mais tarde (1965), encontrámo-la, em grande número, no relvado do Estádio dos Barreiros, revelando aí uma certa naturalização. Esta erva – a que chamam, na Madeira, coquinho-de-cabeça, pela sua semelhança com o verdadeiro e vulgar coquinho (*Cyperus rotundus* L.), que é espontâneo na Madeira e no Porto Santo mas uma verdadeira praga das culturas, e que dele diverge, sobretudo, pelas inflorescências densas, como “cabeças” arredondadas a ovóides – está hoje bastante difundida por todo o litoral sul da Ilha, pelo menos da Ribeira Brava ao Caniçal e, também, um pouco na costa norte, vivendo sobretudo em arrelvados e terrenos húmidos ou com água estagnada ou muito regados. Espécie originária da Ásia e América Tropical, é também subespontânea nos Açores.

GRAMINEAE (POACEAE)

Agrostis pourrettii Willd. – Esta pequena erva, até 50 cm de altura, anual, deve ter sido introduzida na Madeira recentemente, pois, só foi observada, pela primeira vez, em 1969, por HANSEN (1970), no Funchal, e nada mais consta em registos botânicos anteriores sobre a sua ocorrência no Arquipélago. Nessa altura, este botânico dinamarquês utilizou o binome *Agrostis salmantica* (Lag.) Kunth mas, em 1974, ao assinalar a mesma planta, que encontrou perto da Central da Fajã da Nogueira, em 1972, “on roadside”, já usou a designação actual. COPE (1994) afirma que esta planta, aparecendo apenas na Ilha principal se comporta como “weed of gardens and waste places, mostly around Funchal, occasionally elsewhere”. Está, na realidade, já naturalizada, embora ainda bastante rara, mas tendo sido observada nas proximidades da *Laurisilva*, pode vir a ser uma infestante desta floresta. Esta planta, um pouco tufosa, de folhas lineares (compridas e muito estreitas), ásperas, e flores minúsculas e desinteressantes, em inflorescências (panículas) mais ou menos abertas, até um palmo de maior dimensão, é europeia, sendo espontânea em Portugal Continental.

Agrostis stolonifera L. – Foi HANSEN (1987) quem esclareceu a situação real desta espécie: trata-se de erva perene, introduzida e naturalizada na Madeira, que não tem nada a ver com a que foi referida, erradamente, sob o mesmo binome, por MENEZES (1914), mas que é a que foi descrita, também, por este autor e nesse ano, como *A. alba*. Assim, a *A. stolonifera* já existe na Madeira talvez há perto de uma centena de anos; e vem ocorrendo na Ilha, com pouca frequência, em incultos, arrelvados e locais húmidos (leitos e margens de cursos de água, proximidades de levadas) no Funchal e, aqui e acolá, noutros pontos da Ilha, como ao longo da ribeira do Faial, perto do mar, onde HANSEN a observou em Setembro de 1983. Esta planta produz longos estolhos e os

caules podem até ultrapassar 1 m de altura; as folhas e os ramos das inflorescências são ásperos e estas podem atingir até 30 cm, ser um pouco frouxas ou densas e com tonalidades esverdeadas a purpúreas. Espécie de larga distribuição geográfica, na Europa, Ásia Setentrional, Japão e América do Norte, é indígena em Portugal Continental e nos Açores.

Arundo donax L. – É uma das plantas não alimentares e introduzidas no arquipélago da Madeira com maior expressão territorial e de utilidade ainda evidente. Na realidade, a cana, cana-de-roca ou cana-vieira, como é conhecida vulgarmente, introduzida há mais de 200 anos, com milhentas aplicações na cestaria, no artesanato (rocas, gaiolas, joeirias, brinquedos, presépios ou lapinhas), na agricultura (tutores, sebes, divisórias, esteiras, caniços, abrigos, forragem, argaus ou agraus, etc.), na construção civil, na fixação de dunas e na defesa contra a erosão, na ornamentação dalguns parques e jardins (sobretudo através da cultivar ‘**Variegata**’, de folhas listradas de branco) e como combustível – encontra-se cultivada e, hoje, sobretudo, naturalizada, por toda a zona baixa da Madeira, até pouco mais de 500 m de altitude e no Porto Santo, seja em areais, seja em incultos rochosos ou em arribas declivosas ou falésias, seja em muros de suporte ou beiras de socalcos. MENEZES (1894), considerava a planta já muito comum na Ilha mas foi FORSTER, em 1787, quem, segundo MENEZES (1922a), primeiro a observou em 1772. Planta robusta, perene, de grandes colmos, que podem atingir mais de 4 m e folhas compridas e planas, verde-acinzentadas ou glaucas, produz inflorescências muito grandes e densas, até quase 1 m, interessantes, embora cada flor, de per si, seja insignificante; curiosos e enormes, tortuosos, são os rizomas ou caules subterrâneos que, depois de secos, são também utilizados na construção de presépios. Espécie originária da Ásia Central e, possivelmente, da Meridional, ocorre também como naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Brachiaria mutica (Forssk.) Stapf – Sob o binome *Panicum barbinode* Trin., MENEZES (1894) assinalou esta espécie, pela primeira vez, para a Madeira, como cultivada e naturalizada em vários pontos da Ilha, considerando-a como muito comum. Conhecida vulgarmente por capim e, raramente, por erva-do-pará, ocorre sobretudo nas zonas baixas da costa sul, até perto de 500 m de altitude, nas beiras dos socalcos das culturas, em paredes de suporte e em incultos, sendo aproveitada pelos agricultores como uma forragem, de grande valor nutritivo, sobretudo, para o gado bovino. Hoje, é menos frequente, embora também apareça fora da área agrícola, em locais húmidos. Trata-se de erva perene, prostrada, robusta, enraizando facilmente nos nós dos colmos, com abundante folhagem e inflorescências ramosas, mais ou menos numerosas. Propaga-se, sobretudo, por via vegetativa (porções dos colmos). É espécie originária dos trópicos, que não ocorre em Portugal Continental nem nos Açores.

Bromus catharticus Vahl – Esta erva perene mas de curta duração, às vezes bastante alta (mais de 1 m), introduzida na Madeira, provavelmente, por ser forragem apreciada, foi já referida por MENEZES (1894) sob o binome *B. schraderi* Kunth, como espécie naturalizada na Choupana e, depois, em 1906, sob o binome *B. unioloides* Humb. et Kunth, como muito rara mas ocorrendo, também, noutros pontos do Funchal, em altitudes baixas. HANSEN (1969b) adoptou o binome *B. willdenowii* Kunth. Foi utilizada, sobretudo em campos experimentais, nos anos 50, não sendo agora cultivada mas continua a aparecer, aqui e acolá, perfeitamente naturalizada, com certa raridade, embora parecendo-nos em expansão. COPE (1994) afirma, também, que se encontra “now naturalized in waste places, especially around Funchal”. Além dos seus colmos longos, possui folhas compridas e estreitas, geralmente com mais de 1 cm de largura, um pouco ásperas, e inflorescências frouxas mas, às vezes, bastante desenvolvidas e com grupos de flores (espiguetas) comprimidos lateralmente. Esta espécie, originária do sul dos Estados Unidos da América ao sul da América Meridional, é, também, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Cenchrus ciliaris L. – Erva perene, muito rústica, foi assinalada, pela primeira vez, para a ilha da Madeira, por FORSTER, em 1787, de acordo com MENEZES (1922a); mais tarde, MENEZES (1894) confirmou a sua existência, tratando-a por *Pennisetum cenchroides* Rich. mas como espécie indígena e já, na altura, “muito comum nos terrenos marítimos”. Em 1906 e, também, em 1914, o mesmo autor reafirmou a sua espontaneidade e grande frequência na Ilha “abaixo dos 200 m principalmente nas proximidades do litoral” e opinou que se tratava de boa forragem. HANSEN (1969b) assinalou a espécie sob o binome actual mas já como introduzida. Tudo indica que a introdução tenha sido motivada pelo interesse forrageiro da planta e pela sua grande resistência à secura. Só depois de 1990, esta erva foi assinalada no Porto Santo, onde de ano para ano vai aumentando a sua área de ocupação territorial em incultos e aqui, de igual modo, nas zonas de mais baixa altitude. Planta, por vezes, muito tufosa, formando nalguns locais, a oeste do Funchal, manchas bastante alargadas, tal como o vulgar feno – a espécie espontânea cientificamente denominada *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf – tem folhas muito finas e ásperas e produz flores em características inflorescências, como espigas um pouco plumosas, densas, mais ou menos cilíndricas a ovóides e com tonalidades violáceas. Planta originária da África à Índia, é desconhecida no restante território português.

Chloris gayana Kunth – Foi GRABHAM (1942) quem assinalou, pela primeira vez, para a Madeira, esta erva perene, robusta e muito resistente à secura, provavelmente introduzida na Ilha pelo seu valor forrageiro. Existe, certamente, há pouco tempo na Madeira, mas aquele autor já afirmava que esta planta ocorria “on arid cliffs west of Funchal”. Hoje, apesar de bastante rara, encontra-se perfeitamente naturalizada, nas

áreas da Praia Formosa, Vitória (S. Martinho), Caminho dos Saltos (Quinta Olavo), Paúl do Mar, Fajã da Ovelha, em incultos, terrenos agrícolas abandonados e junto a levadas ou, até, em bananais, quase sempre perto de regadeiras. Denominada capim-da-rodésia, possui folhas verde-claras, lineares, abundantes, um pouco ásperas e emite estolhos com certa frequência, a partir dos quais se formam novas plantas; a sua característica morfológica mais importante são as inflorescências em forma de espigas, geralmente com 6 a 12 cm de comprimento, em grupos de 6 a mais de 15, inseridas no cimo dos caules. COSTA (1946) assinalou esta espécie para o Porto Santo, mas nunca a observámos aí. É oriunda da África Tropical e Meridional e da Arábia.

Chloris virgata Sw. – Esta erva tropical, afim da anterior, não vem ainda referida para Madeira, na 4ª edição do Catálogo de plantas da Macaronésia de HANSEN & SUNDING (1993), mas COPE (1994) menciona-a, afirmando ser “only known from Praia Formosa”. Nunca a vimos nem nesse lugar do Funchal nem em qualquer outro e a única espécie de *Chloris* que temos encontrado é a *gayana*. De acordo com esse botânico, a *C. virgata* foi provavelmente introduzida, tratando-se de planta anual que possui uma inflorescência com 4-8 cachos delgados (como espigas), relativamente curtos (2,5 a 5 cm), no cimo do caule. Deve ser extremamente rara e a sua naturalização não é, ainda, um dado adquirido, pelo que devem continuar as pesquisas sobre a sua ocorrência na Ilha e seu actual estatuto. Tal como a sua congénere, não é espécie conhecida no restante território português.

Cortaderia selloana (Schult.) Asch. & P. Graebn. – MENEZES (1894) assinalou esta espécie, sob o binome *Gynerium argenteum* Nees, como rara mas já “naturalizada na Madeira perto d’alguns jardins e quintas do Monte”. Trata-se de planta herbácea, perene, muito robusta, de folhas muito compridas (até 2 m) e estreitas (cerca de 1 cm), de margens ásperas e flores em enormes inflorescências (até acima de 3 m), ultrapassando as folhas e de cor branca ou róseo-violáceo-pálida. Conhecida na Madeira por erva-dos-pampas, penacho-branco e plumas, é planta muito cultivada, encontrando-se, também, em Porto Santo mas aqui não naturalizada. Na Madeira, raramente ocorre como subspontânea e sempre em locais húmidos e frescos das médias altitudes (300-600 m), sobretudo no concelho do Funchal. É especialmente decorativa em relvados e, também, em vasos de grandes dimensões para colocação em interiores ou em pontos de vista de grande impacte. É planta sul-americana, cultivada em Portugal Continental e nos Açores.

Dactyloctenium aegyptium (L.) Willd. – Esta erva anual deve ter sido introduzida na Madeira no século XX, provavelmente para relvados, forragem ou por ter um certo interesse decorativo em jardins. GRABHAM (1942) assinalou esta espécie, pela primeira vez, para a Ilha referindo, expressamente, “introduced as a lawn grass”.

Nunca pudemos colher ou ver esta planta, muito rara, a não ser já herborizada no Museu do Seminário do Funchal (herbário que está à guarda do Jardim Botânico da Madeira) e que havia sido colhida no Funchal, em 1935. Apesar de, na literatura da especialidade, esta espécie ser reconhecida como utilizável em relvados, sobretudo na África do Sul, onde é conhecida por “Durban grass”, COPE (1994, e por informação que nos deu) é de opinião que não é própria para tal, dada a sua condição de planta anual. Trata-se de uma espécie estolhosa, formando tufos, com as pequeninas flores dispostas em 3-9 falsas espigas lineares a estreitamente oblongas e que, por sua vez, se dispõem no cimo de hastes (escapos) relativamente longas. É planta originária da América Tropical. (O estatuto de naturalizada que mantemos para esta espécie terá que ser melhor esclarecido e confirmada a sua actual presença na Ilha.)

Dactyloctenium australe Steud. – Esta erva, perene e estolhosa, que não tem figurado nos catálogos das plantas vasculares da Madeira, vem referida na “Flora of Madeira” (COPE, 1994). Em correspondência recente que trocámos, este autor é de opinião que a espécie *D. aegyptium*, identificada por GRABHAM, “would therefore have been *D. australe*”. E naquela Flora, COPE afirma que é esta *D. australe* “introduced as a lawn grass and now naturalized in a few places”, enquanto que para a *D. aegyptium* apenas diz tratar-se de “an introduction reported for Madeira but without further data”. Assim sendo, poderá até dar-se o caso de a espécie *D. australe* ser, hoje, a única espécie de *Dactyloctenium* existente na Madeira. Nesta espécie, as pequeninas flores dispõem-se em 3-5 falsas espigas, linear-oblongas (quase sempre como uma pata de galinha), até 5 cm de comprimento, que nascem no cimo das hastes (escapos) mais ou menos longas. Esta espécie, que tem certas semelhanças, tal como a *D. aegyptium*, com a erva a que o povo chama pé-de-galo (*Eleusine indica*), a que nos referiremos mais adiante, e que parece ocorrer, com raridade, em incultos, apenas na área do Funchal e arredores, é nativa da África do Sul.

Dichanthium annulatum (Forssk.) Stapf – Esta espécie herbácea, perene, foi referida, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1942) como *Andropogon annulatus* Forssk. Segundo este autor, esta planta era “seen in the maritime region”. Tudo leva a crer, no entanto, que a planta observada por MENEZES, em 1916, “nos terrenos marítimos da Ponta da Cruz, a oeste do Funchal” e assinalada e descrita pelo mesmo autor, em 1922, como *Andropogon ischaemum* L., hoje denominada *Botriochloa ischaemum* (L.) Keng, seja realmente a espécie *D. annulatum*, que se encontra perfeitamente naturalizada na Ilha, com frequência, sobretudo entre o Gorgulho e a Praia Formosa, na zona árida marítima e terrenos adjacentes e que se assemelha, dalgum modo, à *B. ischaemum*, espécie que nunca vimos aí, nem em qualquer outro local, apesar de muito procurada por nós. É, nesse entendimento, que concluimos que a espécie *D. annulatum* já ocorre na Madeira, pelo menos, desde 1916, e que a

espécie *B. ischaemum* nunca existiu na Ilha. Parece ser essa a mesma opinião de COPE (1994), ao afirmar sobre esta espécie: “reported from Madeira without further data but possibly in error for *Dichantium annulatum*”. A espécie *D. annulatum* é uma erva tufosa, de colmos altos, com os nós visivelmente peludos, só comum na área que já definimos e, raramente, nalguns outros pontos dos arredores do Funchal (HANSEN, 1971). Deve ter sido introduzida na Ilha pelo seu valor forraginoso e resistência à secura; é originária da África Tropical ao sudeste asiático.

Digitaria ciliaris (Retz.) Koeler – Esta erva anual, de colmos um pouco deitados mas por fim ascendentes, infestante dos terrenos de cultura, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1942), que a referiu sob o binome *Digitaria marginata* Link. É provável que tenha sido introduzida na Ilha há relativamente pouco tempo e acidentalmente. COPE (1994) refere que *D. ciliaris* é “an introduced weed of roadsides and waste places”. Está perfeitamente naturalizada, sobretudo nas zonas mais baixas, não só em terras agricultadas mas também em incultos e beiras de caminhos, no norte e no sul da Madeira, “everywhere in the lowlands” como diz GRABHAM. As pequeninas e insignificantes flores desta planta dispõem-se em inflorescências muito delgadas, semelhantes a espigas finíssimas que, em número de 3 a 7, encimam um eixo central, erecto e, também, muito fino. É originária das Regiões Tropicais. Foi também referida na literatura botânica madeirense como *D. adscendens* (HBK) Henr. por HANSEN (1969a), depois de este autor a ter encontrado, em 1967, no Seixal e em S. Vicente e, em 1968, no Funchal (Ilhéus).

Digitaria sanguinalis (L.) Scop. – Esta é, também, uma erva anual, muito mais comum em toda a área agrícola da Madeira do que a espécie congénere anterior. Foi primeiramente assinalada por FORSTER (1787), conforme refere MENEZES (1922a), sob o binome *Panicum sanguinale*. Muito mais tarde, MENEZES (1894) refere-se a esta planta como sendo indígena na Madeira, usando, não correctamente, o binome *Panicum eriogonum* Schrad. Mas, em 1906b e 1914, o mesmo autor madeirense citou-a, já apropriadamente, com a sua primeira denominação, *P. sanguinale*, mantendo, todavia, o mesmo parecer sobre a sua espontaneidade. Os autores mais recentes, porém, afirmam tratar-se de espécie introduzida, talvez, também, pelo facto de ser erva forrageira, embora apenas de razoável qualidade. Além de estar perfeitamente naturalizada, invadindo os terrenos de cultura, aparece frequentemente nas margens de caminhos, estradas e levadas e em incultos, até acima de 1000 m de altitude. Assemelhando-se à espécie anterior, esta é, quase sempre, mais robusta, às vezes com tons avermelhados, com mais caules e as falsas espigas, também delgadas, surgem, geralmente, em maior número, no cimo do eixo central. É originária das Regiões Temperadas quentes, sendo espontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por milhã-de-pendão ou, mais frequentemente, milhã-digitada e nos Açores, onde recebe o nome popular de pé-de-galinha.

Echinochloa colona (L.) Link – Esta erva anual, quase sempre pouco robusta, tufosa, foi, pela primeira vez, assinalada para a Madeira por MENEZES (1894), que a referiu, sob o binome *Oplismenus colonus* H. et C., como indígena e rara, ocorrendo em “logares cultivados a oeste do Funchal”. Em 1906 (b) e 1914, o mesmo autor tratou a espécie como *Panicum colonum* L. com a indicação de ser já “frequente nas beiras dos caminhos e nos logares cultivados nas duas zonas inferiores da Madeira”. Considerada, depois, como planta introduzida na Ilha, supõe-se que a razão dessa introdução tenha a ver com o seu interesse forrageiro e que este tenha estado, também, na origem de algum cultivo que foi feito, antigamente, com esta espécie. A *E. colona* ocorre hoje em locais incultos, margens de caminhos ou em terras cultivadas mas com pouca frequência e, sobretudo, na costa sul da Ilha, até cerca de 700 m de altitude, aí podendo dizer-se que está perfeitamente naturalizada. É planta de muitos colmos erectos ou ascendentes, raramente até mais de 80 cm, glabros, de folhas estreitas (até 1 cm), ásperas nas margens e inflorescências mais ou menos lineares, formadas por umas falsas espigas também muito delgadas e curtas (até 3,5 cm), dispostas, afastadas, ao longo do eixo central. É espécie originária das Regiões Tropicais e Subtropicais, também subespontânea em Portugal Continental e casual nos Açores.

Echinochloa crus-galli (L.) P. Beauv. – Esta erva anual, bastante robusta e tufosa, muito desenvolvida, foi, igualmente, assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1894), sob o binome *Oplismenus crus-galli* Kunth, como planta indígena e “muito comum nos logares cultivados e bordas de caminhos na Madeira”. Foi depois (1906b, 1914) referenciada pelo mesmo autor como *Panicum crus-galli* L., tendo mantido o critério inicial sobre o estatuto de planta espontânea que, só mais tarde, foi alterado para o de espécie introduzida e naturalizada. Não é, hoje, planta muito vulgar, mas ocorre, aqui e acolá, como infestante das culturas (hortas, vinhas e bananeiras) e em incultos ou sítios húmidos, no sul e no norte da Ilha. Afim da espécie anterior, tem também muitos caules (colmos) delgados, glabros e erectos, até mais de 1,5 m de altura, folhas até 2 cm de largura, planas, ásperas nas margens e com falsas espigas maiores (até 8 cm de comprimento), geralmente ramificadas e mais grossas. Espécie originária das Regiões Temperado-quentes e Subtropicais, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde lhe dão os nomes vulgares de milhã-maior, milhã-grada e pé-de-galo.

Eleusine indica (L.) Gaertn. – MENEZES (1894) assinalou esta planta como espécie introduzida e naturalizada na Madeira “muito comum nos caminhos e logares cultivados no Funchal e arredores”. Conhecida na Madeira por pé-de-galo, está praticamente presente na área agrícola da Ilha, sobretudo “from sea-level to 300 m”, como diz COPE (1994) e só desde há poucos anos (1970), também, no Porto Santo, em incultos e, principalmente, em arruamentos do centro urbano e margens de caminhos. É provável que a introdução desta planta na Madeira tenha tido por base a sua valia

forraginosa, embora não tenhamos conhecimento de algum dia ter sido cultivada na Ilha. Das suas características principais, sobressaem ser erva anual, mais ou menos robusta, ter colmos comprimidos até perto de 90 cm e inflorescência, geralmente, com 5-10 falsas espigas, longas e estreitas, dispostas na extremidade do eixo. É espécie originária das Regiões Tropicais e Subtropicais, também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Eleusine tristachya (Lam.) Lam. – Esta erva perene deve ter sido introduzida recentemente e foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1942), que a encontrou “in moist gutters, Funchal”. HANSEN (1971) assinalou a sua presença no norte da Ilha, no Faial, em pavimento empedrado da Estrada Regional e, em 1973, nas margens duma estrada, perto do Aeroporto de Santa Cruz. Hoje, tem uma muito maior área de distribuição na Ilha mas não pode considerar-se vulgar e tem ocorrências mais significativas em incultos, margens de caminhos e sítios húmidos nos concelhos do Funchal, Santa Cruz e Santana, até cerca de 600 m de altitude. É planta baixa, com menos de 50 cm, tufosa, de folhas muito estreitas, ásperas na página superior e flores formando falsas espigas mais curtas e grossas do que as da espécie congénere anterior, dispostas em número de 1 a 4 na extremidade do eixo. É espécie sul-americana, também subespontânea nos Açores.

Elymus repens (L.) Gould – Erva perene, mais ou menos robusta, de cor verde a acinzentada, com longos e delgados rizomas brancos, foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1894), sob o binome *Triticum repens* L. e com o estatuto de muito rara e indígena, ocorrendo em “muros e logares cultivados em Santo António, na Achada, etc.”. O mesmo autor, em 1914, ao referir esta planta já o fez sob binome *Agropyrum repens* (L.) P. B. e já a considerou, devidamente, como introduzida e subespontânea. Conhecida na Madeira por grama é, nalguns terrenos, considerada planta infestante, embora não vulgar, e que persiste nas culturas, em jardins e, também, em incultos e margens de caminhos, sem quaisquer cuidados. Tem pouco interesse forrageiro mas os seus rizomas são usados, ainda hoje, na medicina caseira por terem propriedades diuréticas. Esta espécie, de colmos direitos, até mais de 1 m, de folhas lineares, até 1 cm de largura e ásperas, e com inflorescências mais ou menos compridas e estreitas mas densas, é também referida sob o binome *Elytrigia repens* (L.) Nevski. A grama é considerada por muitos autores como planta espontânea na Ilha mas tudo indica tratar-se de planta introduzida e perfeitamente naturalizada como, aliás, MENEZES já o havia afirmado. Ocorre, sobretudo, no concelho do Funchal mas também, aqui e acolá, em vários pontos do sul e do norte da Ilha, como HANSEN (1971) provou com os suas observações na Camacha e na foz da Ribeira do Faial. Planta originária de uma vasta zona temperada que inclui a Europa, a África Setentrional e as Américas do Norte e do Sul, é espontânea em Portugal Continental, onde é vulgarmente conhecida por grama-francesa.

Eragrostis barrelieri Daveau – Esta erva anual, pouco robusta, foi assinalada para a Madeira por MENEZES, primeiro em 1894, sob o binome não correcto de *Poa eragrostis* L. e depois, em 1906 (b), também incorrectamente, sob *Eragrostis poaeoides* P. B., binome que voltou a utilizar em 1914. Nessas ocasiões, esta gramínea foi sempre tida como espontânea e rara na Madeira, ocorrendo em vários pontos do Funchal e na ponte da Ribeira dos Socorridos. HANSEN (1969b) e COPE (1994) consideraram esta espécie introduzida na Madeira e naturalizada, estatuto que nos parece mais adequado e que perfilamos. Encontra-se, hoje, mais vulgarizada em incultos e margens de caminhos, por toda a Madeira mas, sobretudo, no Funchal e arredores, nas zonas mais baixas; HANSEN (1974) assinalou-a, pela primeira vez, para o Porto Santo, onde a observou, no ano anterior, nas ruas do centro urbano. Esta espécie, originária da Região Mediterrânica, da África Tropical e do sudoeste asiático, produz inflorescências mais ou menos abertas, que não atingem um palmo na sua maior dimensão; ocorre, também, nos Açores.

Eragrostis cilianensis (All.) Vign. ex Janch. – MENEZES (1894) assinalou esta espécie, para a Madeira, sob outro binome, *Poa megastachya* Koel., como espécie provavelmente indígena, mas muito rara e que havia sido observada no “jardim do Hospício da Princesa D. Maria Amélia”, por J. M. MONIZ. Em 1906 (b) e 1914, apenas em notas de pé de página, o mesmo autor, referindo-se a esta espécie mas sob o binome *Eragrostis megastachya* (Koel.) LK., diz que foi “descoberta há muitos anos...” mas que “...parece estar agora extinta na Madeira, pois não tem sido encontrada pelos modernos collectores de plantas d’ esta ilha”. A planta, todavia, embora pouco frequente, ocorre naturalizada nalguns locais do Funchal em terrenos cultivados ou incultos, até cerca de 600 m de altitude. Aliás, COPE (1994), além de dizer que esta espécie foi introduzida na Ilha, afirma que é “a weed around Funchal”. Poderá ter-se dado o caso de reintrodução mas é de admitir, com maiores probabilidades de certeza, que esta espécie nunca se extinguiu na Ilha. Trata-se de erva anual, com muitos colmos, com as folhas ásperas, tendo nas margens glândulas mais ou menos salientes e produzindo inflorescências relativamente grandes (até cerca de um palmo), mais ou menos densas. Espécie originária das Regiões Temperadas quentes e Tropicais do Velho Mundo, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Eragrostis curvula (Schrad.) Nees – Erva perene, robusta, rizomatosa, formando tufos densos, deve ter sido introduzida recentemente, provavelmente também para ensaios de adaptação e produtividade, visto tratar-se de erva forraginosa com algum interesse e de grande resistência à secura; foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MALATO-BELIZ (1958), que a observou, quatro anos antes, no Funchal (Bica de Pau, S. Gonçalo). A espécie ocorre, ainda, nalguns locais nessa mesma área e, também, em incultos no concelho de Santa Cruz e até “sometimes as a garden weed”, conforme referem HANSEN (1974) e COPE (1994); não é espécie comum, embora

esteja perfeitamente naturalizada naqueles locais e, ainda, raramente, em terras cultivadas e margens de caminhos e de levadas. Esta planta possui folhas filiformes, com as bainhas peludas e as inflorescências, por vezes, bastante grandes (até 30 cm de comprimento), mais ou menos abertas e frouxas a densas. É de origem sul-africana e é, também, subespontânea em Portugal Continental.

Festuca arundinacea Schreb. – Esta erva perene, robusta, muito conhecida por ser uma forragem há muito cultivada na Madeira, sobretudo como componente de prados temporários ou permanentes, foi assinalada para a Ilha, pela primeira vez, por MENEZES (1894) que, utilizando o binome *F. elatior* L., a considerou naturalizada na Quinta do Palheiro, onde a colheu MONIZ. No entanto, talvez por não ser mais vista nesse lugar ou por ter concluído tratar-se de planta cultivada, o autor madeirense não mais a citou. A espécie, porém, deve considerar-se subespontânea e naturalizada nas imediações dos seus locais de cultivo e temo-la visto, embora com raridade, em terras de cultura, incultos húmidos, arrelvados e beiras de caminhos, acima dos 500 m de altitude, na Santa (Porto Moniz), nas Queimadas e na Nogueira (Camacha), devido, provavelmente, à utilização corrente, estreme ou em consociação com outras espécies, desta gramínea forrageira, nos campos experimentais dos Serviços Oficiais competentes que, a partir de 1951, aí se estabeleceram. Esta erva forma, por vezes, grandes tufo, com colmos altos, folhas verdes a verde-acinzentadas, quase sempre compridas e com 4 a 12 mm de largura e flores em grupos comprimidos lateralmente e dispostos em inflorescências (panículas) mais ou menos amplas. Espécie europeia, da Ásia Temperada e do noroeste africano, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, sendo conhecida nesse Arquipélago por sargaço-bravo.

Festuca ovina L. – A primeira referência a esta erva perene, na Madeira, parece ter sido feita por MENEZES (1894) que, já na altura, esclareceu tratar-se de espécie naturalizada no Monte, embora sendo extremamente rara. O mesmo autor reafirmou essa existência e esse estatuto em 1906 (b), mas especificou tratar-se da var. *duriuscula* Hack. e, em 1914, alterou essa opinião para subsp. *duriuscula* (L.) Hack. MENEZES (1926a) referiu ainda que COSTA encontrou *F. ovina*, em 1922 e 1923, no Porto Moniz “com todos os caracteres de espontaneidade” e que os exemplares colhidos pareciam “constituir uma forma de passagem da subespécie *duriuscula* (L.) Hack. para a subespécie *transtagana* Hack.”. Por sua vez, HANSEN (1969b), no seu catálogo, usou inapropriadamente o binome *F. longifolia* Thuill. para esta planta. Neste nosso trabalho, porém, porque é impossível, praticamente, determinar a verdadeira posição infra-específica das plantas madeirenses, vamos seguir a opinião de COPE (1994), utilizando o binome *F. ovina*, *lato sensu*. Note-se que, também, desta espécie, foram introduzidas, na Ilha, sementes de diversas cultivares e de várias origens, quando, sobretudo na década de 50, a Estação Agrária da extinta Junta-Geral do Funchal procedeu a experiências no

domínio das ervas forrageiras – o que, também, provavelmente, contribui para uma dificuldade de identificação dos espécimes das populações desta planta. Não sendo hoje frequente na Madeira, esta espécie introduzida está naturalizada em incultos e terras de cultura nas médias altitudes (300-800 m), nos arredores do Funchal, em Santana e no Porto Moniz. Esta gramínea, de caules direitos mas curtos, folhas muito estreitas, filiformes e inflorescências estreitas e pouco densas, é originária das Regiões Temperadas do hemisfério norte (Europa, Ásia e América) e ocorre espontaneamente em Portugal Continental.

Festuca rubra L. – Esta erva perene, que forma alguns tufos e produz estolhos mais ou menos longos, deve ter sido introduzida como planta forrageira há relativamente pouco tempo (HANSEN, 1969b). Fez parte das espécies submetidas a ensaios de adaptação e produtividade na Madeira, sobretudo na década de 50 e ainda hoje aparece, embora raramente, em terrenos de cultura e incultos, nas proximidades dos locais onde se instalaram os campos experimentais, sobretudo na Camacha, em Santana e no Porto Moniz, mais ou menos naturalizada. Como planta cultivada, hoje é apenas utilizada em consociações próprias para relvados. COPE (1994) indica algumas dificuldades sobre a identificação precisa dos indivíduos desta espécie que, na generalidade, possuem folhas mais ou menos rígidas, muito estreitas, colmos raramente ultrapassando 1 m e inflorescências até 15 cm de comprimento, mais ou menos densas. É espécie originária da Europa, que ocorre espontaneamente em Portugal Continental.

Gastridium phleoides (Nees & Meyen) C. E. Hubb. – Sobre esta pequena erva anual, assinalada na literatura botânica madeirense por COPE (1994), diz este autor tratar-se de planta mediterrânica “an introduced weed, frequent in lowland Madeira; Pico do Castelo in Porto Santo; Ilhéu Chão; Selvagem Grande”. E, em comunicação pessoal (Novembro, 1999), afirma-nos que esta espécie e a sua congénere *G. ventricosum* (Gouan) Schinz & Thell. ou *G. lendigerum* (L.) Desv., já conhecida e tida por comum desde os tempos de MENEZES (1894, 1906b, 1914) se confundem facilmente “and may both once have been included under the name *G. lendigerum*”. A ser assim, a espécie *G. phleoides* poderá ser de introdução já antiga no arquipélago madeirense, encontrando-se perfeitamente naturalizada em incultos, sobretudo no litoral. HANSEN não a conseguiu identificar e por esse motivo nos catálogos sobre a flora vascular macaronésica esta espécie não está assinalada. É uma erva que não ultrapassa, geralmente, 35 cm de altura, com uma inflorescência (panícula) em forma de espiga muito densa, com 3,5-11 cm de comprimento, espiguetas até 8 mm e alguns pormenores nas flores que fazem diferença das da espécie *G. ventricosum*, a qual tem sido considerada indígena no arquipélago madeirense, tal como em Portugal Continental e nos Açores. A espécie *G. phleoides* é dada como “provavelmente, de introdução ocasional”, em Portugal Continental, por FRANCO & ROCHA AFONSO (1998).

Gaudinia fragilis (L.) P. Beauv. – Esta erva anual foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MALATO-BELIZ (1958), que a encontrou em Maio de 1954, junto ao túnel da Estrada Regional Machico-Caniçal. Este botânico português, que herborizou no arquipélago madeirense, durante algum tempo, afirmou então “segundo parece, esta planta é muito rara na Madeira, encontrando-se entre as invasoras dos campos de trigo e nos terrenos secos, fracamente cobertos de vegetação, na zona baixa da costa sul, no extremo nascente da Ilha, entre as cercanias do Caniçal e a Ponta de S. Lourenço”. Esta planta, por vezes robusta, de colmos até mais de 1 m, de folhas lineares relativamente curtas (até 1 palmo), mais ou menos peludas, e inflorescências como espigas finas e compridas (até 35 cm), verde-amareladas, continua a ser pouco frequente, mas revelando-se perfeitamente naturalizada no litoral sudeste da Ilha, também em margens de caminhos e terrenos ajardinados. Espécie mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental e, também, provavelmente espontânea nos Açores, sendo conhecida nesse arquipélago por erva-canarinha e erva-da-índia.

Holcus lanatus L. – Esta espécie herbácea, perene (mas de duração não muito longa) e robusta, é tida por muitos autores como espontânea no arquipélago da Madeira, mas COPE (1994) é de opinião que se trata de planta introduzida “common in most Madeira; present in Porto Santo, Deserta Grande and Selvagem Grande”. Aceitando como válida esta opinião, a planta encontra-se perfeitamente naturalizada, desde há muitos anos, tendo sido assinalada por MENEZES (1894), como muito comum na Madeira. O mesmo autor, em 1906, acrescenta que esta erva “é forragem de excelente qualidade”. Aliás, essa deve ter sido a causa da sua introdução no Arquipélago. Neste âmbito do aproveitamento de forragens, podemos também referir que esta espécie integrou sempre o grupo das gramíneas que foram objecto de experimentação nos vários campos instalados na Madeira e no Porto Santo, com vista à determinação da respectiva adaptabilidade e produtividade, sobretudo a partir de 1950. A espécie *H. lanatus* forma grandes tufos e possui folhas verde-acinzentadas a esbranquiçadas, pubescentes e com inflorescências, por vezes grandes, geralmente densas, esbranquiçadas ou esverdeadas, rosadas ou purpúreas. Conhecida vulgarmente por erva-branca, ocorre em toda a área agrícola e nas suas margens, por vezes até acima dos 1000 m de altitude, sobretudo em incultos, pastos, arrelvados, beiras de caminhos e em matas florestais exóticas. Originária das Regiões Temperadas do Velho Mundo, esta espécie é espontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por erva-lanar e nos Açores, onde lhe chamam, também, erva-mole e erva-maior.

Imperata cylindrica (L.) Raeuschel – Esta erva perene, erecta, por vezes até mais de 1,20 m de altura, provida de rizoma rastejante e estolhoso, com folhas lineares, glaucas, rijas, primeiro planas e depois enroladas, até 1 m de comprimento e até mais de 1 cm de largura, com inflorescência (tirso) esbranquiçada, densa, mais ou menos

cilíndrica a fusiforme, até 22 cm de comprimento, com pêlos sedosos e compridos, só foi assinalada para a Madeira, em 1931, por TUTIN, que a havia colhido dois anos antes na Ribeira de João Gomes (Funchal). Foi provavelmente introduzida de Portugal Continental (onde é indígena) e por ter certo interesse forrageiro. Há muitos anos que não observamos qualquer planta desta espécie na Ilha, que deve ser raríssima. É nativa da Região Mediterrânica ao sudoeste asiático, África Tropical, Ásia Tropical e Austrália.

Lolium multiflorum Lam. – Esta erva anual ou bienal ou até perene mas de vida curta, vulgarmente conhecida por azevém, foi introduzida na Madeira provavelmente por ser de grande valor forrageiro, e assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1906b), sob o binome *L. italicum* A. Br. É espécie comum na Madeira, ocorrendo também, embora raramente, em Porto Santo. Aparece naturalizada em terras agricultadas e arrelvados húmidos ou em incultos e beiras de caminhos, principalmente entre o Funchal e o Caniçal, até acima dos 700 m de altitude e, menos frequentemente, noutros locais da costa sul e na costa norte. Foi espécie também muito ensaiada como erva forrageira em vários campos espalhados pela Madeira (Funchal, Camacha, Santana, Santo da Serra, Queimadas, Santa do Porto Moniz) e no Porto Santo e, certamente, por isso, aumentou as suas potencialidades de expansão e, conseqüentemente, a sua dispersão no Arquipélago. Planta robusta, estolhosa, de colmos altos, formando tufos, com as folhas novas enroladas e produzindo inflorescências longas e lineares, é originária da Europa Central e Meridional e da Região Mediterrânica, sendo espontânea em Portugal Continental, onde também lhe dão o nome de erva-castelhana, e nos Açores, onde é conhecida por azevão.

Lolium perenne L. – É uma planta herbácea, também conhecida por azevém e por vezes pela designação inglesa de ray-grass, que muito se assemelha à espécie congénere *L. multiflorum* mas de que diverge, sobretudo, por ser perene e ter inflorescências menos compridas, com menor número de flores e folhas novas geralmente planas, nunca enroladas. Introduzida no arquipélago madeirense pelo seu interesse forrageiro, tal como a espécie anterior, foi assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1894) e, já na altura, foi considerada naturalizada e muito comum na Madeira e no Porto Santo. Foi cultivada na Madeira como constituinte de prados temporários e, ainda hoje, é utilizada na formação de relvados, até dos que servem à prática desportiva. Aparece, actualmente, como subespontânea com muita frequência nas zonas baixas e de média altitude, sobretudo em sítios húmidos, e com maior abundância na costa sul da Madeira mas é relativamente rara em Porto Santo; também ocorre em margens de caminhos, incultos e beiras de levadas. Não tem sido vista, há mais de 100 anos, na Selvagem Grande, onde LOWE (1869) a observou. Planta originária da Eurásia Temperada e da América do Norte, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Lolium temulentum L. – Embora também introduzida no arquipélago da Madeira e, provavelmente, por acidente, esta erva não tem qualquer interesse forrageiro, sendo uma infestante prejudicial, sobretudo à cultura dos cereais. Já MENEZES (1894) assinalou esta espécie anual e robusta, como naturalizada na Madeira, “entre as searas” mas muito rara. Mais de 100 anos passados, continua a ser pouco frequente (menos até em searas, que têm vindo a desaparecer com maior rapidez no Funchal e seus arredores), ocorrendo, agora, mais em incultos, terras abandonadas, beiras de caminhos e encostas rochosas das zonas litorais da Madeira; também ocorre, raramente, em Porto Santo (e deve estar extinta nas Selvagens, onde foi assinalada por LOWE, em 1869). Espécie originária da Região Mediterrânica e do sudoeste da Ásia, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, sendo aí conhecida pelo nome tradicional e celebrizado de joio.

Melinis minutiflora P. Beauv. – Esta erva perene que, no dizer de COPE (1994), foi “introduced, probably for fodder (molasses grass)”, é certamente de introdução recente, tendo sido somente assinalada para a Madeira por HANSEN (1969a), que a reconheceu como subespontânea num local em Ponta Delgada, no norte da Ilha, freguesia onde ainda persiste. Desconhecida noutras áreas territoriais portuguesas, esta excelente erva forrageira, que nunca vimos em cultura na Madeira, pode ter provindo do Brasil, onde está muito difundida (é o capim-melado ou capim-gordura). Forma tufos muito compactos, até mais de 1 m de altura, com folhas numerosas, lineares, peludas e um pouco pegajosas, com cheiro especial devido a um óleo resinoso que produzem, e possui inflorescências mais ou menos desenvolvidas e densas, de coloração quase sempre purpúrea. Parece preferir terrenos de cultura mas ocorre, também, em incultos e beiras de caminhos e estradas. É espécie originária da África Tropical.

Nassella trichotoma (Nees) Hack. ex Arechav. – Esta erva perene, pouco robusta, deve ter sido introduzida recentemente na Madeira, tendo sido assinalada, pela primeira vez, por GRABHAM (1942) que dela disse: “Stems and leaves very slender, 1-3 ft. long, filamentous. Seen in only one locality about 1500 ft.”. Tudo leva a crer que seja planta muito rara e talvez tenha sido cultivada; nunca a observámos na natureza nem mesmo no local (Palheiro Ferreiro) onde GRABHAM a colheu. As inflorescências graciosas e abertas conferem-lhe, pela sua delizadeza, um certo interesse decorativo. HANSEN (1969a), que também se refere a esta espécie e COPE (1994) ao tratá-la na “Flora of Madeira”, não acrescentam praticamente nada de novo ao que disse GRABHAM, apenas confirmando, ambos, a sua introdução e presença na Ilha. Supomos tratar-se de espécie subespontânea e naturalizada, embora nenhum dos três autores se tenha pronunciado sobre o seu verdadeiro estatuto. É planta originária da América do Sul, desconhecida em Portugal Continental e nos Açores.

Panicum capillare L. – Esta erva anual, provavelmente introduzida na Madeira há poucos anos, e acidentalmente, foi colhida, pela primeira vez, em 1963, no Curral das Freiras, segundo refere HANSEN (1974). Trata-se de planta sem o interesse forrageiro das outras espécies congêneres existentes na Ilha e, até, por vezes, com carácter de infestante das culturas. Embora muito rara na Madeira, revela-se, aqui e acolá, na referida freguesia, como naturalizada, aparecendo também, noutros locais húmidos, incultos ou terras cultivadas, das médias altitudes do Funchal (como vimos em Santo António). Esta espécie, que forma tufos densos, assemelha-se ao milho-miúdo (*Panicum miliaceum* L.) mas é menos robusta e com uma inflorescência enorme (até metade ou mais da altura total da planta que pode atingir 80 cm), aberta e ramosa, com as ramificações muito delicadas e frágeis, que se partem com facilidade. Espécie norte-americana, é também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Panicum maximum Jacq. – Segundo reza o “Elucidário Madeirense”, foi MASSON – um botânico inglês que primeiramente fez explorações regulares sobre a flora da Madeira – quem primeiro achou esta planta na Ilha, em 1776. Mais de 100 anos depois, MENEZES (1894) assinalou também esta robusta espécie herbácea, perene, conhecida por erva-da-guiné, já então comum, referindo particularmente: “cultivada e naturalizada na Madeira, especialmente nos arredores da villa de Santa Cruz”. O mesmo autor acrescentava, em 1906b: “é ótima forragem muito antiga na terra”. De facto, esta espécie deve ter sido introduzida há muitos anos, expressamente para ser cultivada como planta forrageira e, tal como diz HANSEN (1974), “as is the case in many other parts of the world’s tropics and subtropics”. Esta espécie teve maior difusão, como planta cultivada, com o progressivo incremento da cultura da bananeira, sobretudo a partir de 1930, visto ser muito utilizada em consociação com esta planta fruteira, ocupando as beiras dos socalcos e, sobretudo, as margens das levadas e os cômoros dos camalhões. Devido ao intenso regadio e à abundante fertilização dos bananais, a erva-da-guiné, aproveitando também as boas condições climatéricas e os bons solos dos locais de cultivo, forma enormes tufos e produz excelente massa forrageira (mais de 20 kg por m²) que os agricultores aproveitam, e mais aproveitavam no passado, para ajudar à alimentação dos seus animais, hoje criados em muito menor número do que entre 1930 e 1970. Actualmente, a erva-da-guiné continua a ocorrer subespontaneamente, com alguma frequência, em numerosos pontos da costa sul da Ilha, até cerca de 500 m de altitude, nas terras de cultura (bananais e vinhas) e, também, em terrenos abandonados, incultos, entulhos e margens de caminhos e estradas com maior evidência em Santa Cruz e Água de Pena. Multiplica-se por semente e por divisão dos tufos. COSTA (1946) descobriu esta erva em Porto Santo, onde ocorre com muita raridade. A erva-da-guiné, de grandes folhas lineares (até 80 cm de comprimento e 3 cm de largura), com as margens ásperas e de colmos altos e erectos com os nós peludos, produz enormes inflorescências (panículas) geralmente muito abertas, que atingem por

vezes meio metro de comprido e de envergadura. Espécie da África Tropical, é desconhecida no restante território português.

Panicum miliaceum L. – É uma erva anual e robusta, de certa utilidade, introduzida provavelmente nos tempos recentes na Madeira, não devendo ter existido durante a vida de MENEZES nem mesmo, talvez, de GRABHAM. Em 1969, foi assinalada por HANSEN mas desconhecemos se, alguma vez, foi realmente cultivada para aproveitamento do grão na alimentação humana ou da planta verde como forragem. COPE (1994), todavia, afirma: “this species is reported for Madeira where it was doubtless introduced and at one time cultivated as a cereal (broomcorn millet)”. O que se nos afigura real, porém, é o seu cultivo, embora muito limitado, para produção de grão para pássaros. De qualquer forma, esta espécie encontra-se naturalizada, sobretudo, no Funchal, em terrenos de cultura ou incultos húmidos, beiras de levadas e de caminhos. Ainda, recentemente, colhemos esta planta na Rochinha (perto da capela de Fátima). Trata-se de espécie relativamente rara, reconhecida por ser muito peluda, com as folhas lineares, geralmente até mais de 40 cm de comprido por 2 cm de largura máxima, e inflorescências (panículas) grandes e grãos arredondados do tamanho das sementes de alpista. Originária da Ásia Central, é subespontânea em Portugal Continental, onde a conhecem por milho-miúdo e cultivada nos Açores, onde lhe dão o nome de milho-de-canário.

Paspalum dilatatum Poir. – Esta planta herbácea, perene, bastante rústica, conhecida por erva-rija e, também, por erva-do-governo, foi introduzida, segundo MENEZES (1922b) – o autor que primeiramente a assinalou para a Madeira – “provavelmente com os cereais que a Madeira importa da República da Argentina”. E o mesmo autor acrescenta: “encontra-se naturalizada em vários pontos do Funchal e do Porto do Moniz, tendo sido assinalada n’ esta ultima localidade pelo snr. J. G. da Costa”. Esta erva foi também cultivada na Ilha, tendo sido utilizada em relvados (um pouco grosseiros e não aconselháveis para a prática desportiva), nalgumas quintas do Funchal, como na Quinta Magnólia, já há muitos anos, quando esta era ainda pertença do British Country Club mas que ainda aí se conserva. A erva-rija está actualmente muito espalhada por toda a costa sul da Ilha, sobretudo nas zonas mais baixas, sendo até uma infestante de relvados e invasora de terrenos cultivados; ocorre, também, em incultos, entulhos, taludes, aterros, encostas rochosas e margens de levadas e de caminhos e estradas. Propagando-se facilmente, sobretudo por semente, ocupa, estreme, nalguns locais, grandes áreas e serve para alimentação do gado. Note-se, todavia, que é frequente ocorrerem ataques de um fungo (do género *Claviceps*) aos órgãos vegetativos e reprodutivos da erva-rija que se reconhecem, sobretudo, pela secreção de uma substância pegajosa que se crê ser tóxica para os animais. Caracterizam o *P. dilatatum*, principalmente, as suas inflorescências, formadas por 3-7 falsas espigas, às vezes mais,

com 3 a 12 cm, dispostas ao longo de um eixo comum, por vezes com mais de 20 cm e com as espiguetas ovóides, com cerca de 3 mm. Planta originária da América do Sul, é, também, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Paspalum paspalodes (Michx) Schribner – É erva perene, rizomatosa, por vezes emitindo longos estolhos, de colmos inferiormente prostrados mas erectos na parte terminal, muito frequente na Madeira, onde aparece naturalizada em sítios encharcados ou abundantemente providos de água, em levadas, leitos e margens de ribeiros e córregos, sobretudo nas zonas mais baixas, até cerca de 400 m de altitude. MENEZES (1906b) assinalou esta espécie, para a Madeira, não correctamente, sob o binome *Panicum vaginatum* Kunth e, em 1894, tudo leva a crer que já o houvesse referido, também incorrectamente, como *Paspalum vaginatum* Sw. O autor já afirmava tratar-se de espécie naturalizada, comum “nos charcos e logares húmidos nas duas zonas inferiores da Madeira”. É planta com interesse forrageiro, devendo ter sido essa a razão da sua introdução na Ilha. Vimo-la, pela primeira vez, em Setembro de 2000, em Porto Santo, no leito da Ribeira do Tanque, junto à foz, parecendo-nos perfeitamente naturalizada. Possui folhas lineares e planas, mais ou menos peludas, um pouco ásperas nas margens, com uma largura até cerca de 1,5 cm e inflorescências com 2 falsas espigas, geminadas, uma das quais mais ou menos séssil, no cimo de um eixo que, muito raramente, apresenta mais 1 ou 2 outras falsas espigas inseridas em zona mediana. Espécie frequentemente tratada por *Paspalum distichum* L., é originária das Regiões Tropicais e Subtropicais, sendo também subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Paspalum vaginatum Sw. – Esta espécie herbácea, perene, agora correctamente catalogada para a Madeira por COPE (1994), é muito afim da anterior, divergindo sobretudo por ter as folhas quase sempre enroladas e muito mais estreitas (até 4 mm de largura) e as inflorescências com 2 (ou raramente 3) falsas espigas, ambas com um pequeno pedúnculo. Bastante menos frequente que a espécie congénere anterior, foi também introduzida e está perfeitamente naturalizada em sítios húmidos e encharcados do Funchal e de Machico. Dadas as confusões na nomenclatura botânica, havidas com as espécies *P. paspalodes* e *P. vaginatum* e as suas reais semelhanças morfológicas e de habitat, não podemos hoje estimar com segurança ou aproximação quando é que a segunda espécie teria sido introduzida na Ilha e, sobretudo, se algumas referências à primeira não se deverão reportar à segunda. Espécie das Regiões Tropicais é, também, subespontânea em Portugal Continental.

Pennisetum clandestinum Hochst. & Chiov. – Esta erva forrageira, perene, que é conhecida, no mundo agrícola tropical e subtropical, pelo nome de kikuyu, deve ter sido introduzida, na Madeira, no começo dos anos 40 e, segundo nos informaram,

por um emigrante madeirense do Estreito da Calheta, de apelido Girão, que trouxe da África do Sul algumas estacas herbáceas que cultivou nos seus terrenos e depois distribuiu, como planta que é de óptima qualidade para a alimentação do gado bovino. Rapidamente se difundiu por aquela freguesia e pelo concelho da Calheta, onde a baptizaram como erva-giroa, em homenagem ao introdutor da planta na Ilha; e, duma das freguesias da Calheta, Ponta do Pargo, foi levada para o concelho do Porto Moniz, onde passou a chamar-se erva-carota, pois, carotos são os pargueiros. E, pouco a pouco, foi passando a todas as freguesias da Madeira (só não parece existir, ainda, em Porto Santo), onde se tem vindo a estabelecer, desde o nível do mar até acima dos 800 m de altitude (como no Jardim da Serra). Perfeitamente naturalizada na Ilha, a erva-carota tem invadido, sem limites, terras de cultura, muros de suporte de terras, terrenos abandonados, aterros, taludes e ocupa hoje uma vasta área territorial, sobretudo a oeste da Ponta do Sol, dando aí, por vezes, um certo mau aspecto, principalmente de meados do Verão a meados do Outono, quando a folhagem e os caules amarelecem por falta de água; e é pena ter-se, no panorama rural da Ilha, quase sempre atraente, vicejante e variado, manchas de ervas parecendo secas, que escondem paredes e abafam os solos, que se devem preferir, obviamente, em franca produção ou, pelo menos, bem trabalhados. HANSEN (1978) assinalou esta espécie, pela primeira vez, para a Madeira, ao identificar material que lhe remetemos. Planta rasteira, que se assemelha, no seu aspecto e rápido desenvolvimento vegetativo à muito utilizada grama-americana ou relva, é rizomatosa, de muitos caules prostrados, robustos, longos, enraizando facilmente nos nós e com muitas ramificações providas de numerosas folhas, poderá ainda alastrar mais na Madeira e fazer perigar alguns ecossistemas naturais, como a própria *Laurisilva*. Parece não produzir semente na Madeira, embora floresça. Esta espécie é originária das montanhas da África Oriental Tropical.

Pennisetum purpureum Schum. – É uma enorme erva, perene, muito útil à agricultura madeirense, em particular à criação de gado bovino que muito a aprecia. O seu grande valor forrageiro foi conhecido nos começos do século XX, na África do Sul, e a partir de então, esta planta, também muito produtiva, tem-se vindo a propagar rapidamente em todo o Mundo. Parece ter chegado à Madeira pouco depois da II Grande Guerra Mundial, conforme atestam muitos velhos agricultores que se lembram das primeiras plantações. Diz-se que a planta foi introduzida ou pela mão dalgum emigrante madeirense na África do Sul ou trazida das Canárias; também, vimos referido no “Madeira Agrícola” (Ano I, n.º 1, Março / 1978), jornal da Associação de Agricultores da Madeira, que as primeiras plantas provieram de “sementes da Rodésia e Moçambique, obtidas por intermédio da Casa da Madeira em Lourenço Marques”, “há dezenas de anos”. Conhecida vulgarmente por capim-elefante e erva-elefante ou, menos vezes, por capim e capim-de-caninha, é muito utilizada na Ilha, sobretudo nas margens dos socalcos ou poios e sobre as respectivas paredes de suporte onde se cultivam as bananeiras, as

vinhas e as plantas hortícolas, nas zonas mais baixas da costa sul, a oeste do Funchal, até cerca de 300 m de altitude, aparecendo também, aqui e acolá, mais raramente noutros locais mas sempre em sítios quentes. Propaga-se por semente, por divisão dos tufo ou por estaca (porção dos colmos). Ocorre, com não muita frequência, como naturalizada, em incultos, taludes e margens de cursos de água, para além das proximidades dos sítios que antes se referiram, conforme temos observado desde os primeiros anos da década de 50. HANSEN (1969b) foi o primeiro botânico a assinalar a sua presença na Ilha, tendo-a observado como subespontânea na Madalena do Mar, em 1967, e na Levada dos Piornais, no Funchal, no ano seguinte; tempos depois viu-a junto do túnel Machico-Caniçal (HANSEN, 1970). Planta extraordinariamente robusta, forma enormes tufo e apresenta caules (colmos) altos, que podem ultrapassar 3 m de altura, folhas lineares e longas (até cerca de 1,5 m) e flores reunidas em inflorescências, como espigas compridas (por vezes com mais de um palmo), muito densas, mais ou menos cilíndricas e com muitas sedas; é originária da África Tropical.

Pennisetum villosum R. Br. ex Fresen – Ao contrário das duas espécies congéneres anteriores, esta, a que chamam vulgarmente penachos ou plumas, não é erva forrageira mas planta ornamental e, como tal, é cultivada em jardins, parques, bermas ou canteiros de estradas e taludes, jardins rochosos, etc. Trata-se de erva perene, introduzida há relativamente pouco tempo, sendo utilizada como bordadura ou em maciços, beiras de paredes, junto a blocos de rocha ou grandes pedras e também em zonas erosionáveis e na proximidade de pequenos riachos, levadas ou pequenas lagoas. Aparece, também, como subespontânea, mais ou menos naturalizada, no litoral sul da Madeira, até cerca de 400 m de altitude, em incultos, terras de cultura, entulhos e aterros, principalmente nas imediações dos locais de cultivo. HANSEN (1969b) assinalou esta espécie, pela primeira vez, para a Madeira. Esta planta, relativamente pequena mas formando tufo densos, tem numerosas folhas lineares, muito estreitas e ásperas, e produz muitas e características inflorescências brancas, muito densas, mais ou menos cilíndricas a ovóides, até 10 cm de comprimento, providas de grandes sedas, que no seu conjunto parecem pequenos penachos. Originária da África Oriental e da Arábia, esta espécie ocorre, também, como naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Poa compressa L. – Esta erva perene, um pouco tufo e com rizomas longos, que COPE (1994), regista para a Ilha, opinando tratar-se, provavelmente, de espécie introduzida, não tinha sido ainda assinalada para a Madeira, certamente por ser de introdução recente ou ter sido confundida com a espécie congénere afim *P. pratensis* L., que é indígena e comum na Ilha. *P. compressa* é uma planta pouco robusta, de caules erectos, rijos, caracteristicamente comprimidos, assim como as bainhas das suas curtas folhas e de flores em inflorescências mais ou menos frouxas, pouco desenvolvidas (até cerca de 10 cm de comprimento) e com ramificações pequenas. Parece ocorrer apenas

nalguns locais do Funchal, onde está mais ou menos naturalizada, aparecendo em incultos, escarpas, aterros e paredes de suporte de terras. É planta originária da Europa e do sudoeste da Ásia.

Pseudosasa japonica (Siebold & Zucc. ex Steud.) Makino – Planta de porte arbustivo, há muito tempo cultivada na Madeira, em vasos, jardins e parques, só foi assinalada como subespontânea para a Ilha, pela primeira vez, por HANSEN (1974) sob o binome *Arundinaria japonica* Sieb. & Zucc., “perfectly established on roadside”, no Monte (Funchal). Apesar de este autor acrescentar que se devia tratar “most likely an escape from cultivation”, este bambú parece naturalizado nalguns parques das médias altitudes, principalmente no Santo da Serra e na Camacha, emitindo facilmente muitos rebentos, sobretudo nos terrenos húmidos e nas margens de levadas e regadeiras abertas em terra. É o mais comum dos bambús de médio tamanho (até 3-4 m) existentes na Madeira, de muitos caules (colmos) verdes, cilíndricos, lenhosos e ocos, não achatados, com folhas verde-brilhantes na página superior, um pouco esbranquiçadas na inferior, com as bainhas persistentes, envolvendo os entrenós. É espécie nativa do Japão e da Coreia.

Rytidosperma tenuis (Steud.) A. Hansen & Sunding – Esta erva perene, de introdução recente, na Madeira, provavelmente acidental, foi assinalada, pela primeira vez, sob o binome *Notodanthonia tenuior* (Steud.) S. T. Blake, por HANSEN (1974). Este autor afirmou, então, tratar-se de “a weed on lawns under trees in a remote part of Quinta do Palheiro, NE. of Funchal, 1972” e acrescentava “a remarkable find of a perennial grass, originating in Australia and New Zealand (probably introduced here), and most likely introduced into Madeira with some plant-import from these regions”. A planta é bastante rara na Ilha e só no local assinalado é que a pudemos observar, já completamente naturalizada, como aliás também refere COPE (1994). Esta espécie forma tufos não muito densos, até cerca de 80 cm de altura, com inflorescências (panículas) densas e contraídas. É planta australiana, desconhecida em Portugal Continental e nos outros arquipélagos macaronésicos.

Setaria megaphylla (Steud.) T. Durand & Schinz – É uma erva perene, robusta, cultivada, em tempos, como ornamental, em jardins e quintas madeirenses, o que, hoje, parece já não acontecer. Todavia, ocorre, ainda, embora com raridade, como subespontânea na proximidade de habitações, no Funchal. Tem vindo a mostrar tendência para uma diminuição progressiva de expansão. A espécie parece ter sido assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1942) mas sob o binome *Panicum palmifolium* Willd., não adequado à mesma. No entanto, COPE (1994), é de opinião que as referências a *Setaria palmifolia* (König) Staph, sinónima de *P. palmifolium*, “are probably errors for *S. megaphylla*”, devido à semelhança entre estas duas espécies,

que diferem por esta ter uma inflorescência (panícula) com as ramificações curtas, ascendentes, enquanto a *S. palmifolia* tem as ramificações da inflorescência longas e flexuosas. A *S. megaphylla*, a que correspondem os exemplares colhidos e observados na Madeira, é uma interessante planta, que pode atingir mais de 2 m de altura, de folhas relativamente largas e pregueadas como as de certas jovens palmeiras e de inflorescências longas (até mais de 0,5 m) e estreitas; é originária da África Tropical e da América Tropical.

Setaria parviflora (Poir.) Kerguelen – Erva perene, geralmente de pouca duração, de rizomas curtos e um pouco tufosa, parece ter sido assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, não correctamente, sob o binome *Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv, por HANSEN (1968), depois de a ter observado, no ano anterior, em margens de estradas no Funchal e na Ribeira Brava. Trata-se, provavelmente, de espécie recentemente introduzida, de forma accidental mas considerada já por aquele autor como “naturalized grass” (1971), até na Ribeira da Janela, na costa norte da Ilha, e “on continuous dispersal on Madeira” (1973), uma vez que tem vindo a aparecer em muitos outros locais (Monte, Machico, Santa Cruz, Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, Jardim da Serra, etc.). Possui colmos erectos, até 1 m de altura, folhas estreitas (1 a 4 mm de largura) e ásperas e inflorescências em forma de espiga (como as da maioria das espécies congéneres), até 10 cm de comprimento e 5 mm de largura. Espécie originária da América Tropical e Subtropical, Austrália e Ásia, está também naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Setaria pumila (Poir.) Roem. & Schult. – Esta erva anual, introduzida há muitos anos na Madeira e assinalada, pela primeira vez, sob o binome *Panicum glaucum*, por FORSTER, em 1787, de acordo com MENEZES (1922a), foi também referida, em 1894, por este último autor, que a tratou, não correctamente, como indígena e sob o binome *Setaria glauca* (L.) P. Beauv., atribuindo-lhe já o nome vulgar de milhã e considerando-a “muito comum por toda a parte”. Em 1906 (b) e 1914, MENEZES reafirmou o seu indigenato e especificou tratar-se de planta “frequente na Madeira abaixo de 1200 m”. GRABHAM (1942), por seu lado, limitou a expansão desta erva às zonas mais baixas da Ilha: “a weed in the lowlands, when young a good fodder plant”. Nos últimos tempos, tem sido considerada espécie introduzida (como, por exemplo, por COPE, 1994) e encontra-se perfeitamente naturalizada na Madeira, ocorrendo como infestante de culturas (bananais, vinhas, canaviais, hortas e pomares), jardins e incultos, com maior intensidade e frequência abaixo dos 500 m de altitude. Esta espécie não ultrapassa, normalmente, a altura de 1 m, e as inflorescências, como espigas, podem ter um comprimento até 8 cm, excepcionalmente mais, com uma coloração amarelada a acastanhada. É planta originária das Regiões Tropicais e Temperadas quentes do Velho Mundo, espontânea em Portu-

gal Continental, onde a conhecem por milhã-glauca ou milhã-painceira, e nos Açores, aí recebendo o nome de milhã-verde.

Setaria verticillata (L.) P. Beauv. – Esta erva anual, vulgarmente conhecida por milhã, rapa-saia ou erva-dos-rabos, foi introduzida há muitos anos na Madeira e no Porto Santo, tendo sido primeiramente assinalada por MENEZES (1894) como espécie indígena, muito comum na Ilha principal e comum na segunda; mais tarde, o mesmo autor (1906b, 1914) reafirmou o que havia dito inicialmente, esclarecendo ser a espécie mais frequente abaixo dos 500 m de altitude, na Madeira. Posteriormente, foi considerada introduzida e perfeitamente naturalizada nas duas Ilhas e, também, nas Desertas. Ocorre em terras de cultura, como infestante de jardins, bananais, hortas e vinhas, mas também em incultos e margens de caminhos e estradas. Antes de florir, esta planta pode utilizar-se como forragem. Todos os agricultores e quem anda pelos campos facilmente reconhecem esta espécie herbácea, muito comum, por as suas inflorescências, verdes, em forma de espigas, e com muitas sedas, serem pegadiças e se agarrarem fortemente às calças, meias ou saias de quem lhes toca. Originária das Regiões Tropicais e Temperadas quentes, é também designada cientificamente por *S. adhaerens* (Forssk.) Chiov. e é subspontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde é conhecida por namorados. (Alguns autores, como FRANCO & ROCHA AFONSO, 1998, consideram distintas as duas espécies *S. verticillata* e *S. adhaerens*, baseados em pequenas diferenças verificadas nas folhas e nas espiguetas.)

Sorghum halepense (L.) Pers. – Esta robusta planta herbácea, conhecida vulgarmente por escalracho, foi considerada por MENEZES (1894, 1906b, 1914) como espontânea na Madeira e comum ou muito comum abaixo dos 300 ou 400 m de altitude. Na altura, MENEZES utilizou o binome *Andropogon halepensis* (L.) Brot., no que foi seguido por GRABHAM (1942), embora este tenha referido tratar-se de planta introduzida, sendo “tall, stout, erect grass with handsome panicles of reddish-brown spikelets. Cultivated for fodder, seen only in the lowlands. Has strong spreading rhizomes”. Na realidade, esta espécie, infestante das culturas (bananais, vinhas, canaviais, hortas e pomares) e abundante em muitos locais incultos, afigura-se-nos como introduzida na Ilha (acidentalmente ou por ser forrageira ?) e perfeitamente naturalizada. Também já a vimos em Porto Santo, onde era desconhecida, em Agosto de 1999, perto do centro urbano, na margem esquerda do Ribeiro do Zimbral, junto à antiga Adega Experimental. Planta perene, provida de grossos e longos rizomas, de caules (colmos) erectos, por vezes com mais de 1,5 m de altura e de inflorescências amplas e ramosas, pouco densas, parece ocorrer hoje com menor frequência, certamente devido à forte e acelerada urbanização que se tem verificado, sobretudo, nas zonas mais baixas e médias da Madeira. Planta mediterrânica e da Ásia Menor, é tida como subspontânea em Portugal Continental, onde lhe chamam zaburro, e nos Açores.

Sporobolus africanus (Poir.) Robyns & Tournay – Esta erva perene deve ter sido introduzida recentemente na Madeira, tendo apenas sido observada a partir dos anos 60. Vimo-la, quando procedíamos ao cadastro e avaliação de prédios a expropriar para a construção do Aeroporto, em terrenos de horta e vinha e em incultos, junto a muretes de suporte e levadas em Santa Catarina de Baixo, Santa Cruz, muito perto da estrada que segue para Machico e, também, junto ao cemitério. HANSEN (1971) assinalou-a, pela primeira vez, nas margens da estrada, perto do Aeroporto, e voltou a observá-la, dois anos depois, em Água de Pena, igualmente nas beiras de uma estrada na Matur (1974), utilizando o binome *S. indicus* (L.) R. Br. Hoje, esta espécie continua a aparecer, nesta área do sudeste da Madeira, com certa frequência mas não em abundância. Colhemo-la, pela primeira vez, em Porto Santo, em Agosto de 1999, em incultos e margens de terrenos ajardinados, perto da Estrada Regional, no Campo de Baixo, representada por poucos exemplares. Caracteriza-se facilmente pela sua inflorescência (panícula) linear, muito delgada e densa, mais ou menos fusiforme, às vezes com mais de um palmo de comprimento. Originária das Regiões Tropicais e Subtropicais, esta espécie está também naturalizada em Portugal Continental e nos Açores.

Stenotaphrum secundatum (Walter) Kuntze – Muito antiga em cultura na Madeira, esta planta herbácea, robusta e perene, foi, pela primeira vez, assinalada para a Ilha, como introduzida, por MENEZES (1894), sob o binome *S. americanum* Schrank, e já como naturalizada, em “logares herbosos, húmidos, no sítio do Desterro; Boa Nova”, embora muito rara nessa condição. O mesmo autor, em 1906 (b), acrescentou: “é espécie pouco apreciada pelos gados, mas muito adequada a consolidar terrenos”. É, também, muito utilizada em jardins e parques, sobretudo na formação de relvados e de bordaduras; tem certa resistência à secura e adapta-se à proximidade do mar. Não proporcionando a constituição de tapetes finos para a exigente prática desportiva, os relvados, mais ou menos grosseiros, feitos com esta planta são agradáveis à vista e de longa duração se deles se cuidar devidamente e se se lhes tiver oferecido, para a plantação, terra fértil, não demasiado argilosa, pouco pedregosa e com fácil drenagem. Daí a existência de muitos relvados feitos com esta conhecidíssima erva, a que chamam grama, grama-americana ou simplesmente relva. Para além da sua valia ornamental, esta espécie tem-se, também, expandido como planta naturalizada, sobretudo em leitos e margens de ribeiros e em locais mais ou menos encharcados, quer no Funchal, quer noutros pontos da costa sul e da costa norte da Madeira. HANSEN (1974) assinalou-a, pela primeira vez, para o Porto Santo, onde a encontrou “perfectly established along the rivulet through Vila” (e onde, ainda hoje, persiste). Planta provida de rizomas longos e colmos prostrados (com a parte terminal e ramificações levantadas) e enraizando facilmente nos nós, tem curiosas inflorescências, como espigas achatadas e com as flores metidas nas escavações de um eixo muito comprimido e duro. É espécie das Regiões Tropicais e Subtropicais e ocorre, por vezes, como subespontânea, em Portugal Continental e nos Açores.

Stipa neesiana Trin. & Rupr. – Erva perene, mais robusta que a espécie congénere, espontânea e comum, *S. capensis* Thunb., conhecida no Porto Santo por fura-capá, tem certo interesse ornamental (e talvez tenha sido esse o motivo da sua introdução), sobretudo pelas folhas compridas e estreitas, fortes, e por, nas suas inflorescências, mais ou menos abertas, haver curiosas e intensas tonalidades vermelho-purpúreas e compridas sedas. Parece ter sido assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por GRABHAM (1942) que então afirmou: “has lately been introduced”, tendo ainda acrescentado tratar-se de “an attractive plant spreading in the lowlands”. Todavia, HANSEN (1974) julga que esta planta já havia sido colhida por MENEZES, em 1893, no Funchal e por COSTA, em 1938, sempre no mesmo sítio (jardim do Hospício da Princesa D. Maria Amélia). Assim sendo, tratar-se-á da espécie referida por MENEZES (1894) como *S. bicolor* Vahl., tida já como naturalizada nesse local, com o estatuto de muito rara. Pelo que a introdução da *S. neesiana* poderá ter acontecido há muito tempo, bastante antes do que era suposto por GRABHAM. (Note-se, no entanto, que MENEZES não voltou a falar na espécie que havia citado em 1894, nos seus trabalhos posteriores, sobretudo em 1906 (b) e 1914). A espécie *S. neesiana* não é, há muito, cultivada na Madeira, mas está perfeitamente naturalizada, tendo sido feitas já muitas colheitas, por vários autores, no Funchal e nos seus arredores (Barreiros, Bom Sucesso, Fundoa, Palheiro Ferreiro) em incultos, margens de caminhos, pavimentos empedrados, encostas e sítios rochosos e, até, como infestante em poucos jardins; é originária da América do Sul.

Vulpia geniculata (L.) Link – Erva anual, provavelmente introduzida há poucos anos no arquipélago madeirense, sem interesse aparente e sem valia forrageira digna de nota. HANSEN (1969b) cita, no seu “Checklist”, esta espécie e a *V. ligustica* (All.) Link, como as duas únicas espécies do género *Vulpia* introduzidas no Arquipélago mas não as conservou nos catálogos seguintes, certamente por ter concluído que apenas deveria ser mantida a *V. geniculata* e que as suas referências à *V. ligustica* (1970) não haviam sido correctas e deveriam ser reportadas à primeira. A este propósito, COPE (1994) refere a semelhança destas duas espécies e afirma que as citações de *V. ligustica* na Madeira têm sido “almost certainly in error”, devendo ser reportadas à *V. geniculata*. Esta espécie é uma planta pouco robusta, que forma tufos e possui colmos muito delgados e geniculados e inflorescências (panículas) ramificadas e pouco densas. Não se encontra com muita frequência, mas está perfeitamente naturalizada nalguns locais incultos ou abandonados pela agricultura no sudeste da Madeira e, também, raramente, no Porto Santo (centro urbano). A *V. geniculata* é espécie da Região Mediterrânica Ocidental, espontânea em Portugal Continental.

Outras gramíneas ou poáceas, introduzidas no Arquipélago, têm aparecido, casualmente ou fora dos sítios de cultura, aqui e acolá, sem longa persistência; não se podem, de modo algum, considerar plantas naturalizadas na Madeira e ou no Porto

Santo. São de assinalar as seguintes espécies: *Avena brevis* Roth, uma aveia silvestre, que não tem ocorrido em Portugal Continental nem nos Açores, assinalada para a Madeira por HANSEN (1974), com a referência de ter sido herborizada, no Funchal, por MANDON, em 1865, e por COSTA, na Santa, Porto Moniz, em 1932, e que em sua opinião deve estar já extinta mas que COPE (1994) afirma poder persistir, visto ser cultivada “on a small scale”, o que, na realidade, já há muitos anos, não acontece; *Avena sativa* L. e *Avena strigosa* Schreber, as conhecidas aveias, da Ásia Ocidental e talvez da Europa, há bastante tempo cultivadas na Madeira (sobretudo a primeira), quase sempre para forragem e poucas vezes para grão (hoje pouco utilizadas) e que raramente ocorrem, quer nos terrenos que com elas foram ocupados, quer nas suas proximidades; *Coix lacryma-jobi* L., erva curiosa e ornamental, das Índias Ocidentais, que produz na floração uns pequenos invólucros densos e ovóides, uma espécie de contas que, por vezes, são aproveitados em colares ou rosários, é, ainda hoje, cultivada nalguns jardins, onde depois pode aparecer esporadicamente; *Eragrostis tenuifolia* (A. Rich) Hochst. ex Steudel, erva perene, das montanhas da África Tropical, recentemente (HANSEN, 1987) assinalada para o Funchal, em incultos, pode ter sido acidentalmente introduzida na Madeira, sendo o seu actual estatuto (casual ou naturalizada) ainda desconhecido; x *Festulolium loliaceum* (Huds.) P. Fourn., uma erva perene já assinalada como extremamente rara por MENEZES (1894) sob o binome *Festuca loliacea* Huds. e, em 1906 (b) e 1914, sob *Glyceria loliacea* Huds., e tida na altura como indígena, tendo sido colhida no Lugar de Baixo (Ponta do Sol), foi referida por COPE (1994) como sendo um híbrido entre *Festuca pratensis* e *Lolium perene*, sendo que o primeiro destes progenitores não existe na Ilha, pelo que esse híbrido é forçosamente uma planta introduzida, que pensamos estar hoje extinta; *Oryza sativa* L. é o arroz ou planta-do-arroz, do sul da Ásia, provavelmente cultivada em alguns anos atrás, a título experimental ou de curiosidade, surge casualmente em sítios húmidos, como nos lembramos de ter visto numa levada, no Lugar de Baixo, em meados dos anos 50 e como também HANSEN (1971, 1974) observou na Ribeira Brava e em Machico mas nunca persistiu nesses locais; *Phalaris arundinacea* L. var. *picta* L.,² uma robusta e perene planta norte-americana, com certo interesse ornamental, de folhas listradas de verde e creme e inflorescências como espigas densas,

² De acordo com BALDINI (1995), autor da mais recente revisão do género *Phalaris*, com a opinião do qual concordamos, das outras 7 espécies deste género que ocorrem na Madeira, 6 são indígenas, consideradas mediterrânico-macaronésicas (*P. aquatica* L., *P. brachystachys* Link., *P. canariensis* L., *P. coerulescens* Desf., *P. minor* Retz. e *P. paradoxa* L.) e 1, a *P. maderensis* (Menezes) Menezes, é um endemismo canário-madeirense. Todavia, COPE (1994) manifesta-se a favor da introdução e naturalização de 5 dessas espécies, da espontaneidade de *P. canariensis* e do estatuto de planta endémica da *P. maderensis*. Por sua vez, MENEZES (1914) já considerou espontâneas ou indígenas as 5 *Phalaris* que identificou, sendo a “sua” *P. maderensis* um endemismo, e só atribuiu o estatuto de subespontânea à espécie *P. canariensis*.

que depois se abrem, parece ter sido cultivada na Madeira e foi observada por COSTA, em 1932, na Santa, Porto Moniz (HANSEN, 1974), “probably a garden-escape”, sendo hoje raríssima ou, talvez, já extinta; e *Triticum aestivum* L., o vulgaríssimo trigo, um cereal ainda um pouco cultivado na Madeira e no Porto Santo (talvez numa área um pouco superior a 200 ha.), essencialmente para subsistência das próprias famílias e que foi uma cultura fundamental da economia insular, tendo até a sua produção servido para exportação para Portugal Continental, durante os primeiros anos de povoamento, pode aparecer esporadicamente nos terrenos que foram antes cultivados com esta espécie anual ou nas suas vizinhanças, durante mais um ou dois anos.

IRIDACEAE

Anomatheca laxa (Thunb.) Goldblatt – Esta pequena planta bolbosa, assinalada primeiramente, para a Madeira, sob o binome *A. cruenta* Lindl., por MENEZES (1894), foi considerada, na altura, rara mas já naturalizada na Ilha. Deve ter sido introduzida por ser planta de jardim, com certo interesse decorativo, pela folhagem comprida e estreita, disposta como que em leque e, sobretudo, pelas pequenas flores rosa-avermelhadas mas com máculas escuras em três tépalas, flores que se dispõem, geralmente, em número de 4 a 13, na extremidade dum eixo ou caule (escapo), quase sempre ramificado, longo, às vezes até mais de 0,5 m. Há muito que deixou de ser cultivada na Madeira, mas continua a aparecer, hoje, com frequência, perfeitamente naturalizada, por toda a Ilha, em especial na costa sul, em jardins, terras cultivadas, incultos húmidos, beiras de caminhos e junto de levadas. Tem-se multiplicado facilmente por semente, que produz em abundância, e pelos bolbos. Os binomes *Lapeirousia laxa* (Thunb.) N. E. Br. e *L. cruenta* (Lindl.) Bak. também se encontram na bibliografia botânica para referenciar esta espécie, originária da África do Sul.

Chasmanthe aethiopica N. E. Br. – Esta espécie bolbosa, de jardim, também denominada *Antholyza aethiopica* L., introduzida na Madeira, pelo seu interesse ornamental, há muitos anos, foi bastante cultivada, e assinalada, pela primeira vez, para a Ilha, por MENEZES (1894), que a considerou rara mas já naturalizada “em logares incultos e proximidades dos jardins”. Semelhante na folhagem aos gladiolos e às hastes-de-são-josé, deles diverge, sobretudo, pelas flores tubulosas, mais estreitas e recurvadas, de cor laranja-avermelhada a escarlata na parte superior e amarelo-esverdeada na inferior, dispostas também em escapos longos que podem ultrapassar 1,5 m. Hoje, não é mais cultivada, ou só em muito pequena escala mas expandiu-se muito como naturalizada, sendo bastante frequente, sobretudo acima dos 300 m de altitude; propaga-se facilmente por via vegetativa (bolbos), em locais sombrios, frescos e húmidos, principalmente em matas e parques e nas margens de caminhos e levadas, tanto na costa sul como na norte. As flores (hastes florais) são às vezes comercializadas,

em maior escala, na época do Natal, e aproveitadas para arranjos na decoração e embelezamento de interiores. Esta espécie é originária da África do Sul.

Crocoshia x crocosmiflora (G. Nicholson) N. E. Br. – Também designada cientificamente por *Tritonia x crocosmiflora* (Limoine) G. Nicholson, é planta bolbosa, de jardim, muito decorativa, desde há muito cultivada na Madeira, sobretudo nas zonas baixas e médias, até perto de 1000 m de altitude; ocorre, frequentemente, como subespontânea, em muitos lugares frescos e húmidos, em taludes, aterros, incultos, arrelvados, terrenos agricultados e por toda a parte, tanto na costa norte como na sul, graças à grande quantidade de bolbilhos a aos estolhos que frequente e abundantemente produz. Vulgarmente conhecida por chupos e palmas-de-são-lourenço (persistindo, ainda, nalguns locais, o antigo nome de mombrecia, derivado do primitivo *Montbretia* que lhe foi atribuído), foi assinalada para a Madeira por GRABHAM (1926, 1934, 1942). As folhas, que podem ultrapassar os 50 cm de comprimento, têm as nervuras salientes e as flores, muito atraentes, dispostas em hastes (escapos) muito compridas, até 1,20 m, e às vezes um pouco ramificadas, são amarelas, alaranjadas ou avermelhadas e levemente recurvadas. As hastes florais são comercializadas no mercado local, durante o Verão. Planta de origem híbrida, ocorre também em Portugal Continental e nos Açores, com o estatuto de subespontânea.

Ferraria crispa Burm. – Planta bolbosa e vivaz, relativamente robusta, com certo interesse ornamental, é de introdução não muito antiga na Madeira, tendo sido cultivada nalguns jardins do Funchal e arredores, Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, etc. Apesar de já não ser utilizada em jardins, ocorre frequentemente como naturalizada, sobretudo em sítios frescos das médias altitudes (400-800 m), nos seus antigos locais de cultura e nas suas proximidades (S. Roque, Monte, Santa Maria Maior, arredores do Cabo Girão, etc.). GRABHAM (1926, 1934, 1942) cita-a, sob o binome *F. undulata* L. e, no seu último trabalho, refere a respeito: “has run wild about Funchal and suburbs”. Esta curiosa espécie possui folhas longas (até 70 cm) e muito estreitas (à volta de 1 cm), verde-glaucas, com a nervura central proeminente, e flores mais ou menos fétidas, grandes, aveludadas, castanho-purpúreas com manchas amareladas ou esbranquiçadas e com as tépalas onduladas e encrespadas, flores que duram apenas algumas horas. Propaga-se, praticamente, apenas por via vegetativa (bolbos). É planta sul-africana, também introduzida e subespontânea em Portugal Continental.

Freesia refracta (Jacq.) Eckl. ex Klatt – Esta planta bolbosa e vivaz é muito cultivada nos jardins madeirenses, embora hoje através de diversas variedades, híbridos e cultivares com flores de maior beleza, tamanho e duração. Mas é a espécie típica que ocorre, desde há muito tempo, como naturalizada em arrelvados, pastos, margens de

caminhos e lugares incultos, húmidos, das médias altitudes da Madeira, sobretudo entre os 300 e os 1000 m (Bom Sucesso, Monte, Camacha, Santo da Serra, Santana, Queimadas, Calheta, Prazeres, etc.). GRABHAM (1934) já afirmava a seu respeito: “is rapidly becoming naturalized about Funchal and country towns”. As frésias (ou frísias, como dizem incorrectamente alguns madeirenses influenciados pela pronúncia inglesa do nome latino do género *Freesia*) são plantas pouco robustas, de flores grandes, atraentes e perfumadas, dispostas apenas num plano da haste que as suporta e de cor geralmente creme ou esbranquiçada com manchas amarelo-alaranjadas ou ainda mais escuras nos espécimes que se encontram naturalizados (as novas frésias, actualmente mais cultivadas, têm flores alaranjadas, rosadas, rosa-avermelhadas, purpúreas, violáceas ou brancas). *F. refracta* é originária da África do Sul e é, também, cultivada e subespontânea em Portugal Continental.

Gladiolus cardinalis Curtis – É um gladiolo, sobretudo cultivado na Camacha desde há mais de 50 anos e perfeitamente naturalizado, como no sítio do Rochão, em muros, bardos e incultos, sendo uma das plantas mais apreciadas desta freguesia, pelo encanto das hastes florais que são comercializadas no Funchal desde Maio a Julho. Conhecida por hastes-de-são-joão e carolinas, esta planta, alta, até mais de 1 m, de bolbo sólido, globoso a um pouco achatado, com 2-3 cm de diâmetro, de caule arqueado, com 3-6 folhas inferiores, verde-glaucas a verdes, bem desenvolvidas (até mais de 60 cm de comprimento e 1,5-2,5 cm de largo), tem flores grandes (7-11 cm), de cor vermelho-escarlate, dispostas (até 20) em espiga simples ou ramificada; em cada flor, com o tubo, mais ou menos estreito, de 3-5 cm, as tépalas ou segmentos superiores são maiores (4,5 a 6 cm por 1,5 a 2,5 cm) e os inferiores, à volta de 4 cm por 1,2 cm, apresentam uma mancha central branca, alongada, e os estames têm um comprimento superior a metade do comprimento do limbo. Normalmente, os bolbos são deixados nos jardins ou locais de ocorrência, formando-se muitos bolbilhos pelos quais este gladiolo se expande. É espécie sul-africana. (Plantas muito afins, com os mesmos nomes vulgares, que necessitam estudo mais demorado, provavelmente híbridos derivados desta espécie, que talvez se possam incluir em *G. x colvillei* Sweet, divergindo entre si pelas tonalidades de vermelho a carmim que as flores apresentam e pelo número e tamanho destas e, também, pelas manchas alongadas dos segmentos inferiores, que podem ser esbranquiçadas ou até mais escuras do que o tom base e rodeadas por sombras ainda de tons mais carregados, ocorrem abundantemente em mistura com *G. cardinalis* e produzem hastes florais que são igualmente muito comercializadas na mesma época.)

Gladiolus italicus Mill. – Esta espécie bolbosa e vivaz, introduzida há muitos anos na Madeira e no Porto Santo e cultivada antigamente como planta de jardim, foi assinalada, pela primeira vez, sob o binome *G. segetum* Ker Gawl., por MENEZES (1894), como comum e naturalizada e vivendo “geralmente entre as searas na Madeira e no

Porto Santo”. Continua, hoje, a ser comum (mas já menos em Porto Santo) nos terrenos cultivados (vinhas, hortas) e, até, em incultos húmidos, multiplicando-se sobretudo pelos bolbilhos e aparecendo desde a beira-mar até mais de 700 m de altitude. Já não é espécie cultivada, tendo sido substituída por outras espécies e numerosos híbridos e cultivares mais robustos e mais bonitos, os gladiólos de jardim, tão adequados para flor de corte. *G. italicus*, que pode atingir 1 m de altura, produz flores grandes, rosadas a vermelho-purpúreas, em hastes ou espigas de 3 a 13 flores, cada. Planta originária da Região Mediterrânica, é espontânea em Portugal Continental, recebendo o nome de espadana-das-searas e nos Açores, onde a conhecem por palma ou palmito.

Iris foetidissima L. – Este lírio, de rizomas delgados e folhas longas, persistentes, verde-escuras, que cheiram mal quando esmagadas, foi introduzido, em data desconhecida, na Madeira e é cultivado com pouca frequência em sítios frescos e húmidos, sombrios, das médias altitudes, sobretudo entre o Monte, a Camacha e o Santo da Serra. Aí se mantém e nalguns outros locais (subúrbios do Funchal), ocorrendo, muitas vezes, como planta naturalizada, até em incultos. HANSEN (1971) citou esta espécie, pela primeira vez, para a Ilha, depois de ter sido colhida em 1969, entre Santo António e Eira do Serrado, naturalizada numa mata. Nesta planta, as flores são pouco atraentes, violáceo-pálidas, por vezes, com tons branco-amarelados mas as hastes (escapos) mais ou menos longas, com os respectivos frutos (cápsulas), são algo procuradas e comercializadas, sobretudo quando estes se abrem, mostrando as sementes globosas, como as da conteira mas vermelho-alaranjadas e que persistem muito tempo mesmo depois dos frutos abertos; estas hastes são utilizadas, depois de secas, em arranjos florais, principalmente na quadra de Natal. Espécie da Europa Ocidental e da África Setentrional, é espontânea em Portugal Continental e nos Açores, onde é conhecida, também, por lírio-fétido, além de lírio.

Iris pseudacorus L. – Conhecida como lírio-amarelo, esta espécie introduzida na Madeira e cultivada já há algum tempo, foi, pela primeira vez, assinalada para a Madeira, por MENEZES (1922b), que disse: “...acha-se naturalizada nos logares húmidos na Fundoa, perto do Funchal, onde o sr. J. G. da Costa a colheu em Abril de 1921”. Cultivada nalguns jardins em pequenos tanques e em locais encharcados, em certas quintas dos arredores do Funchal (Palheiro Ferreiro) e fora deste concelho (Camacha e Santo da Serra), tornou-se subespontânea, aqui e acolá, em poucos sítios, sempre com abundância de água. O lírio-amarelo tem certo interesse ornamental e é utilizada como flor de corte, dada a beleza, o tamanho e a cor amarelo-dourada das suas flores, que surgem em Abril-Maio; as folhas compridas, verde-glaucas, com a nervura principal proeminente, são caducas. Espécie originária da Europa, Ásia Ocidental e do norte de África, é espontânea em Portugal Continental, sendo aí conhecida por lírio-dos-charcos e lírio-amarelo-dos-pântanos.

Iris xiphium L. – Este lírio de jardim, decorativo, pela sua floração, já o conhecemos, desde há mais de 50 anos, em cultura, na Camacha, encontrando-se, de igual modo, naturalizado em incultos e terrenos agrícolas abandonados, nessa freguesia (Rochão) e, também, em pequena escala, em locais húmidos do Santo da Serra. GRABHAM (1934) refere a sua existência na Ilha já afirmando: “in some localities running wild”. PRESS (1994), por sua vez, também assinalou esta espécie, para a Ilha, afirmando que “is widely cultivated and may perhaps be naturalized in Madeira”. Contrariamente à maioria dos lírios cultivados na Madeira (desde o *Iris albicans* Lange, de flores brancas e o *I. subbiflora* Brot., de flores violáceas, aos muitos híbridos, de grandes flores com essas e outras tonalidades, geralmente intermédias ou violáceo-azuladas ou, ainda, amareladas) que são plantas rizomatosas, o *I. xiphium* é provido de bolbos, ovóides, com bolbilhos, através dos quais se propaga facilmente; tem folhas glaucas, lineares, compridas de 30 cm a 1 m, com 8 mm de máxima largura, emitidas a partir de meados de Outubro e flores geralmente violáceas com manchas amarelas, em número de 1 ou 2 flores por caule florífero ou escapo. Nativa da Região Mediterrânica Central e Ocidental, esta espécie é espontânea em Portugal Continental.

Ixia maculata L. – É uma espécie herbácea, vivaz e bulbosa, que deve ter sido introduzida na Madeira, já há muitos anos, como planta de jardim e que foi assinalada por MENEZES (1914) como frequente em “jardins e quintas da Camacha”. Além de cultivada, a planta ocorre como naturalizada em vários locais húmidos e frescos das médias altitudes da Ilha (300-800 m), em arrelvados, incultos, terrenos agrícolas abandonados e jardins ou nas suas proximidades, sobretudo na Camacha, no Santo da Serra, em Santana e S. Jorge. Caracterizam esta espécie, de poucas folhas lineares e compridas, as brácteas amarelo-acastanhadas a avermelhadas, até 1 cm de comprimento, e as flores geralmente alaranjadas a amarelas, com manchas avermelhadas no exterior e com o centro castanho-purpúreo, dispostas em densas e erectas inflorescências como espigas mais ou menos compridas. Estas hastes são objecto de comercialização no mercado local. GRABHAM (1942) afirmou que já então esta espécie se encontrava “naturalized in the valleys of Madeira over 1500ft.”. Conhecida na Ilha por íxias e palhinhas, esta planta é originária da África do Sul.

Sparaxis grandiflora (Delaroché) Ker Gawl. – GRABHAM (1934) referiu-se à ocorrência desta espécie na Madeira, afirmando tratar-se de planta com “very desirable blooms sold in great numbers in Funchal during the spring months”. Deve ser planta tão antiga na Madeira como a espécie a seguir referenciada (*S. tricolor*) mas provavelmente menos comum, talvez por ter uma floração menos espectacular. Ainda hoje, é cultivada nalguns jardins das médias altitudes (Camacha, Santo da Serra, Santana) e ocorre, naturalizada, com pouca frequência, quase sempre, nas proximidades de habitações, em arrelvados, incultos e terras agrícolas ou abandonadas daquelas

localidades. É planta bolbosa, de folhas longas, estreitamente lanceoladas (até 30 cm por 15 mm) e de flores de cores variadas, geralmente amarelo-esbranquiçadas mas com tons purpúreos, externamente, dispostas, em número de 1 a 6 em espigas frouxas, no cimo de hastes mais ou menos firmes. Recentemente, PHILLIPS & RIX (1998) afirmaram que esta espécie, nativa da África do Sul, ocorria “sometimes naturalized in Mediterranean areas, for example, near Nice and on Madeira”.

Sparaxis tricolor (Schneev.) Ker Gawl. – Esta planta herbácea, bolbosa, vivaz, com as folhas mais ou menos compridas e estreitas, dispostas em leque, foi introduzida como planta ornamental na Madeira e MENEZES registou-a, com esse estatuto, em 1914, como frequente “nos jardins e quintas da Camacha”. As suas flores (hastes florais) são muito procuradas (e conhecidas por palhinhas) e também comercializadas no mercado local porque são duradouras e muito atraentes, de cores variadas mas quase sempre vermelhas com manchas negras e com o tubo amarelo ou às vezes alaranjadas ou totalmente rosa-avermelhadas; as hastes têm 2-5 flores cada. Desta espécie, GRABHAM (1942) disse: “it is now quite naturalized in the mountains”, acrescentando que, já nessa altura, era “brought down to the market in vast quantities in the spring”. Esta espécie ainda é, hoje, muito abundante e continua a ocorrer, nalguns locais frescos e húmidos dos arredores do Funchal e, sobretudo, da Camacha e do Santo da Serra, em jardins, terras cultivadas ou abandonadas e incultos, como subespontânea. É planta nativa da África do Sul, admitindo-se que tenha sido trazida desse país para a Madeira.

Tigridia pavonia (L. fil.) DC. – Hoje, ainda cultivada, sob diferentes variedades, nalguns jardins das zonas médias e baixas da Madeira, esta espécie ornamental deve ter sido introduzida no século XX, tendo sido assinalada, como subespontânea, por GRABHAM (1934) que, na altura, referiu: “has run wild in the moist interior valleys”. Cresce e floresce melhor em sítios frescos e húmidos e aí também melhor se expande mas sem muita frequência, sem quaisquer cuidados. É espécie bolbosa, de folhas compridas e estreitas, pregueadas e com flores grandes, curiosas, muito decorativas e vistosas, fugazes mas produzidas em longa sucessão, com o centro em forma de taça e as tépalas com tons avermelhados, em parte, e purpúreos e branco-amarelados ou amarelo-alaranjados, muitas vezes com pontuações avermelhadas, noutra parte. Ocorre, hoje, naturalizada nas proximidades de jardins e habitações e, também, em incultos, na costa sul da Ilha, principalmente na parte alta do concelho de Santa Cruz (Camacha, Gaula e Santo da Serra). A tigrídia é originária da América Central.

Watsonia borbonica (Pourr.) Goldblatt subsp. *ardernei* (Sanders) Goldblatt – Esta planta herbácea, bolbosa, muito robusta, formando grandes tufo, de farta folhagem e abundante floração, é de há muito cultivada na Madeira, sendo desconhecida a data da sua introdução na Ilha. GRABHAM (1934, 1942) refere-a sob o binome *W. ar-*

dernei Hort. mas apenas na condição de “cultivated extensively”, sem fazer qualquer alusão à sua subespontaneidade. No entanto, esta bolbosa ornamental, muito utilizada, por toda a parte, especialmente entre os 200 e os 1000 m de altitude, em canteiros e maciços, em jardins e parques e nas margens de estradas, onde se torna de grande interesse paisagístico, ocorre nas proximidades de muitos locais de plantação (Funchal, Estreito de Câmara de Lobos, Camacha, Santo da Serra, Santana, S. Jorge, Arco de S. Jorge, S. Vicente, etc.) como subespontânea e já naturalizada, ainda que com alguma raridade, sobretudo porque a sua propagação e expansão se processa habitualmente apenas por via vegetativa (bolbos). É também planta rústica que, sem cuidados culturais, produz grande quantidade de hastes florais (escapos), longas, semelhantes às dos gladiolos, com muitas flores brancas ou rosadas, grandes, afuniladas, hastes que são muito comercializadas no mercado local. Conhecida na Madeira por hastes-de-são-josé, esta subespécie é originária da África do Sul.

Watsonia bulbillifera Mathews & L. Bolus – Planta herbácea, bolbosa, muito robusta, relativamente comum em cultura e, sobretudo, hoje, como subespontânea e perfeitamente naturalizada, desde a beira-mar até mais de 800 m de altitude, tendo provavelmente vindo a ser confundida com a espécie *W. meriana*, só agora é assinalada, pela primeira vez, para a ilha da Madeira. Há mais de 40 anos que conhecemos a *W. bulbillifera* na Ilha, mas é provável que a sua introdução na Madeira seja muito mais antiga, talvez dos começos do século XX. É, nalguns terrenos, desde há muito, uma verdadeira praga, alastrando rapidamente, sobretudo devido aos inúmeros bolbilhos, que se desprendem facilmente da planta-mãe e que se formam nos caules ou hastes, nas axilas das brácteas e das folhas superiores; pode-se observar esta espécie, da África do Sul, com maior frequência, em Santa Cruz, na Camacha e no Santo da Serra mas, também, na costa norte (Faial, Porto da Cruz, etc.). Na linguagem popular, esta planta é conhecida por espigos. Produz grandes bolbos, geralmente com 5-6 cm de diâmetro, os caules floríferos podem atingir mais de 1,5 m, por vezes, até 2 m, as folhas são compridas e erectas e chegam a ultrapassar 60 cm de comprimento e 5 cm de largura (por vezes até 6 cm); as flores, atraentes, cor de tijolo a vermelho-alaranjado, são grandes, muito recurvadas, com a parte inferior tubulosa. Vêem-se, por vezes, plantas desta espécie, nas margens de estradas e caminhos, não com a frequência das hastes-de-são-josé (*W. borbonica* subsp. *ardernei*), mas em muito menor número e, raramente, em mistura com esta última. Com o abandono de muitos terrenos agrícolas é natural que se anteveja uma muito maior expansão desta *W. bulbillifera*, que poderá até invadir os limites inferiores da *Laurisilva*. A *W. bulbillifera* é cultivada e subespontânea em Portugal Continental.

Watsonia meriana (L.) Mill. – Esta espécie bolbosa, ornamental, antigamente bastante cultivada na Madeira, foi introduzida provavelmente nos últimos anos do

século XIX, tendo sido referida por MENEZES (1894) como rara mas já naturalizada “em quintas na Camacha”. Não sendo actualmente muito cultivada, esta espécie, também conhecida por espigos, e que aparece, nas zonas baixas e médias da Madeira, em incultos ou em terrenos agrícolas, mais ou menos abandonados, sobretudo no Funchal, em Santa Cruz e, principalmente, na Camacha, está perfeitamente naturalizada. A *W. meriana* é uma planta rústica, robusta mas menos do que a anterior, de folhas também como as dos gladiolos, compridas e pouco largas (até 3 cm) e de flores grandes, providas de um tubo comprido e recurvado, de cor de salmão ou rosa-avermelhadas a vermelhas, dispostas, em grande número, em longas hastes (escapos) até cerca de 1 m de comprimento, onde se não formam bolbilhos. As hastes florais têm certo interesse comercial. Esta espécie, que é originária da África do Sul, é cultivada nos Açores.

Algumas outras espécies desta família das iridáceas têm sido cultivadas na Madeira como plantas de jardim e, casualmente, têm ocorrido fora dos locais de cultura, nunca persistindo por muito tempo e não podendo ser consideradas naturalizadas na Ilha. Assim acontece com: *Dietes iridioides* (L.) Sweet, já referenciada por GRABHAM (1934, 1942), sob o binome *Moraea iridioides* L., uma herbácea sul-africana, rizomatosa, algo parecida com os lírios, de flores graciosas, brancas, manchadas de amarelo, com pequenas “cristas” azuis e que surge em jardins e parques, geralmente perto dos canteiros ou maciços cultivados; *Gladiolus x hortulanus* Bailey, a que se refere PRESS (1994), os muito comuns e conhecidos gladiolos de jardim, híbridos, robustos, de rara beleza, cultivados há muito na Madeira, sob diversas cultivares, algumas em explorações relativamente recentes para flor de corte, com hastes florais longas, de muitas flores grandes, de uma só cor ou com diversas cores ou tonalidades e de que alguns bolbos ou numerosos bolbilhos ficam no terreno, onde habitualmente são cultivados ou nas suas proximidades (ou são levados inconscientemente para outros locais) e dão origem a novas plantas que, todavia, não persistem, logo que falem os cuidados culturais; *Iris germanica* L., um lírio de origem desconhecida, que foi referido por GRABHAM (1934, 1942) como ocorrendo nos jardins da Ilha, onde ainda é muito cultivado, sobretudo entre os 300 e os 1000 m de altitude, pela sua interessante folhagem verde-glaucosa e pelas suas bonitas e robustas hastes floríferas (escapos), com flores quase sempre violáceo-azuladas a purpúreo-anegradadas, e que aparece ocasionalmente em incultos; e *Iris japonica* Thunb., outro lírio mas da China e do Japão, também já assinalado por GRABHAM (1942), como planta de jardim, bastante atraente pelas suas flores lilacíneas a azuladas ou esbranquiçadas, com as margens mais ou menos frisadas, foi mencionado por PRESS (1994), com a referência de “has been recorded from Porto da Cruz but is doubtfully naturalized”.

JUNCACEAE

Juncus foliosus Desf. – Este pequeno e raro junco, anual, formando tufos, com as folhas relativamente largas (até 5 mm), é tido, por CANNON (1994), tal como as duas espécies congéneres seguintes, como “recently introduced”. Provavelmente, a data correcta dessa introdução accidental é de determinação impossível. Sabe-se, apenas, que esta espécie de junco foi encontrada, pela primeira vez, na Madeira, em 1969 (HANSEN, 1973), numa levada “along the mainroad at Achadas da Cruz, West Madeira”. Mais tarde (1972-73), foi encontrada, pelo mesmo autor, noutras locais da Ilha e, também, no Porto Santo, especificamente no Pico do Castelo (HANSEN, 1974). Planta essencialmente de locais muito húmidos (levadas, regadeiras, valas, charcos), pode aparecer, também, raramente, em incultos. As suas pequeníssimas flores dispõem-se, bem espaçadas nas ramificações das inflorescências pouco densas. Provavelmente de origem híbrida, tem distribuição geográfica confinada à Região Mediterrânica Ocidental e a Portugal Continental.

Juncus hybridus Brot. – Esta espécie de junco, também anual, introduzida recentemente na Madeira, certamente por acaso, foi assinalada, pela primeira vez, por HANSEN (1973), que a havia encontrado, em 1969, “on meadow near the mainroad Machico-Caniçal, just east of the new tunnel, East Madeira” e, pela segunda vez, em 1973, nos terrenos do empreendimento turístico da Matur, em Água de Pena. Trata-se de uma pequena erva, de folhas muito estreitas, filiformes, até 1 mm de largura e de inflorescências em “cabeças” densas. Apesar de ser planta muito pouco frequente, ocorre ainda nos locais referidos, perfeitamente naturalizada e, também, em incultos das zonas baixas doutros pontos da costa sudeste da Ilha. Provavelmente de origem híbrida, tem larga distribuição geográfica na Região Mediterrânica, Ásia Meridional e sul de África, ocorrendo, também, em Portugal Continental e nos Açores.

Juncus sorrentinii Parl. – Este pequeno junco, anual, parece também ter sido introduzido recentemente na Madeira, de acordo, igualmente, com CANNON (1994), encontrando-se, segundo o mesmo autor “established near Santa Cruz and Caniçal”. De igual modo, é impossível precisar ou até estimar a data da sua introdução, seguramente involuntária, na Ilha, bem como o modo em que se processou e o substracto que, porventura o tenha veiculado. HANSEN & SUNDING, só em 1985, na 3ª edição do seu Catálogo das plantas vasculares da Macaronésia, assinalaram esta espécie para a Madeira, não citando os Açores como território onde a mesma ocorra. É espécie afim da congénere anterior, de folhas igualmente muito finas e inflorescências também em “cabeças” mais ou menos densas, mas divergindo por algumas particularidades das flores e dos frutos. É, também, muito provavelmente, de origem híbrida.

LILIACEAE

Agapanthus praecox Willd. subsp. *orientalis* (F. M. Leight.) F. M. Leight. – É uma das plantas herbáceas e perenes, actualmente mais expandidas e cultivadas na Madeira. MENEZES (1914) referiu, em nota de pé de página que, esta planta, sob o binome *Agapanthus umbellatus* L' Hérit., era já, nessa altura, uma liliácea muito cultivada nos jardins e GRABHAM (1934) afirmou que a mesma planta se encontrava, então “quite naturalized everywhere up 3000 ft.”. Introduzida na Madeira, talvez nos finais do século XIX, como planta ornamental, de jardim, as coroas-de-henrique, como lhe chamam os madeirenses, têm vindo a ser muito plantadas em jardins e parques (em maciços ou como bordadura), largos ou praças, bermas de estradas, taludes, embelezando muitas áreas ou recantos da Ilha, desde o nível do mar até acima dos 1000 m de altitude; nalguns locais têm até a útil função de contribuir para a segurança dos terrenos declivosos, devido ao seu forte e abundante raizame e à sua rusticidade. Esta espécie foi introduzida no Porto Santo nos anos 70 e aí tem vindo a ser cultivada. Em muitos locais húmidos, devido à fácil germinação das suas sementes, continua a ocorrer como subespontânea, por toda a Madeira, o que se verifica, com maior frequência, nas médias altitudes, acima dos 300 m. Todavia, não demos ainda pela sua ocorrência significativa no interior da *Laurisilva*. A folhagem linear a largamente linear, abundante e densa, verde-metálica, atraente, é persistente e a floração espectacular traduz-se em numerosas flores azuis ou brancas, dispostas em grandes umbelas terminais, na extremidade de caules (escapos), robustos e longos. Estas flores são muito comercializadas no mercado local, havendo, também, nalguns anos, exportação das produzidas mais precocemente (Maio e Junho). É planta sul-africana, conhecida também por apagantos, nome que também lhe dão em Portugal Continental e nos Açores, onde é cultivada.

Allium ampeloprasum L. – Sobre esta espécie herbácea, bolbosa e vivaz, hortícola, introduzida há muitos anos na Madeira e até hoje cultivada nalguns locais da Ilha, conhecida por alho-porro e alho-francês, MENEZES (1894) já dizia que se encontrava como espontânea “nas proximidades das hortas”. E, em 1913 e 1914, o mesmo autor concretizava melhor a sua afirmação, referindo que esta espécie era subespontânea na Serra de Água, Curral dos Romeiros, S. Martinho, etc. mas considerava-a rara. Apesar de, ainda hoje, não ser frequente, ocorre também na costa norte (Santana e S. Vicente) como naturalizada, em vinhas e incultos húmidos. Do alho-porro, de que se aproveitam para a alimentação as folhas e os bolbos, faz-se uso, também, dessas mesmas partes na medicina caseira, devido à sua acção antisséptica, diurética, emoliente e expectorante. As folhas são muito compridas, até mais de 0,5 m e estreitas, até 3 cm, e as pequenas flores, brancas, rosadas ou avermelhadas, dispõem-se em grandes umbelas, globosas e densas, na extremidade de caules (escapos) que, por vezes, atingem 1 m de altura. Planta do sul e do ocidente da Europa, é espontânea

em Portugal Continental e subespontânea nos Açores, onde a conhecem por alho-bravo e porro-bravo.

Allium neapolitanum Cyrillo – Esta espécie herbácea, vivaz, de introdução recente na Madeira e algo cultivada em jardins do Funchal e arredores e, também, na Camacha, onde se colhem as flores para comercialização e ou decoração de interiores, sobretudo nos fins do Inverno, foi referida, pela primeira vez, para a Ilha, por HANSEN (1968), que a colheu na Quinta Magnólia, como subespontânea. Aparece, com pouca frequência, como naturalizada nas proximidades de jardins, terras cultivadas, beiras de caminhos e estradas, em lugares húmidos das médias altitudes, como no Monte e no Palheiro Ferreiro. Conhecida vulgarmente por alinhos, esta espécie bulbosa tem as pequenas flores, de um branco puro, dispostas em grande número em umbelas volumosas, quase sempre hemisféricas, até 9 cm de diâmetro, que encimam os caules (escapos) longos, geralmente angulosos, por vezes com mais de 0,5 m de comprimento. Originária da Europa Meridional, esta planta é espontânea em Portugal Continental.

Allium paniculatum L. – MENEZES (1914) referiu esta espécie vivaz como subespontânea na Madeira e comum em “logares cultivados e beiras dos caminhos em S. Martinho, Santo António, Monte, etc.”. Mas as primeiras referências a esta planta, na Ilha, foram feitas por FORSTER, em 1787, de acordo com MENEZES (1922a), sob o binome *A. pallens* e, depois, em 1894, por MENEZES, sob o binome *A. oleraceum* L. Conhecida vulgarmente por cebolinho, esta espécie é hoje menos comum, continuando a parecer perfeitamente naturalizada e aparecendo, conforme diz VICKERY (1994), “by walls, on roadsides and dry, rocky slopes, apparently mainly in south-east Madeira”. De poucas folhas lineares e compridas, muito mais estreitas do que as da espécie congénere anterior, esta bulbosa tem as flores esbranquiçadas ou esverdeadas a rosadas ou rosa-purpúreas, dispostas geralmente em grande número em umbelas hemisféricas a subglobosas, até 7 cm de diâmetro, encimando os escapos robustos (até 80 cm) e roliços. Raramente, em vez dalgumas flores, aparecem bolbilhos. É espécie mediterrânica que ocorre, como espontânea, em Portugal Continental e nos Açores.

Allium triquetrum L. – Esta espécie herbácea, bulbosa, conhecida vulgarmente por alho-bravo, deve ter sido introduzida há muito tempo, talvez por ter certo interesse ornamental, tendo sido assinalada por MENEZES (1894) como planta rara mas já naturalizada, em “logares húmidos no Monte, Santo António e Levada de Santa Luzia”. É planta, hoje, relativamente comum, ocorrendo quase sempre em lugares frescos e mais ou menos sombrios das zonas médias da Madeira (sobretudo entre os 300 e os 600 m de altitude) e, principalmente, perto de cursos de água, levadas e zonas mais ou menos providas de água ou encharcadas. As flores brancas, com uma faixa verde no meio das tépalas, são um pouco pendentes e dispõem-se em pequeno número em umbelas

frouxas, no cimo de escapos, pouco robustos e angulosos (tríquetros), que não ultrapassam os 45 cm de comprimento. É espécie da Região Mediterrânica Ocidental, subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Allium vineale L. – Esta planta herbácea, bolbosa, bastante curiosa pelas inflorescências (umbelas) com as flores substituídas por bolbilhos, que servem à reprodução vegetativa da espécie, deve ter sido introduzida não há muito tempo e foi assinalada, pela primeira vez, para a Madeira, por MENEZES (1922b), que identificou exemplares colhidos por COSTA, em vários locais do Porto Moniz. Não é espécie comum mas está perfeitamente naturalizada em sítios frescos, cultivados ou incultos, bermas de caminhos e margens de cursos de água ou leitos de ribeiros, no norte da Madeira. Esta planta possui um caule florífero (escapo) roliço, por vezes muito longo (até mais de 1 m) e folhas mais ou menos compridas e estreitas, cilíndricas e fistulosas. É originária da Região Mediterrânica e ocorre espontaneamente em Portugal Continental, onde é conhecida por alho-das-vinhas, e nos Açores.

Aloe arborescens Mill. – Esta bonita planta, suculenta e arbustiva, muito rústica e robusta, introduzida na Madeira como ornamental e já de há muito cultivada por toda a Ilha, sobretudo em jardins, parques, taludes, margens de estradas e locais rochosos ou pedregosos, foi assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1894), como naturalizada “em sebes e bordas dos caminhos nos arredores do Funchal”. O mesmo autor, em 1914, confirmou a sua subespontaneidade, indicando alguns locais onde se podia encontrá-la: S. Roque, S. Gonçalo e Monte. Com muita frequência, esta espécie tem sido plantada em milhentos locais, principalmente nas zonas mais baixas, desde o nível do mar até cerca de 500 m de altitude e, sobretudo, em sítios soalheiros da costa sul; e na vizinhança desses locais, geralmente em rochas íngremes de difícil acesso, encontra-se perfeitamente naturalizada. Esta planta é conhecida na Ilha por aloés, babosas e foguetes-de-natal, sendo verdadeiramente espectacular quando está em flor, nos fins do Outono a princípios da Primavera, com as grandes inflorescências cheias de muitas flores escarlates a vermelhas, que facilmente sobressaem de entre as suculentas folhas, verde-glaucas, espinhosas nas margens e reunidas em rosetas densas; em certos pontos, forma maciços de grandes dimensões. É espécie rara em Porto Santo e apenas cultivada. Oriundo da África do Sul, este aloés é também subespontâneo em Portugal Continental e cultivado nos Açores.

Aloe vera (L.) Burm. fil. – Esta planta suculenta, vivaz, hoje muito procurada pelo seu uso na medicina caseira, foi introduzida na Madeira, ao que parece, nos finais do século XIX e assinalada por MENEZES (1894) já como naturalizada e comum mas sob o binome *Aloe barbadensis* Mill., e ocorrendo nos arredores do Funchal. É muito cultivada, como ornamental, em jardins e parques mas podemos vê-la com alguma

frequência, subespontaneamente, em margens de estradas e incultos, sobretudo no litoral da costa sul da Ilha. Nos últimos anos, por força de apregoadas propriedades anticancerígenas do suco das folhas, tem vindo a ser muito mais cultivada (até em Porto Santo) e tem acontecido uma busca desmedida dessa folhagem, quer nos locais de cultura, quer nos de ocorrência natural. Conhecida vulgarmente por babosa e aloés-amarelo, é planta rústica, pouco robusta, de grandes folhas carnudas, glaucas, muitas vezes manchadas de branco, espinhosas, direitas, em rosetas, donde saem as flores amarelas, reunidas em cachos longos, no extremo dos escapos. Antigamente, a medicina popular utilizava o suco das folhas, devidamente preparado, como purgativo e laxativo e, em uso externo, como cicatrizante, em chagas e queimaduras. Além de algumas pessoas utilizarem o aloés-amarelo no combate a certas neoplasias, sem qualquer fundamento científico, também se têm propagandeado outras virtudes desta planta (propriedades antiviral e antibacterial), até no tratamento da calvície e da queda de cabelo. Planta originária da Arábia e do nordeste africano é, também, subespontânea e rara em Portugal Continental.

Asparagus asparagoides (L.) Druce – Conhecida vulgarmente por alegria-campo-de-folha-miúda, esta planta, vivaz, um pouco trepadeira pelos seus caules volúveis, a enroscarem-se facilmente noutras plantas ou suportes que estejam na sua proximidade, e pouco longos e robustos, foi introduzida na Madeira como ornamental, já há muitos anos, e assinalada, pela primeira vez, sob o binome *Myrsiphyllum asparagoides* Willd., por MENEZES (1894), que a considerou, então, como rara mas já “naturalizada nos bardos e proximidades dos jardins”. Continua, hoje, a não ser planta comum e já não é cultivada; mas ocorre, por toda a Madeira, nas zonas baixas e médias, nos sítios mencionados e, ainda, como refere VICKERY (1994) “naturalized in forest, along levadas and on rocks and walls in various places”. As falsas folhas ou cladódios deste *Asparagus*, ao contrário das lineares muito finas, como agulhas, das outras espécies congéneres, são ovadas a ovado-lanceoladas, até 4 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, e as flores, muito pequenas, são branco-esverdeadas e dão lugar a bagas vermelho-escuras, como pequenas cerejas. Espécie originária da África do Sul, é subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Asparagus densiflorus (Kunth) Jessop – Introduzido na Madeira, pela sua valia decorativa, provavelmente nos finais do século XIX ou já no século XX, este esparto, como lhe chamam na Ilha, é, sobretudo, uma planta de jardim e de vaso, relativamente comum, principalmente na área do Funchal e arredores. Aqui e acolá, nessa mesma área, nas vizinhanças dos jardins ou das habitações, em incultos rochosos, húmidos ou em rock-gardens e, até, em terras cultivadas, junto de passeios ou levadas, ocorre também subespontaneamente, graças à fácil germinação das suas sementes, que produz em abundância. Alguns escritos sobre jardins e plantas floríferas do princípio do século

XX e GRABHAM (1934, 1942) referem a existência desta planta na Madeira, sob o binome *Asparagus sprengeri* Regel mas não falam ainda da sua naturalização que não é, aliás, generalizada, nem frequente. Esta espécie, de muitos caules finos, pendentes, às vezes com mais de 1 m de comprimento, um pouco espinhosos e numerosas e falsas folhas ou cladódios lineares, acuminados, de um bonito tom de verde, produz muitas flores rosa-esbranquiçadas, pequenas e aromáticas, em cachos, e frutos (bagas) vermelhos, arredondados, às vezes com mais de 1 cm de diâmetro. É planta originária da África do Sul.

Asparagus setaceus (Kunth) Jessop – Esta espécie deve ter sido introduzida na Madeira, ainda nos finais do século XIX, afirmando MENEZES (1914), sob o binome *Asparagus plumosus* Bak., que era, então, muito cultivada nas quintas e jardins da Ilha. Continua, hoje, a ser planta decorativa bastante utilizada mas ocorre, frequentemente, como subespontânea, nas proximidades dos jardins e habitações, em incultos, beiras de caminhos, logradouros, fendas de rochas e terras cultivadas, principalmente no Funchal e arredores mas em zonas baixas. Conhecida vulgarmente por esparto-de-folha-miúda, a sua ramagem é muito aproveitada para arranjos florais e decoração de interiores; além duma folhagem densa, miúda (cladódios filiformes e curtos), de cor verde-escura, disposta em planos horizontais, os caules finos e resistentes permitem fácil adaptação a qualquer suporte. As flores desta espécie são brancas e muito pequenas mas numerosas, como são numerosos os frutos (anegrados na maturação), que possuem sementes férteis, de fácil germinação. É espécie sul-africana, de que já GRABHAM (1942) afirmava: “it has run wild in the maritime region of the island”. Também HANSEN (1987) a encontrou no Funchal, em 1980, como “a garden escape in Estrada Monumental”.

Chlorophytum comosum (Thunb.) Jacques – Esta planta herbácea, de jardim, deve ter sido introduzida na Madeira, já nos começos do século XX, tendo sido assinalada para a Ilha, sob o binome *Phalangium variegatum*, por GRABHAM (1934), o qual referia na altura: “used as a border plant, semi-naturalized”. Ao referir-se à mesma planta, cultivada como bordadura, no Jardim Municipal, GRABHAM (1942) utilizou os binomes *Paradisea liliastrum* Bertol. e *Phalangium liliastrum* Bertol. Esta planta continua a ser muito cultivada, quer em jardins, quer em vasos, sendo utilizada também como planta de interior, sobretudo através das suas variedades de folhas listradas de verde e branco ou de verde e creme. Ocorre, com alguma frequência, como naturalizada, propagando-se facilmente, nas imediações de jardins e habitações, por semente e através das pequenas plantas que, a seguir à floração, se formam nos escapos ou caules florais. Esta espécie é decorativa pela folhagem (não tanto a espécie típica em que as folhas são uniformemente verdes), muito densa, formando roseta junto ao solo, de onde saem as inflorescências em longos escapos, delgados e arqueados mas resistentes, na extremidade dos quais se encontram as pequenas flores brancas. É relativamente recente

em cultura no Porto Santo. É planta nativa da África do Sul, também referenciada na literatura botânica sob os binomes *Chlorophytum capense* O. Kunze, *C. elatum* R. Br. e *Anthericum comosum* Thunb.

Lilium candidum L. – Conhecida vulgarmente por açucena, tal como a espécie congénere *L. longiflorum* Thunb., também de grandes flores de cor branco-pura, mas hoje muito mais cultivada, esta planta bolbosa, vivaz, robusta, introduzida há muitos anos na Madeira, foi considerada por MENEZES (1894), como naturalizada e rara, ocorrendo no “leito da ribeira de Santa Luzia perto de S. Roque; bordas dos caminhos e logares cultivados em Santo Amaro e Santo António”. O mesmo autor, em 1914, reafirmou a ocorrência do *L. candidum* nos sítios referidos em segundo lugar mas não considerou o seu estatuto de naturalizado (talvez por lhe ter parecido que, no primeiro local, deveria antes ter sido atribuído o estatuto de planta fugida da cultura) e acentuou a característica de ser “cultivado nos jardins”. ROBLEY (1845) já havia assinalado esta espécie como cultivada na Ilha, tendo-a até reproduzido em aguarela. De qualquer forma, não nos parece que o *L. candidum* possa hoje ser considerado como planta perfeitamente naturalizada mas aceitamos que o tenha sido e que, ainda, ocorra aqui e acolá, como subespontâneo, tal como considerava MENEZES (1913), ao dizer que “cette plante... se trouve quelquefois à l’état subspontané au voisinage des habitations, sur le bord des chemins, etc.”. É actualmente, cultivado em jardins com muito pouca frequência mas bastante apreciado pelas suas hastes (caules florais ou escapos) robustas, folhosas, encimadas por 3-20 flores brancas, muito perfumadas. É planta originária da Europa Meridional e do sudoeste asiático.

Nothoscordum gracile (Aiton) Stearn. – Esta erva bolbosa, vivaz, conhecida vulgarmente por alho-bravo, alho-americano, alho-da-pena e alhinho, é uma das mais prejudiciais infestantes das culturas, na Madeira, e foi introduzida há muitos anos (MENEZES (1913) dizia que a planta tinha sido introduzida há cerca de 40 anos num jardim do Funchal), provavelmente como planta de jardim. MENEZES (1894) citou-a, sob o binome *Allium fragrans* Vent., já como naturalizada e muito comum na Madeira e GRABHAM (1926) disse, a seu respeito, “once a garden flower, is now a weed pest”. Propagando-se com extrema facilidade pelas sementes e pelos bolbilhos, que produz em grande número, encontra-se, por toda a parte, nas zonas baixas da Ilha, até cerca de 500 m de altitude, nos terrenos cultivados (bananais, vinhas, hortas, canaviais, pomares), jardins, campos de produção de flores de corte, incultos, margens de caminhos, empedrados, beiras de levadas, leitos de ribeiros, vasos de plantas ornamentais, canteiros e floreiras. Vimos, pela primeira vez, esta planta, subespontânea, em Agosto de 1999, no Porto Santo. Tem folhas lineares e estreitas e as flores brancas, com a nervura média da tépala um pouco escura, encimam em umbela o escapo roliço e longo. Talvez tenham sido estas interessantes e aromáticas flores, embora pequenas, a razão de ser da

introdução desta erva na Madeira. Espécie que também é conhecida pelos binomes *Allium gracile* Aiton, *Nothoscordum fragrans* (Vent.) Kunth e *N. inodorum* (Aiton) Nicholson, é originária da América do Sul Subtropical e subespontânea em Portugal Continental e nos Açores.

Ornithogalum arabicum L. – Esta planta herbácea, bolbosa, vivaz, de jardim, não é hoje cultivada na Madeira mas deve ter sido introduzida nos finais do século XIX, pelo seu interesse ornamental. Foi referenciada e reproduzida por PENFOLD (1845), dizendo tratar-se de planta cultivada. Conhecida vulgarmente por estrelas, foi assinalada por MENEZES (1894) que a considerava rara mas naturalizada em “logares cultivados em S. Martinho, Santo Amaro e Santo António”. Lembramo-nos de a ter visto em vinhas de S. Vicente, à beira-mar mas é planta bastante rara, actualmente. GRABHAM (1942) dizia desta espécie: “a very elegant wild plant in waste places to the west of Funchal”. O interesse desta planta é a beleza das flores, medianas, brancas ou branco-cremes, dispostas, geralmente, em número de 6 a 12, raramente mais, em inflorescências (cachos) na extremidade de escapos longos (muitas vezes, acima dos 0,5 m) e robustos. Planta da Região Mediterrânica, é possivelmente espontânea em Portugal Continental.

Da família das liliáceas, algumas outras espécies ocorrem por vezes fugidas de cultura, nas proximidades de hortas ou jardins, geralmente em terras cultivadas ou um pouco mobilizadas, não persistindo nesses pontos durante muito tempo. São os casos da cebola, *Allium cepa* L., de origem desconhecida, ainda bastante cultivada na Ilha e de que se chegou a fazer volumosas exportações para o estrangeiro e de que, aqui e acolá, surgem plântulas devido a algumas sementes que se espalham acidentalmente; de *Allium roseum* L., um alinho do Mediterrâneo, bolboso, vivaz, semelhante ao já referido *A. neapolitanum*, de flores rosadas ou brancas, em umbelas frouxas e menores numa haste roliça, ao que parece raríssimo na Madeira e que é espontâneo em Portugal Continental e nos Açores; de *Hemerocallis lilio-asphodelus* L., uma espécie herbácea, vivaz, de jardim, nativa da Europa, dotada de rizomas, grandes folhas e flores aromáticas, amarelas ou avermelhadas, fugazes (flores-de-um-dia, como lhes chamam), cultivada em muitos locais, raramente aparecendo em incultos húmidos nas médias altitudes da Madeira; de *Lilium lancifolium* Thunb., também referenciado sob *Lilium tigrinum* Ker Gawl., planta bolbosa, vivaz, originária da China e do Japão, cultivada em jardins madeirenses, sobretudo nas médias altitudes (400-1000 m), referida por GRABHAM (1934), com flores grandes, numerosas, com as tépalas salmão-avermelhadas, ponteadas de púrpura-anegrado e que produz nos caules ou hastes (escapos), na axila das folhas superiores, bolbilhos purpúreo-escuros, com os quais a planta se reproduz e, por vezes, se dissemina até em incultos húmidos; de *Lilium longiflorum* Thunb., espécie bolbosa, vivaz, asiática (China, Formosa, Japão), conhecida por açucena, muito cultivada na Ilha, de flores grandes, brancas, em hastes

longas, bastante comercializadas e até utilizadas na ornamentação das igrejas, durante a Páscoa, assinalada como planta de jardim por MENEZES (1914) e que surge ocasionalmente em lugares húmidos das médias altitudes (Monte, Camacha); e de *Ornithogalum thyrsoides* Jacq., também planta herbácea, bolbosa e vivaz, da África do Sul, conhecida por torrões-de-açúcar ou apenas torrões, muito cultivada, sobretudo desde há 30 anos, como flor de corte, nas médias altitudes da Madeira (principalmente entre os 400 e os 800 m) e de que se exportam, em Abril-Junho, as interessantes inflorescências, por vezes, muito longas (até 80 cm), com numerosas flores brancas, densas, duradouras e que é espécie que só muito raramente ocorre, aqui e acolá, fora dos habituais pontos de cultivo.

PALMAE (ARECACEAE)

Phoenix canariensis Chabaud – É a única espécie de palmeira que tem revelado características de subespontaneidade e que se encontra já naturalizada em vários locais da Madeira e do Porto Santo. Na realidade, esta palmeira, endémica nas ilhas Canárias, pelo que é conhecida vulgarmente por palmeira-das-canárias, ocorre frequentemente nas proximidades de jardins ou estradas e em incultos e encostas rochosas, sem que lhe tenham sido proporcionado quaisquer cuidados. Na Ponta de S. Lourenço (casa do Sardinha), de poucos exemplares plantados há mais de cem anos (informação verbal de COSTA NEVES) há já um grupo interessante destas palmeiras, aí nascidas, perfeitamente adaptadas às condições áridas do local. Mas, em muitos outros sítios, sobretudo em altitudes inferiores a 400 m, na Madeira e no Porto Santo, vêem-se exemplares desta espécie, fora dos locais de plantação, que são habitualmente jardins e parques, praças e estradas ou ruas, largos e entradas de moradias. Esta ornamental e robusta palmeira, hoje a mais difundida na Madeira e no Porto Santo, foi provavelmente introduzida no século XIX mas só vem referida, e em nota de pé de página, por MENEZES (1914) sob o binome de *Ph. jubae* (Webb), juntamente com outras espécies de palmeiras e apenas como cultivada em jardins “com uma certa frequência”. MENEZES, aliás, na mesma obra, como já o havia feito em 1894, deu realce à *Phoenix dactylifera* L., a palmeira-das-tâmaras ou tamareira, mais alta (às vezes até mais de 30 m), mais esguia, de folhagem menos densa, verde-acinzentada e de frutos mais volumosos (até mais de 5 cm de eixo maior) e mais acastanhados, dizendo que esta espécie era cultivada na Madeira e subespontânea no Porto Santo, o que não temos podido constatar, apesar de, nesta pequena Ilha, ainda existirem muitos exemplares em cultura. O que pensamos é que a tamareira é a espécie de mais antiga introdução no Arquipélago (velhas estampas e gravuras da Madeira e do Porto Santo assim o demonstram) mas esta palmeira deverá ser considerada apenas como cultivada, só excepcionalmente podendo ocorrer como escapada de cultura. Aliás, deverão ser tamareiras as palmeiras, de que fala GASPAR FRUTUOSO, existentes na cerca do convento de S. Francisco, no século XVI. A palmeira-

-das-canárias, de caule (espique) robusto (até pouco mais de 20 m de altura e de 1 m de diâmetro), de folhagem longa, recurvada, abundante, densa, verde-escura e brilhante, provida de fortes espinhos na base e de frutos elipsóides, à volta de 2 cm de eixo maior, amarelo-alaranjados e brilhantes na maturação, não emite, ao contrário da tamareira, rebentos na base do caule e multiplica-se, apenas, por semente. É curioso registar que, hoje, na Madeira, surgem muitos exemplares que apresentam características intermédias das duas palmeiras, canariense e a tamareira, sobretudo na cor das folhas e no seu número, no tamanho e coloração dos frutos e na presença de rebentos, e que são seguramente plantas híbridas dessas duas espécies, *Phoenix canariensis* e *Phoenix dactylifera*; na entrada do Hotel do Porto Santo e na Estrada Regional, no Caniçal, vêem-se muitos destes híbridos. A *Ph. canariensis* é cultivada em Portugal Continental e nos Açores.

Desta família das palmeiras, algumas espécies ocorrem casualmente, fugidas de cultura, em terrenos ajardinados ou trabalhados ou raramente em incultos húmidos ou junto a levadas, nas proximidades de exemplares adultos, sobretudo, no Funchal, em caso algum podendo ser consideradas, até hoje, como naturalizadas. Devem ser referidas as seguintes: *Archontophoenix cunninghamiana* (Wendl.) Wendl. et Dr., durante muito tempo erradamente referida como *Seaphortia elegans* R. Br., uma espécie da Austrália Oriental, vulgarmente conhecida por palmeira-elegante, muito cultivada e como tal assinalada por MENEZES (1914), de caule (espique) delgado e alto (até mais de 15 m), marcado pelos anéis das cicatrizes das folhas, com as bainhas destas muito desenvolvidas, os pecíolos tomentosos e os segmentos foliares verde-pálidos na margem inferior e mais escuros na superior, com pequenas e muito numerosas flores branco-lilazes a rosado-escuras a que se sucedem frutos globosos, pouco mais pequenos do que cerejas, vermelhos quando maduros, e que aparece, muito raramente, na Quinta das Cruzes, na Quinta Magnólia, no Jardim Botânico e noutras quintas e jardins; *Livistona australis* (R. Br.) Mart., uma espécie também australiana, muito decorativa e cultivada na Ilha (embora em menor escala do que a anterior), referida por GRABHAM (1926), conhecida por palmeira-de-leque, muito alta (até mais de 20 m), de espique pouco grosso, muito rugoso, com as cicatrizes das folhas bastante salientes, as bainhas muito curtas, os pecíolos das folhas compridos e espinhosos e os limbos arredondados, em forma de leque e com as numerosas e pequenas flores amareladas, reunidas em grandes inflorescências, sendo os frutos globosos (até 2 cm de diâmetro), negros quando maduros, que surge esporadicamente nalgumas quintas (Cruzes e Jardim Botânico) perto de exemplares cultivados e adultos; *Phoenix dactylifera* L., a palmeira-das-tâmaras ou tamareira, nativa da Ásia Ocidental e do norte de África, já antes referenciada quando se falou da palmeira-das-canárias e que deve ser cultivada no Arquipélago há algumas centenas de anos, tem ocorrido, raríssimas vezes, em terrenos agricultados ou jardins e suas vizinhanças, tanto na Madeira como no Porto Santo; *Syagrus romanzoffiana* (Chamisso) Glassman, uma

palmeira ornamental, muito divulgada como *Arecastrum romanzoffianum* (Chamisso) Becc. e *Cocos plumosa* Hook., da América do Sul, cultivada em quintas e jardins madeirenses (sobretudo no Funchal), conforme refere COCKERELL (1928), e conhecida por coqueiro-de-jardim, de espique muito alto, cinzento, pouco grosso e pouco rugoso, mas marcado por cicatrizes aneladas, de folhas grandes e arqueadas, como enormes plumas, com bainhas curtas, longos pecíolos com fibras nas margens e muitos segmentos verde-brilhantes, e flores pequenas, numerosas, amarelas, em inflorescências compridas e densas a que sucedem os frutos mais ou menos globosos, amarelo-dourados na maturação, que são comestíveis e bastante apreciados, sobretudo pelos jovens e adolescentes, e que ocorre em algumas quintas e jardins do Funchal, como no Hospício da Princesa D. Maria Amélia e nas Cruzes, fora dos locais de cultivo; *Washingtonia filifera* (Lindl.) H. A. Wendl., uma espécie do sudoeste dos Estados Unidos da América, assinalada por MENEZES (1914), muito cultivada e difundida na Madeira, há mais de 100 anos e, também, mais recentemente, no Porto Santo, conhecida vulgarmente por palmeira-dos-fiapos e palmeira-das-vassouras, muito alta (até mais de 20 m), de espique muito grosso (atinge, por vezes, 1 m de diâmetro) e cinzento, com grandes folhas em forma de leque, providas de muitos filamentos e de pecíolos espinhosos robustos, e com as flores pequenas e numerosas, brancas e aromáticas, em inflorescências muito compridas (até mais de 3 m), e frutos muito pequenos (até 1 cm na maior dimensão), mais ou menos elipsóides, acastanhados ou anegrados quando maduros, que se encontra ocasionalmente nalguns jardins, em canteiros ou junto a levadas ou paredes (Quinta das Cruzes, Jardim Municipal); e *Washingtonia robusta* H. A. Wendl., nativa do México, parecida na folhagem à palmeira anterior mas produzindo poucos ou nenhuns filamentos e com um espique muito alto, até 30 m e relativamente delgado (geralmente até 30-40 cm de diâmetro), bastante cultivada, na Madeira, em quintas, parques e jardins (foi assinalada por COCKERELL (1928) sob o binome *W. sonora* S. Wats.) a qual tem sido observada nas imediações e jardins no Funchal, como na Quinta Vista Alegre.

ZINGIBERACEAE

Hedychium gardnerianum Ker Gawl. – Esta rústica e robusta planta herbácea, de grande e densa folhagem e graciosa e abundante floração, deve ter sido introduzida na Madeira, como planta ornamental, na segunda metade do século XIX, tendo sido assinalada, pela primeira vez, por MENEZES (1894), que a referiu como rara mas já naturalizada “sobre os muros e no Paço do Passasol em S. Vicente”. É conhecida vulgarmente por roca-de-vénus e, nos últimos tempos, por bananilha. Tem vindo a ser cultivada em jardins e parques, não só no Funchal mas por toda a Madeira e desde o nível do mar até mais de 700 m de altitude. Está, de facto, perfeitamente naturalizada na Ilha, desde há muitos anos mas com maior evidência a partir dos anos 50, em vários

núcleos na costa sul (Calheta, Ponta do Sol) e na costa norte (Faial, Santana, S. Jorge, Arco de S. Jorge, Boaventura, Seixal) e tem-se expandido com rapidez, quer em incultos húmidos, quer em terras agrícolas abandonadas, invadindo até a floresta *Laurisilva*, muito especialmente os seus limites inferiores e áreas adjacentes. E de tal forma esta invasão está a fazer perigar essa floresta, que o Parque Natural da Madeira concebeu e está a executar um plano progressivo de erradicação da roca-de-vénus para evitar, de modo radical, que esta infestante altere ou prejudique a *Laurisilva* madeirense. Os encargos com a concretização deste plano estão a ser suportados fortemente pelas entidades comunitárias, desde 1998, dada, sobretudo, a extraordinária importância científica, hidrológica e paisagística da *Laurisilva*, tão bem representada na ilha da Madeira. É um trabalho moroso, plurianual, muito dispendioso, englobando prospecção, arranque e destruição dos rizomas (caules subterrâneos, neste caso, longos, profundos e robustos), que começou na Boaventura e no Seixal e se vai prolongar, certamente, por mais alguns anos. Semelhante na folhagem ao gengibre e à vulgar conteira ou bananeira-de-flor, tem uma floração atraente formada por muitas inflorescências, grandes, densas e terminais, constituídas por inúmeras flores amarelo-douradas, com filamentos longos e vermelhos e os frutos são alaranjado-avermelhados. As hastes com os frutos são objecto dalguma comercialização e as sementes são também responsáveis pela propagação da espécie. Originária do Himalaia, a roca-de-vénus é também subespontânea nos Açores, onde é frequente e fortemente invasora, sendo aí conhecida por roca-da-velha, roca-do-vento, rubim, flor-de-besouro, choupa e, também, conteira.

ESTAMPAS

[Plantas assinaladas pela 1ª vez para o arquipélago da Madeira ou para a ilha da Madeira e algumas outras plantas naturalizadas (segundo a ordem por que são referidas no texto)]

Fotos do autor e de Raimundo Quintal, Rui Camacho e A. Anjos Pereira



1



2

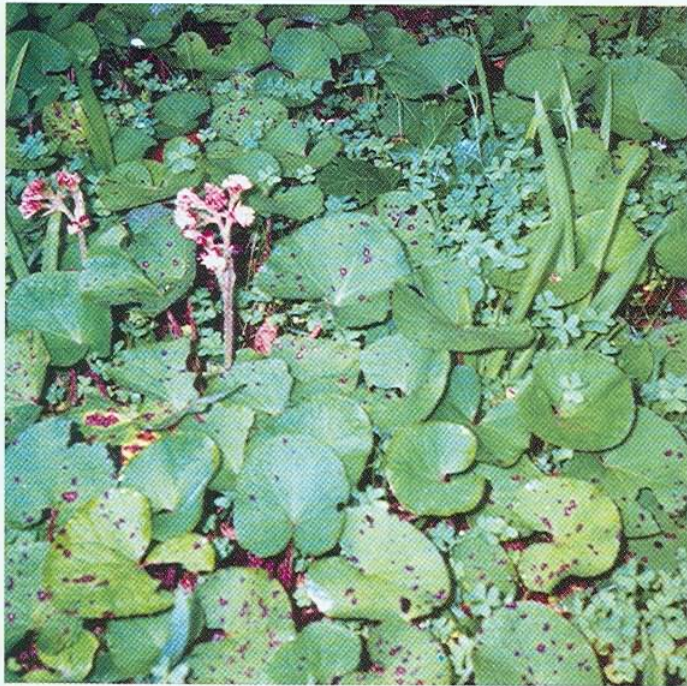


3



4

1 - *Ruellia graecizans*; 2 - *Gomphocarpus physocarpus*; 3 - *Impatiens sodenii*; 4 - *Atriplex rosea*.



5



6



7

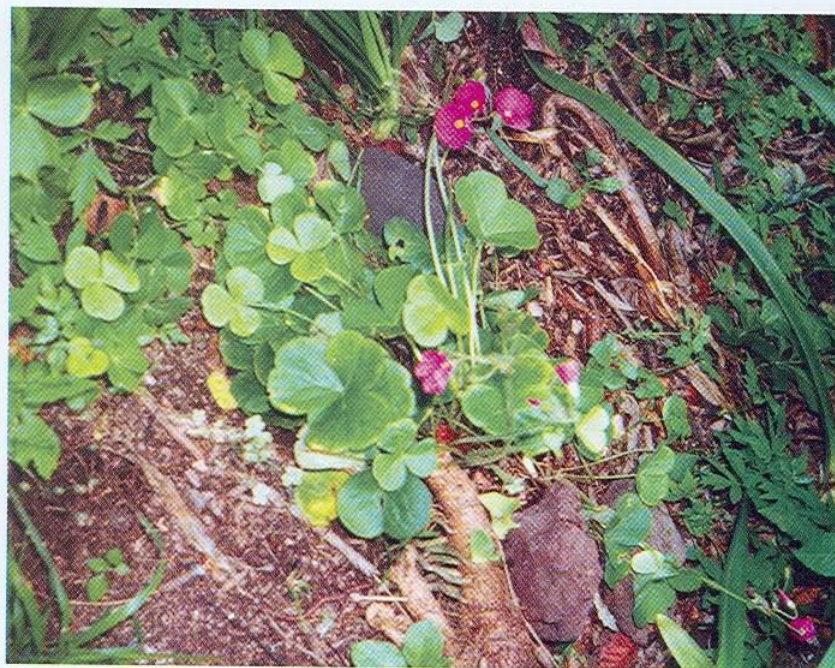


8

5 - *Petasites fragrans*; 6 - *Kalanchoe daigremontiana*; 7 - *Erica cinerea*; 8 - *Acacia elata*.



9



10



11

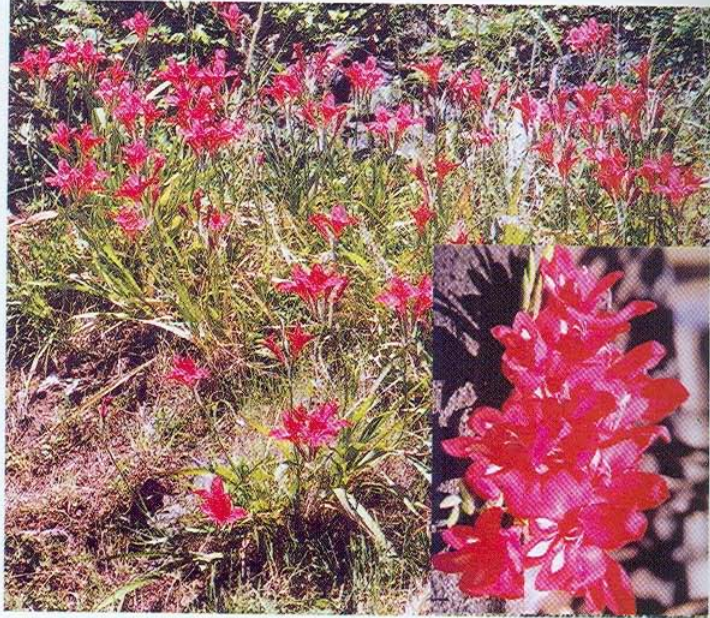


12

9 - *Ligustrum ovalifolium*; 10 - *Oxalis bowiei*; 11 - *Oxalis corniculata atropurpurea*; 12 - *Cotoneaster pannosa*.



13



14



15



16

13 - *Tradescantia pallida*; 14 - *Gladiolus cardinalis*; 15 - *Watsonia bulbifera*; 16 - *Cirsium vulgare*.



17



18

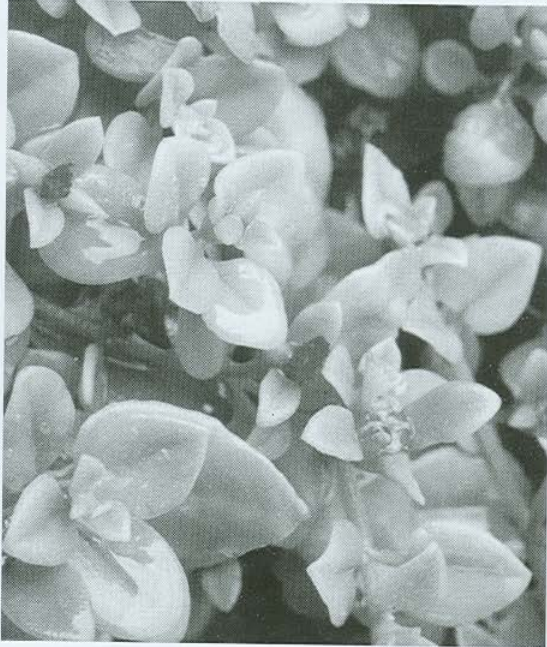


19



20

17 - *Adiantum hispidulum*; 18 - *Adiantum raddianum*; 19 - *Cyathea cooperi*; 20 - *Acanthus mollis*.



21



22



23



24

21 - *Aptenia cordifolia*; 22 - *Trachelium caeruleum*; 23 - *Lonicera etrusca glabra*; 24 - *Sambucus ebulus*.



25



26



27



28

25 - *Saponaria officinalis*; 26 - *Ageratina adenophora* (galhas do insecto parasita); 27 - *Chamaemelum nobile discoideum*; 28 - *Delairea odorata*.



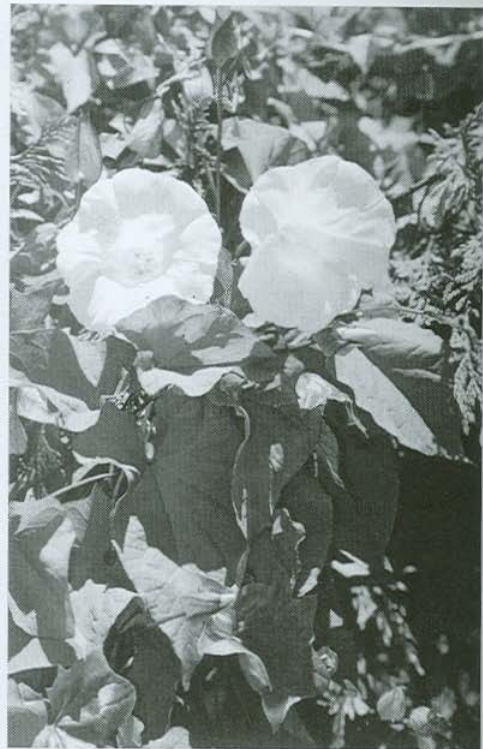
29



30



31



32

29 - *Helichrysum foetidum*; 30 - *Leucanthemum vulgare*; 31 - *Senecio glastifolius*; 32 - *Calystegia sepium*.



33



34



35



36

33 - *Ipomoea indica*; 34 - *Crassula ovata*; 35 - *Arbustus unedo*; 36 - *Phyllanthus tenellus*.



37



38



39



40

37 - *Hypericum x inodorum*; 38 - *Salvia leucantha*; 39 - *Acacia mearnsii*; 40 - *Cytisus striatus*.



41



42



43



44

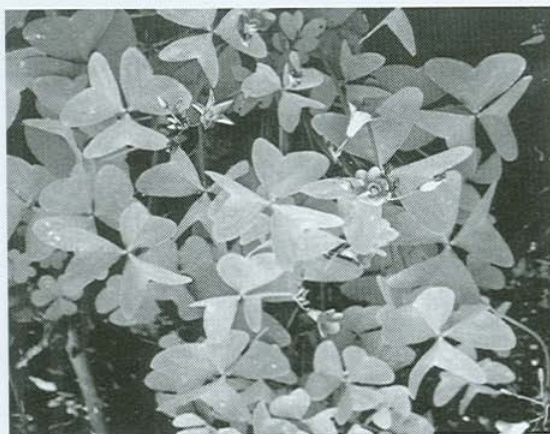
41 - *Lathyrus tingitanus*; 42 - *Tibouchina urvilleana*; 43 - *Leptospermum scoparium*; 44 - *Mirabilis jalapa*.



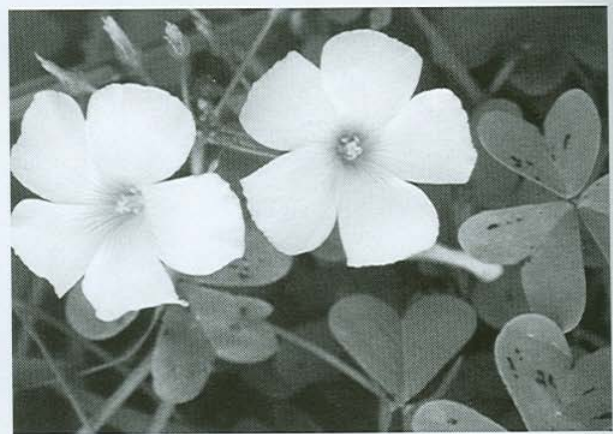
45



46



47



48

45 - *Oenothera stricta*; 46 - *Oxalis debilis*; 47 - *Oxalis latifolia*; 48 - *Oxalis pes-caprae*.



49



50



51



52

49 - *Oxalis purpurea*; 50 - *Eschscholzia californica*; 51 - *Passiflora caerulea*; 52 - *Rivina humilis*.



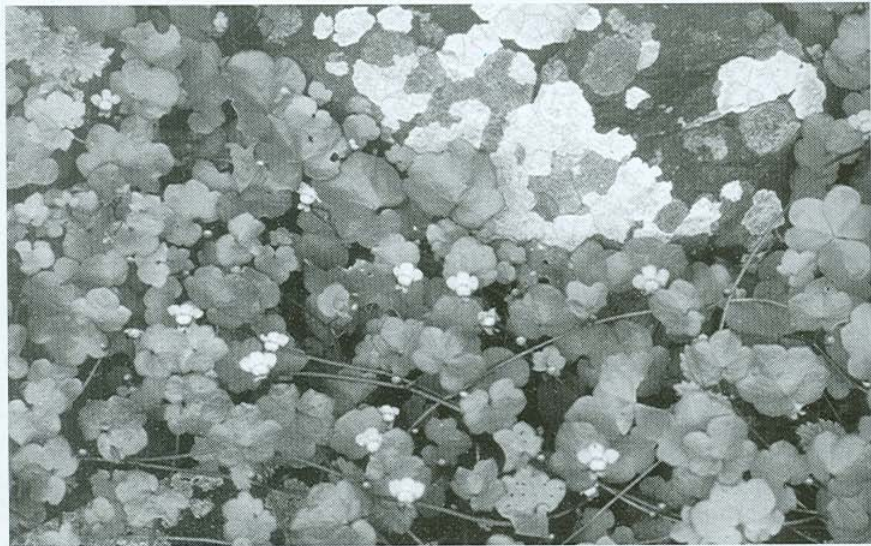
53



54

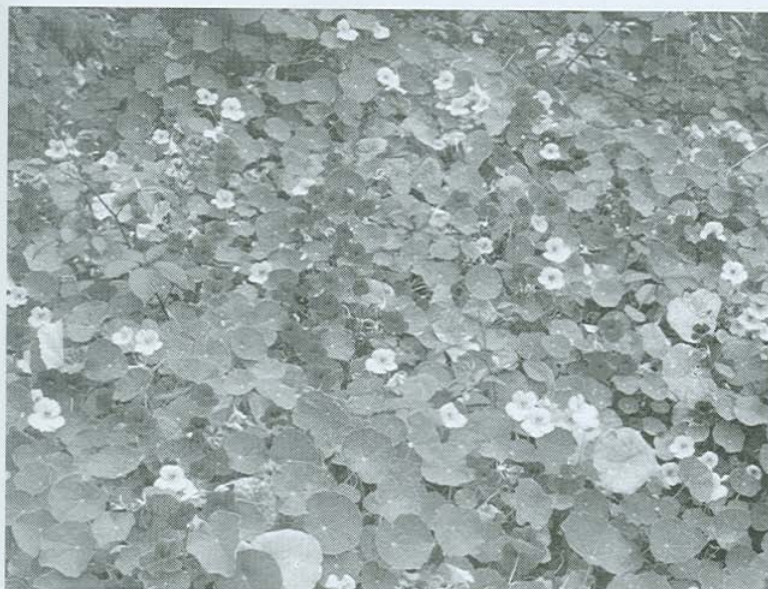


55



56

53 - *Polygonum capitatum*; 54 - *Reseda media*; 55 - *Calceolaria tripartita*; 56 - *Cymbalaria muralis*.



57



58



59



60

57 - *Tropaeolum majus*; 58 - *Centranthus ruber*; 59 - *Agave atrovirens* (entre duas *A. attenuata*); 60 - *Furcraea foetida*.



61



62



63



64

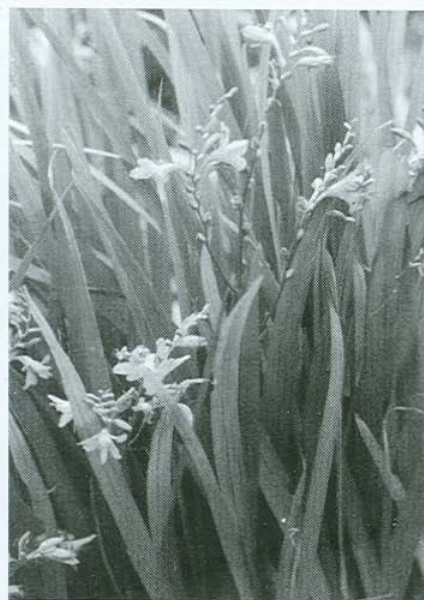
61 - *Arisarum vulgare*; 62 - *Canna indica*; 63 - *Paspalum dilatatum*; 64 - *Pennisetum clandestinum*.



65



66



67



68

65 - *Pennisetum purpureum*; 66 - *Pennisetum villosum*; 67 - *Crocosmia x crocosmiflora*;
68 - *Gladiolus italicus*.



69



70



71



72

69 - *Watsonia borbonica ardernei*; 70 - *Allium triquetrum*; 71 - *Asparagus densiflorus*; 72 - *Hedychium gardnerianum*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, ANTÓNIO PEDRO d':

1850-60. *Colecção de Apontamentos para a Memoria Descritiva da Geographia Physica da Ilha da Madeira*. Cap. "Vegetação-Flora", pp. 173-259 (Manuscrito).

BALDINI, R. M.:

1995. Revision of the genus *Phalaris* L. (GRAMINEAE). *Webbia*, **49** (2): 265-329.

BOWDICH, T. E.:

1825. *Excursions in Madeira and Porto Santo during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa*. London. XII + 278 pp.

CANE, FLORENCE & ELLA du:

1909. *The flowers and gardens of Madeira*. London. 150 pp. + 24 ilustr.

CANNON, M. J.:

1994. *Umbelliferae (Apiaceae), Juncaceae, Commelinaceae, ... Cannaceae*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.). London. 574 pp.

CANNON, M. J. & TURLAND, N. J.:

1994. *Cytisus, Teline, ... Hippocrepis*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 155-191. London. 574 pp.

CARVALHO, J. A., JARDIM, R. & BATISTA-MARQUES, M. I.:

in prep. A new endemic taxon from the island of Porto Santo (Madeira Archipelago): *Echium portosanctensis* sp. nov. (BORAGINACEAE).

COCKERELL, T. D. A.:

1922. Flora of Porto Santo. *Torreyia*, **22**: 4-16.

1928. Aspects of the Madeira flora. *The Botanical Gazette*, **85** (1): 66-73.

COPE, T. A.:

1994. *Gramineae (Poaceae)*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 406-453. London. 574 pp.

COSTA, J. G. da:

1927. Subsídio para o conhecimento da flora da Madeira. *Brotéria*, **23** (3): 121-125.

1946. Lista fitológica do Porto Santo. *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, **2** (4): 65-71.

- COSTA NEVES, H., VALENTE, A. V., FARIA, B. F., SILVA, I. G., MARQUES, J. C.,
GOUVEIA, N. A., SILVA, P. G. & OLIVEIRA, P. J.:
1996. *Laurissilva da Madeira. Caracterização Quantitativa e Qualitativa*. Parque Natural da Madeira. SRAFP. 192 pp.
- DUVIGNEAUD, J. & LAMBINON, J.:
1976. Quelques récoltes macaronésiennes du genre *Amaranthus* L. *Cuadernos de Botánica Canaria*, **26/27**: 13-17.
- FERNANDES, R.:
1956. Plantas colhidas nas Ilhas da Madeira e Porto Santo pelos Exmos. Srs. Eng.^{os} Agron.^{os} E. Campos Andrada e Botelho Gonçalves. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **22**: 21-23.
- FRANCO, J. do AMARAL:
1971. *Nova Flora de Portugal*. Vol. I (*Lycopodiaceae-Umbelliferae*). Lisboa. 648 pp.
1984. *Nova Flora de Portugal*. Vol. II (*Clethraceae-Compositae*). Lisboa. 660 pp.
- FRANCO, J. do AMARAL & ROCHA AFONSO, M. L.:
1998. *Nova Flora de Portugal*. Vol. III (2) (*Gramineae*). Lisboa. 285 pp.
- FRUTUOSO, GASPAR:
1590. *Livro 2º das Saudades da Terra*. Edição do Instituto Cultural da Ponta Delgada, de 1968. XXIII + 473 pp. (incl. Indices).
- GIBBY, M.:
1994. *Pelargonium*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 197-198. London. 574 pp.
- GIBBY, M. & PAUL, A. M.:
1994. *Pteridophyta*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 25-53. London. 574 pp.
- GOYDER, D. A.:
1994. *Vicia, Lens, Lathyrus*. In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 162-171. London. 574 pp.
- GRABHAM, M.:
1926. *The garden interests of Madeira*. London. 100 pp.
1934. *Plants seen in Madeira. A handbook of botanical information for visitors*

and intending residents. London. 202 pp.

1942. *Madeira. Its flowering plants and ferns*. London. 162 pp.

HANSEN, A.:

1968. Floristische Beobachtungen auf der Inseln Madeira. *Bocagiana*, **15**: 1-11.

1969a. Weitere Beiträge zur Flora der Inseln Madeira. *Ibid.*, **19**: 1-11.

1969b. Checklist of the vascular plants of the Archipelago of Madeira. *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, **24**: 1-62. (Some additions and corrections, 3 pp., 1970).

1970. Beiträge zur Flora der Inseln Madeira, Porto Santo und Ilhéu Chão (Desertas). *Bocagiana*, **25**: 1-18.

1971. Contributions to the flora of the Madeira Archipelago. *Ibid.*, **27**: 1-14.

1973. Contributions to the flora of Madeira. *Ibid.*, **32**: 1-13.

1974. Contributions to the flora of Madeira and Porto Santo. *Ibid.*, **36**: 1-37.

1978. Contributions to the flora of the Archipelago of Madeira. *Ibid.*, **45**: 1-18.

1987. Contributions to the flora of the Archipelago of Madeira. *Ibid.*, **109**: 1-11.

HANSEN, A. & SUNDING, P.:

1979. *Flora of Macaronesia. Checklist of vascular plants*. 2nd. revised edition, part. I-II, 1-93, 1-56. Oslo.

1985. *Idem*. 3rd. revised edition, *Sommerfeltia*, **1**: 1-167. Oslo.

1993. *Idem*. 4th. revised edition, *Sommerfeltia*, **17**: 1-295. Oslo.

HOLL, F.:

1830. Verzeichniss der auf der Insel Madeira beobachteten Pflanzen, nebst Beschreibung einiger neuen Arten. *Flora*, **13**: 369-392.

JARDIM, R., FONTINHA, S. & FERNANDES F.:

1998. Pico Branco: A peculiar floristic site on Porto Santo Island. *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, **50** (285): 43-57.

KRAUSS, N. C. H.:

1963. Notes on two Madeira plants. *Bocagiana*, **19**: 1 pp.

LEITE, JERÓNIMO DIAS:

1579. *Descobrimento da Ilha da Madeira e Discurso da Vida e Feitos dos Capitães da dita Ilha*. Tratado publicado com introdução e notas de João Franco Machado. Coimbra, 1947. CVII + 142 pp.

LOWE, R. T.:

1857-72. *A Manual Flora of Madeira and the adjacent Islands of Porto Santo and the Deserts*. Vol. I, part. 1, 1857, XII + 1-106; part. 2, 1862, 107-262; part. 3,

- 1864, 263-377; part. 4, 1868, 379-522; part. 5, 1868, 523-582 + *Addenda et Corrigenda*; Index 583-618; Vol. II, part. 1, 1872, 1-113.
1867. Some account of the fruits and vegetables of Madeira, the Canaries and Cape Verdes. *The Journal of the Royal Horticultural Society*, **1** (4): 161-187.
1869. *Florulae Salvagicae Tentamen or a List of Plants collected in the Salvages or Salvage Islands by Sr. Constantino Cabral de Noronha and communicated by the Barão de Castello de Paiva*. London, 24 pp.

MALATO-BELIZ, J.:

1958. Plantas novas e plantas pouco conhecidas da Ilha da Madeira. *Melhoramento*, **11**: 33-51 + XIII.

MENEZES, C. A. de:

1894. *Catálogo das Phanerogamicas da Madeira e Porto Santo não indicadas na Flora destas ilhas do Rev. Richard Thomas Lowe*. Funchal. 69 pp.
- 1906a. *Madeira Ferns*. Funchal. 22 pp.
- 1906b. *As Gramíneas do Archipelago da Madeira*. Funchal. 56 pp.
- 1906c. O Pinheiro Bravo na Madeira. *Portugal Agrícola*, **17** (21).
1907. *As Labiadas no Archipelago da Madeira*. Funchal. 18 pp.
1909. *Contribuições para o estudo da Flora do Archipelago da Madeira. Boraginaceas, Escrophulariaceas, Plantaginaceas, Amarantaceas, Chenopodiaceas, Polygonaceas, Euphorbiaceas, Urticaceas, Orchidaceas e Juncaceas*. Funchal. 40 pp.
1913. Saxifragacées, Plombaginacées, Orobanchacées, Lauracées, Liliacées et Gymnospermes de l'Archipel de Madère. *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, **6** (3): 141-152.
1914. *Flora do Archipelago da Madeira (Phanerogamicas e Cryptogamicas Vasculares)*. Funchal. 282 pp.
- 1922a. Uma antiga Lista de Plantas da Madeira. *Brotéria, Série Botânica*, **20** (1): 12-25.
- 1922b. Subsídios para o estudo da Flora do Archipelago da Madeira. *Brotéria, Série Botânica*, **20** (3): 113-119.
- 1926a. Novos subsídios para o estudo da Flora do Archipelago da Madeira. *Brotéria, Série Botânica*, **22** (1): 20-27.
- 1926b. A flora dos mais altos picos da Ilha da Madeira. *Brotéria, Série Botânica*, **22** (3): 124-132.
1927. Mais algumas notas sobre a Flora Madeirense. *Brotéria, Série Botânica*, **23** (2): 73-77.

MONOD, T.:

1990. Conspectus florae salvagicae. *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, Supl. n.º 1. 79 pp. + 142 figs.

PENFOLD, J. W.:

1845. *Madeira flowers, fruits and ferns. A selection of the botanical products of that island, foreign and indigenous, drawn and coloured from Nature.* London. 20 pp. + 21 pl.

PHYLLIPS, R. & RIX, M.:

1998. Conservatory and indoor plants. *Pan Books* (2 vols. I-286 pp., II-319 pp.).

PICKERING, C. H. C. & HANSEN, A.:

1969. Scientific expedition to the Salvage Islands July 1963. List of higher plants and cryptogams known from the Salvage Islands. *Boletim do Museu Municipal do Funchal*, **24**: 63-71.

PRESS, J. R.:

1994. *Gymnospermae, Salicaceae, Ulmaceae, ... Chenopodiaceae, ... Ranunculaceae, ... Labiatae (Lamiaceae), ... Compositae, ... Iridaceae.* In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.). London. 574 pp.

PRESS, J. R., BISCOITO, M. & ZINO, F.:

1986. New plant records from the Salvage Islands. *Bocagiana*, **90**: 1-4.

QUINN, J. G. & BISCOITO, M. J.:

1994. Relatório sobre a situação de *Sesbania punicea* (FABACEAE) na Madeira. Dupl. 4 pp. + apensos.

ROBLEY, A.:

1845. *A selection of Madeira flowers drawn and coloured from Nature.* London. 9 pp. + 8 pl.

ROMARIZ, C.:

1953. Flora da Ilha da Madeira. Pteridófitos. *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa 2ª Série C.*, **3** (1): 53-112.

SHORT, M. J.:

1994. *Caryophyllaceae, Cruciferae (Brassicaceae), ... Euphorbiaceae, ... Solanaceae, ... Dipsacaceae.* In *Flora of Madeira* (J. R. Press & M. J. Short, eds.). London. 574 pp.

SILVA, F. A. da & MENEZES, C. A.:

1966. *Elucidário Madeirense.* Funchal. 3ª ed. (3 vols., I-413 pp., II-448 pp., III-413 pp.).

TAVARES, C. N.:

1965. Ilha da Madeira. O meio e a flora. *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa 2ª Série C.*, **13** (1): 51-174.
1966. Alguns dados sobre a naturalização, morfologia floral e produção de sementes de *Oxalis pes-caprae* L. em Portugal. *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa 2ª Série C.*, **14** (1): 33-44.

TEBBS, B. R.:

1994. *Guttiferae (Hypericaceae), Gentianaceae, Campanulaceae*. In Flora of Madeira (J. R. Press & M. J. Short, eds.). London. 574 pp.

TEBBS, M. C.:

1994. *Aizoaceae*. In Flora of Madeira (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 79-81. London. 574 pp.

TURLAND, N. J.:

1994. *Amaranthaceae, Phytolaccaceae, Rosaceae, Leguminosae, ... Orchidaceae*. In Flora of Madeira (J. R. Press & M. J. Short, eds.). London. 574 pp.

TUTIN, T. G.:

1931. Two Madeiran Grasses. *The Journal of Botany*, **69**: 80-81.

VASCONCELLOS, J. de CARVALHO:

1968. Pteridófitas de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes. Lisboa. 189 pp.

VICKERY, A. R.:

1994. *Liliaceae*. In Flora of Madeira (J. R. Press & M. J. Short, eds.), 384-391. London. 574 pp.

VIEIRA, R.:

1974. *Álbum Florístico da Madeira*. Funchal. 126 pp. (em língua portuguesa, inglesa e alemã).
1992. Flora da Madeira. O interesse das plantas endémicas macaronésicas. *Colecção Natureza e Paisagem*, n.º 11, SNPRCN. 156 pp.

ÍNDICE DOS NOMES POPULARES
(Madeira, Açores e Portugal Continental)

Aboadeira.....	74	Alfinetes.....	63, 179
Abofereira.....	100	Alfinetes-de-senhora.....	82
Abundância.....	66	Algodoeiro-falso.....	52
Acácia.....	111, 112, 113, 114, 120	Alhinho.....	229, 233, 234
Acácia-austrália.....	113	Alho-americano.....	233
Acácia-bastarda.....	120	Alho-bravo.....	229, 233
Acácia-branca.....	111, 120	Alho-da-pena.....	233
Acácia-dealbada.....	111	Alho-das-vinhas.....	230
Acácia-de-espigas.....	112	Alho-francês.....	228
Acácia-do-japão.....	125	Alho-porro.....	228
Acácia-draco.....	125	Almeirão-branco.....	76
Açafates-de-prata.....	94	Aloés.....	230
Açaflor.....	71	Aloés-amarelo.....	231
Açafrão.....	71	Alteia.....	128
Açafroa.....	71	Alvarinho.....	102
Acanto.....	42	Ameixeira.....	159
Acelga.....	64	Ameixieira.....	159
Ácer.....	43	Amendoeira.....	158
Açucena.....	185, 233, 234	Amor-de-burro.....	70, 82
Açucena-da-serra.....	185	Amores-do-brasil.....	164
Agapantos.....	228	Amores-escondidos.....	84
Agave.....	183, 184	Amor-perfeito.....	181
Agave-de-pescoço-de-cisne.....	184	Amor-perfeito-bravo.....	181
Agave-de-tromba-de-elefante.....	184	Anafa, anafe.....	119
Agerato.....	68	Anoneira.....	49
Agreira.....	176	Ansarinha-malhada.....	177
Agrião-de-jardim.....	94	Araçá-amarelo.....	134
Agrião-moiro.....	93	Araçá-roxo.....	134
Ailanto.....	167	Araçazeiro.....	134
Álamo.....	161, 162	Aranha.....	130
Álamo-branco.....	161	Aroma-amarelo.....	112
Albícia.....	114	Aroma-branco.....	118
Alegre-campo-de-folha-miúda.....	231	Aromeira.....	112
Alfarrobeira.....	124	Aromeira-branca.....	118
Alfenheiro.....	136	Arroz.....	218

Arrozinho.....	46, 179	Beladona.....	185
Arrozinho-de-jardim.....	179	Beladona-bastarda.....	185
Artemija.....	82	Belas-donas.....	185
Artemísia.....	69, 82	Belas-noites.....	168
Artemísia-dos-prados.....	82	Bela-sombra.....	147
Árvore-de-seda.....	51, 52	Beldroega.....	152
Árvore-do-incenso.....	147	Berradura.....	172
Árvore-do-paraíso.....	96	Bétula.....	54
Áster.....	70	Bigalhó.....	189
Austrália.....	113	Bignónia-rosa.....	54
Aveia.....	218	Bignónia-unha-de-gato.....	54
Avenca.....	30, 31	Boas-noites.....	135, 168
Avenca-das-fontes.....	30	Bocas-de-jarro.....	189
Avenca-de-folha-miúda.....	30	Bocas-de-lobo.....	163
Avoadeira.....	74, 75	Bocas-de-peixe.....	163
Azálea.....	98	Bolsa-de-pastor.....	139
Azeda.....	139, 140, 141, 142	Bonina.....	71, 135
Azeda-vermelha.....	142	Bons-dias.....	85
Azedinha.....	141	Bordo.....	63
Azevão.....	206	Bordões-de-são-josé.....	185
Azevém.....	206	Borragem.....	56
Azinheira.....	101	Bredos.....	47
Azinho.....	101	Brincos.....	137
Azuraque.....	86	Brincos-de-princesa.....	136, 137
		Bufareira.....	168
Babosa.....	183, 230	Buliana.....	179
Baga-moira.....	147	Businas.....	168
Balões-de-são-joão.....	52		
Bálsamo.....	44	Cacto.....	58
Bambú.....	213	Cacto-de-correr.....	58
Bananeira-de-flor.....	189	Calas.....	189
Bananilha.....	237	Calceolária.....	163, 164
Barbas-de-velho.....	154	Camarões.....	55, 110
Barrilha.....	45	Cambará.....	180
Batata.....	174	Camélia.....	175
Batata-de-porcos.....	84	Campainhas.....	127
Bebereira.....	130	Cana.....	195
Beijos-de-estudante.....	73	Cana-da-índia.....	189
Beijos-de-frade.....	142	Cana-de-roca.....	195
Beijos-de-freira.....	63	Cana-vieira.....	195

Candeias.....	188	Celca.....	64
Candelária-dos-jardins.....	63	Celga.....	64
Caneleira.....	110	Chá-bravo.....	129
Capim.....	195, 211	Chagas.....	175
Capim-da-rodésia.....	197	Chapéus-de-sol.....	193
Capim-de-caninha.....	211	Charuto-do-rei.....	170
Capim-elefante.....	211	Chicharão.....	118
Capim-gordura.....	207	Chícharo.....	117
Capim-melado.....	207	Chícharo-marroquino.....	118
Capuchinhas.....	175	Chícharo-preto.....	117
Capuchos.....	171	Chicharrão.....	118
Capuz-de-frade.....	188	Chorão.....	44
Capuz-de-fradinho.....	188	Chorão-baguinho-de-arroz.....	46
Cardo.....	73	Chorões-dos-jardins.....	47
Carolinas.....	221	Choupa.....	238
Carqueja.....	121	Choupo.....	162
Carqueja-miúda.....	122	Chupos.....	220
Carrapateira.....	100	Chuva-de-ouro.....	124
Carvalheiro.....	102	Cicuta.....	177
Carvalho.....	101, 102	Cinerária.....	85
Carvalho-comum.....	102	Cipreste.....	38
Carvalho-do-norte.....	43	Clica.....	41
Casadinhas.....	153	Clipa.....	41
Cássia.....	114, 115, 124	Coelhinhos.....	163
Castanheiro.....	102	Coentro.....	177
Castor.....	100	Congossa.....	50
Casuarina.....	63	Conteira.....	189, 238
Catapúcia-menor.....	101	Copos-de-leite.....	189
Catarinas-queimadas.....	144	Coqueiro-de-jardim.....	237
Catarineta.....	141	Coquinho.....	193, 194
Cebola.....	234	Coquinho-de-cabeça.....	194
Cebolinho.....	229	Coroas-de-henrique.....	228
Cedro.....	37, 38, 174	Corriola-amarela.....	87
Cedro-das-barracas.....	37	Corriola-azul.....	86
Cedro-das-sebes.....	37	Corriola-dos-balões.....	162
Cedro-de-goá.....	37	Corriola-de-seda.....	51
Cedro-do-buçaco.....	37	Couve.....	95
Cedro-dos-cemitérios.....	38	Crássula.....	88, 89
Cedro-macrocarpa.....	37	Cravos-da-índia.....	85
Cegude.....	177	Cravos-de-burro.....	85

Cravos-de-defuntos.....	85	Erva-de-santa-maria.....	173
Cravos-de-túnis.....	85	Erva-do-governo.....	209
Crica.....	41	Erva-do-orvalho.....	45
Cricomé.....	41	Erva-do-pará.....	195
Crinos.....	185	Erva-dos-cachos-da-índia.....	147
Criptoméria.....	41	Erva-dos-pampas.....	197
Crista-de-galo.....	47	Erva-dos-rabos.....	215
Critoméria.....	41	Erva-elefante.....	211
Cuidados.....	81	Erva-gigante.....	42
		Erva-giroa.....	211
Damas-entre-verde.....	154	Erva-labaça.....	151
Despedidas-de-verão.....	185	Erva-lanar.....	205
Dormideira.....	145	Erva-maior.....	205
Douradinha.....	155	Erva-malaia.....	86
		Erva-menina.....	190
Ébulo.....	61	Erva-mole.....	205
Endros.....	110, 178	Erva-pata.....	142
Engos.....	61	Erva-pombinha.....	144, 154
Ensaio.....	88, 89, 90	Erva-prata.....	46
Ensaio-branco.....	89	Erva-rija.....	209
Ensaio-da-festa.....	88	Erva-saboeira.....	62, 63
Ensaio-de-jardim.....	89	Erva-santa.....	170
Ensaio-gigante.....	90	Erva-traqueira.....	79
Erva-anis.....	110	Ervilha-chícharo.....	117
Erva-azeda.....	140, 141	Ervilha-de-cheiro.....	124
Erva-azedinha.....	140	Ervilha-de-pombo.....	123
Erva-branca.....	205	Ervilha-dos-campos.....	117
Erva-bezerra.....	163	Ervilhaca-bastarda.....	117
Erva-canária.....	142	Ervilhaca-dos-campos.....	117
Erva-canarinha.....	205	Ervilhaca-parda.....	123
Erva-carneira.....	70	Escalracho.....	215
Erva-carota.....	211	Escudinha.....	94
Erva-castelhana.....	206	Espadana-das-searas.....	222
Erva-cicutária.....	178	Esparto.....	231
Erva-cidreira.....	108	Esparto-de-folha-miúda.....	232
Erva-da-casta.....	120	Espigos.....	225, 226
Erva-da-fortuna.....	191	Espinafre.....	46
Erva-da-guiné.....	208	Espinafre-da-nova-zelândia.....	46
Erva-da-índia.....	205	Esponjeira.....	112
Erva-das-abelhas.....	171	Esteva.....	65

Estramónio.....	169	Fura-capa.....	70, 217
Estrela-cor-de-rosa.....	81	Galharda.....	77
Estrelas.....	74, 234	Gazânia.....	84
Eucalipto.....	132, 134	Gerbera.....	84
Faia.....	148	Gero.....	123
Falsa-acácia.....	120	Giesta.....	115, 116
Fava.....	120	Giesteira.....	115
Faveira.....	120	Giesteira-das-serras.....	116
Feno.....	196	Giesteira-das-vassouras.....	116
Feiteira.....	32	Gigantes.....	128
Feiteirinha.....	66	Gilbera.....	84
Feto.....	31-36	Ginjeira.....	158
Feto-arbóreo.....	31, 33	Ginjeira-do-brasil.....	173
Feto-espada.....	32	Gipsofila.....	63
Feto-faca.....	32	Girassol.....	84
Feto-pente.....	31	Girassol-de-batata.....	84
Feto-real.....	34	Gladíolo.....	221, 226
Figueira.....	130	Gnídia.....	175
Figueira-baforeira.....	100	Goiabeira.....	133
Figueira-da-índia.....	57	Gramma.....	201, 216
Figueira-do-diabo.....	100	Gramma-americana.....	211, 216
Figueira-do-inferno.....	131, 169	Gramma-francesa.....	201
Flor-da-paixão.....	145	Grizandra.....	92
Flor-de-besouro.....	238	Hastes-de-são-joão.....	221
Flor-de-pau.....	128	Hastes-de-são-josé.....	225
Flor-de-viúva.....	60	Hortelã.....	108
Flores-de-palha.....	83	Hortelã-de-leite.....	109
Flores-de-um-dia.....	234	Hortelã-pimenta.....	108
Floricos.....	77	Hortênsias.....	106
Foguetes-de-natal.....	230	Imortais.....	83
Folha-da-fortuna.....	90	Inça-muito.....	66
Folha-da-vida.....	90	Incenseiro.....	148
Fona-de-porca.....	173	Inhame.....	188
Frésia.....	221	Intrometidas.....	77
Frísia.....	221	Íxia.....	223
Fúcsia.....	137	Jacarandá.....	55
Fumária.....	144		
Fumária-maior.....	144		
Funcho-de-burro.....	69		

Jambeiro.....	134	Macela-fétida.....	69
Jamboeiro.....	134	Macelão.....	66
Jambo-rosa.....	134	Macieira.....	159
Japonesa.....	175	Madressilva.....	61
Jaqué.....	182	Madrugadas.....	86
Jarro.....	188	Maios.....	72, 73
Jarvão.....	180, 181	Malfurada.....	105
Jasmim-azul.....	150	Malmequer.....	72, 73
Joio.....	207	Malmequer-branco.....	80
Junco.....	227	Malmequer-bravo.....	73, 80
Junquilha.....	186	Malmequer-rosado.....	81
		Malpica.....	70
Labaga.....	150, 151	Malva.....	103, 104, 105, 128
Labaga-crespa.....	151	Malvaíscio.....	128
Labacol.....	151	Malva-rosa.....	103, 128
Lágrimas-de-sangue.....	153	Malva-silvestre.....	128
Lantana.....	180	Mamona.....	100
Laranjeira-do-méxico.....	161	Manteigueira.....	151
Leituga.....	75	Maracujá-banana.....	145
Leiva.....	97	Maracujá-roxo.....	146
Lentilha.....	122	Maracujazeiro.....	145, 146
Ligustro.....	136	Maravilhas.....	52, 71
Linho.....	126	Marcela.....	72
Lírio.....	222, 223, 226	Margaça.....	69, 72
Lírio-amarelo.....	222	Margacinha.....	77
Lírio-amarelo-dos-pântanos.....	222	Margaridas.....	70, 77
Lírio-dos-charcos.....	222	Marigoldes.....	71, 85
Lírio-dos-tintureiros.....	155	Marmeleiro.....	156
Lírio-fétido.....	222	Marroios.....	123
Lisonja.....	124	Marruiço.....	123
Lobélia.....	59	Martírio.....	145
Lódão-bastardo.....	176	Massaroco.....	56, 57
Louro-cerejo.....	159	Mastruço.....	93
Louro-inglês.....	159	Matricária.....	82
Luizinhas.....	59	Medronheiro.....	97
Luvras-de-nossa-senhora.....	154	Melancia.....	96
Luzerna.....	125	Mélia.....	130
		Meliloto-branco.....	119
Macela.....	72	Melindres.....	53
Macela-de-botão.....	72, 83	Milefólio.....	66

Milhã.....	215	Onagra.....	138
Milhã-de-pendão.....	199	Orelha-de-lebre.....	63
Milhã-digitada.....	199	Orelha-de-ovelha.....	171
Milhã-glauca.....	215	Oxálide.....	139
Milhã-gradá.....	200		
Milhã-maior.....	200	Pajito.....	72
Milhã-painceira.....	215	Palhinhas.....	223
Milhã-verde.....	215	Palma.....	222
Milho-cozido.....	66	Palmas-de-são-lourenço.....	222
Milho-de-canário.....	209	Palmeira.....	235-237
Milho-miúdo.....	208, 209	Palmeira-das-canárias.....	235
Mimos.....	136, 137	Palmeira-das-tâmaras.....	235, 236
Mimosa.....	111, 112, 114	Palmeira-de-leque.....	236
Mioporo.....	132	Palmeira-dos-fiapos.....	237
Moedas-do-papa.....	94	Palmeira-elegante.....	236
Molarinha.....	143	Palmito.....	222
Moleirinha.....	143	Pampilho.....	73, 74
Mombrécia.....	220	Pampilho-das-searas.....	73
Moncos-de-perú.....	47	Pão-de-açúcar.....	56
Moniqueira.....	158	Pão-posto.....	82
Morango-de-lagartixa.....	157	Papagaios.....	53
Morganheira.....	101	Papões.....	163
Mostarda.....	95	Papoila.....	144
Mostarda-branca.....	95	Papoila-branca.....	144
Musgo.....	35	Papoila-da-califórnia.....	143
		Papoila-do-méxico.....	143
Nabo.....	95	Pascoinhas.....	115
Namorados.....	215	Pastel.....	92
Não-me-esqueças.....	56	Pastinha.....	131
Narciso.....	186-188	Pé-de-galinha.....	199
Narciso-trombeta.....	187	Pé-de-galo.....	198, 200
Nerine.....	187	Pelargónios.....	102
Nespereira.....	157	Penacho-branco.....	197
Nespereira-do-japão.....	158	Penachos.....	212
Nicociana.....	170	Pepinela.....	95
Noneira.....	49	Pepineleira.....	96
Novelos.....	106	Pereiro.....	159
		Perinhos-de-jardim.....	156
Olho-de-boi.....	74	Perpétua.....	79
Oliveira-da-boémia.....	96	Perpétua-amarela.....	79

Perpétua-fétida.....	79	Rapa-saia.....	215
Perpétua-roxa.....	48	Raposa.....	74
Pervinca.....	50	Raquelínea.....	187
Pessegueiro.....	158	Rebuçados.....	171
Pica-pica.....	70	Relva.....	211, 216
Pica-rato.....	122	Reseda.....	155
Pilriteiro.....	156	Rícino.....	100
Pimenta.....	173	Ripária.....	182
Pimentão-doce.....	173	Robínia.....	120
Pimenteira.....	173	Roble.....	102
Pimenteira-brava.....	173	Roca-da-velha.....	238
Pimento.....	173	Roca-de-vénus.....	237
Pinheira.....	41	Roca-do-vento.....	238
Pinheirinho.....	65	Rododendro.....	98
Pinheiro.....	39, 40	Romãzeira.....	152
Pinheiro-bravo.....	39	Romeira.....	152
Pinheiro-das-canárias.....	40	Rosa-de-bem-fazer.....	62
Pinheiro-de-alepo.....	39	Roseira.....	159, 160
Pinheiro-insigne.....	40	Roseira-de-toucar.....	160
Pinheiro-manso.....	41	Rosmaninho.....	107
Pinheiro-silvestre.....	41	Rosmaninho-verde.....	107
Pita.....	183	Rubim.....	238
Pitangueira.....	133		
Piteira.....	183	Sabugo.....	62
Planta-de-anis.....	110	Sabugueirinho.....	61
Planta-do-arroz.....	218	Sabugueiro.....	61, 62
Planta-do-rato-mickey.....	135	Saião.....	88, 90
Planta-leopardo.....	83	Salgadeira.....	64
Plátano-bastardo.....	43	Salgueiro.....	174
Plumas.....	197, 212	Salsa.....	178
Porro-bravo.....	229	Salsa-de-cavalo.....	178
		Sálvia.....	109
Quebra-pedra.....	99	Sardinheira.....	103
Queiró.....	97	Sargaço-bravo.....	203
Queiroga.....	97	Saudades.....	96
		Sedas.....	52
Rabanete.....	95	Sejamos-amigos.....	72
Rainha-da-noite.....	58	Selaginela.....	35
Rainha-das-ervas.....	82	Sementeira.....	176
Ranúnculo.....	155	Semilha.....	174
Rapa.....	97	Sempre-noiva.....	150

Sempre-viva.....	83, 148	Tremoço-de-folha-estreita.....	125
Serpentina-brava.....	189	Trepadeira.....	86
Serradela.....	120	Trepadeira-do-natal.....	76
Serralha.....	81	Trevo.....	120, 121
Setas.....	70	Trevo-azedo.....	141
Soliva.....	81	Trevo-azedo-vermelho.....	142
Sombreiro.....	80	Trevo-da-índia.....	142
Sumagre.....	49	Trevo-dos-prados.....	121
Sumaúma.....	51, 52, 56	Trevo-encarnado.....	120
Sumaúma-bastarda.....	51, 52	Trevo-roxo.....	121
Tabaco.....	170, 174	Trevo-violeta.....	121
Tabaqueira.....	170, 172	Trigo.....	219
Tabaibeira.....	57	Trombetas.....	168
Tamareira.....	235, 236	Trombeteira.....	168
Tamarga.....	174	Trovisco-fêmea.....	101
Tamargueira.....	174	Tupinambo.....	84
Tamariz.....	174	Urgebão.....	180, 181
Tártago.....	101	Urze.....	97
Tasneirinha-de-correr.....	76	Urze-de-jardim.....	133
Tintureira.....	147	Valeriana.....	179
Tipuana.....	125	Valverde.....	65
Titomé.....	41	Verbasco.....	164-167
Tojo.....	122	Verbena.....	181
Tojo-molar.....	122	Verbena-rija.....	181
Tomate-de-lagartixa.....	169	Verónica.....	166
Tomate-inglês.....	170	Videira.....	182
Tomateiro.....	169	Vidoeiro.....	54
Tomateiro-do-diabo.....	172	Vigândia.....	106
Tomate-miúdo.....	169	Vimeiro.....	161
Tomatinhos-de-capucho.....	171	Vimieiro.....	161
Torga.....	98	Vinagreira.....	147
Torga-ordinária.....	97	Vinha-americana.....	182
Torrões.....	235	Vinha-de-folha-de-damasco.....	182
Torrões-de-açúcar.....	235	Vinha-de-silvado.....	182
Traquélia.....	60	Vitadínia-das-floristas.....	77
Tremoceiro.....	124	Viúvas.....	60, 154
Tremoceiro-amarelo.....	119	Zaburro.....	215
Tremocilha.....	119		
Tremoço.....	124		
Tremoço-amarelo.....	119		

ÍNDICE DOS NOMES BOTÂNICOS DOS GÊNEROS, FAMÍLIAS E OUTROS GRUPOS SUPERIORES

(Em *itálico* indicam-se os nomes citados apenas como sinónimos)

Abutilon.....127, 129	<i>Amygdalus</i>158, 159
Acacia.....111-114, 118, 123, 124	ANACARDIACEAE.....49
Acalypha.....100	Anacyclus.....82
ACANTHACEAE.....42-43	<i>Andropogon</i>198, 215
Acanthus.....42	Anethum.....178
Acer.....43	ANGIOSPERMAE.....42-238
ACERACEAE.....43	Annona.....49
Achillea.....66	ANNONACEAE.....49
ADIANTACEAE.....30-31	Anomatheca.....219
Adiantum.....30	Anredera.....53
Adonis.....153	Anthemis.....68, 72
Aeonium.....88, 91	<i>Anthericum</i>233
Agapanthus.....228	<i>Antholyza</i>219
AGAVACEAE.....183-184	Anthriscus.....176, 178
Agave.....183, 184	Antirrhinum.....163
Ageratina.....66, 67	APIACEAE.....176-178
Ageratum.....68	Apium.....177
<i>Agropyron</i>201	APOCYNACEAE.....50
Agrostis.....194	Aptenia.....44
Ailanthus.....167	Aquilegia.....153
AIZOACEAE.....44-46	ARACEAE.....188-189
Aizoon.....44	Araujia.....51
Albizia.....114	Arbutus.....97
Alcea.....128	Archontophoenix.....236
Allium.....228-230 233, 234	Arctotis.....69
Aloe.....230	ARECACEAE.....235-237
<i>Alsophila</i>32	<i>Arecastrum</i>237
Alstroemeria.....184	Argemone.....143
<i>Althaea</i>128	Arisarum.....188
Alternanthera.....46	Artemisia.....69
AMARANTHACEAE.....46-48	<i>Arundinaria</i>213
Amaranthus.....47, 48	Arundo.....195
AMARYLLIDACEAE.....184-188	ASCLEPIADACEAE.....51-52
Amaryllis.....185	Asclepias.....51
Ambrosia.....68	Asparagus.....231, 232

Aster.....	69	Camellia.....	175
ASTERACEAE.....	66-85	Campanula.....	58
Astragalus.....	114	CAMPANULACEAE.....	58-60
Asystasia.....	43	Canarina.....	60
Atriplex.....	63, 64	Canna.....	189
Avena.....	218	CANNACEAE.....	189-190
BALSAMINACEAE.....	52, 53	CAPRIFOLIACEAE.....	61-62
Barbarea.....	91	Capsicum.....	173
BASELLACEAE.....	53	Cardiospermum.....	162
Bellis.....	70	<i>Carduus</i>	74
BERBERIDACEAE.....	53-54	Carpobrotus.....	44
Beta.....	64	Carthamus.....	71
Betula.....	54	CARYOPHYLLACEAE.....	62-63
BETULACEAE.....	54	Cassia.....	114, 124
Bidens.....	70, 82	Castanea.....	102
<i>Bignonia</i>	54	Casuarina.....	63
BIGNONIACEAE.....	54-55	CASUARINACEAE.....	63
BLECHNACEAE.....	31	Catharanthus.....	50
Blechnum.....	31	<i>Celsia</i>	167
BOMBACACEAE.....	55-56	Celtis.....	176
BORAGINACEAE.....	56, 57	Cenchrus.....	196
Borago.....	56	Centaurea.....	71, 83
Botriochloa.....	198	Centranthus.....	179
<i>Boussingaultia</i>	53	Centratherum.....	72
Brachiaria.....	195	<i>Cerasus</i>	158
Bracteantha.....	82	Ceratonia.....	124
Brassica.....	95	Cereus.....	58
BRASSICACEAE.....	91-95	Chamaecyparis.....	38
Bromus.....	196	Chamaemelum.....	72, 83
Brugmansia.....	167, 168	Chasmanthe.....	219
<i>Brunsvigia</i>	185	CHENOPODIACEAE.....	63-65
<i>Bryophyllum</i>	90	Chenopodium.....	64, 65
CACTACEAE.....	57-58	Chloris.....	196, 197
Calceolaria.....	163	Chlorophytum.....	232
Calendula.....	71	Choisya.....	161
Calluna.....	36, 97	Chorisia.....	55
<i>Calonyction</i>	87	Chrysanthemum.....	72, 73, 79, 82
Calystegia.....	85	Cinnamomum.....	110
		Cirsium.....	78
		CISTACEAE.....	65

Cistus.....	65	Cyrtomium.....	33
Citrullus.....	96	Cytisus.....	115, 116
<i>Cocos</i>	237	Dactyloctenium.....	197, 198
Coix.....	218	Datura.....	168
Coleostephus.....	74	DAVALLIACEAE.....	32
Colocasia.....	188	Delairea.....	76
Commelina.....	190	DENNSTAEDTIACEAE.....	32-33
COMMELINACEAE.....	190-192	Deparia.....	35
COMPOSITAE.....	66-85	Diascia.....	166
Conium.....	177	Dichantium.....	198
CONVOLVULACEAE.....	85-87	Dichondra.....	86
Convolvulus.....	86	Dicksonia.....	33
Conyza.....	74, 75	DICKSONIACEAE.....	33
<i>Coreopsis</i>	70	DICOTYLEDONES.....	42-182
Coriandrum.....	177	Digitaria.....	199
Coronilla.....	115	Dietes.....	226
Coronopus.....	91	Diplotaxis.....	92
Corrigiola.....	62	DIPSACACEAE.....	96
Cortaderia.....	197	<i>Dolichos</i>	124
Cosmos.....	83	Doodia.....	31
Cotoneaster.....	156	Dorotheanthus.....	46
Cotula.....	75, 83	Drosanthemum.....	46
Cotyledon.....	91	DRYOPTERIDACEAE.....	33-34
Crassula.....	88, 89, 91	Duchesnea.....	157
CRASSULACEAE.....	88-91	Duranta.....	180
Crataegus.....	156	Echeveria.....	91
Crepis.....	75	Echinochloa.....	200
Crinum.....	185	Echium.....	56, 57
Crocoshmia.....	220	Eclipta.....	76, 83
CRUCIFERAE.....	91-95	ELAEAGNACEAE.....	96, 97
Cryptomeria.....	41	Elaeagnus.....	96
CUCURBITACEAE.....	95-96	Eleusine.....	198, 200, 201
CUPRESSACEAE.....	37-39	Eleutheranthera.....	83
Cupressus.....	37, 38	Elymus.....	201
Cyathea.....	31, 32	<i>Elytrigia</i>	201
CYATHEACEAE.....	31-32	Emilia.....	83
Cydonia.....	156	Epimedium.....	53
Cymbalaria.....	164	Eragrostis.....	202, 218
CYPERACEAE.....	192-194		
Cyperus.....	192, 193		

Erica.....	97, 98	Guizotia.....	84
ERICACEAE.....	97-98	GUTTIFERAE.....	105
Erigeron.....	74, 76	GYMNOSPERMAE.....	37-41
Eriobotrya.....	157	<i>Gynerium</i>	197
<i>Ervum</i>	122, 123	Gypsophyla.....	63
Eschscholzia.....	143	Hakea.....	152
Eucalyptus.....	132, 134	HALORAGACEAE.....	105-106
Eugenia.....	133, 134	Hedychium.....	237
<i>Eupatorium</i>	66, 76	Helianthus.....	84
Euphorbia.....	98-101	Helichrysum.....	79, 82
EUPHORBIACEAE.....	98-101	Heliotropium.....	57
FABACEAE.....	111-126	Hemerocallis.....	234
FAGACEAE.....	101-102	Holcus.....	205
Farfugium.....	83	Homalocladium.....	151
Ferraria.....	220	Hydrangea.....	106
Festuca.....	203, 204, 218	HYDRANGEACEAE.....	106
Festulolium.....	218	HYDROPHYLLACEAE.....	106-107
Ficus.....	130, 131	Hylocereus.....	58
<i>Fragaria</i>	157	Hyparrhenia.....	196
Freesia.....	220, 221	HYPERICACEAE.....	105
Fuchsia.....	136, 137	Hypericum.....	105
Fumaria.....	143, 144	Hypoestes.....	43
Furcraea.....	184	Impatiens.....	52, 53
Gaillardia.....	77	Imperata.....	205
Galinsoga.....	77, 78	Ipomoea.....	86, 87
Gamochaeta.....	78	Iresine.....	48
Gastridium.....	204	IRIDACEAE.....	219-226
Gaudinia.....	205	Iris.....	222, 223, 226
Gazania.....	83	Isatis.....	92
GERANIACEAE.....	102-105	Ixia.....	223
Gerbera.....	84	Jacaranda.....	55
Gladiolus.....	221, 222, 226	<i>Jambosa</i>	134
Glyceria.....	218	Jasione.....	59
Gnaphalium.....	78	JUNCACEAE.....	227
Gnidia.....	175	Juncus.....	227
Gomphocarpus.....	51, 52	Kalanchoe.....	89-91
Gomphrena.....	48	<i>Kerneria</i>	70
GRAMINEAE.....	194-219		
Graptopetalum.....	91		

Kochia.....	65	Lycopersicon.....	169
<i>Koniga</i>	94	Macfadyena.....	54
Kyllinga.....	193	Malcolmia.....	95
Lablab.....	124	Malus.....	159
LABIATAE.....	107-110	Malva.....	128
LAMIACEAE.....	107-110	MALVACEAE.....	127-130
Lamiastrum.....	107	Malvastrum.....	129
Lantana.....	180	Markhamia.....	55
<i>Lapeirousia</i>	219	Maurandya.....	167
<i>Lasiandra</i>	130	Medicago.....	125
Lathyrus.....	116, 117, 124	<i>Melandrium</i>	62
LAURACEAE.....	110-111	MELASTOMACEAE.....	130
Lavandula.....	107	Melia.....	130
Lavatera.....	128	MELIACEAE.....	130
Legousia.....	59	Melilotus.....	119
LEGUMINOSAE.....	111-126	Melinis.....	207
Lens.....	122	Melissa.....	108
Lepidium.....	92, 93	Mentha.....	108, 110
Leptospermum.....	133	Mesembryanthemum.....	44, 45
Leucaena.....	118	Microlepidia.....	32
Leucanthemum.....	79, 84	Mimulus.....	164
<i>Ligularia</i>	83	Mirabilis.....	135
Ligustrum.....	136	Modiola.....	129
LILIACEAE.....	228-235	MONOCOTYLEDONES.....	183-238
Lilium.....	233, 234	Montanoa.....	84
Limonium.....	148	<i>Montbretia</i>	220
LINACEAE.....	126	MORACEAE.....	130-132
Linaria.....	164, 166	Moraea.....	226
Linum.....	126	Muehlenbeckia.....	149, 151
Livistona.....	236	Myconia.....	74
Lobelia.....	59	MYOPORACEAE.....	132
Lobularia.....	93	Myoporum.....	132
Lolium.....	206, 207, 218	Myosotis.....	56
Lonicera.....	61	Myriophyllum.....	105
Lophospermum.....	166	<i>Myrsiphyllum</i>	231
Lotus.....	118	MYRTACEAE.....	132-135
Lunaria.....	94	Narcissus.....	186, 187
Lupinus.....	119, 124, 125	Nassella.....	207
Lychnis.....	63		

Nephrolepis.....	32	Petasites.....	80
Nerine.....	187	Petroselinum.....	178
Nicandra.....	169	<i>Phalangium</i>	232
Nicotiana.....	169, 170, 174	Phalaris.....	218
Nigella.....	154	<i>Pharbitis</i>	86, 87
Nothoscordum.....	233, 234	Phlebodium.....	34
<i>Notodanthonia</i>	213	Phoenix.....	235, 236
Nucularia.....	65	Phyllanthus.....	99
NYCTAGINACEAE.....	135	Physalis.....	170
		Phytolacca.....	146, 147
Ochna.....	135	PHYTOLACCACEAE.....	146-147
OCHNACEAE.....	135	Pilea.....	179
Ocimum.....	110	PINACEAE.....	39-41
Oenothera.....	138	Pinardia.....	72
<i>Ogiera</i>	83	Pinus.....	39-41
OLEACEAE.....	136	PITTOSPORACEAE.....	147-148
ONAGRACEAE.....	136-138	Pittosporum.....	147
<i>Oplismenus</i>	200	Pityrogramma.....	31
Opuntia.....	57, 58	PLANTAGINACEAE.....	148
<i>Ormenis</i>	72	Plantago.....	148
Ornithogalum.....	234, 235	Plectranthus.....	109
Ornithopus.....	119	PLUMBAGINACEAE.....	148-149
Oryza.....	218	Plumbago.....	149
Osmunda.....	34	Poa.....	202, 212
OSMUNDACEAE.....	34	POACEAE.....	194-219
OXALIDACEAE.....	139-142	Podranea.....	54
Oxalis.....	139-142	Polygala.....	149
		POLYGALACEAE.....	149
PALMAE.....	235-237	POLYGONACEAE.....	149-152
Panicum.....	195, 199, 200, 208-210, 213, 214	Polygonum.....	150
Papaver.....	144	POLYPODIACEAE.....	34
PAPAVERACEAE.....	143-145	Populus.....	161, 162
<i>Paradisea</i>	232	Portulaca.....	152
Paspalum.....	209, 210	PORTULACACEAE.....	152
Passiflora.....	145, 146	PROTEACEAE.....	152
PASSIFLORACEAE.....	145-146	Prunus.....	158, 159
Pelargonium.....	102-105	Pseudosasa.....	213
Pellaea.....	31	Psidium.....	133, 134
Pennisetum.....	196, 210-212	PTERIDACEAE.....	34-35
Pericallis.....	85	Pteridium.....	32

PTERIDOPHYTA.....	30-36	Saponaria.....	62, 63
Pteris.....	34-35	<i>Sarothamnus</i>	115
Pterocarpus.....	125	Saxifraga.....	162
Punica.....	152	SAXIFRAGACEAE.....	162-163
PUNICACEAE.....	152-153	Scabiosa.....	96
Pyracantha.....	160	<i>Schufia</i>	136
<i>Pyrethrum</i>	82	SCROPHULARIACEAE.....	163-167
<i>Quamoclit</i>	87	<i>Seaphortia</i>	236
Quercus.....	101-102	Sechium.....	96
RANUNCULACEAE.....	153-155	Sedum.....	89-91
Ranunculus.....	154, 155	Selaginella.....	35
Raphanus.....	95	SELAGINELLACEAE.....	35
Reinwardtia.....	126	<i>Sempervivum</i>	88
Reseda.....	155	<i>Senebiera</i>	91
RESEDACEAE.....	155-156	Senecio.....	76, 80
Rhaphiolepis.....	160	<i>Senna</i>	114, 115, 124
Rhododendron.....	98	Sesamoides.....	155
Rhus.....	49	Sesbania.....	125
<i>Richardia</i>	189	Setaria.....	213-215
Ricinus.....	100	<i>Setcreasea</i>	191
Rivina.....	147	Sida.....	129
Robinia.....	120	Silene.....	62, 63
Rochea.....	91	SIMAROUBACEAE.....	167
Roldana.....	80	Sinapis.....	95
Rosa.....	159, 160	Sisymbrium.....	94
ROSACEAE.....	156-161	Smyrnum.....	178
Rubus.....	160	SOLANACEAE.....	167-174
Ruellia.....	42	Solanum.....	169, 172-174
Rumex.....	150, 151	Soleirolia.....	178
RUTACEAE.....	161	Soliva.....	81
Rytidosperma.....	213	Sonchus.....	81
SALICACEAE.....	161-162	Sophora.....	125
Salix.....	162	Sorghum.....	215
Salpichroa.....	171	Sparaxis.....	223, 224
Salvia.....	109, 110	Spartium.....	125
Sambucus.....	61	<i>Specularia</i>	59
SAPINDACEAE.....	162	SPERMATOPHYTA.....	37-238
		Sporobolus.....	216
		<i>Statice</i>	149
		Stenotaphrum.....	216

Stipa.....	217	Verbena.....	180, 181
Syagrus.....	236	VERBENACEAE.....	180-181
Synadenium.....	101	Veronica.....	166, 167
Syzygium.....	134	Vicia.....	122, 123, 125, 126
<i>Tacsonia</i>	145	Vinca.....	50
Tagetes.....	85	Viola.....	181
Talinum.....	152	VIOLACEAE.....	181-182
TAMARICACEAE.....	174	VITACEAE.....	182
Tamarix.....	174	Vitis.....	182
Tanacetum.....	82	Vulpia.....	217
TAXODIACEAE.....	41	Washingtonia.....	237
Tecoma.....	55	Watsonia.....	224, 225
<i>Tecomaria</i>	55	Wigandia.....	106
Tetragonia.....	46	WOODSIACEAE.....	35-36
THEACEAE.....	175	Zantedeschia.....	188
Thlaspi.....	94	<i>Zebrina</i>	192
Thunbergia.....	43	ZINGIBERACEAE.....	237-238
THYMELAEACEAE.....	175		
Tibouchina.....	130		
Tigridia.....	224		
Tinantia.....	190		
Tipuana.....	125		
Trachelium.....	60		
Tradescantia.....	191, 192		
Trifolium.....	120, 121		
Triticum.....	201, 219		
<i>Tritonia</i>	220		
TROPAEOLACEAE.....	175-176		
Tropaeolum.....	175		
Ulex.....	121, 122		
ULMACEAE.....	176		
UMBELLIFERAE.....	176-178		
URTICACEAE.....	178-179		
Vaccaria.....	63		
Vachellia.....	112		
VALERIANACEAE.....	179		
Verbascum.....	164, 165, 167		

RUI VIEIRA

FLORA DA MADEIRA
PLANTAS VASCULARES NATURALIZADAS
NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

BOLETIM DO MUSEU MUNICIPAL DO FUNCHAL SUPL. N.º 8, 2002